

MORRA POR MIM

VOCÊ ARRISCARIA SUA VIDA POR AMOR?

AMY PLUM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Morra por mim

Amy Plum

Morra por mim

Tradução: Martha Argel

FAROL
LITERÁRIO

Copyright © 2011 by Amy Plum. Todos os direitos reservados.

Copyright © 2013 da edição brasileira: Farol Literário

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior

EDITORA: Eliana Gagliotti

ASSISTENTE EDITORIAL: Jessika Mascarenhas / Andréa Bruno

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda

TRADUÇÃO: Martha Argel

PREPARAÇÃO: Eliane Santoro

REVISÃO: Simone Zac e Paulo Santoro

DESIGN DE CAPA: mecob.org

DESIGN DA ILUSTRAÇÃO: Johanna Basford

FOTOGRAFIAS DE CAPA: Monalyn Gracia / Corbis / Olya Smith / Getty Images

DIAGRAMAÇÃO: Claudio Tito Braghini Junior

PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Plum, Amy

Morra por mim [livro eletrônico] / Amy Plum; tradução [de] Martha Argel. – São Paulo, SP : Farol Literário, 2013.

ISBN 978-85-8277-031-3

1. Supernatural - Literatura. 2. Paris (França) - Literatura – Infantojuvenil. 3. Irmãs - Histórias – Infantojuvenil. I. Argel, Martha, trad. II. Título.

P734m

CDD 823

1ª edição • Julho • 2013

Farol Literário

Uma empresa do Grupo DCL – Difusão Cultural do Livro
Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 – Bairro Limão
02712-120 | São Paulo | SP
Tel.: (0xx11) 3932-5223
www.editoradcl.com.br

Este é para você, mamãe. Sinto sua falta todos os dias.

Incapaz de morrer é o ser amado. Pois o amor é imortalidade.

Emily Dickinson

Prólogo



DA PRIMEIRA VEZ QUE VI A ESTÁTUA NA FONTE, NÃO fazia ideia do que Vincent era. Agora, ao contemplar a beleza etérea das duas figuras conectadas — o belo anjo, com o rosto duro e sério voltado para a mulher que ele aninhava nos braços estendidos, toda feita de suavidade e luz —, eu não podia deixar de perceber o simbolismo. A expressão do anjo parecia desesperada. Até mesmo obcecada. Mas também terna. Como se ele tivesse a esperança de que ela o salvasse, e não o contrário. E, de súbito, surgiu em minha mente o nome pelo qual Vincent me chamava: *mon ange*. Meu anjo. Estremeci, mas não de frio.

Jeanne dissera que ter me conhecido havia transformado Vincent. Eu lhe dera “vida nova”. Mas teria ele a expectativa de que eu salvasse sua alma?

Capítulo 1



A MAIORIA DOS ADOLESCENTES DE DEZESSEIS ANOS QUE conheço sonharia em morar numa cidade estrangeira. Mas mudar do Brooklyn para Paris depois da morte de meus pais foi qualquer coisa menos a realização de um sonho. Foi mais um pesadelo.

Eu poderia ir para qualquer lugar, na verdade, e não faria a mínima diferença — eu estava cega para o mundo ao redor. Vivia no passado, me agarrando desesperada a cada migalha de minha vida anterior. Uma vida que eu dava por garantida, achando que duraria para sempre.

Meus pais morreram em um acidente de carro dez dias após eu tirar minha carteira de motorista. Uma semana depois, no dia de Natal, minha irmã Georgia decidiu que nós duas iríamos embora dos Estados Unidos para viver com os pais de meu pai, na França. Eu ainda estava abalada demais para resistir.

Nós nos mudamos em janeiro. Ninguém exigia que a gente voltasse de imediato para a escola. Assim, passávamos os dias tentando levar a vida, cada uma a seu próprio modo desesperado. Minha irmã bloqueava a dor saindo freneticamente, todas as noites, com os amigos que fizera durante nossas visitas de verão. Eu me transformei num farrapo agorafóbico.

Havia dias em que eu até conseguia sair do apartamento e chegar à rua. Mas de repente me via correndo de volta para a proteção de casa, fugindo do ar livre sufocante e da sensação de que o céu ia se fechar a minha volta. Em outros, ao despertar, eu mal tinha energia para ir até a mesa do café da manhã e depois voltar para a cama, onde ficava o resto do dia, mergulhada em sofrimento.

Por fim nossos avós decidiram que devíamos passar uns meses na casa de

campo. “Para mudar de ares”, disse Mamie, o que me fez observar que não podia haver mudança de ares mais radical do que entre Nova Yorke Paris.

Mas, como sempre, Mamie estava certa. Passar a primavera no campo nos fez um bem tremendo. No fim de junho, ainda éramos sombras pálidas do que tínhamos sido, mas estávamos funcionais o suficiente para retornar a Paris e à “vida real”. Bom, se é que a vida poderia algum dia voltar a ser “real” de novo. Pelo menos eu estava recomeçando num lugar que amava.

Para mim, não existe lugar como Paris no mês de junho. Mesmo tendo passado lá todos os verões desde que era bebê, nunca deixo de sentir o charme especial da cidade enquanto caminho por suas ruas nessa época. A luz é única. Parecendo ter saído de um conto de fadas, como do toque de uma varinha mágica, o brilho faz a gente sentir que absolutamente qualquer coisa pode acontecer, a qualquer momento, e que nada vai nos surpreender.

Dessa vez, porém, era diferente. Paris era a mesma de sempre, mas eu tinha mudado. Nem a atmosfera efervescente e radiante da cidade conseguia penetrar a mortalha de escuridão que eu sentia colada a minha pele. Paris é chamada de Cidade Luz. Bom, para mim tinha se tornado a Cidade Trevas.

Passei o verão sozinha na maior parte do tempo, entrando logo numa rotina solitária: tomar café da manhã no apartamento de Papy e Mamie, sombrio e cheio de antiguidades, e passar a manhã refugiada num daqueles pequenos cinemas parisienses que exibem filmes clássicos vinte e quatro horas por dia, ou em algum de meus museus favoritos. Então voltar para casa, ler pelo resto do dia, jantar e ficar deitada na cama, olhando o teto, às vezes caindo num sono recheado de pesadelos. Levantar. Repetir.

As únicas intromissões em minha solidão eram os *e-mails* dos amigos que tinha deixado para trás. Sempre começavam com “Como estão as coisas aí na França?”.

O que eu devia dizer? *Deprimente? Vazio? Quero meus pais de volta?* Em vez disso, eu mentia. Dizia que estava muito feliz vivendo em Paris. Que era ótimo que meu francês e o de Georgia fossem fluentes, porque estávamos encontrando um monte de gente. Que estava ansiosa para conhecer a escola nova.

Eu não mentia para impressioná-los. Sabia que tinham pena de mim, e só queria tranquilizá-los e dizer que estava bem. Mas, cada vez que apertava *enviar*

e depois lia de novo meu *e-mail*, percebia como era imenso o abismo entre minha vida real e a vida fictícia criada para eles. E isso me deixava ainda mais deprimida.

No fim percebi que, na verdade, não queria falar com ninguém. Certa noite, fiquei sentada uns quinze minutos com as mãos sobre o teclado, buscando desesperadamente algo que fosse pelo menos um pouquinho positivo para dizer a minha amiga Claudia. Saí da mensagem, respirei fundo e deletei da internet meu endereço de *e-mail*. O Gmail me perguntou se eu tinha certeza.

— Ah, tenho sim — disse, clicando no botão vermelho. Um grande peso saiu de meus ombros. Depois disso, guardei o *laptop* numa gaveta e não o abri mais até as aulas começarem.

Mamie e Georgia me incentivavam a sair e conhecer gente. Minha irmã me convidava a ir com ela e os amigos tomar sol na praia artificial construída ao longo do rio, ou a um barzinho para ouvir música ao vivo, ou às casas noturnas onde nos fins de semana dançavam a noite toda. Depois de um tempo, ela desistiu.

— Como você consegue ir para a balada, depois do que aconteceu? — perguntei-lhe por fim, numa noite em que ela estava sentada no piso de seu quarto, maquiando-se diante de um espelho de moldura dourada rococó que tirara da parede e estava apoiado a uma estante de livros.

Minha irmã era tão bonita que até doía. Seu cabelo loiro-acobreado tinha um corte joãozinho, que só um rosto como o dela, com lindas maçãs do rosto salientes, podia valorizar. A pele de pêssego estava salpicada de sardas diminutas. Assim como eu, ela era alta. Mas, ao contrário de mim, tinha uma silhueta espetacular. Eu mataria alguém para ter aquelas curvas. Parecia ter uns vinte e um anos, em vez de seus quase dezoito.

Ela se virou para me olhar.

— Ajuda a esquecer — respondeu, aplicando mais uma camada de rímel. — A me sentir viva. Estou tão triste quanto você, Katie-Bean. Mas é assim que consigo encarar tudo isso.

Eu sabia que ela estava sendo sincera. Nas noites em que não saía, eu a ouvia em seu quarto, chorando como se seu coração tivesse sido destruído.

— Não lhe faz bem ficar por aí de baixo astral — ela prosseguiu, com

suavidade. — Você devia passar mais tempo com as pessoas. Para se distrair. Vem cá.

Ela largou o rímel e me puxou para perto. Virou meu rosto para o espelho, lado a lado com o seu.

Vendo-nos juntas, ninguém acharia que éramos irmãs. Meu longo cabelo castanho não tinha vida; minha pele, que graças aos genes de minha mãe nunca fica bronzada, estava ainda mais pálida que o normal.

E meus olhos verde-azulados eram tão diferentes dos “olhos de sedução” de minha irmã, sensuais e de pálpebras levemente caídas. “Olhos amendoados”, era como minha mãe se referia aos meus, para minha tristeza. Eu preferiria ter um formato de olhos que evocasse encontros tórridos, e não que descrevesse uma fruta seca.

— Você é linda — concluiu Georgia.

Minha irmã... Minha única fã.

— Diz isso para o bando de caras que estão fazendo fila lá fora — disse eu com uma careta, afastando-me dela.

— Bom, você não vai arranjar namorado ficando isolada o tempo todo. E, se não parar de se enfiar em museus e cinemas, vai acabar parecida com aquelas mulheres dos seus livros do século XIX, que ficam morrendo de tísica, ou de hidropisia ou sei lá o quê. — Ela se voltou para mim. — Escute, eu paro de encher você para sair comigo se você me conceder um único desejo.

— Pode me chamar de Fada Madrinha — respondi, com uma tentativa de sorriso.

— Pegue seus benditos livros, vá lá para fora e sente-se em algum café. No sol. Ou ao luar, tanto faz. Mas saia um pouco e encha com um delicioso ar poluído esses seus pulmões estragados e tísicos de século XIX. Veja um pouco de gente, pelo amor de Deus.

— Mas eu *vejo* gente — comecei.

— Leonardo da Vinci e Quentin Tarantino não contam — ela me atalhou. Calei a boca.

Georgia se levantou e pendurou no braço a alça de sua bolsinha minúscula e elegante.

— Não foi *você* quem morreu — disse. — Foram mamãe e papai. E *eles* iam querer que você vivesse.

Capítulo 2



— AONDE VOCÊ ESTÁ INDO? — PERGUNTOU MAMIE, pondo a cabeça para fora da cozinha quando destranquei a porta da sala.

— Georgia falou que meus pulmões estão precisando de poluição parisiense — respondi, colocando minha sacola a tiracolo.

— E está certa — ela disse, vindo postar-se diante de mim. Sua testa mal alcançava meu queixo, mas a postura perfeita e os saltos costumeiros de oito centímetros faziam-na parecer muito mais alta. Perto de completar setenta, a aparência juvenil de Mamie tirava pelo menos uma década de sua idade.

Quando era estudante de artes, ela tinha conhecido meu avô, um antiquário bem-sucedido que se desmanchou por ela, como se Mamie fosse uma de suas inestimáveis estátuas antigas. Agora ela passava os dias restaurando pinturas em seu estúdio de teto de vidro, no último andar do prédio onde moravam.

— *Allez, fille!* — comandou ela, parada a minha frente em toda sua compacta glória. — Vá indo. Esta cidade está precisando de uma pequena Katya para animá-la.

Dei-lhe um beijo na face suave que cheirava a rosas e peguei minhas chaves na mesa do *hall*. Cruzei as pesadas portas de madeira e descí as escadas de mármore em espiral, até a rua lá embaixo.

Paris é dividida em vinte distritos, ou *arrondissements*, e cada um é chamado por seu número. O nosso, o sétimo, é um distrito antigo e abastado. Quem quer morar na parte mais transada de Paris não escolhe o sétimo. Mas como meus avós moram bem perto do bulevar Saint-Germain, lotado de cafês e

lojas, e a quinze minutos de caminhada da margem do rio Sena, eu com certeza não reclamava.

Sai para a rua banhada pelo sol brilhante e ladeei o parque que existe em frente ao prédio de meus avós. É repleto de árvores antigas e por todo lado existem bancos verdes de madeira, dando a impressão, pelos breves segundos necessários para atravessá-lo, que Paris é um vilarejo, e não a capital da França.

Percorrendo a rua du Bac, vi lojas de roupas, decoração e antiguidades, todas elas caras demais. Não parei ao passar na frente do café que meu avô frequentava: Papy nos trazia ali desde que éramos bebês, e ali nos sentávamos para tomar água com sabor de menta, enquanto ele puxava papo com qualquer coisa que se mexesse. A última coisa que eu queria era ficar ali sentada no terraço com os amigos de Papy, ou até com ele mesmo. Precisava encontrar meu próprio café.

Tinha em mente dois outros lugares aonde os moradores locais costumavam ir. O primeiro, de esquina, tinha um interior sombrio e, na calçada do lado de fora, mesas encostadas às paredes do edifício. Devia ser mais tranquilo que minha outra opção. Mas, quando entrei, vi uma fileira de homens de idade sentados em silêncio, em seus bancos altos ao longo do balcão, com copos de vinho tinto diante de si. Todos viraram a cabeça devagar, para examinar quem entrava, e, quando me viram, pareceram ficar tão chocados como se eu estivesse usando uma fantasia de galinha gigante. *Podiam pôr na porta um aviso de “Apenas para velhos”*, pensei, e saí apressada rumo à segunda opção: um café agitado, a algumas quadras de distância, na mesma rua.

Com sua fachada de vidro, o interior iluminado do Café Sainte-Lucie passava uma sensação de amplidão. O ensolarado terraço ao ar livre tinha bem umas vinte e cinco mesas, em geral sempre cheias. Indo para uma mesa vazia, no canto mais afastado, percebi que aquele era meu café. Já tinha a impressão de estar em casa. Coloquei a sacola de livros debaixo da mesa e me sentei de costas para a parede, o que me garantia a vista de todo o terraço, da calçada e da rua mais além.

Uma vez acomodada, chamei o garçom e pedi uma limonada, e então peguei uma edição brochura de *A era da inocência*, que escolhera a partir da lista de leituras de verão da escola que começaria a frequentar em setembro. Envolta pelo aroma de café forte que vinha de todos os lados, deslizei para dentro do

universo distante de meu livro.

— Outra limonada? — a voz em francês veio flutuando através das ruas da Nova York do século XIX que eu via com os olhos da mente, puxando-me bruscamente de volta para o café parisiense. O garçom postava-se a meu lado, segurando com rigidez a bandeja redonda acima do ombro, parecendo um gafanhoto com prisão de ventre.

— Ah, claro. Hã... na verdade, acho que gostaria de um chá — respondi, percebendo que a intromissão significava que eu estivera lendo por cerca de uma hora. Há uma regra não escrita nos cafés franceses: se quiser, uma pessoa pode ocupar uma mesa durante todo o dia, desde que peça uma bebida por hora. É uma espécie de aluguel da mesa.

Antes de mergulhar de novo no livro, dei uma olhada meio desinteressada em torno, mas meus olhos voltaram de repente quando notei alguém que me fitava através do terraço. E o mundo congelou a meu redor quando nossos olhos se encontraram.

Tive a sensação esquisita de que conhecia aquele sujeito. Eu já sentira aquilo antes com desconhecidos, a nítida impressão de que tinha passado horas, semanas ou até anos com a pessoa. Mas, em minha experiência, era um fenômeno de mão única: a outra pessoa sequer me notava.

Não era o caso, agora. Eu podia jurar que ele sentia o mesmo.

Pela forma como seu olhar se manteve firme, eu concluí que ele já me olhava fazia algum tempo. Ele era de tirar o fôlego, com seu cabelo preto meio comprido jogado para trás, deixando ver uma testa ampla. A tez morena me fez achar que ele passava muito tempo ao ar livre, ou que vinha de algum lugar bem mais ao sul e mais ensolarado do que Paris. E os olhos que estavam cravados nos meus eram tão azuis quanto o céu, orlados com espessos cílios negros. Meu coração saltou dentro do peito, dando a impressão de que alguém tinha apertado meus pulmões, expulsando todo o ar. Eu não conseguia afastar o olhar.

Passaram-se segundos, e então ele voltou a atenção para seus dois amigos, que riam descontraídos. Eram três jovens lindos e irradiavam um carisma que hipnotizava todas as mulheres ali. Se eles percebiam isso, não deixavam transparecer.

Ao lado dele estava sentado um rapaz de beleza deslumbrante, com o físico de um touro, cabelos curtos cortados bem rente e uma pele chocolate escura.

Enquanto eu o olhava, ele se virou e lançou para mim um sorriso confiante, como se soubesse que eu não podia resistir a examiná-lo. Arrancada do transe voyeurista, baixei os olhos para o livro por um segundo e, quando arrisquei um olhar discreto, ele já tinha se virado.

Junto a ele, e de costas para mim, estava um garoto magro com um leve bronzeado, costeletas e cabelo castanho cacheado, contando todo empolgado uma história que fez os outros dois gargalharem.

Examinei o primeiro rapaz que me chamara a atenção. Parecia alguns anos mais velho que eu, mas não devia ter mais de vinte anos. Ele se recostou para trás na cadeira, com aquele jeito francês elegante. Mas havia algo frio e duro na expressão de seu rosto, sugerindo que a postura tranquila era só uma fachada. Não que ele parecesse cruel. Era mais como se fosse... perigoso.

Por mais que me intrigasse, fiz um esforço consciente de apagar da mente o rosto do rapaz de cabelos pretos, decidindo que a soma de aparência perfeita mais perigo com certeza era igual a encrenca. Peguei o livro e voltei minha atenção para os encantos mais confiáveis de Newland Archer. Mas não pude evitar dar outra espiada quando o garçom trouxe o chá. Para minha contrariedade, não consegui retomar o ritmo do livro.

Quando eles se levantaram, meia hora mais tarde, prestei atenção. Dava para sentir no ar a tensão feminina concentrada à medida que os três atravessavam o terraço. Como se o elenco de modelos de roupas íntimas Armani tivesse entrado no café e tirado a roupa, todos de uma vez.

A senhora de idade a meu lado inclinou-se para sua companheira de café e disse:

— De repente está fazendo um calor fora de época, não acha?

A amiga concordou com uma risadinha, abanando-se com o menu plastificado e observando fascinada os rapazes. Abanei a cabeça, em reprovação. Impossível aqueles sujeitos não sentirem as dezenas de olhares famintos cravados em suas costas enquanto saíam.

De súbito, provando minha teoria, o rapaz de cabelos pretos virou-se para me olhar e, confirmando que eu o observava, deu um sorriso presunçoso. Sentindo o sangue subir até minha face, escondi o rosto no livro, para que ele não tivesse a satisfação de me ver ficar vermelha.

Tentei por alguns minutos ler as palavras na página, antes de desistir.

Incapaz de me concentrar, paguei as bebidas, deixei uma gorjeta na mesa e retornei à rua du Bac.



A VIDA DE ÓRFÃO NÃO ESTAVA FICANDO NEM UM POUCO FÁCIL.

Tinha começado a sentir como se estivesse aprisionada numa camada de gelo. Estava fria por dentro. Mas eu me agarrava à frieza como a uma tábua de salvação: quem saberia dizer o que ia acontecer se eu deixasse o gelo derreter e voltasse a sentir as coisas de novo? Com certeza eu ia me desmanchar, virar uma idiota chorona e regredir ao comportamento totalmente inútil dos primeiros meses após a morte de meus pais.

Sentia falta de papai. Seu desaparecimento de minha vida era insuportável. Aquele francês bonitão de quem as pessoas gostavam assim que olhavam em seus risonhos olhos verdes. Quando ele me via e seu rosto se iluminava, numa expressão de pura adoração, eu compreendia que, não importava que bobagem eu fizesse durante a vida, sempre teria um fã neste mundo, me encorajando nos bastidores.

Quanto a mamãe, sua morte arrancou meu coração, como se ela fosse uma parte física de mim, extraída com bisturi. Era uma alma gêmea, um “espírito irmão”, como ela costumava dizer. Não que a gente sempre se desse bem. Mas, agora que ela se fora, eu tinha de aprender a viver com o buraco imenso e abrasador que sua ausência deixara dentro de mim.

Se eu pudesse escapar da realidade por algumas horas durante a noite, talvez conseguisse suportar as horas que passava desperta. Mas o sono era meu pesadelo particular. Eu ficava deitada na cama até sentir seus dedos aveludados roçando meu rosto, amortecendo-o, e pensava *Finalmente!*. E então, meia hora depois, eu estava acordada de novo.

Uma noite eu já não sabia mais o que fazer, a cabeça sobre o travesseiro e olhos abertos, olhando o teto. O despertador marcava uma da manhã. Pensei na longa noite que tinha pela frente e me arrastei para fora da cama, encontrei as roupas que tinha usado no dia anterior e vesti. Chegando ao corredor, vi que saía luz por baixo da porta de Georgia. Bati e virei a maçaneta.

— Oi — sussurrou Georgia, me olhando. Estava deitada, toda vestida, com a cabeça virada para o pé da cama. E em seguida acrescentou: — Acabei de chegar.

— Você também não consegue dormir — disse eu. Não era uma pergunta. Nós nos conhecíamos bem demais. — Quer dar uma volta comigo? Não aguento ficar no quarto, lá deitada a noite toda sem dormir. Ainda é julho e já li todos os livros que tenho. Duas vezes.

— Está maluca? — protestou Georgia, virando de barriga para baixo. — Estamos no meio da noite.

— Na verdade, é mais o começo da noite. É só uma da manhã. As pessoas ainda estão pelas ruas. E, além do mais, Paris é a cidade...

— ... mais segura da Terra — Georgia concluiu minha frase. — A frase favorita de Papy. Ele devia conseguir um emprego na secretaria de turismo. Ok. Por que não? Eu não vou conseguir dormir tão cedo, mesmo.

Fomos até o *hall* de entrada na ponta dos pés e, com um estalo suave, abrimos a porta e voltamos a fechá-la detrás de nós. Descemos até o vestibulo, paramos para calçar os sapatos e então saímos.

Uma lua cheia brilhava sobre Paris, pintando as ruas com um brilho prateado. Sem uma palavra, Georgia e eu fomos em direção ao rio. Ele sempre fora o centro de nossas atividades, desde que havíamos começado a vir para cá, ainda crianças, e nossos pés conheciam o caminho.

Na beira do rio, descemos os degraus de pedra até o passeio que percorre quilômetros através de Paris à beira d'água, e seguimos pelo calçamento de pedras, rumando para leste. Na margem oposta, entrevia-se o vulto maciço e baixo do Museu do Louvre.

Não se via ninguém, nem na beira do rio, nem na rua lá em cima. A cidade estava silenciosa, salvo pelo marulhar das ondas e o som ocasional de algum carro. Caminhamos por alguns segundos sem conversar, até que Georgia parou de repente e segurou meu braço.

— Olha aquilo — sussurrou ela, apontando para a ponte Carrousel, que cruzava sobre nosso caminho, a uma boa altura, quinze metros adiante.

Uma garota que parecia ter mais ou menos nossa idade equilibrava-se no parapeito largo de pedra, inclinando-se perigosamente para a água.

— Ai, meu Deus, ela vai pular — murmurou Georgia.

Minha mente corria enquanto eu avaliava a distância.

— A ponte não tem altura suficiente para ela se matar — disse eu.

— Depende do que houver debaixo d'água. Da profundidade. Ela está perto da margem — respondeu Georgia.

Estávamos longe demais para ver a expressão da garota, mas ela apertava os braços contra o estômago enquanto olhava para baixo, para as ondas escuras e frias.

Nossa atenção logo se desviou para o túnel sob a ponte. Até durante o dia era assustador. Moradores de rua dormiam ali embaixo quando fazia frio. Na verdade, eu nunca havia visto ninguém ali quando cruzava sua extensão úmida e pútrida, sempre com pressa de chegar à luz do sol do outro lado. Mas os colchões puidos e as divisórias de papelão deixavam bem evidente que, para algumas pobres almas, o túnel era uma cobiçada moradia parisiense. Agora, de sua escuridão sobrenatural vinham os ruídos de uma briga.

Vi movimento no alto da ponte. A garota estava parada, imóvel, no parapeito, mas agora um homem se aproximava dela. Ele se movia devagar, com cautela, como se não quisesse alarmá-la. Chegando bem perto, estendeu um braço, oferecendo a mão à jovem. Escutei uma voz baixa — ele tentava convencê-la a descer.

A garota se virou para olhá-lo e o homem ergueu a outra mão, estendendo-lhe ambos os braços e sugerindo que ela se afastasse da borda. Ela sacudia a cabeça. Ele deu mais um passo em sua direção. Ela apertou ainda mais os braços contra o corpo e saltou.

Não foi bem um salto. Era mais uma queda. Como se ela oferecesse seu corpo como um sacrifício à gravidade, curvando-se a sua vontade. Ela descreveu um arco para diante, e sua cabeça atingiu a água logo em seguida.

Senti uma pressão nos braços e percebi que Georgia e eu estávamos abraçadas uma à outra enquanto víamos aquela cena horrível.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus — Georgia repetia baixinho,

ritmicamente.

Um movimento no alto da ponte atraiu meu olhar, desviando-o da superfície enlurada da água, onde eu buscava algum vestígio da garota. O homem que tentara detê-la estava agora em pé no parapeito da ponte, os braços abertos dando a seu corpo o formato de uma cruz, e então se atirou com vigor para a frente. O tempo pareceu parar enquanto ele pairava no ar, entre a ponte e a superfície negra da água, como uma gigantesca ave de rapina.

E naquela fração de segundo uma luz à beira d'água iluminou-lhe o rosto. Um choque me percorreu quando o reconheci. Era o rapaz do Café Sainte-Lucie.

Mas o que ele fazia ali, tentando impedir uma adolescente de tentar o suicídio? Será que a conhecia? Ou estava apenas passando e decidiu intervir?

Seu corpo fendeu com elegância a superfície da água e desapareceu de vista.

Um grito irrompeu de sob a ponte, e silhuetas encurvadas surgiram na densa escuridão do túnel.

— Mas o que...! — Georgia exclamou. Ela foi interrompida por um lampejo de luz e o som reverberante de metal quando dois vultos começaram a emergir da escuridão. Espadas. Estavam lutando com espadas.

Georgia e eu parecemos nos lembrar, ao mesmo tempo, de que tínhamos pernas e saímos correndo de volta para a escadaria que havíamos descido. Antes de chegarmos lá, o vulto de um homem se materializou, saído da escuridão. Nem tive tempo de gritar antes que ele me pegasse pelos ombros para me impedir de atropelá-lo. Georgia estacou de repente.

— Boa noite, senhoritas — soou uma voz de barítono.

Meus olhos tentaram mudar o foco de seu objetivo — a escada — para a pessoa que me impedia de chegar lá.

— Me larga — consegui gaguejar, em meu medo, e ele imediatamente o fez.

Dando um passo para trás, me vi a centímetros de distância de outro rosto familiar. O cabelo estava oculto sob um gorro negro bem justo, mas eu o teria reconhecido em qualquer lugar. Era o amigo musculoso do rapaz que acabava de mergulhar no Sena.

— Vocês não deviam estar aqui sozinhas tão tarde da noite — falou.

— Tem algo acontecendo lá atrás — arquejou Georgia. — Uma briga.

— Uma operação policial — ele respondeu, virando-se e empurrando de leve nossas costas, dirigindo-nos rapidamente para a escadaria.

— Uma operação policial com *espadas*? — perguntei, incrédula, enquanto subíamos apressados a escada, até a rua.

— Coisa de gangues — disse ele, virando-se de novo para a escadaria. — Se eu fosse vocês, me afastaria daqui o máximo que pudesse — completou por cima do ombro, enquanto descia vários degraus por vez.

Ele disparou de volta para o túnel, na hora em que duas cabeças emergiram no rio, perto da margem. Senti uma onda de alívio ao ver que eles estavam vivos.

O sujeito que nos afastara chegou bem na hora em que alcançaram a borda e puxou a suicida para fora d'água.

Um uivo de dor ergueu-se no ar noturno, e Georgia agarrou meu braço.

— Vamos embora.

— Espera — relutei. — A gente não devia fazer alguma coisa?

— Como o quê?

— Chamar a polícia?

— Eles *são* a polícia — ela respondeu, meio na dúvida.

— Ah, sim. Eles não parecem nada com a polícia. Posso jurar que reconheci aqueles dois caras, de nosso bairro.

Ficamos por um instante imóveis, olhando impotentes uma para a outra, tentando entender o que acabávamos de ver.

— Bom, quem sabe nosso bairro está sendo vigiado por uma equipe especial da SWAT, disfarçada — sugeriu Georgia. — Você sabe que Catherine Deneuve mora na nossa rua.

— É, claro, como se Catherine Deneuve tivesse sua própria equipe de gatões *sexies* da SWAT rodando pela vizinhança em busca de perseguidores de celebridades armados com espadas.

Não conseguimos nos controlar e caímos na risada.

— A gente não devia estar rindo. Isso é sério! — disse Georgia, ainda rindo e limpando uma lágrima que lhe escorria pela face.

— Eu sei — funguei, tentando me recompor.

Na beira do rio, a jovem e seu salvador tinham desaparecido, e os sons de luta pareciam vir de mais longe.

— Viu, de qualquer modo já terminou — observou Georgia. — É tarde demais para fazer qualquer coisa, mesmo se a gente quisesse.

Nós nos viramos para atravessar a rua no farol de pedestres, e de repente dois vultos subiram correndo os degraus por trás de nós. Em minha visão periférica, eu os vi se aproximando a toda velocidade e puxei Georgia pelo braço, para tirá-la do caminho deles. Passaram correndo a poucos centímetros de nós — dois homens enormes, com roupas escuras e gorros escondendo os rostos. Um brilho de metal faiscou sob os longos sobretudos que usavam. Saltando para dentro de um carro, deram partida com um ronco poderoso do motor. Antes de se afastarem, porém, passaram perto de nós duas, reduzindo a velocidade até quase pararem. Senti que nos olhavam através das janelas escuras.

— O que é que estão olhando? — Georgia gritou, e o carro saiu em disparada.

Ficamos um instante atordoadas. O farol de pedestres ficou verde, e Georgia passou o braço pelo meu enquanto cruzávamos a rua.

— Noite esquisita — ela disse por fim, rompendo o silêncio.

— O eufemismo do ano — respondi. — Vamos contar para Mamie e Papy?

— O quê? — ela riu. — E destruir a ilusão que Papy tem de uma “Paris segura”? Eles nunca mais iam deixar a gente sair de casa de novo.



NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO SAÍ PARA A RECONFORTANTE segurança da luz do dia, os eventos da noite anterior pareceram irrealis. Não tinha nada nos noticiários sobre o que tínhamos visto. Mas Georgia e eu não íamos deixar aquilo para lá sem mais nem menos.

Discutimos o episódio várias vezes, mas não chegamos a entender melhor o que acontecera. Nossas teorias iam de coisas tão mundanas como um jogo ao ar livre de fanáticos por *Dungeons & Dragons* até cenários mais dramáticos (e hilariantes) como donzelas e cavaleiros viajantes do tempo.

Continuei indo ao Café Sainte-Lucie para ler, mas não voltei a ver o grupo misterioso de caras lindos. Após algumas semanas, eu conhecia todos os garçons, bem como os proprietários, e muitos dos frequentadores assíduos se tornaram rostos familiares. Senhorinhas idosas com seus minúsculos yorkshire terriers, que elas traziam dentro da bolsa, dando-lhes de comer de seus pratos. Empresários com ternos de aparência cara, falando sem parar ao celular e comendo com os olhos cada moça bonita que passava. Casais de todas as idades, de mãos dadas por baixo da mesa.

Numa tarde de sábado, estava acomodada em minha mesa de sempre, no canto esquerdo do terraço, lendo *O sol é para todos*. Era a terceira vez que o lia, mas alguns trechos ainda enchiam meus olhos de lágrimas. Como naquele momento.

Usei o truque de enterrar as unhas na palma da mão — se eu conseguisse fazer doer o suficiente, isso me impediria de chorar em público. Infelizmente, dessa vez não funcionou. Percebi meus olhos ficando vermelhos e brilhantes. *É*

tudo que preciso — chorar na frente desse povo justo quando estou começando a conhecer todo mundo, pensei, erguendo os olhos para ver se alguém tinha notado.

E lá estava ele. Sentado a algumas mesas de distância, me observando com a mesma intensidade da primeira vez. Era o rapaz de cabelos pretos. A cena do rio, com ele pulando da ponte para salvar a vida de alguém, parecia ter sido só um sonho surreal. Ele estava ali, em plena luz do dia, tomando café com um dos amigos.

Por quê? Quase perguntei em voz alta. Por que eu tinha que estar toda chorosa por causa de um livro, enquanto aquele francês lindo-demais-para-ser-verdade me olhava a três metros de distância?

Fechei o livro com força e deixei algum dinheiro sobre a mesa. Mas, bem quando me encaminhei para a saída, as senhoras da mesa ao lado se ergueram e começaram a organizar uma pilha enorme de sacolas de compras. Esperei, inquieta e impaciente, até que por fim uma delas se virou para mim.

— Desculpe, querida, mas vamos demorar mais um instante. Dê a volta por nós — e ela praticamente me empurrou contra a mesa dos sujeitos.

Mal consegui passar pela mesa deles quando uma voz soou atrás de mim.

— Não está esquecendo algo? — alguém perguntou em francês.

Voltei-me e dei de cara com o rapaz parado bem perto de mim. Era ainda mais bonito do que parecera de longe, embora seus traços estivessem marcados pela frieza pétrea que eu observara na primeira vez que o vi. Ignorei a pontada repentina no peito.

— Isto é seu — disse ele, e estendeu-me a sacola com o livro, equilibrando as alças em dois dedos.

— Hã... — fiz, desconcertada por sua proximidade. Então, vendo sua expressão seca, me controlei. *Ele acha que sou uma idiota completa por esquecer a sacola.* — Muita gentileza sua — respondi, rígida, estendendo a mão para pegar a sacola, enquanto tentava salvar qualquer último vestígio de confiança que me restasse.

Ele recolheu o braço, deixando minha mão suspensa no ar.

— Que foi? — ele indagou, divertido. — Por que está brava *comigo*? Não tentei roubar sua sacola.

— Não, claro que não — retruquei, irritada, esperando.

— Então...

— Então... se você não se importa, quero minha sacola agora — respondi, estendendo de novo a mão, que desta vez se fechou ao redor das alças. Ele não soltou.

— Que tal uma troca? — ele sugeriu, um sorriso curvando os cantos de sua boca. — Dou a sacola se me disser seu nome.

Olhei-o, incrédula, e puxei a sacola com força... bem na hora em que ele a soltou. Tudo o que havia dentro da sacola voou longe, espalhando-se no chão. Sacudi a cabeça, sem acreditar naquilo.

— Grande! Valeu mesmo!

Com toda a elegância que pude, me ajoelhei e comecei a jogar dentro da sacola batom, rímel, carteira, celular e o que parecia ser um milhão de canetas e papéis de anotação. Ergui os olhos para ele e vi que examinava meu livro.

— *O sol é para todos. En anglais!* — ele comentou, com surpresa na voz. E então, num inglês com leve sotaque, mas perfeito, disse: — Ótimo livro. Você já viu o filme... Kate?

Meu queixo caiu.

— Mas... como você sabe meu nome? — consegui balbuciar.

Ele ergueu a outra mão e mostrou minha carteira de motorista, que exibia uma foto minha excepcionalmente ruim. A essa altura, minha humilhação era tanta que eu não podia sequer olhá-lo nos olhos, embora sentisse seu olhar sobre mim, escaldante.

— Escute — ele disse, chegando mais perto. — Eu sinto muito, mesmo. Não tive a intenção de fazer você derrubar suas coisas.

— Pare de exibir essa sua habilidade impecável para idiomas, Vincent. Ajude a moça a se levantar e deixe-a ir embora — disse outra voz em francês.

Virei-me e vi o amigo de meu algoz — o fulano de cabelo encaracolado — me entregando a escova de cabelo, com uma expressão levemente divertida marcando-lhe o rosto onde a barba despontava.

Ignorando a mão que “Vincent” estendia para me ajudar, fiquei em pé e ajeitei minhas roupas.

— Tome — disse ele, entregando-me o livro.

Peguei-o com um aceno de cabeça constrangido.

— Obrigada — foi minha resposta seca.

Tentei não sair correndo e fiz o caminho mais curto para fora do café até a

rua.

Enquanto esperava que o farol de pedestres abrisse, fiz a besteira de virar para trás. Os dois olhavam na minha direção. O amigo de Vincent lhe disse algo e abanou a cabeça. *Não posso nem imaginar o que estão dizendo sobre mim*, pensei, e dei um gemido.

Tão vermelha quanto a luz do farol, cruzei a rua sem olhar para eles de novo.

Nos dias seguintes, vi o rosto de Vincent por toda parte. Na quitanda da esquina, subindo as escadas do metrô, sentado no terraço de cada café pelo qual eu passava. Claro, quando eu olhava melhor, nunca era ele de verdade. Para minha contrariedade, eu não conseguia parar de pensar nele; pior, meus sentimentos estavam divididos entre uma cautela autoprotetora e uma paixãoite escancarada.

Para ser sincera, era um alívio ter aquela distração. Pelo menos era algo em que pensar além de acidentes de trânsito fatais e no que diabos ia fazer pelo resto da vida. Antes do acidente, eu achava que tinha planejado tudo muito bem, mas agora o futuro se estendia a minha frente como um ponto de interrogação com quilômetros de extensão. Ocorreu-me que aquela fixação no “cara misterioso” podia ser só um jeito de minha mente me dar uma folga da confusão e do luto. No fim decidi que, se fosse isso mesmo, tudo bem.

Quase uma semana se passou desde meu confronto com Vincent no Café Sainte-Lucie, e, embora minhas sessões de leitura naquele lugar tivessem se tornado habituais, não vi nem sombra dele ou de seus amigos. Eu estava acomodada no que agora considerava minha mesa particular, terminando mais um romance de Wharton da lista de leituras da escola (minha futura professora de inglês obviamente era grande fã dela), quando notei dois adolescentes sentados do outro lado do terraço. A garota tinha cabelos loiros cortados bem curtos e uma risada tímida, e a forma natural como se apoiava no rapazinho a seu lado me fez pensar que eram um casal. Mas, ao prestar atenção nele, notei como ambos eram parecidos, embora o cabelo dele fosse de um ruivo dourado. Deviam ser irmãos. Assim que a ideia brotou em minha mente, percebi que era isso mesmo.

A moça de repente ergueu a mão para que o irmão parasse de falar e começou a examinar o terraço, parecendo procurar alguém. Seus olhos pousaram em mim. Por um instante ela hesitou, e então acenou ansiosamente. Apontei o dedo para mim mesma, com ar de dúvida. Ela fez que sim com a cabeça e, por gestos, me chamou para que fosse até lá.

Tentando imaginar o que queriam, me levantei devagar. Ela se ergueu, alarmada, e fez sinal para que me apressasse.

Nem bem saí de meu cantinho seguro junto à parede, dando a volta a minha mesa, um terrível estrondo soou atrás de mim e fui jogada ao chão. Podia sentir o joelho ardendo, e ao erguer a cabeça vi sangue no piso, sob meu rosto.

— *Mon Dieu!* — gritou um dos garçons, e passou por cima das mesas e cadeiras viradas para me ajudar a levantar. Lágrimas de choque e de dor subiram a meus olhos.

Ele tirou uma toalha de seu avental e limpou meu rosto.

— Você só tem um cortezinho no supercílio. Não se preocupe.

Olhei para baixo, para a perna que ardia, e vi que meu *jeans* estava rasgado, e o joelho muito esfolado.

Enquanto me examinava em busca de ferimentos, notei que o terraço havia caído num silêncio completo. Mas, em vez de se voltarem para mim, as faces atônitas dos clientes olhavam para *trás* de mim.

O garçom parou de limpar meu supercílio para olhar por cima de meu ombro, e seus olhos se arregalaram de espanto. Seguindo a direção do olhar dele, vi minha mesa destruída por um tremendo bloco de alvenaria ornamental que despencara da fachada do edifício. Minha sacola estava caída de lado, mas vi uma beirada de meu exemplar de *A casa da felicidade*, preso debaixo da pedra enorme bem onde eu estivera sentada.

Se não tivesse saído de lá, estaria morta, pensei, e meu coração batia tão depressa que o peito doía. Olhei a mesa onde os dois irmãos haviam estado. Exceto por uma garrafa de Perrier e dois copos cheios, em meio a algum dinheiro trocado, estava vazia. Meus salvadores tinham ido embora.

Capítulo 5



FIQUEI TÃO ABALADA QUE DEMOREI PARA CONSEGUIR ir embora. Por fim, depois de deixar que os funcionários do café usassem em mim metade de seu estojo de primeiros socorros, garanti que podia ir sozinha para casa e voltei mancando, as pernas parecendo de borracha. Mamie saía pela porta da frente quando cheguei.

— Ah, minha querida Katya! — gritou ela depois que contei o acontecido e, deixando cair ao chão sua amada bolsa Hermès, me envolveu nos braços. Então, juntando nossas coisas, me levou para dentro de casa, onde me colocou na cama e insistiu em me tratar como se eu estivesse tetraplégica, apesar dos meus inúteis protestos.

— Katya, tem certeza de que está confortável? Posso trazer mais travesseiros, se quiser.

— Mamie, estou bem, sério.

— Seu joelho ainda está doendo? Posso colocar alguma outra coisa nele. Talvez precise ficar mais alto...

— Mamie, o pessoal do café passou um milhão de coisas do estojo de primeiros socorros. Só está esfolado, juro.

— Ah, minha criança querida. E pensar o que podia ter acontecido... — ela aconchegou minha cabeça a seu peito e afagou meu cabelo até que alguma coisa dentro de mim se partiu e comecei a chorar.

Mamie me consolou e me abraçou enquanto eu reclamava.

— Só estou chorando porque estou nervosa — protestei entre lágrimas, mas a verdade era que ela estava me tratando direitinho como minha mãe teria feito.

Quando Georgia chegou em casa, ouvi Mamie contando-lhe de como eu “quase tinha morrido”. A porta do quarto se abriu um instante depois, e minha irmã entrou correndo, branca como um fantasma. Ela se sentou, em silêncio, na beirada de minha cama, me olhando com olhos arregalados.

— Tudo bem, Georgia, só me arranhei um pouco.

— Ah, meu Deus, Katie-Bean, se alguma coisa tivesse lhe acontecido... Você é tudo que me resta. Lembre-se disso.

— Estou bem. E não vai me acontecer nada ruim. Daqui em diante vou ficar longe de edifícios que desmoronam. Prometo.

Ela forçou um sorriso e estendeu a mão para tocar a minha, mas o olhar assustado continuou lá.

No dia seguinte, Mamie se recusou a me deixar sair de casa, insistindo que eu devia descansar e me “recuperar de meus ferimentos”. Obedeci, para fazer-lhe a vontade, e passei metade da tarde lendo na banheira. Depois de me entregar à água quente e a um livro, meus nervos me dominaram, e fiquei lá sentada, tremendo como uma folha.

Eu não tinha percebido como ficara aterrorizada com o desabamento da fachada, e precisei encher várias vezes a banheira com água bem quente, até conseguir me acalmar. No fim, adormeci com as finas plumas de vapor da água que me envolvia.

Quando passei pelo café, na manhã seguinte, ele estava fechado, e a calçada diante do edifício estava cercada com a fita de plástico amarelo da polícia. Homens com macacões azul-elétrico erguiam andaimes para que os pedreiros viessem estabilizar a fachada. Eu precisava achar outro lugar para minha leitura ao ar livre. Senti uma ponta de decepção ao me dar conta de que aquele era o único lugar onde eu tinha uma chance de ver minha recente obsessão. Quem podia saber quanto tempo ia levar para que eu tropeçasse em Vincent de novo?

Minha mãe começou a me levar a museus quando eu era bem pequena. Sempre que vínhamos para Paris, ela, Mamie e eu saíamos de manhã para “uma degustação de beleza”, como dizia mamãe. Georgia, que se entediava já na primeira pintura, em geral preferia ir com papai e nosso avô para algum café, onde os dois papeavam com amigos, colegas de trabalho e quem mais

aparecesse. Mas nós três vasculhávamos juntas os museus e galerias de Paris.

Assim, não me surpreendi com a vaga desculpa de Georgia quanto a “outros planos” quando a convidei para ir a algum museu comigo, uns dias depois.

— Georgia, você vive reclamando que a gente nunca faz nada juntas. Este é um convite legal!

— É, tão legal quanto um convite para uma corrida de *monster truck*. Me convide de novo quando você estiver a fim de fazer algo interessante de verdade.

— Para mostrar sua boa vontade, ela apertou de leve meu braço antes de fechar a porta do quarto na minha cara. *Touché*.

Saí sozinha para Le Marais, um bairro do lado oposto do rio em relação à casa de meus avós. Percorrendo um caminho tortuoso por suas vielas medievais, por fim cheguei a meu destino: o edifício parecido com um palácio e que alojava o Museu Picasso.

Fora o universo alternativo oferecido por um livro, o espaço silencioso de um museu era meu lugar favorito. Mamãe dizia que no fundo eu era uma escapista, que eu preferia mundos imaginários ao verdadeiro. É verdade que para mim sempre foi fácil me libertar deste mundo e mergulhar em outros. E eu me sentia pronta para uma relaxante sessão de hipnose artística.

Ao cruzar as portas gigantescas do Museu Picasso, penetrando em suas assépticas salas brancas, senti meu coração desacelerar. Deixei que a calidez e a paz do lugar me cobrissem como um cobertor suave. E, como de hábito, vagueei até encontrar o primeiro quadro que me chamasse a atenção, sentando-me em um banco diante dele.

Deixei que as cores se impregnassem em minha pele. As silhuetas convolutas, retorcidas, me faziam pensar em como me sentia por dentro; minha respiração se acalmou e comecei a viajar. As outras pinturas da sala, o vigia parado ao lado da porta, o cheiro de tinta fresca ao meu redor, até os turistas que passavam, tudo se desfez em um pano de fundo cinzento ao redor daquele quadrado de cor e luz.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada antes que minha mente retornasse aos poucos de seu transe autoimposto, e ouvi vozes baixas atrás de mim.

— Vem aqui. Olha essas cores.

Uma longa pausa.

— Que cores?

— Exato. É como lhe falei. Em apenas quatro anos ele vai da paleta viva e ousada de algo como *Les Demoiselles d'Avignon* até o cinza e marrom monótono deste quebra-cabeças anguloso. Que exibido! Pablo sempre tinha que ser o melhor em tudo que fazia, e, como eu dizia a Gaspard outro dia, o que me incomoda de verdade é...

Eu me virei, curiosa para ver a origem daquele manancial de conhecimentos, e gelei. Parado a uns cinco metros de mim estava o rapaz de cabelos encaracolados amigo de Vincent.

Agora que eu o via de frente, percebia o quanto era atraente. Havia algo rústico nele — o cabelo despenteado e malcuidado, a barba por fazer, e as mãos largas e ásperas que gesticulavam apaixonadas em direção ao quadro. Pelas roupas sujas de tinta, imaginei que talvez fosse um artista.

Tudo isso me ocorreu em uma fração de segundo. Porque, no fim das contas, eu só tinha olhos para a pessoa que estava ao lado dele. O sujeito de cabelos pretos. O sujeito que fixara residência permanente nos cantos escuros de minha mente desde o primeiro momento em que o vi. Vincent.

Por que você tinha que se apaixonar pelo cara mais improvável e mais inacessível de Paris? Ele era atraente demais — e distante demais — para sequer me notar de verdade. Afastei o olhar, me debrucei para frente e apoiei a testa nas mãos. Não adiantou nada. A imagem de Vincent estava gravada a fogo no meu pensamento.

Percebi que o que quer que o fizesse parecer um tanto frio, quase perigoso, na verdade aumentava meu interesse em vez de me assustar. O que havia de errado comigo? Eu nunca tinha me interessado por *bad boys* antes — essa era a especialidade de Georgia! Meu estômago se contraiu quando me perguntei se teria coragem de me levantar e falar com ele.

Mas não tive a chance de pôr isso à prova. Quando ergui a cabeça, eles tinham ido embora. Fui depressa até a entrada da sala ao lado e olhei lá dentro. Estava vazia. E então quase dei um pulo quando uma voz grave soou atrás de mim.

— Oi, Kate.

Vincent estava a meu lado, muito mais alto que eu, seu rosto bem uns quinze centímetros acima do meu. Levei a mão ao peito, alarmada.

— Valeu pelo ataque do coração! — exclamei.

— Quer dizer que é um hábito seu deixar a sacola para trás para puxar uma conversa? — Ele riu e, com a cabeça, indicou o banco onde eu estivera sentada. Debaixo dele estava minha sacola com o livro. — Não é mais fácil ir até o cara e dizer oi?

O leve traço de zombaria em sua voz evaporou meu nervosismo. Ele foi substituído por uma indignação viva, que surpreendeu a nós dois.

— Perfeito! Oi — rosnei, minha garganta apertada de fúria. Marchando até o banco, peguei a sacola e saí da sala pisando duro.

— Espera — exclamou ele, correndo atrás de mim e ajustando seus passos aos meus. — Não foi o que eu quis dizer. O que eu queria...

Detive-me e olhei para ele, esperando.

— Desculpa — disse ele, soltando o ar dos pulmões. — Nunca fui famoso por minha conversa brilhante.

— Então por que você insiste em tentar? — provoqueei.

— Porque... Você é, sei lá, divertida.

— Divertida? — pronunciei cada sílaba lentamente e lancei meu olhar de *Você é um maluco total*. Meus punhos cerrados pousaram em meus quadris. — Então, Vincent, você veio falar comigo só para me ofender ou tem algo mais que queira?

Vincent pôs a palma da mão na testa.

— Olhe, me desculpa. Sou um idiota. Podemos... podemos começar tudo de novo, do zero?

— Começar *o quê* do zero? — perguntei, sem entender bem.

Ele hesitou por um segundo e então estendeu a mão.

— Oi, meu nome é Vincent.

Meus olhos se estreitaram enquanto eu avaliava a sinceridade dele. Aceitei a sua mão, apertando-a com um pouco mais de aspereza do que pretendia.

— Kate.

— Prazer em conhecê-la, Kate — respondeu Vincent, compenetrado. Houve um silêncio de quatro segundos, durante o qual continuei a encará-lo. — Então, você vem sempre aqui? — murmurou ele, inseguro.

Não consegui me controlar e comecei a rir. Ele sorriu, obviamente aliviado.

— Hã, na verdade sim. Eu me amarro em museus, não só por Picasso.

— Se “amarra”?

O inglês de Vincent era tão bom que ficava fácil esquecer que não era sua primeira língua.

— Quer dizer que eu gosto de museus. Muito — expliquei.

— Ah, entendi. Você gosta de museus mas não de Picasso em particular.

Então... você só vem aqui quando quer meditar?

Eu sorri para ele, mentalmente dando-lhe pontos por tentar com tanto empenho.

— Cadê seu amigo? — indaguei.

— Foi embora. Jules não gosta muito de conhecer gente nova.

— Simpático.

— Então, você é inglesa? Americana? — ele disse, mudando de assunto.

— Americana — respondi.

— E a garota que tenho visto com você pelas redondezas seria sua...

— Irmã — completei, devagar. — Você tem me espionado?

— Duas garotas bonitas se mudam para as redondezas... O que eu devia fazer?

Uma onda de felicidade percorreu meu corpo ao ouvir isso. Então ele achava que eu era bonita. Mas ele também achava que Georgia era bonita, observei para mim mesma. A onda desapareceu.

— Olhe, o museu tem uma máquina de *espresso*. Quer um café enquanto você me diz em que outras coisas você se “amarra”? — Ele tocou meu braço. A onda estava oficialmente de volta.

Sentamos em uma mesa minúscula, diante de dois *cappuccinos* fumegantes.

— Bom, agora que já revelei meu nome e nacionalidade para um completo desconhecido, que mais você quer saber? — perguntei, mexendo o café para dissolver a espuma.

— Ah, não sei... número do calçado, filme favorito, conquistas esportivas, momento mais constrangedor, pode ir dizendo.

Dei uma risada.

— Hã, calçado número trinta e oito, *Bonequinha de luxo*, absolutamente

nenhuma habilidade esportiva, e momentos constrangedores demais para enumerar antes que o museu feche.

— Só isso? Isso é tudo que eu consigo? — provocou ele.

Senti minhas defesas se desfazerem diante desse surpreendente lado charmoso e decididamente não perigoso de Vincent. Com ele me encorajando, contei sobre minha antiga vida no Brooklyn, com Georgia e meus pais. Sobre nossos verões em Paris, os amigos com os quais eu já não tinha contato. Sobre meu amor ilimitado pela arte e meu desespero ao descobrir que não tinha nenhum talento para criá-la.

Ele quis saber mais, e fui completando as lacunas para ele, sobre bandas, comida, filmes, livros e tudo o mais. E, ao contrário dos rapazes da minha idade que eu conhecera no Brooklyn, ele parecia mesmo interessado em cada detalhe.

O que não contei foi que meus pais estavam mortos. Falei deles no presente e disse que minha irmã e eu tínhamos nos mudado para a casa de nossos avós para estudar na França. Não era totalmente mentira. Mas eu não estava a fim de contar toda a verdade. Não queria que ele sentisse pena. Queria parecer qualquer outra garota normal que não tinha passado os últimos sete meses se isolando em um mundo interior de sofrimento.

Sua saraivada rápida de perguntas tornava impossível que eu perguntasse de volta qualquer coisa. Assim, quando finalmente fomos embora, eu o censurei por isso.

— Muito bem, agora me sinto completamente exposta. Você sabe tudo sobre mim e não sei nada sobre você.

— Ahá, isso é parte de meu plano nefasto — ele sorriu, enquanto o vigia do museu trancava as portas depois de sairmos. — Como eu ia ter esperança de você aceitar um novo encontro se abrisse o jogo logo de cara, na primeira vez que a gente se fala?

— Essa não foi a primeira vez que nos falamos — eu o corriji, tentando friamente ignorar o fato de que ele parecia estar me convidando para sair.

— Tudo bem, da primeira vez que nos falamos sem eu insultar você sem querer — ele consertou.

Caminhamos através dos jardins do museu rumo aos espelhos d'água, onde crianças barulhentas celebravam o sol e o calor que ainda fazia às seis da tarde, correndo na água de um lado a outro, eufóricas.

Vincent andava um pouco curvado para diante, com as mãos no bolso. Pela primeira vez senti nele uma ponta de vulnerabilidade. Tirei proveito disso.

— Não sei nem sua idade.

— Dezenove — ele respondeu.

— O que você faz?

— Estudante.

— Sério? Mas seu amigo disse algo sobre vocês serem da polícia — não consegui evitar uma ponta de sarcasmo na voz.

— O quê? — exclamou ele, detendo-se.

— Minha irmã e eu vimos você salvando aquela menina.

Vincent me olhava com expressão vazia.

— A menina que pulou da ponte Carrousel durante aquela briga de gangues. Seu amigo nos levou para longe e disse que era uma operação policial.

— Ele disse isso? — murmurou Vincent, seu rosto assumindo a mesma expressão dura de quando o vi pela primeira vez.

Ele enfiou as mãos de novo nos bolsos e continuou andando. Estávamos chegando perto da estação do metrô. Diminuí o passo para ganhar tempo.

— E aí, o que vocês são, policiais disfarçados? — Eu não acreditava nem um pouco nisso, mas tentei parecer sincera. Sua mudança súbita de humor me intrigava.

— Algo do gênero.

— O quê, uma espécie de equipe da SWAT?

Ele não respondeu.

— Aquilo foi mesmo muito corajoso — insisti. — Mergulhar no rio. Mas o que aquela garota tinha a ver com a briga de gangues debaixo da ponte? — perguntei, indo mais a fundo.

— Hã, eu não posso falar sobre isso — disse Vincent, examinando o concreto alguns centímetros à frente de seus pés.

— Ah, ok Claro — falei com naturalidade. — Você parece mesmo novo demais para ser policial.

Não pude evitar que um sorriso divertido se espalhasse por meus lábios.

— Eu falei... sou estudante — ele disse, com um sorriso inseguro. Dava para ele perceber que eu não acreditava.

— Legal. Eu não *vi* nada. Não *ouvi* nada — afirmei, dramática.

Vincent riu, e seu bom humor retornou.

— Então... Kate, o que você vai fazer neste fim de semana?

— Hã... Não planejei nada — respondi, maldizendo em silêncio meu rosto vermelho.

— Quer fazer alguma coisa? — perguntou ele, com um sorriso tão charmoso que meu coração se esqueceu de bater.

Fiz que sim com a cabeça, pois não conseguia falar.

Interpretando meu silêncio como hesitação, ele se apressou em acrescentar:

— Não seria um encontro formal, nem nada assim. Só fazer algo juntos. Podemos... dar uma volta. Caminhar pelo Marais.

Assenti mais uma vez e então consegui dizer algo.

— Seria ótimo.

— Legal, que tal sábado à tarde? Durante o dia. Em público. Algo perfeitamente seguro de fazer com um sujeito que você mal conhece. — Ele ergueu as mãos como se demonstrasse que não estava escondendo nada.

Dei uma risada.

— Não se preocupe. Mesmo que você *seja* de uma equipe da SWAT, não tenho medo de você.

Assim que falei isso, percebi que eu *tinha* medo. Só um pouquinho. Fiquei pensando, uma vez mais, qual a atração que ele exercia sobre mim. Talvez a morte de meus pais tivesse me privado do sentido da autopreservação, e era a possibilidade do perigo o que me atraía. Ou quem sabe a vaga aura de distanciamento intocável que emanava dele. Talvez ele representasse um desafio para mim. Qualquer que fosse o motivo, funcionava. Eu gostava de verdade desse cara. E queria vê-lo de novo. De noite, de dia, não importava. Eu estaria lá.

Ele ergueu uma sobrancelha e deu uma risadinha.

— Você não tem medo de mim. Que... engraçado.

Não consegui evitar e também ri.

— Jules deve estar me esperando — disse ele, acenando com a cabeça para a outra direção do bulevar. — Vejo você no sábado. Do lado de fora da estação do metrô da rua du Bac, às três?

— Sábado às três — confirmei, e ele se virou e foi embora.

Acho que não seria muito exagero dizer que meus pés não tocaram no

chão durante todo o caminho de volta para casa.

Capítulo 6



VINCENT ESPERAVA POR MIM NA ENTRADA DO METRÔ. Meu coração ficou preso na garganta quando me perguntei (não pela primeira vez) por que aquele sujeito lindo-demais-para-ser-verdade teria qualquer interesse por alguém tão sem graça — ok, quem sabe bonitinha, mas com certeza não linda para estar à altura dele — como eu. Minha insegurança desmoronou ao ver a face dele se iluminando quando me aproximei.

— Você veio — disse ele ao se debruçar para me dar os *bises*, aqueles dois beijos no ar, um de cada lado do rosto, pelos quais os europeus são conhecidos. Estremeci quando sua pele tocou a minha, e meu rosto ficou quente por uns bons cinco minutos ainda.

— Claro — respondi, usando cada gota de minha reserva de “calma e confiança”, pois, para dizer a verdade, eu estava bem nervosa. — Então, aonde vamos?

Começamos a descer as escadas para o metrô.

— Você já foi à Village Saint-Paul? — ele perguntou.

— Não. Acho que nunca ouvi falar.

— Perfeito — disse ele, parecendo satisfeito consigo mesmo, mas não deu qualquer explicação.

Mal nos falamos no trem, mas não por falta de conversação. Não sei se é algo cultural, ou porque os próprios trens são tão silenciosos, mas, assim que as pessoas entram nos vagões, elas se calam.

Vincent e eu estávamos de pé, um de frente para o outro, segurando no suporte central de aço e observando os outros passageiros, que estavam ocupados

nos observando. Já falei que observar os outros é o passatempo nacional dos franceses?

Ao dobrar uma curva, o trem nos jogou para um lado, e Vincent passou um braço ao redor de meus ombros, para me equilibrar.

— A gente nem chegou lá e você já está dando em cima de mim? — brinquei.

— Claro que não. Sou um perfeito cavalheiro — ele respondeu em voz baixa. — Por você, eu jogaria meu casaco em cima de uma poça, a qualquer momento.

— Não sou uma donzela em apuros — retruquei, no momento em que o trem se detinha.

— Ufa... Que bom! — exclamou ele, dando um suspiro fingido de alívio. — Que tal então abrir a porta para mim?

Sorri ao erguer a trava de metal que fazia a porta se abrir e saí para a plataforma.

Emergimos da estação Saint-Paul bem na frente da grande igreja clássica chamada Église Saint-Paul.

— Eu costumava vir aqui quando era criança — contei a Vincent ao percorrer com os olhos a fachada ornamentada.

— É mesmo?

— É. Quando vinha visitar meus avós, no verão. Uma menina com quem eu costumava brincar morava ali — apontei um edifício a algumas portas de distância. — O pai dela contou que esta rua era usada para justas na Idade Média. Sandrine e eu costumávamos sentar na escadaria da igreja e imaginar que estávamos no meio de um torneio medieval.

Fechei os olhos e voltei a dez anos antes, revivendo os sons e as cores de nosso torneio imaginário.

— Sabe, sempre achei que, se os séculos e séculos de fantasmas parisienses pudessem se materializar todos de uma vez só, ficaríamos rodeados por pessoas fascinantes. — Calei-me, subitamente envergonhada por revelar a alguém que eu mal conhecia tantos detalhes sobre um de meus vários mundos de sonho.

Vincent sorriu.

— Se eu fosse um cavaleiro indo para o combate, você me daria uma

prenda para que eu amarrasse no braço, bela dama?

Fingi estar vasculhando a sacola.

— Não consigo achar meu lencinho rendado. Serve um lenço de papel?

Rindo, Vincent envolveu meus ombros com o braço e me apertou com força.

— Você é demais — exclamou.

— Com certeza é bem melhor que ser “divertida” — observei, sem poder evitar que minhas faces ficassem vermelhas de prazer.

Tomamos uma travessa que ia na direção do rio. A certa altura, Vincent entrou por um grande portão de madeira de um prédio de quatro andares, puxando-me consigo.

Como muitos prédios de apartamentos parisienses, aquele havia sido construído ao redor de um pátio interno, oculto da rua. Os pátios mais modestos mal chegam ao tamanho de uma cama de casal *king-size*, com espaço suficiente só para as latas de lixo do edifício. Outros são grandes, e alguns têm até árvores e bancos, formando um refúgio tranquilo para os moradores, distante das ruas agitadas.

Aquele pátio era enorme. Entre os apartamentos do térreo, havia lojinhas e até um café ao ar livre. Eu nunca tinha visto nada parecido.

— Que lugar é este? — perguntei.

Vincent sorriu e tocou meu braço, indicando outro portão aberto na outra ponta do pátio.

— Isto é só o começo. Tem uns cinco destes pátios, todos ligados entre si, e você pode caminhar o quanto quiser sem sair para a rua e sem ver nem ouvir o mundo exterior. São todas galerias de arte e lojas de antiguidades. Achei que você ia gostar.

— Gostar? Eu amei! É incrível! — exclamei. — Não acredito que nunca estive aqui antes.

— Não é muito conhecido — Vincent parecia orgulhoso de conhecer tão bem os recantos ocultos de Paris. E eu estava feliz por ele querer explorá-los junto comigo.

— Aposto que não é — concordei. — Está quase completamente escondido de quem passa lá fora. Então você já esteve aqui antes. Por onde começamos?

Visitamos lojas e galerias repletas com tudo que se possa imaginar, de

cartazes velhos a antigas cabeças de Buda. Para uma cidade abarrotada de turistas de verão, era surpreendente encontrar lojas quase vazias, e percorremos o lugar como se fosse nossa mina do tesouro particular.

Enquanto explorávamos um brechó de roupas antigas, Vincent parou diante de um mostruário com joias.

— Ei, Kate, talvez você possa me ajudar. Preciso comprar um presente.

— Claro — respondi, olhando o conteúdo do estojo quando o vendedor abriu a tampa para nós. Passei os dedos por um bonito anel de prata com um ramallete de flores curvando-se para fora.

— Do que alguém da sua idade gostaria? — ele perguntou, tocando um pendente antigo em forma de cruz, com pedras incrustadas.

— Da *minha* idade? — eu ri. — Sou só três anos mais nova que você. Ou menos, dependendo do seu aniversário.

— Junho — informou ele.

— Certo, então dois e meio.

Ele riu.

— Tudo bem, você tem razão. Mas é que eu não sei bem o que ela gostaria de ganhar. E o aniversário dela está chegando.

Foi como se alguém me esmurrasse no estômago. Que idiota eu tinha sido, interpretando totalmente errado as intenções dele. Era evidente que para ele eu era só uma amiga. Uma amiga com bom gosto suficiente para ajudá-lo a escolher um presente para a namorada.

— Hã — murmurei, fechando os olhos e tentando esconder minha decepção. Forcei-me a abri-los e olhei para o estojo. — Acho que depende do gosto dela. Ela usa roupas mais femininas, mais floridinhas, ou ela é mais do tipo... é... jeans e camiseta, como eu?

— Com certeza, nada de roupas floridinhas — ele respondeu, reprimindo uma risada.

— Bom, acho isto aqui muito bonito — sugeri, apontando para um cordão de couro com um único pendente de prata em forma de gota. Minha voz falhou quando tentei, sem sucesso, engolir o nó na garganta.

Vincent olhou a peça com atenção.

— Acho que você tem razão. É perfeito. Você é um gênio, Kate.

Ele ergueu o colar do estojo e o entregou ao vendedor.

— Espero você lá fora — disse eu, e saí enquanto ele pegava a carteira no bolso.

Controle-se, me repreendi. Tinha sido bom demais para ser verdade, e com razão. Ele era só um sujeito muito amigável. Que disse que eu era bonita. Mas que deve gostar da companhia de garotas bonitas enquanto compra joias antigas para a namorada. *Como será que ela é?* Cerrei com tanta força os punhos que as unhas afundaram na pele das palmas da mão. A dor era boa. Aliviava um pouco a pontada no peito.

Vincent saiu da loja, guardando um envelope no bolso do *jeans* e fechando a porta atrás de si. Vendo meu rosto, ele parou de repente.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Nada — disse eu, sacudindo a cabeça. — Eu só precisava de um pouco de ar.

— Não. Tem algo incomodando você — ele insistiu.

Sacudi a cabeça, resoluta.

— Tudo bem, Kate — disse ele, passando seu braço pelo meu. — Não vou forçar você a falar.

A pressão de seu braço no meu transmitiu uma sensação confortável, que repeli mentalmente. Por aquela altura eu já estava tão acostumada à autoproteção que era quase um ato reflexo.

Passamos daquele pátio para outro, caminhando em silêncio por alguns minutos e parando para olhar vitrines.

— E aí — falei, por fim, sabendo que não devia fazer isso, mas incapaz de me conter. — Quem é sua namorada?

— Perdão?

— Sua namorada. Para quem você comprou o colar.

Ele parou e me olhou.

— Kate, o colar é para uma amiga... que por acaso é uma garota. Uma boa amiga — ele parecia meio incomodado. Fiquei pensando por um instante se era verdade e decidi dar a ele o benefício da dúvida.

Vincent examinou minha expressão.

— Você achou que eu estava pedindo a você que me ajudasse a escolher um presente para minha namorada? E isso fez você sentir...

Pelo sorriso que se espalhou por seus lábios, pressenti que ele ia dizer algo

que ia me constranger, e comecei a me afastar.

— Espere, Kate — ele chamou, me alcançando e passando o braço pelo meu de novo. — Me desculpe.

Decidi fingir pouco caso.

— Quando me convidou, você disse que não era um encontro formal. Por que eu deveria me importar se você tem uma namorada?

— Com certeza — ele afirmou, me olhando com uma expressão séria fingida. — É, você e eu somos só amigos, dando um passeio amigável. Nada mais, nada menos.

— Exato! — concordei, com uma dor fina no coração.

Ele abriu um sorriso largo, se inclinou e me deu um beijo na face.

— Kate — ele sussurrou. — Você é muito ingênua.

Capítulo 7



CONSEGUI DEGUSTAR O SIGNIFICADO DAQUELAS PALAVRAS por exatos três segundos, antes que ele passasse um braço decidido sobre meus ombros e me levasse para uma saída.

— O que... — comecei, mas sua expressão dura me calou e eu o acompanhei, andando depressa, mas não correndo, rumo a um portão.

Uma vez na rua, ele me levou de volta para o metrô.

— Aonde estamos indo? — perguntei, sem fôlego por conta do passo apertado.

— Vi alguém com quem não quero me encontrar — ele tirou do bolso seu celular e usou o atalho para ligar para um número. Sem ter resposta, desligou e tentou outro.

— Você se importa em me dizer o que está acontecendo? — perguntei, confusa com a repentina mudança de personalidade. Num instante, o Príncipe Encantado tinha virado o Agente Secreto.

— Temos que encontrar Jules — afirmou Vincent, falando mais para si do que para mim. — O ateliê dele é virando a esquina.

Detive-me, e, como ele ainda segurava meu braço, puxei-o para trás.

— De quem estamos fugindo?

Vincent fez um grande esforço para se controlar.

— Kate. Por favor, deixe-me explicar mais tarde. É importante de verdade que a gente encontre um de meus... amigos.

A sensação maravilhosa de cinco minutos antes tinha desaparecido. Agora eu tinha vontade de lhe dizer que fosse sem mim. Mas, me lembrando de como

vinham sendo meus dias ultimamente, decidi jogar fora a cautela (e o tédio) e segui-lo.

Ele me levou até um prédio de apartamentos, vizinho à Église Saint-Paul, que esbanjava o charme da velha Paris. Subimos ao segundo andar por uma escada de madeira, curva e estreita. Vincent bateu uma vez antes de empurrar a porta, abrindo-a.

As paredes do ateliê estavam cobertas até o teto alto com pinturas. Nus reclinados lado a lado com paisagens urbanas de aparência geométrica. O excesso de cores e formas era tão penetrante quanto o cheiro forte do solvente de tinta.

Do outro lado da sala, uma mulher de beleza estonteante reclinava-se em um sofá verde-esmeralda. Vestia um roupão tão minúsculo que mal a cobria, e era quase como se estivesse nua.

— Oi, Vincent — saudou ela com uma voz grave, densa, que combinava muito bem com sua aparência sensual.

O amigo de Vincent, Jules, saiu de um banheiro minúsculo por trás do sofá, secando com um trapo alguns pincéis molhados. Sem erguer os olhos, disse:

— Vince, cara, estou começando aqui com a Valerie. Você recebeu a ligação de Jean-Baptiste?

— Jules, precisamos conversar — atalhou Vincent.

Seu tom era tão urgente que Jules ergueu a cabeça de imediato. Ele me olhou com espanto e então, ao ver o rosto de Vincent, também fechou a cara.

— O que está acontecendo?

Vincent limpou a garganta, encarando Jules sem qualquer expressão.

— Kate e eu estávamos na Village Saint-Paul e vi *alguém* lá — ele disse, com cautela.

A palavra em código significava algo para Jules. Ele estreitou os olhos.

— Vamos lá fora — disse, olhando de soslaio para mim, e saiu pela porta.

— Já volto, Kate — disse Vincent. — Ah, e essa é Valerie, uma das modelos de Jules.

E, tendo feito as apresentações, saiu atrás de Jules, batendo a porta.

Um cavalheiro mesmo durante uma crise, pensei, impressionada com o sangue frio dele, tendo o cuidado de me apresentar à Garota Nua antes de nos deixar a sós.

— Oi — saudei.

— *Bonjour* — respondeu ela, entediada. Pegando um livro, recostou-se para ler.

Fiquei perto da porta, olhando as pinturas e tentando ouvir o que estava se passando lá fora. Eles falavam baixo, mas pude entender algumas palavras.

— ... não podia fazer nada sem apoio — dizia Vincent, com amargura na voz.

— Estou com você agora. Ambrose pode ser nosso terceiro — respondeu Jules.

Houve um silêncio, e a seguir Vincent falou com alguém ao celular. Ele desligou e então anunciou.

— Ele está vindo.

— Por que diabos você a trouxe? — Jules soava incrédulo.

— Não estou de serviço o tempo todo. Ela está comigo porque marcamos um encontro — a voz grave de Vincent atravessou com facilidade a madeira fina da porta.

Ele chamou de encontro, pensei com toda a felicidade que aquilo podia me proporcionar dadas as circunstâncias.

— É exatamente por isso que ela não devia estar aqui — prosseguiu Jules.

— JB disse que não poderíamos levar as pessoas para *casa*... Não vejo por que ela não poderia vir aqui.

As vozes estavam ficando mais baixas. Deslizei mais para perto da porta, de olho em Valerie, que relanceou os olhos para mim e voltou a seu livro. Era evidente que ela não estava nem aí se eu bisbilhotava ou não.

— Cara, qualquer lugar onde tenhamos um endereço fixo está fora dos limites para... “casos”. Ou sei lá o quê. Você conhece as regras. De qualquer forma, o encontro acabou!

Seguiu-se um silêncio pesado, que imaginei sendo preenchido por uma troca de olhares durões bem masculinos, e a porta se abriu. Vincent entrou, com cara de quem pedia desculpas.

— Kate, sinto muito, mas tenho que cuidar de uma coisa. Eu acompanho você até o metrô.

Esperi que ele desse alguma explicação, mas nada.

— Tudo bem — respondi, tentando fazer parecer que não ligava. — Mas

não se preocupe em me levar até o metrô. Vou dar uma volta por aí sozinha. Acho que vou até a rua des Rosiers, comprar algo ou sei lá o quê.

Ele pareceu aliviado, como se fosse a resposta que esperava.

— Vou pelo menos descer com você.

— Não, sério, está tudo bem — reiterei, sentindo uma nuvenzinha de irritação se formar dentro de mim. Era evidente que estava acontecendo algo que eu não sabia o que era. Mas ainda assim era grosseiro da parte de Jules exigir que eu fosse embora. Sem falar na covardia de Vincent em aceitar.

— Eu insisto — disse ele, abrindo a porta e saindo para o corredor atrás de mim.

Jules estava parado, braços cruzados, olhando feio para nós.

Vincent desceu comigo as escadas e chegamos ao pátio.

— Sinto muito — ele me disse. — Tem algo que preciso resolver.

— Um assunto de polícia? — perguntei, sem conseguir esconder o sarcasmo.

— É, mais ou menos isso — ele respondeu, evasivo.

— E você não pode falar sobre o assunto.

— Não.

— Certo. Bom, acho que vejo você pela vizinhança... — falei, tentando disfarçar com um sorriso a decepção que sentia.

— Vejo você em breve — ele disse, estendendo a mão e tocando a minha. Embora eu não estivesse lá muito feliz com ele, seu toque cálido me aqueceu até os dedos do pé. — Prometo — ele acrescentou, parecendo que queria dizer algo mais.

Então apertou de leve minha mão, virou-se e voltou para dentro. Meu mau humor diminuiu um pouco com aquele gesto dele, e saí pelo portão me sentindo não exatamente dispensada, mas não muito satisfeita com o rumo tomado pelas coisas.

Fui andando na direção norte, tentando decidir se ia visitar as lojas na rua des Rosiers ou dar uma caminhada sob as arcadas sombreadas que rodeavam a praça do século XVII chamada Place des Vosges. Não cheguei nem à metade da quadra quando decidi que realmente não estava nada a fim daquilo. Eu queria saber o que estava se passando com Vincent. A curiosidade estava me matando, e, se eu não ia conseguir as respostas, era melhor voltar para casa.

Parei na barraca de crepes do lado de fora do café Dome e esperei enquanto o vendedor espalhava a massa na chapa circular superquente. Não tive como não desejar que Vincent estivesse ali comigo comendo um crepe e observando as pessoas que entravam e saíam da estação de metrô do outro lado da rua. Como se conjurado por meu desejo, de repente avistei Vincent e Jules aproximando-se da entrada. Eles começaram a descer as escadas.

É a minha chance de descobrir que lance é esse de policial, pensei. Vincent tinha dito que precisava cuidar de algo. Por seu comportamento na Village Saint-Paul, parecia que era mais que ele precisava cuidar de *alguém*. Eu queria saber quem era. Raciocinei que, se ia continuar saindo com Vincent, ou o que quer que fosse que estávamos fazendo, eu deveria saber de qualquer atividade misteriosa em que ele estivesse envolvido.

— *Et voilà, mademoiselle* — disse o vendedor, entregando-me um crepe envolto em papel-toalha.

Apontei para o dinheiro que deixara sobre o balcão, disse *merci* e saí correndo na direção da entrada do metrô.

Depois de passar pela catraca, localizei os rapazes indo pelo túnel em direção ao trem. Ao chegar ao pé da escada, eu os vi parados na porção central da plataforma. Antes que me notassem, deslizei para um dos bancos de plástico alinhados junto à parede.

Foi então que vi o homem.

Bem perto de Vincent e Jules, um homem elegante, de seus trinta e pouco, vestindo terno escuro, estava parado na beira da plataforma. Uma das mãos segurava uma pasta, e a outra apertava a testa, que estava abaixada. Parecia estar chorando.

Em todos os anos usando o metrô de Paris, eu já tinha visto várias coisas estranhas. Moradores de rua fazendo xixi nos cantos. Malucos vociferando contra a perseguição pelo governo. Grupos de crianças que se ofereciam para ajudar os turistas com as malas e saíam correndo com elas. Mas nunca tinha visto um homem crescido chorando em público.

A rajada de vento que precede o trem varreu o túnel, e o homem olhou para cima. Pousando com tranquilidade a pasta no chão, ele se agachou e, usando uma das mãos para se equilibrar na borda da plataforma, saltou para os trilhos.

— Ah, meu Deus! — senti as palavras saindo de minha boca num grito e olhei em volta, desesperada, para ver se alguém mais havia percebido.

Jules e Vincent se voltaram em minha direção, sem sequer olhar para o homem nos trilhos, embora eu apontasse freneticamente para ele, com as duas mãos. Sem dizer nada, eles acenaram a cabeça um para o outro antes que cada um se movesse numa direção diferente. Vincent veio até mim e, me segurando pelos ombros, tentou me levar para longe dos trilhos.

Resistindo, virei a cabeça para ver Jules, que saltou da plataforma para os trilhos e empurrou o homem — que agora soluçava — para fora do caminho. Com o trem a poucos metros, e chegando veloz, ele ergueu os olhos para Vincent e, com um breve aceno de cabeça, tocou a testa com o indicador, numa saudação.

O barulho foi terrível. Houve um guincho ensurdecedor dos freios do trem, tarde demais para evitar o desastre, e então o baque surdo do metal atingindo carne e osso. Vincent evitara que eu assistisse ao choque, mas um fragmento do penúltimo segundo ficou gravado em minha mente: a face tranquila de Jules saudando Vincent enquanto o trem se aproximava por trás.

Senti meus joelhos cederem e desabei para frente, com apenas os braços de Vincent me impedindo de cair. Ouviam-se gritos por todo lado, e o som de um homem gemendo muito alto veio da direção dos trilhos. Senti que alguém me ergueu e começou a correr. E então tudo ficou silencioso e escuro como um túmulo.

Capítulo 8



ACORDEI COM O CHEIRO DE UM CAFÉ FORTE E ERGUI A cabeça, que repousava sobre meus joelhos erguidos. Eu estava do lado de fora, sentada na calçada, com as costas apoiadas numa parede. Vincent estava agachado diante de mim, segurando uma xicarázinha fumegante de *espresso* bem perto de meu rosto, movendo-a como se fossem sais aromáticos.

— Vincent — exclamei, sem pensar. Seu nome parecia tão natural ao sair de minha boca, como se eu o tivesse dito por toda a vida.

— Então você me seguiu — ele disse, sombrio.

Minha cabeça começou a rodar, e uma dor latejante se instalou na nuca.

— Ai — gemi, erguendo a mão e massageando a nuca.

— Beba isso e então apoie de novo a cabeça nos joelhos — orientou Vincent. Ele encostou a xícara em meus lábios, e bebi tudo de um gole só. — Assim é melhor. Só vou levar a xícara de volta ao café aqui do lado. Não se mexa. Já volto — disse ele enquanto eu fechava os olhos.

Eu não poderia ter me mexido, mesmo que quisesse. Não conseguia nem sentir minhas pernas. *O que havia acontecido? Como cheguei aqui?* E então as lembranças voltaram, tão horríveis que me sufocaram.

— Você acha que consegue pegar um táxi? — Vincent estava de volta, acocorado para que sua face ficasse em nível com a minha. — Você passou por um choque tremendo.

— Mas... seu amigo! Jules! — exclamei, sem poder acreditar.

— Sim, eu sei — ele franziu o cenho. — Mas não podemos fazer nada a esse respeito agora. Temos que levar você para longe daqui.

Ele se ergueu e fez sinal para um táxi. Fazendo-me ficar de pé e me amparando com um braço forte ao redor de meus ombros, ele apanhou minha sacola e me levou até o carro que aguardava. Vincent me ajudou a entrar e, acomodando-se a meu lado, deu ao motorista um endereço em uma rua não muito longe da minha.

— Aonde estamos indo? — perguntei, subitamente preocupada. Minha mente racional me cutucou no ombro para lembrar que eu estava em um carro com alguém que não apenas acabara de ver seu amigo morrer diante de um trem a alta velocidade, como também parecia tão calmo como se aquilo acontecesse todos os dias.

— Eu poderia levar você para sua casa, mas acho melhor você ficar na minha até se acalmar. São só algumas ruas de distância.

É mais provável que eu “me acalme” melhor na minha casa que na sua. Meu pensamento foi interrompido quando caiu a ficha sobre o significado do que ele acabava de dizer.

— Você sabe onde eu moro?

— Eu já confessei ter seguido pelas redondezas as duas garotas recém-importadas dos Estados Unidos. Lembra? — ele me lançou um sorriso cativante.

— Além do mais, quem me seguiu até o metrô hoje?

Fiquei vermelha ao pensar quantas vezes ele poderia ter me visto enquanto eu passava, sem imaginar que estava sendo observada.

Então a lembrança de Jules no metrô retornou, e um tremor me sacudiu.

— Não pense nisso. Não pense — Vincent sussurrou.

Naquele momento, minhas emoções eram empurradas em duas direções opostas. Estava atemorizada e confusa pela indiferença de Vincent com a morte de Jules, mas eu também queria desesperadamente que ele me reconfortasse.

A mão dele estava pousada sobre seu joelho, e tive o forte desejo de segurá-la e pressioná-la contra meu rosto gelado. De me agarrar a ele para não submergir sob a onda de medo que ameaçava me engolir. O destino de Jules era um eco forte demais do acidente com meus pais. Era como se a morte tivesse me seguido através do Atlântico. Ela vinha em meu rastro, ameaçando levar todo mundo que eu conhecia.

Como se Vincent tivesse ouvido meus pensamentos, sua mão deslizou pelo assento e puxou meus dedos de onde estavam alojados entre meus joelhos. Sua

mão se fechou ao redor da minha, e no mesmo momento fui envolvida por uma sensação de segurança. Recostei a cabeça no banco e fechei os olhos pelo resto da viagem.

O táxi parou diante de um muro de pedra de três metros de altura e grandes portões de ferro. Soldadas por trás das barras, placas de metal negro impediam a visão do interior. Grossos ramos de glicínias se arqueavam por cima do muro, e um par de árvores imponentes podia ser visto por trás da barreira.

Vincent pagou ao motorista, deu a volta até meu lado e abriu a porta para mim. Ele me conduziu até uma coluna onde estava embutido um sistema audiovisual de segurança de alta tecnologia.

A fechadura fez um *clic* depois que ele digitou um código em um teclado. Ele empurrou o portão com uma das mãos, abrindo-o, e com a outra me puxou com suavidade atrás de si. Soltei uma exclamação quando olhei ao redor.

Eu estava no pátio com calçamento de pedras de um *hôtel particulier*, um daqueles castelos que os parisienses ricos construíam como residência urbana nos séculos XVII e XVIII. Aquele havia sido feito com grandes pedras cor de mel e coberto por um telhado de ardósia preta, com janelas de água-furtada a distâncias regulares, em toda sua extensão. A única vez que eu tinha visto de perto um edifício assim foi quando mamãe e Mamie me levaram para um *tour* guiado.

No meio do pátio erguia-se uma fonte circular feita de granito, com seu tanque cinza-escuro grande o suficiente para uma pessoa nadar algumas braçadas. Por cima da água que jorrava, havia uma estátua de pedra, em tamanho natural, de um anjo carregando nos braços uma mulher adormecida. O corpo dela estava visível através do tecido de sua roupa, trabalhada com tanto detalhe pelo escultor que a pedra maciça parecia ter se transformado na mais fina gaze. A frágil suavidade da mulher era ofuscada pela força do anjo que a carregava, as grandes asas curvando-se, protetoras, sobre as duas figuras. Era um símbolo que combinava beleza e perigo, e lançava sobre o pátio uma aura sinistra.

— Você mora aqui?

— Não sou dono do lugar, mas, sim, eu moro aqui — respondeu Vincent, me conduzindo através do pátio para a porta de entrada. — Venha.

Recordando o motivo pelo qual eu estava ali, ressoou em meus ouvidos o som do corpo de Jules sendo esmagado por uma tonelada de metal. As lágrimas que eu vinha contendo começaram a correr.

Vincent abriu a porta ornamentada com entalhes e me fez entrar em um enorme *hall*, onde uma escadaria dupla descrevia uma curva ao longo de ambas as paredes e levava para um balcão com vista para o aposento. Um lustre de cristal do tamanho de um fusca pendia sobre nossas cabeças, e tapetes persas estavam espalhados pelo piso de mármore com flores e trepadeiras de pedra incrustadas. *Que lugar é este?*, pensei.

Segui Vincent, através de outra porta, até uma sala pequena, de teto alto, que parecia não ter sido tocada desde o século XVII, e me sentei em um antigo sofá de espaldar reto. Com a cabeça entre as mãos, me inclinei para diante e fechei os olhos.

— Volto já — disse Vincent, e ouvi a porta fechando quando ele deixou a sala.

Depois de alguns minutos, me senti mais forte. Recostei a cabeça no sofá e examinei a sala imponente. Cortinas pesadas nas janelas bloqueavam a luz do sol. Um lustre delicado, que parecia ter sido usado originalmente com velas e não com as lâmpadas em forma de chama que agora ele portava, lançava apenas a luz suficiente para iluminar as paredes repletas de pinturas. Uma dúzia de rostos de aristocratas franceses mal-humorados e centenários me olhavam carrancudos.

Uma porta de serviço disfarçada abriu-se na parede dos fundos, e Vincent entrou. Na mesa a minha frente, pousou uma bandeja de prata com um grande bule de porcelana no formato de um dragão, uma xícara que fazia jogo com o bule e um prato de biscoitos finos como papel. O aroma do chá forte e de amêndoas veio até mim.

— Açúcar e cafeína. O melhor remédio do mundo — disse ele, sentando-se em uma poltrona a alguns passos de distância.

Tentei erguer o pesado bule, mas minhas mãos tremiam tanto que só consegui fazer com que se chocasse com a xícara.

— Deixe que eu faça isso — disse ele, inclinando-se para diante e servindo o chá. — Jeanne, nossa governanta, faz um chá excelente. Pelo menos foi o que me disseram. Eu prefiro café.

Empalideci diante daquela conversa mole.

— Certo, pode parar por aí. — Meus dentes batiam; eu não conseguia dizer se eram meus nervos em frangalhos ou o medo crescente de que alguma coisa estivesse muito errada. — Vincent, ou quem quer que você seja... — *Estou na casa dele e sequer sei seu sobrenome*, percebi em um lampejo, antes de prosseguir. — Seu amigo morreu agora há pouco, e você está aqui me falando de... — minha voz falhou — ... de café?

Uma expressão defensiva se instalou em seu rosto, mas ele permaneceu calado.

— Ah, meu Deus — exclamei baixinho, e recomecei a chorar. — O que tem de errado com você?

A sala estava em silêncio. Eu podia ouvir os segundos tiquetaqueando no enorme relógio de carrilhão a um canto. Minha respiração se acalmou e sequei os olhos, tentando me recompor.

— É verdade. Não sou muito bom em demonstrar as emoções — admitiu Vincent por fim.

— Não demonstrar as emoções é uma coisa. Mas sair correndo depois que seu amigo é esmagado por um trem de metrô?

Num tom baixo, precisamente calculado, ele disse:

— Se tivéssemos ficado, teríamos que falar com a polícia. Eles teriam nos interrogado, como devem ter feito com as outras testemunhas. Eu queria evitar isso... — ele fez uma pausa — ... a todo custo.

A couraça fria de Vincent havia retornado, ou talvez eu apenas tivesse voltado a notá-la. Um entorpecimento subiu por meus braços e se espalhou pelo corpo quando percebi o que ele estava dizendo.

— Então você é... — engasguei. — O quê? Um criminoso?

Aqueles olhos escuros e pensativos me atraíam para ele, enquanto minha mente me dizia para correr para longe. Bem longe.

— O que você é? Um procurado? Procurado pelo quê? Você roubou todos os quadros desta sala? — Percebi que estava gritando e baixei a voz. — Ou é algo pior?

Vincent limpou a garganta para ganhar tempo.

— Digamos apenas que não sou o tipo de cara com quem sua mãe gostaria que você andasse.

— Minha mãe morreu. Meu pai também. — As palavras escaparam de meus lábios antes que eu pudesse detê-las.

Vincent fechou os olhos e apertou as mãos contra a testa, como se sentisse dor.

— Faz pouco tempo?

— Sim.

Ele assentiu com a cabeça, como se tudo fizesse sentido.

— Eu sinto muito, Kate.

Por pior que ele seja, ele se importa comigo. O pensamento cruzou minha mente de forma tão abrupta que não consegui evitar que desencadeasse uma reação. Meus olhos se encheram de lágrimas. Peguei a xícara de chá e a levei aos lábios.

O líquido quente deslizou de minha garganta para o estômago, e seu efeito calmante foi imediato. Meus pensamentos pareciam mais claros. E, coisa estranha, me senti mais no controle da situação. *Ele agora sabe quem eu sou, mesmo que eu não saiba nada sobre ele.*

Minha revelação parecia tê-lo abalado. *Vincent está lutando para se controlar, pensei, ou para manter algo em segredo.* Decidi me aproveitar daquele aparente momento de fraqueza para tentar entender uma coisa.

— Vincent, se você está numa situação tão... perigosa, então por que tentaria fazer amizade comigo?

— Eu já lhe disse, Kate, vi você aqui nas vizinhanças — ele pesou as palavras com cuidado. — E você parecia ser alguém que eu gostaria de conhecer. Mas pelo visto foi uma má ideia. Acho que eu não estava pensando.

Enquanto ele falava, sua voz mudou, e de cálida tornou-se gélida. Eu não podia dizer se estava zangado consigo mesmo por me envolver na confusão, fosse qual fosse, em que estava metido... ou se estava bravo comigo por trazer o assunto à tona. Mas não fazia diferença. O efeito de sua frieza súbita foi o mesmo: estremeci, sentindo calafrios.

— Estou pronta para ir embora — afirmei, me levantando de repente.

Ele também se levantou e acenou a cabeça, concordando.

— Sim, eu levo você para casa.

— Não, está tudo bem. Conheço o caminho. Acho... melhor você ficar. — As palavras vinham de minha parte racional. Aquela parte que insistia para que

eu saísse da casa o quanto antes. Mas outra parte de mim lamentou assim que as pronunciei.

— Como quiser — ele respondeu.

Guiando-me de volta ao majestoso *hall* de entrada, ele abriu a porta para o pátio.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — ele insistiu enquanto barrava meu caminho, esperando uma resposta antes de me deixar ir. Abaixei para me esgueirar sob seu braço, passando rente a sua pele.

Meu erro foi inspirar ao fazê-lo. Ele cheirava a carvalho e grama e ao fogo de uma fogueira. Ele cheirava a recordações. Anos e anos de recordações.

— Você parece estar fraca de novo — sua carapaça espessa partiu-se só o suficiente para revelar um lampejo de preocupação.

— Estou bem — respondi, tentando soar confiante, e então, vendo-o ali parado, calmo e composto, refiz a resposta. — Estou bem, mas você não deveria estar. Você acabou de perder um amigo em um acidente horrível, e está aí como se nada tivesse acontecido. Eu não ligo para quem você é ou para o que tenha feito para querer fugir daquele jeito. Mas não ficar abalado... você deve ter algum problema muito sério.

Uma onda de emoção cruzou a face sombria de Vincent. Ele parecia perturbado. Bem, ótimo.

— Eu não entendo você. E não quero entender. — Meus olhos se estreitaram de repulsa. — Espero nunca mais ver você.

Dizendo isso, comecei a ir na direção dos portões.

Senti sua mão forte segurando meu braço e me volvei para vê-lo logo atrás de mim. Ele se inclinou até que sua boca chegou junto a minha orelha.

— As coisas nem sempre são o que parecem, Kate — sussurrou, soltando então meu braço com suavidade.

Corri até os portões da frente, que já se abriam para me deixar passar. Quando saí, começaram a se fechar. Um barulho alto, que soava como porcelana se espatifando contra mármore, veio de algum lugar dentro da casa.

Fiquei parada, imóvel, os olhos fixos nos grandes portões de metal. Minha intuição me dizia que eu tinha feito algo errado. Que eu tinha julgado mal o caráter de Vincent. Mas todos os indícios apontavam para o fato de que ele era algum tipo de criminoso. E, pelos sons de coisas se quebrando, que ainda

emanavam da casa, ele talvez fosse até violento. Sacudi a cabeça, me perguntando como podia ter perdido toda minha capacidade de raciocínio só por causa de um belo rosto.

Capítulo 9



PELAS SEMANAS SEGUINTE NÃO CONSEGUI PARAR DE repassar mentalmente os eventos daquele dia, de novo e de novo, como um disco riscado. Por fora eu devia parecer a mesma. Acordava, ia ler em algum outro café, às vezes ia ao cinema e tentava participar das conversas entre Georgia e meus avós durante o jantar. Ainda assim, eles pareciam saber que eu andava perturbada, mas não tinham por que atribuir minha tristeza a algum motivo novo.

Cada vez que Vincent se intrometia em minha mente eu tentava empurrá-lo de novo para fora. Como podia eu ter me enganado tanto? A ideia de que ele era parte de alguma rede criminoso fazia mais sentido quando eu pensava naquela noite na beira do rio. Devia estar se passando algum tipo de guerra secreta entre gangues. *Mesmo que ele seja um bandido, pelo menos salvou a vida da garota*, intrometeu-se minha consciência.

Mas o que quer que houvesse em seu passado, não podia justificar sua fria impassibilidade depois que Jules foi atingido pelo trem. Como podia alguém deixar o local da morte de um amigo para se manter a salvo da lei? A história toda me arrepiava até os ossos. Sobretudo sabendo que eu já havia começado a sentir algo por ele.

A forma como ele me provocara no Museu Picasso. Sua expressão intensa ao segurar minha mão no pátio de Jules. O modo como me senti reconfortada quando ele pousou a mão sobre a minha, no táxi. Esses momentos projetavam-se o tempo todo em minha memória, fazendo-me recordar por que gostara dele. Eu os punha de lado, de novo e de novo, desgostosa comigo mesma por ter sido tão ingênua.

Por fim Georgia me encurralou uma noite em meu quarto.

— Que que tá rolando? — perguntou, com sua delicadeza habitual. Ela se jogou em meu tapete, apoiando-se sem nenhuma delicadeza em uma cômoda estilo império que eu nunca usava por medo de quebrar os puxadores.

— Como assim? — respondi, evitando seu olhar.

— Como assim que tem algum problema com você e eu quero saber o que é. Sou sua irmã. Eu sei quando tem algo errado.

Eu já queria ter conversado com Georgia, mas não conseguia nem imaginar por onde começar. Como contar que o sujeito que vimos saltar da ponte era na verdade um criminoso com quem eu estava saindo... Quer dizer, até vê-lo se afastar depois da morte de um amigo sem derramar uma lágrima sequer?

— Ok, se você não quer falar, posso começar a adivinhar, mas eu *vou* tirar você dessa. Está preocupada porque vai para uma escola nova?

— Não.

— É algo com seus amigos?

— Que amigos?

— Exatamente!

— Não.

— Algum cara?

Algo em meu rosto deve ter me denunciado, porque de imediato ela se inclinou na minha direção, cruzando as pernas numa posição de conte-me-mais.

— Kate, por que você não me contou sobre... quem quer que seja... antes de chegar a esse ponto?

— Você não me conta nada de seus namorados.

— Isso porque eles são muitos. — Ela riu, e então, lembrando como eu estava baixo astral, acrescentou: — Além do mais, nenhum deles é sério o suficiente para ser mencionado. *Ainda*.

Ela ficou esperando. Eu não tinha como escapar.

— Certo. Tem um rapaz que mora aqui nas vizinhanças, e a gente meio que saiu umas vezes, até que eu descobri que ele era encrenca.

— De que tamanho é essa encrenca? Casado?

Eu tive que rir.

— Não!

— Chapado?

— Não. Quer dizer, acho que não. É mais como se... — prestei atenção na reação de Georgia. — É mais como se ele tivesse algum problema com a polícia. Um criminoso, ou algo assim.

— É, eu diria que é mesmo encrenca — ela concordou, pensativa. — Aliás, parece que é o tipo que eu curtiria.

— Georgia! — exclamei, jogando um travesseiro nela.

— Desculpa, desculpa. Eu não devia fazer piada. Você está certa. Acho que esse fulano não tem potencial como namorado, Katie-Bean. Então, por que você não se dá os parabéns por não ter ido fundo demais antes de descobrir e não percorre o alegre caminho de volta à Terra dos Caras Disponíveis?

— É que eu não consigo acreditar que me enganei tanto. Ele parecia tão perfeito. E tão interessante. E...

— Bonito? — minha irmã me interrompeu.

Caí de costas na cama e fiquei olhando o teto.

— Ah, Georgia. Bonito não. Maravilhoso. Lindo de tirar o fôlego. Mas isso não tem mais nenhuma importância.

Georgia ficou em pé e me olhou de cima.

— Fico chateada por não ter dado certo. Teria sido ótimo ver você saindo e se divertindo com um gato francês. Não vou ficar enchendo você com isso, mas, assim que estiver pronta para começar a viver de novo, me dá um toque. Tem festas rolando quase todas as noites.

— Obrigada, Georgia — disse-lhe, estendendo a mão e tocando a dela.

— Qualquer coisa por minha irmã caçula.

E então, quase sem que eu notasse, o verão terminou, e já era hora de começarem as aulas.

Georgia e eu falamos francês fluente. Papai sempre conversava conosco em francês, e passávamos tanto tempo em Paris durante as férias que, para nós, o francês fluía tão facilmente quanto o inglês. Assim, poderíamos ter cursado o ensino médio na França. Mas o sistema francês é tão diferente do sistema dos Estados Unidos que teríamos de compensar um monte de créditos que faltavam para nos formar.

A Escola Americana de Paris é um daqueles estranhos lugares onde os expatriados se amontoam num círculo defensivo, tentando fingir que ainda estão

em seus próprios países. Para mim, era como um lugar para almas perdidas. Para minha irmã, era a oportunidade de fazer mais amigos internacionais que ela poderia visitar em seus respectivos países nas férias. Georgia trata os amigos como se fossem roupas, trocando um por outro com naturalidade, quando é conveniente — não de um modo mesquinho, ela só não fica muito apegada.

Quanto a mim, eu sabia que conviveria dois curtos anos com essas pessoas, algumas das quais voltariam para seus países antes mesmo que o ano escolar terminasse.

Assim, depois de cruzar as grandes portas de entrada no primeiro dia de aula, fui direto para a secretaria para pegar meu horário, e Georgia foi direto até um grupo de garotas de aparência bem decidida e começou a conversar com elas como se as conhecesse a vida toda. Nossos dados sociais foram lançados em nossos primeiros cinco minutos.

Eu não visitava um museu desde que encontrara Vincent no Museu Picasso, e foi com alguma ansiedade que me aproximei do Centro Pompidou certa tarde depois da aula. A professora de história nos passou trabalhos sobre eventos do século XX acontecidos em Paris, e eu tinha escolhido os protestos de 1968.

Mencione “maio de 68” e qualquer francês imediatamente vai pensar na greve geral que envolveu todo o país e paralisou a economia da França. Meu foco era a violenta batalha entre a polícia e os universitários na Sorbonne, que durou semanas. Teríamos que escrever nossos trabalhos em primeira pessoa, como se tivéssemos nós mesmos participado dos eventos. Assim, em vez de consultar livros de história, decidi pesquisar jornais da época, em busca de relatos pessoais.

O material de que eu necessitava estava na enorme biblioteca situada no terceiro e no quarto andares do Centro Pompidou. Mas os outros andares abrigavam o Museu Nacional de Arte Moderna de Paris e, na sequência de meu trabalho escolar, eu planejava um pouco de uma bem merecida contemplação de arte.

Uma vez instalada em uma das cabines de consulta da biblioteca, examinei as bobinas de microfilme dos dias mais turbulentos de protestos. Tendo lido que 10 de maio foi um dia de confrontos violentos entre a polícia e os estudantes,

analisei a primeira página daquela data, tomei algumas notas e então passei das manchetes para os editoriais. Era difícil imaginar tamanha violência acontecendo logo do outro lado do rio, no Quartier Latin, a quinze minutos de caminhada de onde eu me encontrava.

Ejetei a bobina, substituindo-a por outra. Os protestos haviam voltado a se intensificar no dia 14 de julho, dia da Independência da França. Muitos estudantes, bem como turistas que visitavam Paris para as comemorações, foram levados para hospitais próximos. Tomei notas das primeiras páginas e então passei para a página dupla de obituários e as fotos em preto e branco que os acompanhavam. E lá estava ele.

No meio da primeira página. Era Vincent. Seu cabelo era mais longo, mas tinha a mesma aparência que eu vira um mês antes. Meu corpo ficou petrificado quando li o texto.

O bombeiro Jacques Dupont, de dezenove anos, nascido em La Baule, Pays de la Loire, morreu em serviço na noite passada, em um incêndio que se acredita ter sido causado por um coquetel Molotov lançado por estudantes revoltosos. O prédio residencial no número 18 da rua Champollion estava tomado pelas labaredas quando Dupont e seu colega, Thierry Simon (obit., sessão S), correram para dentro do edifício e começaram a remover seus ocupantes, que haviam se refugiado no local para escapar dos confrontos na vizinha Sorbonne. Preso sob madeiras em chamas, Dupont faleceu antes que pudesse ser levado para o hospital, e seu corpo foi encaminhado para o necrotério. Doze cidadãos, incluindo quatro crianças, devem suas vidas a esses heróis.

Não pode ser ele, pensei. A menos que ele seja a cara do pai, que teve um filho antes de morrer aos... (olhei de novo o obituário) dezenove anos. O que não seria impossível...

Assombrada, avancei até a página seguinte e procurei no S por “Simon”. Lá estava: Thierry Simon. O rapaz musculoso que nos afastara, a Georgie e a mim, da luta no rio. Na foto, Thierry tinha um volumoso cabelo afro, mas exibía

o mesmo sorriso confiante que me lançara aquele dia no terraço do café. Era com certeza o mesmo sujeito. Só que mais de quarenta anos atrás.

Fechei os olhos sem conseguir acreditar e então voltei a abri-los para ler o parágrafo sob a foto de Thierry. Era idêntico ao de Jacques, exceto que dava sua idade como sendo vinte e dois, e seu local de nascimento como sendo Paris.

— Não entendo — sussurrei, aturdida, e apertei o botão da máquina para imprimir ambas as páginas. Depois de devolver as bobinas de microfilme no balcão de atendimento, saí atordoada da biblioteca e hesitei antes de tomar a escada rolante que me levaria para o próximo piso. Ia ficar sentada em algum canto do museu até pensar no que fazer.

Meus pensamentos eram jogados de um lado a outro, em dez direções diferentes, enquanto eu passava pela catraca e entrava na enorme galeria de teto muito alto, com bancos instalados no meio do aposento. Sentei-me e apoiei a cabeça nas mãos, tentando clarear as ideias.

Por fim ergui a cabeça. Eu estava na sala dedicada à arte de Fernand Léger, um de meus pintores franceses favoritos do começo a meados do século XX. Fiquei olhando as superfícies bidimensionais preenchidas com cores primárias alegres e formas geométricas, e senti uma sensação de normalidade retornar. Lancei um olhar para o canto onde estava minha pintura preferida de Léger: uma com soldados da Primeira Guerra, de aparência robótica, sentados ao redor de uma mesa, fumando cachimbo e jogando cartas.

Um rapaz estava parado diante dela, de costas para mim, inclinando-se mais perto para inspecionar alguma coisa na composição. Tinha altura média, com cabelo castanho cortado bem curto e roupas desarrumadas. *Onde é que já vi esse cara antes?*, pensei, imaginando se seria alguém da escola.

Então ele se virou, e meu queixo caiu de incredulidade. O homem que estava diante de mim, do outro lado da galeria, era Jules.



MEU CORPO PARECIA NÃO MAIS TER CONEXÃO COM minha mente. Fiquei em pé e fui em direção ao espectro. *Ou estou tendo um colapso mental, que começou na biblioteca, pensei, ou esse cara bem na minha frente é um fantasma.* Ambas as explicações pareciam mais prováveis do que a alternativa: que Jules tivesse sobrevivido a uma colisão frontal com um trem de metrô, e aparentemente sem ferimentos.

Ele me viu quando eu ainda estava a alguma distância, e por uma fração de segundo pareceu na dúvida. Então me olhou com expressão totalmente vazia no rosto.

— Jules! — exclamei, angustiada.

— Oi. Eu conheço você? — respondeu ele, casualmente.

— Jules, sou eu, Kate. Fui ao seu ateliê com Vincent, lembra-se? E vi você no metrô, no dia do... acidente.

Sua expressão passou de vazia para bem-humorada.

— Desculpa, acho que está me confundindo com outra pessoa. Meu nome é Thomas, e não conheço nenhum Vincent.

Thomas coisa nenhuma!, pensei, com vontade de sacudi-lo.

— Jules, eu sei que é você. Você teve aquele acidente horrível... quando? Faz pouco mais de um mês?

Ele abanou a cabeça e encolheu os ombros, como dizendo *Desculpa*.

— Jules, você tem que me dizer o que é que está acontecendo.

— Olha... hã... Kate? Não tenho a mínima ideia do que você está dizendo, mas venha, sente-se aqui um pouco. Você está agitada demais. Ou esgotada.

Ele segurou meu ombro e começou a me levar até os bancos. Puxei o braço, me soltando, e encarei-o com os punhos cerrados.

— Eu sei que é você. Não estou maluca. E não sei o que está acontecendo. Mas eu acusei Vincent de ser insensível por sair correndo de onde você morreu. E agora descubro que você está vivo.

Percebi que meu tom de voz tinha subido quando vi um vigia em nossa direção. Lancei a Jules um olhar furioso quando o homem uniformizado veio até nós.

— Está havendo algum problema? — perguntou.

Jules encarou o vigia com tranquilidade e respondeu.

— Não, nenhum problema. Parece que ela me confundiu com outra pessoa.

— Não confundi — disse baixinho, irritada, e então parti, caminhando depressa em direção à saída. Virei e vi que Jules e o guarda olhavam para mim. Saí do museu e corri escadas rolantes abaixo.

Só havia um lugar para onde eu podia ir.

A viagem de metrô de volta a meu bairro pareceu interminável, mas por fim subi às carreiras a escadaria do metrô, emergindo para o sol que já se punha. Fui até a rua de Grenelle. Postada diante do muro maciço coberto de folhagem, toquei a campainha. Uma luz se acendeu acima de minha cabeça, e ergui a vista para a câmera de segurança.

— *Oui?* — perguntou uma voz depois de alguns segundos.

— Meu nome é Kate. Sou... — parei, perdendo a coragem por um instante. Mas, ao recordar a crueldade das últimas palavras que dissera a Vincent, prossegui com determinação renovada. — Sou amiga de Vincent.

— Ele não está — a voz masculina saía com um tom metálico pelo pequeno alto-falante sob o teclado.

— Eu precisava falar com ele. Posso deixar um recado?

— Não tem o telefone dele?

— Não.

— E a senhorita é amiga dele? — a voz parecia cética.

— Sou, quer dizer, não. Mas preciso falar com ele. Por favor.

Um instante de silêncio, e a seguir ouvi o estalo do portão sendo destrancado. Empurrei-o devagar para dentro. Para além do pátio, um homem

estava em pé diante da porta de entrada. Meu coração afundou quando vi que não era Vincent.

Apressada, percorri o piso de pedras e fui até o homem, tentando pensar no que poderia dizer para não parecer uma doida. Mas, ao me deter junto a ele, as palavras todas me fugiram. Embora devesse ter uns sessenta anos, seus olhos verdes desbotados pareciam ter séculos de idade. O cabelo cinza um tanto longo estava alisado para trás com brilhantina, e seu rosto exibia um nariz longo e adunco, de aparência nobre. De imediato reconheci, na face e nos trajes, a marca da aristocracia francesa.

Mesmo que já não tivesse conhecido gente como ele entre os clientes da loja de antiguidades de Papy, eu teria reconhecido suas feições a partir dos retratos da nobreza expostos em todos os castelos e museus da França. Família tradicional. Dinheiro tradicional. Aquela casa palaciana devia ser dele.

Sua voz cortou meus pensamentos.

— Está aqui para ver Vincent?

— Sim... quer dizer, sim, *monsieur*.

Ele assentiu, aprovando o fato de eu ter corrigido meus modos, adequando-os à idade e posição social dele.

— Bem, lamento informar-lhe que, como já disse, ele não está.

— O senhor sabe quando ele volta?

— Daqui a alguns dias, suponho.

Eu não sabia o que dizer. Ele fez menção de se virar para entrar e, me sentindo uma desajeitada completa, balbuciei:

— Bom, pelo menos posso deixar um recado?

— E que recado seria? — indagou ele, seco, ajustando o lenço de seda atado ao colarinho de sua impecável camisa branca de algodão.

— Eu poderia... poderia escrevê-lo? — gaguejei, lutando contra o impulso de simplesmente ir embora. — Sinto muito tomar seu tempo, mas o senhor se importaria se eu deixasse um recado por escrito?

Ele ergueu as sobrancelhas e estudou meu rosto por um instante.

— Muito bem — disse, e abriu a porta para que eu passasse.

Entreí no saguão magnífico e esperei enquanto ele fechava a porta atrás de nós.

— Siga-me — orientou ele, levando-me por uma porta lateral até a mesma

sala onde Vincent me servira chá. Ele fez um gesto em direção a uma escrivaninha com uma cadeira e disse: — Há papel e caneta na gaveta.

— Eu tenho aqui, obrigada — respondi, tocando minha sacola.

— Quer que eu peça para lhe trazerem chá?

Fiz que sim com a cabeça, pensando que isso poderia me dar mais alguns minutos para pensar no que escrever.

— Sim, obrigada.

— Jeanne lhe trará chá e a acompanhará até a porta. A senhorita pode entregar a ela o bilhete para Vincent. *Au revoir, mademoiselle* — ele me saudou com uma mesura e fechou a porta detrás de si. Dei um suspiro de alívio.

Tirando uma caneta e um caderno de minha sacola, arranquei um pedaço de papel e fiquei olhando para ele por um minuto inteiro antes de escrever.

Vincent, comecei.

Estou começando a entender o que você quis dizer quando falou que as coisas nem sempre são o que parecem. Encontrei sua foto, e a de seu amigo, nas páginas de obituários de 1968. E logo depois eu vi Jules. Vivo.

Não consigo imaginar o que tudo isso significa, mas quero me desculpar pelas coisas desagradáveis que disse, depois que você me tratou com tanta gentileza. Falei que não queria mais vê-lo. Retiro o que disse.

Pelo menos ajude-me a entender o que está acontecendo, para que eu não acabe em algum hospício por aí, balbuciando sobre gente morta pelo resto da vida.

Agora é com você.

Kate

Dobrei o bilhete e esperei. Jeanne não veio. Fiquei olhando os minutos passarem no relógio de carrilhão, mais e mais nervosa a cada segundo. Por fim comecei a achar que o esperado seria que eu fosse atrás de Jeanne. Talvez ela estivesse aguardando na cozinha com o chá. Fui até o saguão. A casa estava em silêncio.

Notei, porém, que a porta à minha frente estava entreaberta. Fui até lá e espiei através dela.

— Jeanne? — chamei, baixinho. Não houve resposta.

Abri a porta e entrei em uma sala quase idêntica àquela de onde eu viera. Tinha a mesma portinha de canto pela qual Vincent passara trazendo chá. *A porta de serviço*, pensei.

Abriendo-a, vi um corredor longo e escuro. Com o coração batendo na garganta, fui até a porta envidraçada que havia na outra ponta, cujos painéis de vidro estavam iluminados pela luz que vinha de dentro. Ela se abriu para uma cozinha imensa. Não havia ninguém ali. Dei um suspiro de alívio e percebi que estivera com medo de topiar de novo com o dono da casa.

Decidi deixar o bilhete na caixa de correio ao ir embora e voltei apressada pelo corredor que parecia um túnel. Agora que a luz da cozinha vinha por trás, vi que havia várias portas ao longo do corredor e notei que uma estava entreaberta. Uma luz cálida brilhava lá dentro. Talvez fosse o aposento da governanta.

— Jeanne? — sussurrei. De novo, nenhuma resposta.

Fiquei imóvel um instante antes de me sentir empurrada para diante por um impulso irresistível. *O que estou fazendo?*, pensei ao passar pela porta. Como nos outros aposentos, cortinas pesadas bloqueavam a luz que vinha de fora. A única iluminação provinha de pequenos abajures espalhados pelo aposento, sobre pequenas mesas.

Depois de entrar fechei a porta atrás de mim. Eu sabia que estava maluca. Mas a parte racional de meu cérebro havia perdido a batalha, e eu agora estava em piloto automático, bisbilhotando a casa de alguém apenas para satisfazer minha curiosidade. Eu tinha a impressão de que um milhão de minúsculos dardos carregados de adrenalina espetavam minha pele enquanto eu olhava ao redor.

À minha direita, estantes de livros circundavam uma lareira de mármore cinzento. Por cima dela estavam penduradas duas espadas enormes, cruzadas acima da empunhadura. As demais paredes estavam cheias de fotografias emolduradas, algumas em preto e branco, outras coloridas. Todas eram retratos de pessoas.

Parecia não haver ordem alguma na coleção. Algumas das pessoas eram velhas, outras eram jovens. Algumas fotos pareciam ter sido tiradas cinquenta anos atrás, outras pareciam contemporâneas. A única coisa que as unia era que, em todas elas, as pessoas não sabiam que estavam sendo fotografadas. *Uma coleção esquisita*, pensei, desviando o olhar para o outro lado da sala.

Em um canto havia uma grande cama de dossel, com cortinas brancas

translúcidas. Aproximei-me para olhar melhor. Através do tecido fino vi a silhueta de um homem deitado na cama. Meu coração ficou gelado.

Sem conseguir respirar, puxei a cortina para o lado.

Era Vincent. Estava deitado por cima da colcha, totalmente vestido, de costas e com os braços ao lado do corpo. E ele não parecia estar dormindo. Parecia estar morto.

Ergui a mão e toquei seu braço. Estava frio e duro, como o de um manequim de loja.

Recuando, gritei:

— Vincent?

Ele não se moveu.

— Ah, meu Deus — murmurei, horrorizada, e então meus olhos se fixaram em uma foto emoldurada que estava sobre a mesa junto à cama. Era uma foto minha.

Meu coração parou dentro do peito. Levando a mão à garganta, recuei até que meu ombros tocassem a lareira de mármore, e então soltei um grito aterrorizado. Bem nessa hora a porta se abriu e a luz do teto se acendeu. Jules estava parado no umbral.

— Olá, Kate — saudou, com voz sinistra, e então, apagando a luz, acenou com a cabeça e disse: — Parece que o jogo acabou, Vince.



— VOCÊ VAI TER QUE VIR COMIGO. — JULES TINHA UMA expressão sombria. Quando percebeu que eu não conseguia me mexer, me pegou pelo braço e me levou para a porta.

— Mas, Jules... — protestei, o choque atenuado apenas o suficiente para que eu conseguisse falar. — Vincent está morto!

Jules se voltou para mim e me encarou. Eu devia parecer estar em choque. E falava como se estivesse, com a voz toda trêmula.

— Não está, não. Ele está bem. — Ele tomou minha mão e me levou para o corredor. Puxei-a e me soltei.

— Olha aqui, Jules — minha voz começava a soar histérica. — Eu toquei nele; está frio e duro. Ele está morto!

— Kate — ele me interrompeu, com um tom quase irritado. — Não posso falar sobre isso neste momento. Mas você tem que vir comigo.

Ele segurou meu pulso com delicadeza e começou a me conduzir pelo corredor.

— Para onde está me levando?

— Para onde devo levá-la? — ele se perguntou. Não era um tom retórico, como o que as pessoas usam quando fazem uma pergunta cuja resposta já conhecem. Parecia que ele realmente não sabia, e esperava que alguém respondesse.

Meus olhos se arregalaram. Jules era doido. Talvez tivesse sofrido algum dano cerebral no choque com o trem do metrô. Talvez fosse um maníaco homicida e tivesse assassinado Vincent, deixando o corpo na cama, e agora fosse

me levar para algum lugar e me matar também. Meus pensamentos davam voltas, fora de controle; eu estava agora em clima de filme de psicopata. Aterrorizada, tentei me libertar, mas ele segurou com mais força.

— Vou levar você até o quarto de Charlotte — disse ele, respondendo à própria questão.

— Quem é Charlotte? — perguntei com voz insegura.

— Eu *não estou* tentando assustá-la! — Jules exclamou, estacando. Ele se virou para mim, parecendo impaciente. — Escute, Kate, eu sei que você acaba de sofrer um choque, mas a culpa de estar naquele quarto é toda sua, e não minha. Agora vou levar você para um lugar onde possa se acalmar, e não vou lhe fazer mal nenhum.

— Não posso simplesmente ir embora?

— Não.

Uma lágrima escorreu por minha face. Eu não podia evitar. Estava confusa e amedrontada demais para me acalmar, e tão horrorizada que chorava ao olhar para ele; a última coisa que eu queria era parecer frágil ou débil. Fixei o olhar no piso.

— O que foi agora? — ele exclamou, soltando minha mão. — Kate? Kate? — Seu mau humor se suavizou. — Kate.

Meu olhar encontrou o dele enquanto eu secava as lágrimas com dedos trêmulos.

— Ah, meu Deus, eu assustei você — disse ele, me olhando com atenção pela primeira vez. Ele deu um passo para trás. — Fiz tudo errado. Sou mesmo um idiota.

Cuidado, alertei a mim mesma, ele pode estar fingindo. Mas com certeza está sendo bem convincente com esse acesso de arrependimento.

— Certo, vou tentar explicar o melhor que puder. Não vou machucar você. Eu juro, Kate. E prometo que Vincent vai ficar bem. Não é o que parece. Mas preciso falar com os outros... as outras pessoas que moram aqui... antes de deixar você ir embora.

Concordei, fazendo um gesto com a cabeça. Jules estava agindo de modo bem mais normal do que pouco antes. E parecia tão arrependido que eu quase (mas só quase) senti pena dele. *Mesmo que eu quisesse correr, pensei, não conseguiria passar pelo portão de segurança lá fora.*

Ele estendeu a mão em minha direção, desta vez de um jeito pacífico, como se quisesse pousá-la em meu braço e me reconfortar, mas me esquivei.

— Tudo bem. Está tudo bem — ele garantiu, erguendo as mãos no ar, num gesto de *eu desisto*. — Não vou tocar em você de novo.

Ele realmente parecia contrariado agora.

— Eu sei — disse, falando para o ar. — Sou um completo imbecil.

Ele começou a andar pelo corredor, rumo ao saguão.

— Por favor, venha comigo, Kate — pediu, numa voz cansada.

Eu fui. Que escolha eu tinha?

Ele me conduziu até o andar de cima pelas escadarias do saguão de entrada e depois por um corredor. Abrindo a porta para um quarto, ele ligou a luz e ficou no corredor enquanto eu entrava.

— Fique à vontade. Pode ser que eu demore um pouco — disse, evitando meus olhos. Fechou a porta atrás de mim. A fechadura fez um *clic*.

— Ei! — berrei, agarrando a maçaneta e virando-a. Estava trancada, sem a menor dúvida.

— Eu *precisei* trancar. A gente não pode deixar a garota zanzando pela casa — Jules estava falando consigo mesmo de novo, à medida que seus passos se afastavam.

Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto pular da janela do primeiro andar e escalar os portões da frente. *Nem sonhando*, pensei, e me resignei com o fato de que eu não poderia fazer nada até que alguém destrancasse a porta.

Podia ser uma prisão bem pior, pensei, olhando o quarto de dormir ao meu redor. As paredes estavam revestidas com uma seda decorada cor-de-rosa, e espessas cortinas verde-vivas estavam atadas a cada lado da janela, cujos vidros superiores tinham a forma de coração. Os móveis, de pintura delicada, estavam dispostos ao longo das paredes. Sentei-me numa cama marquesa com estofamento de seda.

A tremedeira desapareceu, e depois de algum tempo me deixei recostar e apoiar a cabeça numa almofada, erguendo os pés do chão. Fechei os olhos só por um segundo, e os efeitos do estresse e do medo se fizeram sentir no cérebro. Apaguei como uma lâmpada.

Só acordei horas depois. Pela janela, vi o céu noturno que cedia espaço para a aurora, e por um instante de delírio achei que estava de volta a meu quarto

no Brooklyn.

Então ergui os olhos, que se fixaram em um grande lustre cujos braços terminavam em flores de vidro de uma delicadeza incrível. O teto estava pintado para parecer um céu cheio de nuvens, margeado por anjinhos gorduchos segurando montes de fitas e flores.

Por um instante eu não soube onde estava. Então, ao lembrar, me sentei.

— Você acordou — disse uma voz do outro lado do aposento.

Olhei para descobrir sua fonte. Era a garota de cabelo loiro curto que me salvara de ser esmagada no café pelo bloco que caiu. *O que ela está fazendo aqui?*, me perguntei.

Ela estava enrodilhada em uma poltrona junto à lareira ornamentada de pedra. Devagar, hesitante, ela se ergueu e se aproximou de mim.

A luz do lustre brilhava em seu cabelo, fazendo-o reluzir como bronze polido. Suas faces e lábios tinham o mesmo tom rosado das rosas do jardim da casa de campo de Mamie. As maçãs do rosto salientes destacavam seus lindos olhos, de um verde irresistível.

A jovem estava a meu lado agora, e com suavidade estendeu a mão para tocar a minha.

— Kate — disse com voz tímida, apertando-me a mão e em seguida soltando-a. — Meu nome é Charlotte.

Sentei na borda da cama, olhando assombrada para a garota.

— Foi você que salvou minha vida — murmurei.

Rindo, ela puxou uma cadeira para se sentar diante de mim.

— Não fui eu, na verdade. Quer dizer, fui eu, mas não sou a responsável pelo salvamento. É meio complicado — ela falou, cruzando as pernas de forma graciosa. De seu pescoço pendia um cordão de couro com um pendente de prata em forma de gota.

Então essa é a garota de quem Vincent é tão próximo, pensei, desolada, meus olhos voltando do colar para o rosto elegante. Era um pouco mais nova do que eu. Vincent dissera que era só uma amiga. Fiquei imaginando o quão chegados teriam sido.

— Bem-vinda a meu quarto — disse ela.

Meu coração afundou. *Ela vive nesta casa?*

— É lindo — consegui responder.

— Gosto de me cercar de beleza — ela deu um sorriso envergonhado.

Os cabelos curtos como o de um menino e seu corpo longo e esguio, em um *jeans* preto justo e camiseta listada já meio desbotada, não conseguiam esconder sua acentuada beleza feminina. Embora parecesse ser exatamente o que ela pretendia. *Ela nem se esforça para ser bonita, e é de tirar o fôlego*, pensei, me rendendo mentalmente ao perceber que nunca poderia competir com Charlotte.

Eu não conseguia falar, a garganta apertada de ciúmes ao pensar que aquela garota podia estar com Vincent todos os dias. Que ela acordava todos os dias naquele quarto maravilhoso sabendo que Vincent estava ali, na mesma casa que ela. E então me lembrei de como eu havia encontrado Vincent, deitado lá embaixo, e tentei me livrar de tanta mesquinharia. Ainda que Jules tivesse dito que ele não estava morto, para mim parecia bem morto. Não sabia mais o que pensar. E ficar com ciúmes daquela garota não ia ajudar em nada.

— O que aconteceu com Vincent? — indaguei.

— Ah, a pergunta de um milhão de euros — ela respondeu baixinho. — E exatamente a única que me pediram para não responder. Acho que os rapazes não confiam em mim. Discrição e tato não são meus pontos fortes. Mas eles me pediram para ficar aqui, para o caso de você surtar e tentar fugir depois de acordar. — Ela hesitou, aguardando. — Então... você vai surtar e tentar fugir?

— Não. Quer dizer, acho que não — respondi, esfregando a testa. E então, alarmada, exclamei: — Meus avós! Eles devem estar em pânico! Estive fora a noite toda.

— Não, não estão — ela me tranquilizou, sorrindo. — Mandamos um torpedo de seu celular, dizendo que você ia passar a noite na casa de uma amiga. Meu alívio foi substituído por um pensamento assustador.

— Então eu não posso ir embora? Sou prisioneira de vocês?

— Dizendo assim soa tão melodramático — ela observou.

Os olhos dela davam a impressão de captar muita coisa, revelando pouco. Os olhos de uma mulher muito mais velha refletindo o espírito de uma garotinha.

— Você viu coisas que não devia. Agora temos de decidir como lidar com a situação. Sabe... controle de danos. Você mordeu a maçã, Kate. Se bem que, com uma serpente tão atraente, não posso culpá-la.

— Você não vai me fazer mal? — perguntei.

— Responda você mesma a essa pergunta — ela disse, e pousou as pontas dos dedos em meu braço.

Um fluxo cálido de paz pareceu emanar de seu toque, e fui invadida pela calma.

— O que está fazendo? — perguntei, olhando para onde a pele dela tocava a minha.

Se não estivesse me sentindo tão relaxada, com certeza teria dado um pulo, assombrada com a esquisitez do gesto dela. Charlotte não disse nada, mas os cantos de sua boca se curvaram de leve enquanto ela afastava a mão.

Olhei-a nos olhos com firmeza.

— E os outros também não vão me ferir?

— Vou cuidar para que ninguém lhe faça mal.

Bateram à porta e Charlotte se ergueu.

— Está na hora.

Ela ofereceu o braço para que eu o enlaçasse no meu. Não pude evitar que meus olhos se desviassem de novo para o pendente, e titubeei.

— Que foi? — ela perguntou, tocando o pendente de prata.

Algo deve ter transparecido em meu rosto, porque a expressão dela mudou.

— Vincent me contou que você escolheu este colar. Fiquei feliz por você ajudar. Nunca sei o que os rapazes vão inventar. — Ela sorriu e apertou minha mão, num gesto amigável. — Vincent é como um irmão, Kate. Não há absolutamente nada entre nós... exceto um longo histórico de presentes de aniversário sem graça. Você interrompeu uma sequência de erros. É a primeira vez em anos que ele me deu algo que não fosse o mais recente CD favorito *dele*.

Ela riu, e os ciúmes que estavam me alfinetando sem parar aquietaram um pouco. Sem dúvida, ela se referia a ele como a um irmão. Aceitei seu braço.

Enquanto nos dirigíamos para a porta, notei que as paredes do quarto dela também exibiam a mesma mistura de fotos que eu tinha visto no quarto de Vincent. Mas ali estavam emolduradas com madeira esmaltada e pendiam da parede sustentadas por fitas.

— Quem são essas pessoas? — perguntei.

Os olhos dela se desviaram casualmente na direção em que eu olhava, e, me conduzindo através da porta, ela respondeu:

— Eles? Bom, Kate, embora eu não possa aceitar o crédito por salvar sua vida, essas são as pessoas que eu *de fato* salvei.



CHARLOTTE ME GUIOU ESCADA ABAIXO E PELO CORREDOR de serviço até o quarto de Vincent. Bateu à porta e, sem esperar resposta, me levou até a cama dele. Quase perdi o equilíbrio quando o vi sentado, recostado contra os travesseiros. Ele parecia muito fraco e tão pálido quanto os lençóis. Mas estava vivo. Meu coração deu um salto no peito, de emoção por vê-lo vivo, mas também de medo. Como era possível?

— Vincent, é você mesmo? — indaguei, cautelosa. Era uma pergunta meio idiota. Parecia ser ele, mas de repente ele podia ter sido possuído por... sei lá, algum tipo de ser alienígena, ou algo assim. A essa altura, tudo estava tão estranho que eu acreditaria em quase qualquer coisa.

Ele sorriu, e eu soube que era ele, sim.

— Você não está... Mas você estava morto! — tive que me esforçar para que palavras tão irracionais saíssem de minha boca.

— E se eu dissesse que é só que eu tenho um sono muito pesado? — a voz dele estava lenta e difícil.

— Vincent, você estava morto. Eu vi, toquei em você. Sabe... — meus olhos se encheram de lágrimas quando voltaram as lembranças do necrotério do Brooklyn e os corpos de meus pais estendidos nas macas. — Eu sei como é a aparência de um morto.

— Vem aqui — ele disse. Cheguei perto cautelosa, sem saber o que esperar. Ele ergueu o braço devagar e tocou minha mão. Não estava tão frio quanto antes, mas também não parecia muito humano.

— Viu? — disse, os lábios formando um sorriso. — Vivo.

Recuei, tirando minha mão da dele.

— Não entendo — falei, com a voz cheia de desconfiança. — Você tem algum problema?

Ele parecia resignado.

— Desculpe ter envolvido você nisso. Fui egoísta. Mas não pensei que ia ser assim. Não pensei... mesmo. Óbvio.

Minha sensação geral de alarme foi substituída por um medo sinistro pelo que estava por vir. Eu não imaginava que tipo de revelação ele faria a seguir. Mas uma vozinha dentro de mim dizia *Você sabia*. E percebi que era verdade.

Eu tinha notado que havia algo de diferente em Vincent. Havia sentido, antes mesmo de ver sua foto nos obituários. Era só um pequeno alarme soando, mas baixinho demais para que eu conseguisse definir o que era. Assim, simplesmente ignorei. Mas agora ia descobrir. Um arrepio de ansiedade me fez estremecer. Vincent viu que eu tremia, e seu rosto se contraiu de arrependimento.

Uma batida à porta nos interrompeu. Charlotte foi abrir e ficou de lado, abrindo passagem à medida que outras pessoas entravam no quarto, uma a uma.

Jules veio até mim primeiro e, pousando a mão em meu ombro, perguntou:

— Está se sentindo melhor?

— Sim.

— Me desculpe, de verdade, pela forma como agi antes — ele disse, com remorso. — Tentar afastar você de Vincent o mais rápido possível foi como um ato reflexo. Fui grosseiro com você. Agi sem pensar.

— Está tudo bem. Sêrio.

Um vulto familiar veio por trás dele e o empurrou, de forma amistosa. Era o sujeito musculoso da beira do rio.

— Tentando ficar com ela para você? — brincou com Jules, e, curvando-se para ficar de minha altura, estendeu a mão. — Kate, encantado em conhecê-la. Sou Ambrose — apresentou-se, com uma voz barítono espessa como melado. E então, mudando para um inglês de sotaque americano, continuou — Ambrose Bates, de Oxford, Mississipi. É um prazer encontrar uma conterrânea nesta terra de franceses malucos!

Obviamente adorando ter me surpreendido, Ambrose riu com gosto e deu uma palmadinha em meu braço antes de se sentar ao lado de Jules em um sofá,

me dirigindo uma piscada cúmplice.

Um homem que eu nunca tinha visto antes veio em minha direção e fez uma pequena mesura.

— Gaspard — apresentou-se, lacônico. Era mais velho que os demais, com uns trinta e muitos ou quarenta e poucos. Alto e magro, tinha olhos profundos e cabelos pretos mal cortados espetados para todos os lados. Virou-se e foi em direção aos outros.

— Este é meu irmão gêmeo, Charles — disse Charlotte, que ficara ao meu lado durante as apresentações. Ela puxou mais para perto uma cópia ruiva de si mesma. Ele se curvou e deu um beijo fingido em minha mão.

— Prazer em vê-la quando não está chovendo alvenaria — saudou, sarcástico.

Dei-lhe um sorriso inseguro.

Não sei se foi minha imaginação, ou se de fato todos deram um passo para trás, mas de súbito parecia que as únicas pessoas na sala éramos eu e o homem agora diante de mim. Era o cavalheiro aristocrático de ontem, o proprietário da casa. Embora todos tivessem me cumprimentado de forma mais ou menos amigável, meu anfitrião não sorria.

Postado a minha frente, ele fez uma reverência formal.

— Jean-Baptiste Grimod de la Reynière — ele disse, com um olhar duro e direto. — Embora os outros de minha estirpe residam aqui, esta é *minha* casa e, em minha opinião, sua presença aqui não é uma boa ideia.

— Jean-Baptiste — a voz de Vincent soou detrás de mim. — Nada disto foi intencional.

Ele se recostou nos travesseiros e fechou os olhos, parecendo ter usado toda sua energia naquelas palavras.

— Você, meu jovem, foi quem quebrou as regras ao trazê-la a nossa casa. Nunca permiti a nenhum de vocês que trouxessem seus amantes humanos aqui, e você ignorou solenemente minhas diretrizes.

Senti minhas faces ardendo ao ouvir aquilo, mas não tinha certeza se aquela era uma reação à palavra “humanos” ou à palavra “amantes”. Nada mais fazia sentido.

— E o que eu devia ter feito? — argumentou Vincent. — Ela tinha acabado de ver Jules morrendo! Estava em choque.

— Isso era problema seu. Para começar, não deveria ter se envolvido com ela. E agora você tem que resolver a situação que criou.

— Ah, relaxa, JB — protestou Ambrose, reclinando-se para trás e esticando os braços ao longo do encosto do sofá. — Não é o fim do mundo. A gente averiguou, e com certeza não é uma espiã. Além do mais, ela não é de jeito nenhum o primeiro humano que fica sabendo o que somos.

O homem mais velho lançou-lhe um olhar fulminante.

Aquele que se apresentara como Gaspard manifestou-se com voz insegura.

— Se me permitem fazer um esclarecimento... A diferença é que todos os outros humanos que interagiram conosco foram... hã... escolhidos um a um dentre as famílias que têm servido Jean-Baptiste há gerações.

Gerações?, pensei, com assombro. Um dedo gelado subiu por minha espinha.

— Enquanto você... — Jean-Baptiste prosseguiu, com uma repulsa indistigável. — Eu a conheço há menos de um dia, e você já está se intrometendo na privacidade de minha estirpe. Você não é bem-vinda.

— Ahhh! — exclamou Jules. — Não reprima seus verdadeiros sentimentos, Grimod. Vocês da velha guarda precisam mesmo aprender a se abrir e a se expressar.

Jean-Baptiste fez que não ouviu.

— Bom, então o que devemos fazer? — indagou Charlotte a nosso anfitrião.

— Certo, podem parar. Todos vocês! — exclamou Vincent, com o fôlego curto. — Vocês são minha estirpe. Quem vota que devemos contar a Kate?

Ambrose, Charlotte, Charles e Jules ergueram a mão.

— E vocês, que acham que devíamos fazer? — Vincent perguntou a Jean-Baptiste e Gaspard.

— É problema de vocês — respondeu Jean-Baptiste. Ele me olhou com arrogância por alguns segundos e, girando nos calcanhares, saiu depressa da sala, batendo a porta detrás de si.



— ENTÃO, A MAIORIA VENCE — DISSE AMBROSE COM uma risadinha, esfregando as mãos. — Vamos começar a festa.

— Aqui — disse Charlotte, puxando duas grandes almofadas do sofá para o chão.

Sentando-se de pernas cruzadas, à moda indiana, ela sorriu para mim e deu uma palmadinha na outra almofada, me convidando a me acomodar.

— Está tudo bem — Vincent me tranquilizou quando hesitei e soltou minha mão.

— Kate, você sabe que o que vamos dizer aqui fica entre estas quatro paredes, não é? — perguntou Jules.

As palavras de Vincent foram lentas e precisas:

— Jules tem razão. Nossas vidas estão em suas mãos uma vez que você souber, Kate. Detesto impor uma responsabilidade dessas a quem quer que seja, mas a situação foi longe demais. Você promete manter segredo? Mesmo que você... — parecia que ele estava ficando sem fôlego — ... vá embora hoje e decida não voltar mais.

Todos esperaram minha resposta.

— Prometo — sussurrei, e foi o máximo que consegui, com um nó na garganta do tamanho de uma *grapefruit*.

Algo bem esquisito estava se passando ali, e as pistas de que eu dispunha eram insuficientes para entender o que era. Mas o uso da palavra “humanos” por Jean-Baptiste e o fato de que tanto Vincent quanto Jules pareciam ter ressuscitado indicava que eu estava metida até o pescoço em algo estranho. Mas o que me

apavorava era não saber em *quê* havia me metido.

— Jules... você começa — disse Vincent, fechando os olhos e parecendo mais morto que vivo.

Jules avaliou a situação e decidiu ter piedade de mim.

— Acho que vai ser mais fácil deixarmos que Kate pergunte o que quer saber.

Não sei nem por onde começar, pensei, e então me lembrei do fato que havia lançado tudo naquela espiral descendente.

— Vi as fotos de você e de Vincent em um jornal de 1968, que dizia que vocês tinham morrido em um incêndio — disse eu, dirigindo-me a Ambrose. Com um sorriso, ele deu um breve aceno de cabeça, encorajando-me a prosseguir. — Como vocês estão aqui agora?

— Que bom que estamos começando com as perguntas fáceis — ele exclamou, estendendo os braços robustos em minha direção e inclinando-se para frente. — A resposta é porque somos... zumbis!

E soltou um grunhido horrível, escancarando a boca e expondo bem os dentes, enquanto curvava os dedos como se fossem garras. Ao ver minha expressão horrorizada, caiu na gargalhada, batendo no joelho com a palma da mão.

— Brincadeira — disse, ainda rindo, e depois se aquietou, olhando-me com olhos tranquilos. — Sério. Nós somos zumbis.

— *Não somos* zumbis — protestou Charlotte, erguendo a voz, contrariada.

— O termo correto, acho, seria, hã, desmorts — disse Gaspard com voz insegura.

— Fantasmas — acrescentou Charles, com um sorriso maroto.

— Ei, vocês, parem de assustá-la — atalhou Vincent. — Jules?

— Kate, a coisa é bem mais complicada. Costumamos nos referir a nós mesmos como *revenants*.

Meus olhos correram ao redor, fitando um a um.

— *Re-ve-nants* — Jules repetiu devagar, obviamente achando que eu não havia entendido.

— Eu conheço a palavra. Ela significa “fantasmas” em francês. Minha voz tremia. *Estou sentada em um quarto cheio de monstros*, pensei. *Indefesa*. Mas não podia me dar ao luxo de entrar em pânico agora. Que poderiam eles fazer

comigo se isso acontecesse? E o que fariam, mesmo não acontecendo? A menos que fossem daquele tipo de monstro que apaga a memória das pessoas, eu agora sabia do segredo.

— Se formos até a origem da palavra, ela significa, de fato, “aquele que retorna” — esclareceu Gaspard, de modo pedante.

Fazia calor na sala, mas estremeci. Todos me olhavam, em expectativa, como se eu fosse o projeto de ciências do grupo: será que eu ia estourar ou apenas perderia o gás até murchar?

— Ela vai pirar e sair correndo, como eu disse — murmurou Charles entredentes.

— Ela *não* vai pirar e sair correndo — retrucou Charlotte.

— Ok, todo mundo para fora — soou a voz de Vincent, muito mais enérgica que antes. — Não se sintam ofendidos, mas eu gostaria de falar com Kate a sós. Vocês estão transformando a coisa toda numa confusão. Agradeço a vocês pelo voto de confiança, mas por favor... vão embora.

— Impossível — o aposento ficou em silêncio, e todo mundo cravou o olhar em Gaspard. Então sua voz perdeu autoridade, e, mexendo no canto da unha, ele gaguejou, envergonhado. — Se me permite, Vincent, quero dizer que você não pode assumir sozinho a tarefa de informar a humana, isto é, Kate. Todos nós somos afetados por esse vazamento. Todos precisamos saber a que informação ela tem acesso, e a qual não tem. E vou precisar fazer um relatório completo a Jean-Baptiste, antes que ela receba permissão de ir embora.

Minha tensão diminuiu um pouquinho. *Eles vão me deixar ir embora.* Aquela revelação se tornou minha luz no fim de um túnel escuro e assustador.

— Quero observar ainda que, hã, você está fraco demais até para se sentar — prosseguiu Gaspard. — Nessas condições, como espera conduzir a explicação de algo tão importante para todos nós?

O silêncio se estendeu por um minuto, enquanto todos olhavam para Vincent. Por fim ele suspirou.

— Tudo bem. Entendo. Mas, pelo amor de Deus, tentem se comportar — ele me olhou. — Kate, por favor, sente-se a meu lado. Isso pelo menos me dá a ilusão de ter algum controle sobre a situação.

Levantei e fui até a cama. Com esforço, Vincent ergueu o braço e tomou minha mão na sua. No momento em que nossas peles se tocaram, senti a mesma

paz que me invadira quando Charlotte me tocou em seu quarto. Fui envolvida por uma onda de calma e segurança, como se nada de mau pudesse me acontecer enquanto Vincent segurasse minha mão. Mas agora eu sabia que aquilo era algum tipo de truque sobrenatural.

Sentei na beirada da cama, cheia de cautela, sem tirar os olhos do rosto de Vincent.

— Não sinto dor — ele me tranquilizou, com minha mão na sua. Então disse, para que todos no quarto ouvissem: — Ok, Kate, para começar, você está me tocando. Portanto, não sou um fantasma.

— E não somos zumbis de verdade — acrescentou Charles, com um sorriso. — Ou ele já teria devorado sua cara.

Vincent o ignorou.

— Não somos vampiros ou lobisomens ou qualquer outra coisa que você tenha que temer. Somos *revenants*. Não somos humanos... — ele se interrompeu, reunindo forças. — Mas não vamos lhe fazer mal.

Tentei me recompor antes de dizer a todos, na voz mais firme com que pude falar:

— Então todos vocês estão... mortos. Mas parecem vivos. Exceto você... — hesitei ao relancear os olhos para Vincent — ... embora pareça melhor do que na noite passada — reconheci.

Vincent estava muito sério.

— Jules, pode contar a Kate sua história? Provavelmente é o melhor modo de explicar. Gaspard tem razão; não posso fazer isso sozinho.

O olhar de Jules encontrou o meu e não se desviou.

— Certo, Kate. Sei que isso vai parecer inacreditável, mas nasci em 1897. Num vilarejo não muito longe de Paris. Meu pai era um médico e minha mãe era parteira. Demonstrei um talento artístico, e por isso aos dezesseis anos me mandaram estudar artes em Paris. Minha educação foi interrompida quando me mandaram para a guerra, em 1914. Lutei contra os alemães por dois anos até que, em setembro de 1916, fui morto em combate. Batalha de Verdun. E esse teria sido o final de minha história... se eu não tivesse despertado três dias depois.

O quarto estava em silêncio; tentei absorver em minha mente o que Jules acabara de contar.

— Como assim, despertado? — consegui dizer por fim.

O rapaz diante de mim não parecia ter mais de vinte anos, mas afirmava ter mais de um século de idade.

— Tecnicamente, nós nos “reanimamos” — observou Gaspard, erguendo um dedo fino para marcar suas palavras. — Não “despertamos”.

— Eu voltei à vida — esclareceu Jules.

— Mas como? — perguntei, incrédula. A mão de Vincent segurando a minha me dava mais coragem. — Como poderia voltar à vida, a menos que não tivesse morrido de verdade?

— Ah, mas eu estava morto. Sem a menor dúvida. Ninguém sobrevive quando o corpo é destruído em vários pedaços. — Quando Jules me viu empalidecer, seu sorriso se converteu numa expressão de arrependimento.

— Tenham pena da jovem. Estamos jogando tudo isso em cima dela de uma vez só — protestou Ambrose. Ele me olhou. — Existe uma... Como posso chamar? Não quero soar muito *Além da Imaginação*, mas é uma “lei do universo”, sabe? Segundo essa lei, sob certas circunstâncias, se você morre no lugar de outra pessoa, voltará à vida depois. Você fica morto por três dias. Então desperta.

— É reanimado — corrigiu Gaspard.

— Você *desperta* — insistiu Ambrose. — E, exceto por estar faminto, você continua exatamente como era antes.

— E exceto que depois disso você não dorme mais — acrescentou Charles.

— Você já ouviu falar de “excesso de informação”, Chucky? — perguntou Ambrose, cerrando os punhos, irritado.

— Kate, a morte e a reanimação são muito desgastantes para o corpo humano — disse Charlotte, com suavidade. — Esse processo muda totalmente nosso ciclo de vida. Na verdade, “reanimação” descreve bem o que acontece. Ficamos tão animados quando despertamos que podemos passar mais de três semanas sem parar para descansar. Então nosso corpo desliga e dormimos “como os mortos” por três dias. Como Vincent acaba de fazer.

— Você quer dizer, ficamos *mortos* por três... — começou Charles, corrigindo-a.

Charlotte o interrompeu.

— Não ficamos mortos. Dizemos que estamos “em dormência”. Nosso corpo fica numa espécie de hibernação, mas a mente continua ativa. E, uma vez

que o corpo desperta, temos mais algumas semanas de absoluta normalidade, mas sem dormir.

— É, isso — resmungou Charles.

— Bom, pode-se dizer que isso dá uma ideia geral da coisa — disse Gaspard, solícito.

— E ontem você estava... dormente? — perguntei a Vincent.

— Sim. Foi o último dos três dias — respondeu. — Agora vou ficar bem por quase um mês.

— Você não me parece bem — observei, atentando para aquela pele pálida como cera.

— A recuperação depois da dormência leva umas horas — Vincent disse, com um sorriso débil. — Para um humano, seria como passar por uma operação cardíaca de peito aberto. Você não sai da cama de um pulo depois que a anestesia termina.

Fazia sentido. Se ele continuasse a usar analogias com os humanos, talvez eu tivesse estômago para aceitar melhor toda aquela situação bizarra. Pela forma como discutiam entre si, estava claro que não estavam habituados a ter de explicar sua situação. Eu é que teria de me esforçar e entender tudo aquilo.

Voltei-me para Jules.

— Você tem mais de cem anos de idade.

— Tenho dezenove — ele respondeu.

— Então vocês nunca envelhecem?

— Ah, nós envelhecemos, sim. Veja Jean-Baptiste, ele morreu com trinta e seis, mas agora está com uns sessenta.

— E que idade ele teria se não tivesse... sabe... — tentei encontrar as palavras.

— Duzentos e trinta e cinco — respondeu Gaspard sem vacilar; olhando para os outros, prosseguiu: — Posso?

Charles fez que sim com a cabeça, e os demais se mantiveram calados.

— Depois da reanimação, envelhecemos no mesmo ritmo que todo mundo. Mas, a cada vez que “morremos”, quando nos reanimamos voltamos à mesma idade com a qual morremos da primeira vez. Jules morreu com dezenove anos, e cada vez que “morre” recomeça outra vez aos dezenove. Vincent tinha dezoto quando morreu, mas faz um tempo que ele não morre...

Quanto? Um pouco mais de um ano?

Ele dirigiu a pergunta a Vincent, mas eu o atalhei.

— O que você quer dizer “a cada vez que morremos”? — perguntei. O dedo gelado percorria de novo minha espinha. Vincent apertou minha mão com mais força.

— Digamos apenas que existe um monte de gente que precisa ser salva — respondeu Jules, piscando.

Fiquei olhando para ele, tentando entender o que ele insinuava. Então meus olhos se arregalaram.

— O homem no metrô — exclamei. — Você salvou a vida dele!

Ele fez que sim.

— Mas como... Quer dizer, não... — balbuciei, incapaz de formar um único pensamento enquanto dezenas de outros invadiam minha mente ao mesmo tempo. Lembrei-me de Vincent mergulhando atrás da garota, e Charlotte me salvando de morrer esmagada.

— Você morreu ao salvar alguém, e continua fazendo isso depois da morte — disse eu, por fim. Talvez estivesse afirmando o óbvio, mas a lampadazinha havia finalmente se acendido sobre minha cabeça.

— Essa é toda a razão de estarmos aqui — disse Vincent. — Estamos fadados a essa missão pelo resto de nossas existências.

Fiquei olhando para ele. Eu não sabia nem como reagir. Fez-se um vazio em minha mente.

— Acho que precisamos pegar mais leve com essa sessão de perguntas e respostas — disse Vincent aos demais. — Kate está chegando ao estágio de overdose de informação. E eu estou cansado demais para continuar.

— Você não pode contar a ela... — começou Gaspard.

— Gaspard! — exclamou Vincent, e fechou os olhos devido ao esforço. — Eu... juro que não vou contar a Kate mais nada... importante... sem consultar vocês antes. Juro.

Vincent traçou um X sobre o coração e encarou o homem.

— Muito bem, então — disse Ambrose, erguendo-se. — Agora que terminamos de aterrorizar a humana... quero dizer, a Kate-Lou aqui... — ele veio até mim e bateu em meu ombro com a palma da mão, de forma afetuosa — ... é hora de comer alguma coisa.

Ele então saiu pela porta.

Charlotte tocou meu braço com delicadeza enquanto os outros saíam.

— Venha tomar o café da manhã conosco. De qualquer modo, com certeza não vão deixar você... — ela relanceou os olhos para Vincent — ... ir embora já.

— Que horas são? — perguntei, percebendo que não tinha ideia de quanto tempo dormira.

Charlotte consultou seu relógio.

— Quase sete.

— Sete da manhã? — perguntei, assombrada por ter conseguido dormir naquela casa estranha, em condições tão perturbadoras. — Obrigada, mas acho que vou ficar e conversar com Vincent.

— Você devia ir comer — disse Vincent baixinho. — Jean-Baptiste vai entrar bufando por aquela porta, daqui a uns minutos, assim que Gaspard relatar tudo.

— Me deixe ficar aqui com você até lá — pedi a Vincent, e então disse a Charlotte: — Procuro por vocês quando Jean-Baptiste me chutar daqui para fora.

— Certo — concordou ela com um sorriso reconfortante e fechou a porta após sair.

Voltei-me para Vincent, mas, antes que eu pudesse abrir a boca, ele roubou minhas palavras.

— Eu sei — disse. — Precisamos conversar.



ESTÁVAMOS A SÓS. FINALMENTE. E O QUE DEVERIA SER uma situação assustadora — eu, sozinha em um castelo antigo, sentada ao lado de alguém que eu acabara de descobrir ser um monstro... Bom, não era de fato assustadora. Por incrível que pareça, era sobretudo desconfortável.

Sentei-me, frente a frente com o rapaz que estava na cama, parecendo à beira da morte. Mesmo naquele estado debilitado ele era atraente. Eu tinha todos os motivos para ter medo, mas em vez disso fui tomada pela emoção mais estranha. Eu sentia vontade de protegê-lo.

— Então... — disse Vincent.

— Então... Você é imortal?

— Temo que sim.

Ele parecia cansado e preocupado e, pela primeira vez, muito vulnerável. De repente senti como se eu tivesse todo o poder em minhas mãos. O que, no que dizia respeito a *nós*, talvez fosse verdade.

— Como você se sente sabendo disso? — ele perguntou.

— Hum. É complicado entender assim logo de cara. Mas com certeza explica muita coisa. — Senti seus dedos apertando os meus. — A razão de eu não estar sentindo medo neste exato instante é porque você está segurando minha mão?

— O que você quer dizer? — ele perguntou, com um sorriso incerto.

— É um de seus superpoderes, não é? O que é? O Toque Tranquilizador, ou algo assim?

— Superpoderes! — ele deu uma risadinha. — Hã. É, senhorita

Perspicácia. Como você concluiu isso?

— Charlotte usou em mim hoje cedo. E duvido que eu tivesse conseguido aguentar até o fim essa nossa reunião informativa sem as “doses” que você foi me dando.

Os cantos da boca de Vincent curvaram-se levemente. Os dedos que seguravam minha mão afrouxaram e então apertaram de novo.

— Sei. E tudo bem, estou tocando você, mas não estou dando o “Toque Tranquilizador”, como você diz. Isso não acontece toda vez que toco em você. Só quando quero. Mas, neste instante, você parece estar se saindo muito bem por conta própria.

Lancei um olhar para sua mesa de cabeceira e vi que minha foto estava deitada. Por cima dela estava a carta que lhe escrevi no dia anterior. Parecia que já tinham se passado anos.

— Você recebeu meu bilhete — comentei.

— Sim. Ele ajudou a entender por que de repente você começou a me perseguir. — Ele riu. — Ainda não consigo acreditar que Jean-Baptiste deixou você entrar. Ele é tão culpado por você ter me encontrado quanto eu por ter trazido você até aqui da primeira vez. Não vou deixar de jeito nenhum que ele use isso contra mim. Como você conseguiu convencê-lo a deixá-la cruzar a porta da frente, nunca vou entender.

A risada de Vincent estava temperada com algo que soava a vitória.

— Você é incrível — Vincent disse, com o olhar irradiando afeto. Fiquei ali, curtindo a sensação, até que ele fechou os olhos e repousou a cabeça no travesseiro.

— Você está bem? — perguntei, preocupada.

— É, estou sim. Só me sinto bem fraco. Você se importa em me dar algo ali daquela mesa? — ele indicou com a cabeça uma mesinha dobrável colocada junto à cama, contendo frutas e nozes sortidas.

Peguei um prato de tâmaras e voltei a me sentar ao lado dele.

— Obrigado — agradeceu ele, tocando minha mão de novo antes de apanhar uma fruta e colocá-la na boca.

— Então o colar era para Charlotte — comentei, observando seu rosto com atenção.

Ele sorriu.

— Viu? Amiga. Não namorada. Apenas alguém que conheço há... pelo menos meio século?

— Não que isso tenha importância — acrescentei depressa, envergonhada.

— Claro que não — Vincent concordou, fingindo uma expressão séria e balançando a cabeça solenemente.

Baixei os olhos para minhas mãos.

— Você disse que demora um tempo para se recuperar de... seja o que for. Quando você vai estar bem?

— Depende da condição em que estivermos ao entrar em dormência. Não fui ferido nem nada assim, de modo que hoje de noite vou estar tão bom quanto antes. Aliás, melhor.

Percebi que ele estava tentando deixar o clima mais leve, mas parecia tão exausto que senti pena dele.

— Ah, Vincent.

— Não é ruim. Sério, Kate. Na verdade é até bom poder dar uma descansada... para recarregar um pouco, já que depois não vou dormir durante semanas. — Meu cenho franzido o fez se interromper. — Não precisamos falar sobre isso agora. Mas não se preocupe comigo. Eu é que estou preocupado com você. Como... como você está?

Revirei os olhos e ri.

— Bom, se não está rolando esse lance de você me acalmar, e ainda não entrei em pânico e não fugi de sua casa à toda e berrando, acho que estou me saindo bastante bem.

— Incrível — ele disse de novo.

— Ok, chega de bajulação — brinquei. — Guarde para a próxima vítima que você atrair sem misericórdia para seu covil.

A risada de Vincent foi interrompida pelo som da porta se abrindo. Voltei-me e vi Jean-Baptiste entrando no quarto, seguido por Gaspard.

— Kate, vá ver onde estão Charlotte e os outros — disse Vincent em voz baixa. — Mas, quando lhe disserem que pode ir embora, não vá sem antes voltar aqui para me ver. Por favor.

Gaspard me levou até a porta aberta.

— Estão na cozinha — informou, indicando o fim do corredor.

Então fechou a porta, deixando-me sozinha ali.

Segui o cheiro delicioso de pão fresco até a cozinha, mas parei, indecisa, diante da porta de vaivém. Respirando fundo, empurrei-a e entrei. Estavam todos sentados ao redor de uma enorme mesa de carvalho. Num só movimento, todos ergueram os olhos e esperaram que eu fizesse alguma coisa.

Ambrose quebrou o gelo.

— Entre, humana — disse, numa voz tipo *Jornada nas Estrelas*, um tanto abafada pela boca cheia.

Charlotte e Charles riram, e Jules me chamou, indicando a cadeira vazia a seu lado.

— Quer dizer que você sobreviveu à fúria de Jean-Baptiste — disse-me. — Muito corajosa.

— Muito idiota por ter vindo aqui, isso sim — acrescentou Charles, sem tirar os olhos do prato.

— Charles! — repreendeu-o Charlotte.

— Mas é! — devolveu Charles, na defensiva.

— O que vai querer, minha querida? — interrompeu uma voz maternal por cima de meu ombro. Virei-me e vi uma mulher de meia-idade, gorducha e usando um avental. Ela tinha faces rosadas e o cabelo loiro, já ficando grisalho, atado em um coque.

— Jeanne? — perguntei.

— Sim, Kate querida — ela respondeu. — Sou eu. Já ouvi tudo sobre sua noite turbulenta. Sinto não ter conseguido ir encontrá-la antes, mas, ao contrário de todos eles, preciso muito de meu sono noturno.

— Então você não é... — hesitei.

— Não, ela não é uma de nós — respondeu Jules. — Mas a família de Jeanne tem prestado serviços a Jean-Baptiste por...

— Mais de duzentos anos — ela completou, enquanto colocava no prato de Ambrose uma montanha de ovos mexidos.

Ele lhe deu um sorriso estonteante.

— Casa comigo, Jeanne — ele se inclinou para beijar a mão que segurava a colher de servir.

— Pode sonhar — riu ela, batendo-lhe de brincadeira na mão com a colher.

Colocando um punho no quadril, ela olhou para o teto, como se tentasse recordar um poema que havia memorizado.

— O avô de meu bisavô, ou algo assim, era valete de *monsieur* Grimod de La Reynière, e foi para a guerra com ele quando ele lutou nas forças de Napoleão. Foi esse meu ancestral, na época com apenas quinze anos, que *monsieur* Grimod salvou, puxando-o do caminho de uma bala de canhão que tirou sua própria vida. O garoto tomou a resolução de trazer o corpo de *monsieur* de volta da Rússia para ser enterrado, e isso foi muito bom, pois ele estava presente quando *monsieur* despertou, três dias depois, e assim pôde tomar conta dele. Minha família tem estado com *monsieur* desde então.

Ela contou essa história incrível como se descrevesse sua ida ao mercado naquela manhã. Devia ser natural para ela, tendo sido criada ouvindo a mãe e a avó contarem a mesma história. Mas me senti meio sufocada, enquanto minha mente tentava compreender todas as implicações daquilo.

— Muito obrigado, Jeanne. Kate parecia quase normal de novo, até que você começou a falar — disse Jules.

— Está tudo bem — respondi, sorrindo para ela. — Só quero pão e café, obrigada.

Jeanne colocou uma cápsula de café em uma máquina *high-tech* e ligou-a antes de ir decidida até o forno, de onde tirou uma bandeja de *croissants*.

— Estou de saída — disse Charles, empurrando a cadeira para junto da mesa. Depois de trocar uma saudação com Jules e Ambrose, golpeando o punho cerrado de cada um deles com o seu, deixou a cozinha sem sequer me lançar um olhar.

Olhei para os outros.

— Foi algo que eu disse?

Ambrose deu uma risadinha.

— Kate, você precisa lembrar que, mesmo que o corpo de Charles já devesse ter oitenta e dois anos, seu nível de maturidade estacionou em quinze.

— Vou com ele — murmurou Charlotte, parecendo envergonhada pela grosseria do irmão gêmeo. Ela me deu um beijo de cada lado do rosto. — Tchau, Kate. Tenho certeza de que vamos nos rever logo.

— E agora, que vai acontecer? — perguntei depois que a porta se fechou atrás dela. Eu me sentia estranhamente dividida entre a vontade de voltar para a

casa de meus avós, para rever minha família verdadeira, viva, e o desejo de ficar ali, entre aquelas pessoas que, tão poucas horas depois de me conhecerem, já pareciam me aceitar. Ou pelo menos a maioria. Não importava que não fossem humanos.

Antes que alguém pudesse responder, Gaspard enfiou seu cabelo de porco-espinho pela porta.

— Pode ir embora, Kate. Mas Vincent pediu que fosse vê-lo quando estiver de saída.

Ele desapareceu de novo no corredor.

Quando me levantei, Jules também ficou de pé e disse:

— Você quer que eu a acompanhe até em casa?

Ambrose concordou, acenando a cabeça.

— Acompanhe Kate até em casa — disse, com a boca cheia.

— Não, está tudo bem. Posso voltar sozinha.

— Levo você até a porta, então — decidiu Jules, empurrando sua cadeira para junto da mesa.

— Até logo, Jeanne, obrigada pelo café da manhã. Tchau, Ambrose — despedi-me enquanto Jules educadamente mantinha a porta aberta para que eu passasse primeiro. Então ele me acompanhou pelo longo corredor até o quarto de Vincent e, fechando a porta depois que entrei, ficou me esperando no corredor.

— E então, o que disseram? — perguntei, indo para junto da cama. Vincent estava ainda mais branco e com aparência ainda mais fraca do que antes, mas deu um sorriso reconfortante.

— Está tudo bem. Prometi assumir total responsabilidade por você.

Embora eu não soubesse o que aquilo significava, me senti dividida. Por um lado, me veio o pensamento de que eu não precisava de uma babá; por outro, me agradava a ideia de estar sob a guarda de Vincent.

— Pode voltar para casa agora — ele prosseguiu. — Mas, como disse Jean-Baptiste antes, não pode falar sobre nós a ninguém. Não que alguém fosse acreditar em você, mas tentamos ficar o máximo possível abaixo do radar.

Olhei-o, intrigada.

— Você já ouviu falar de vampiros? — perguntou, com um sorriso misterioso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Já ouviu falar de lobisomens?

— Claro.

— Já tinha ouvido falar de nós?

Abanei a cabeça, numa negativa.

— É isso que se chama “ficar abaixo do radar”, cara Kate. Nós somos bons nisso.

— Entendi — segurei a mão que ele me estendia.

— Posso ver você de novo em alguns dias? — ele perguntou.

Assenti com a cabeça, subitamente insegura ao pensar o que o futuro estaria reservando. Detive-me junto à porta e disse:

— Cuide-se — e me senti idiota na mesma hora. Ele era imortal. Ele não precisava *se cuidar*. Corrigi: — Quero dizer, descanse.

Ele sorriu, divertido com minha confusão, e me saudou.

— *Milady* — Jules deu um passo à frente, fazendo uma mesura como um porteiro em um filme da companhia Merchant Ivory, e colocou minha mão em seu braço. — Podemos?

Tive de rir. Ele estava se esforçando para compensar o fato de ter me assustado antes.

De volta ao saguão de entrada, apanhei minha sacola de livros. Quando saímos, ele tocou meu braço e disse:

— Escute, me desculpe por ter sido rude com você antes... Sabe, no meu ateliê e no museu. Juro que não foi nada pessoal. Eu estava só tentando proteger Vincent e você... e todos nós. Agora que é tarde demais para isso, bom, aceite minhas desculpas.

— Entendo perfeitamente — disse. — O que mais você podia fazer?

— Ufa... ela me desculpou — ele exclamou, a mão sobre o coração, seu bom humor retornando. — Então. Tem certeza de que vai ficar bem? — perguntou, aproximando-se um passo, com uma expressão que me pareceu ser mais do que uma preocupação de amigo por meu bem-estar.

Ele viu que eu examinava seu rosto e deu um sorriso provocador, erguendo uma sobrancelha como que fazendo uma pergunta.

— Vou ficar bem, sim, obrigada — respondi, enrubescendo, e com um passo deixei o umbral e pisei as pedras do calçamento.

— Vince vai visitá-la assim que puder — disse ele, enfiando as mãos nos

bolsos de seu *jeans* e acenando a cabeça em despedida.

Acenei de volta e lentamente percorri o pátio em direção à rua, sentindo como se estivesse em um sonho.



O FIM DE SEMANA PASSOU COMO UM BORRÃO INDISTINTO, meu corpo fazendo uma coisa e minha mente distante dali, de volta à casa na rua de Grenelle.

Eu não sabia quando teria notícias de Vincent. Na manhã de segunda-feira, quando Georgia e eu saímos para a escola, encontrei um envelope preso com fita adesiva à porta de entrada de nosso prédio, com meu nome manuscrito em uma letra bonita e antiga. Eu o abri, e de dentro tirei uma folha de papel branco espesso, na qual estava escrito, com letra floreada, “Em breve. V.”.

— Quem é V? — indagou Georgia, erguendo as sobrancelhas.

— Ah, é só aquele cara.

— Que cara? — ela perguntou, detendo-se de repente e agarrando meu braço. — O criminoso?

— É — eu ri, me soltando de sua mão e puxando Georgia na direção do metrô. — Só que ele não é um criminoso. Ele é... — *Ele é um revenant, um tipo de monstro desmorto-anjo-da-guarda que corre de um lado para o outro salvando vidas humanas.* — Ele só anda por aí com uma galera meio duvidosa.

— Hum... Acho que eu devia conhecê-lo.

— Sem chance, Georgia. Eu nem sei se a gente vai continuar se vendo. Tudo o que preciso é que você não se meta e não complique as coisas antes que eu possa decidir se gosto mesmo dele.

— Ah, você gosta dele, sim.

— Ok, eu gosto dele. Quero dizer, antes que eu decida se vou continuar me encontrando com ele.

Ela me olhou com incredulidade.

— Não posso explicar, Georgia. Não vamos falar sobre isso. Prometo que lhe conto se algo acontecer.

Caminhamos em silêncio por cerca de dois segundos antes de ela se sair com esta:

— Não se preocupe. Não vou tentar roubá-lo de você.

Acertei-a com minha sacola de livros, enquanto descíamos correndo as escadas para o metrô.

Vincent dissera que queria me ver “em alguns dias”, mas estávamos no quarto dia, e eu tinha começado a me perguntar quando, ou mesmo se, voltaria a vê-lo. Talvez ele tivesse mudado de ideia a meu respeito assim que se recuperou. Ou talvez Jean-Baptiste o tivesse feito mudar de ideia. Só fiquei pensando em seu bilhete e torcendo para que ele aparecesse.

Depois que o último sinal tocou na terça-feira, cruzei o portão de entrada da escola para ir ao ponto de ônibus. Meus passos se tornaram mais lentos quando divisei um vulto familiar do outro lado da rua. Era Vincent.

Seu cabelo negro brilhava sob o sol do final de setembro, e ele irradiava energia e vida. Parecia algum tipo de criatura mitológica perfeita. *Ele é algum tipo de criatura mitológica perfeita*, lembrei a mim mesma. Fiquei sem fôlego. Embora seus olhos estivessem ocultos detrás de óculos espelhados, seus lábios se curvaram em um sorriso quando ele me viu sair pelo portão.

Uma Vespa *vintage* vermelha estava estacionada perto de Vincent, e, quando cruzei a rua, ele ergueu um capacete que combinava com ela. Depois da espera de quatro dias, eu queria abraçá-lo de alívio. Mas, ao chegar a um passo de distância, parei, indecisa, me lembrando de sua aparência da última vez que o vi.

Ele estivera próximo da morte. Deitado em sua cama, quase sem vida, como numa cena de um velho filme de terror em preto e branco. E agora estava ali, quatro dias depois, transpirando saúde por todos os poros. O que tinha de errado comigo? Eu devia estar correndo *para longe* dele, o mais rápido que pudesse, e não em direção a seus braços. *Monstro, não humano*, lembrei a mim mesma.

Ele viu quando hesitei e, embora estivesse se curvando para me saudar,

deu um passo atrás e esperou que eu fizesse o primeiro movimento.

— Oi. Você parece bem mais... vivo — disse eu, com um sorriso tenso, enquanto dentro de mim a batalha entre impulso e cautela prosseguia.

Ele sorriu e esfregou a nuca com uma das mãos, sua expressão um misto de timidez e pedido de desculpas.

— É. Andando, falando... — a voz dele sumiu enquanto ele observava com atenção a expressão de meu rosto.

Decida-se, pensei, me forçando a fazer algo. Estendendo a mão, peguei o capacete extra das mãos dele.

— Então, a história de voltar do reino dos mortos... Um bom truque de salão — falei, colocando o capacete.

A expressão de Vincent foi de alívio imediato.

— É, algum dia preciso lhe mostrar como isso funciona — ele riu e, passando uma perna por cima da *scooter*, estendeu a mão para mim.

Eu a tomei, vacilante. Estava quente. Macia. Humana. Acomodei-me detrás dele e empurrei bem para o fundo da mente todas as dúvidas que me incomodavam.

— Aonde vamos? — perguntei, por fim me permitindo sentir a excitação que vinha lutando para se libertar.

— Vamos só dar uma voltinha pela cidade — respondeu ele, fazendo a Vespa pegar com o pedal e partindo pela rua.

Abraçar Vincent era como um sonho, e percorrer Paris em uma Vespa *vintage* era a melhor aventura que eu tinha em anos. Cruzamos a ponte sobre o Sena e rodamos ao longo do rio. A água brilhava com a luz de outono.

Depois de uns vinte minutos, chegamos à Île Saint-Louis, uma das duas ilhas naturais do rio Sena que estão conectadas às margens por pontes e ligadas entre si por uma ponte para pedestres.

Vincent acorrentou a *scooter* a uma grade e então, pegando-me pela mão, me levou por um longo lance de degraus até a beira d'água.

— Olhe, me desculpe por não ter lhe procurado antes — disse ele, caminhando ao longo do cais de mãos dadas comigo. — Tive que fazer um trabalho para Jean-Baptiste. Vim o mais rápido que pude.

— Tudo bem — respondi, me abstendo de fazer perguntas. Eu preferia esquecer tudo o que se referisse aos eventos estranhos do final de semana

anterior, que pareciam saídos de um romance de fantasia. Queria fingir que éramos só um garoto e uma garota passando a tarde à beira do rio. Mas algo me dizia que a ilusão não ia durar muito.

Perto da ponta da ilha, a calçada estreita abria-se em um grande pátio calçado de pedras.

— Este lugar está sempre lotado durante o verão, mas ninguém vem aqui no resto do ano. Hoje ele é só nosso — disse Vincent, me levando para o lado norte.

Sentando-se na beirada do terraço, ele estendeu seu casaco sobre as pedras e ergueu a mão para que eu a tomasse. Era como se fôssemos as duas últimas pessoas da Terra. Aquele cavaleiro de armadura brilhante tinha me carregado para sua ilhazinha de paz no meio da cidade agitada e queria que nos sentássemos juntos por alguns momentos de contos de fada. *Isso não pode ser verdade.*

Ficamos olhando as ondas pequeninas faiscando e reluzindo como espelhos ao sol na superfície do rio ligeiro e verde-azulado. Grandes nuvens brancas deslizavam por um céu extenso, que raramente vemos entre os edifícios da cidade. As ondas se chocavam, barulhentas, contra a base do muro, seu ruído amplificando-se quando barcos a motor passavam velozes. Fechei os olhos e deixei a tranquilidade do lugar fluir através de mim.

Vincent tocou minha mão, quebrando o encanto. Seu cenho estava sulcado de preocupação, e ele parecia buscar as palavras certas. Por fim ele falou.

— Você sabe o que eu sou, Kate. Ou pelo menos sabe o básico.

Fiz que sim com a cabeça, imaginando o que viria a seguir.

— O fato é que... quero conhecer você. Sinto algo por você que não sentia fazia muito tempo. Mas ser o que sou torna as coisas... — ele fez uma pausa — ... complicadas.

Vendo sua expressão de sofrimento, tive vontade de tocá-lo, de reconfortá-lo, mas usei todo meu autocontrole para ficar quieta e segurar a língua. Ele obviamente havia pensado sobre o que iria dizer, e eu não queria distraí-lo.

— Você acaba de passar por uma grande perda. E a última coisa que quero é tornar as coisas mais dolorosas do que já são. Se eu fosse um cara normal, vivendo uma vida comum do dia a dia, nem estaria falando sobre isso. Só estaríamos aqui, juntos, vendo o que ia acontecer, e, se as coisas funcionassem, ótimo. Se não, cada um seguiria seu rumo. Mas não posso fazer

isso em sua consciência. Não com você. Não posso deixar que alguém com quem sinto que posso ter uma ligação profunda dê início a esta viagem sem saber as consequências. Sabendo que sou diferente. Que não tenho ideia do que pode acontecer se isso for adiante... — ele parecia abalado por suas próprias palavras e ao mesmo tempo determinado a despejar tudo. — Odeio até mesmo ter que falar com você deste jeito. É coisa demais, rápido demais.

Ele fez uma pausa e baixou os olhos para nossas mãos, separadas por poucos centímetros de calçamento.

— Kate, não posso evitar o desejo de estar com você. Por isso quero dizer tudo isto, para que você avalie. Para que decida o que quer. Eu quero tentar. Ver como as coisas podem ser entre nós. Mas eu iria embora neste exato instante se você me mandasse. Só você sabe o que é capaz de aguentar. Você é quem decide o que vai acontecer entre nós a seguir. Não precisa decidir agora, mas eu gostaria de saber como se sente sobre o que acabo de dizer.

Recolhi as pernas, que antes pendiam da beirada do cais, sobre a água, e envolvi os joelhos com os braços. Balancei o corpo para frente e para trás por alguns minutos, em silêncio, e fiz algo que raramente me permitia fazer. Pensei em meus pais. Em minha mãe.

Ela implicava comigo por eu ser impetuosa, mas sempre me disse para seguir meu coração. “Você tem uma alma antiga”, disse-me ela uma vez. “Eu não diria isso a Georgia, e pelo amor de Deus não diga a ela que lhe falei isso. Mas ela não tem a mesma intuição que você tem. A mesma habilidade em ver as coisas da forma como elas são. Não quero que você tenha medo de correr em busca do que realmente deseja na vida. Pois acho que você vai desejar as coisas certas.”

Se pudesse ver o que eu desejava agora, ela com certeza engoliria suas palavras.

Meu olhar foi dos barcos que passavam para Vincent, imóvel a meu lado. Examinei seu perfil enquanto ele olhava a água, perdido em seus próprios pensamentos. Não era sequer uma escolha. Quem eu estava tentando enganar? Eu tinha tomado a decisão da primeira vez que o vi, a despeito do que minha mente racional tivesse tentado me convencer desde então.

Aproximei meu corpo do dele. Estendendo a mão, passei os dedos por seu braço, as pontas deslizando por sua pele cálida. Ele virou o rosto e me olhou com

uma adoração que fez meu coração perder uma batida. Roci os lábios pela pele bronzeada de sua face e me preparei para ter a força necessária para dizer o que devia dizer.

— Não posso, Vincent. Não posso dizer sim.

Os olhos dele mostraram dor, desespero até, mas não surpresa. Minha resposta foi a que ele esperava.

— Mas também não estou dizendo não — prossegui, e ele relaxou a olhos vistos. — Se vamos continuar a nos ver, preciso lhe pedir algumas coisas.

Ele deu uma risada rouca, *sexy*.

— Então você está fazendo exigências, não? Bom, vamos ver quais são.

— Quero acesso ilimitado.

— Parece interessante. Acesso a quê, exatamente?

— A informação. Não posso ir adiante se não entender no que estou me metendo.

— Você precisa saber de tudo neste momento?

— Não, mas também não quero ter a impressão de que você está escondendo algo.

— Parece justo. Desde que funcione em mão dupla.

Um leve sorriso se formou em seus lábios perfeitamente esculpidos. Afastei o olhar, antes que perdesse a coragem.

— Preciso saber quando não puder ver você por um tempo. Quando acontecer aquela história de sono da morte. Assim não vou ficar preocupada, achando que espantei você com minha mortalidade. Ou com minhas perguntas intermináveis.

— Concordo. É fácil saber de antemão, quando as coisas correm normalmente. Mas se acontecer alguma coisa que... mude os planos...

— Alguma coisa tipo o quê?

— Você lembra que lhe contamos de que modo permanecemos jovens?

— Ah. Sim — a cena horrível de Jules pulando na frente do trem voltou a minha mente. — Você quer dizer se tiver que “salvar alguém”.

— Nesse caso, vou providenciar para que você seja avisada por alguém de minha estirpe.

Lembrei de ele já ter usado essa palavra antes.

— Por que você diz “estirpe”?

— É como nos chamamos uns aos outros.

— Soa meio medieval, mas tudo bem — disse eu, um tanto cética.

— Algo mais? — ele perguntou, parecendo direitinho um aluno arteiro esperando receber uma punição.

— Sim. Não precisa ser agora, mas... você vai ter que conhecer minha família.

Vincent deu uma gargalhada sonora que me surpreendeu, pois percebi que estava divertido e aliviado. Inclinando-se para mim, ele me tomou nos braços e disse:

— Kate, eu sabia que você era uma garota à moda antiga. Uma garota bem do meu estilo.

Deixei-me derreter em seu abraço por alguns segundos e em seguida me afastei, assumindo a expressão mais séria que consegui.

— Não estou me comprometendo a nada, Vincent. Só com nosso próximo encontro.

E de súbito foi como se minha antiga eu — aquela eu do Brooklyn, anterior ao acidente de carro — estivesse olhando de fora para a nova eu, a Kate que menos de um ano antes fora forçada a crescer de repente. A Kate marcada pelas cicatrizes da tragédia. Fiquei assombrada por ver a mim mesma sentada ao lado daquele rapaz maravilhoso e dirigindo-lhe palavras tão cautelosas. Como eu havia me transformado nessa pessoa tão sensata? Como podia eu estar ali sentada, estoicamente impondo condições para algo que eu desejava mais do que qualquer outra coisa na vida?

Autopreservação. Essa palavra me veio à mente, e eu soube que estava fazendo a coisa certa. Todo meu ser fora dilacerado quando perdi meus pais. Eu não queria me abrir e me apaixonar por Vincent e me arriscar a perdê-lo também. Bem no fundo eu sabia que mal havia conseguido sobreviver ao “desaparecimento” de meus pais. Talvez não sobrevivesse a outro.



— VAMOS CAMINHAR UM POUCO — DISSE VINCENT E, me ajudando a ficar de pé, ofereceu o braço para que eu o tomasse. Caminhamos olhando os barcos que passavam por nós, cortando as águas verde-escuras, deixando uma esteira de espuma atrás de si e produzindo longas ondas que se chocavam com as pedras sob nossos pés.

— Então, como você... morreu? — perguntei. — Quer dizer, da primeira vez.

Vincent pigarreou.

— Posso deixar para contar minha história mais tarde? — ele pediu, parecendo pouco à vontade. — Não quero assustar você, falando sobre como eu costumava ser, antes de ter a chance de mostrar como sou agora.

Ele deu um sorriso inseguro.

— Isso quer dizer que também não preciso falar do meu passado? — devolvi.

— Não. Sobre tudo porque eu mal comecei a entender você — ele fez uma pausa. — Por favor, só não me pergunte agora. Qualquer pergunta menos essa.

— Ok, então que tal... por que você tem uma foto minha do lado de sua cama? — provoqueei-o.

— Isso a assustou? — ele disse, rindo.

— É, mais ou menos — admiti. — Se bem que vi a foto um segundo depois de encontrar você morto na cama, de modo que o fator susto já estava bem alto.

— Bom, Charlotte e eu tivemos que brigar por ela. Você viu as fotos nas paredes de meu quarto?

— Sim, e também no quarto de Charlotte. Ela disse que eram as pessoas que ela tinha salvado.

— Isso. São os nossos “resgates”. E, depois que salvamos você, nós dois disputamos a sua foto.

— Como assim? — eu estava confusa.

— Bom, sabe aquele dia, no café, quando você quase virou parte da história de Paris?

— Sim.

— Charlotte lhe chamou, e você saiu da mesa a tempo de escapar da pedra que caiu. Mas fui eu quem disse a ela que aquilo estava prestes a acontecer.

— Você estava lá? — perguntei, estacando e erguendo os olhos para o rosto dele.

— Sim... em espírito. Não fisicamente — respondeu Vincent, puxando-me para continuarmos caminhando.

— Em espírito? Pensei que você tinha dito que vocês não são fantasmas.

A mão dele segurou a minha, e foi como se eu tivesse recebido uma minidose de tranquilizantes.

— Pode parar com esse “toque tranquilizante”. Só precisa explicar. Eu aguento.

Vincent continuou segurando minha mão, mas o sentimento cálido e difuso desapareceu. Ele deu um sorriso culpado, como se tivesse sido pego colando na prova.

Sem ficar orgulhosa demais comigo mesma, avaliei que estava lidando muito bem com a situação. Além de descobrir que o sujeito de quem eu gostava era imortal, percebi que estava aceitando bem as aulas sobre todas aquelas coisas sobrenaturais. Não tinha ficado aterrorizada. Não muito. Ok, exceto quando vi Jules morrer. E quando encontrei as fotos do obituário. E quando encontrei Vincent “morto” na cama. *Situações em que se aterrorizar era uma reação perfeitamente compreensível*, tranquilizei a mim mesma.

Vincent estava falando, e tentei me concentrar.

— Outra hora conto essa história de espírito. Voltando ao fato de eu estar acompanhando Charlotte e Charles... é nosso comportamento padrão como *revenants*. Em geral saímos em grupos de três quando estamos “caminhando”. É como chamamos quando saímos para... hã... patrulhar. Assim, se algo acontece...

— Como aconteceu com Jules no metrô?

— Exato. Os outros então avisam Jean-Baptiste, que toma as providências necessárias para que recuperemos o corpo.

— E como ele faz isso? Ele tem contatos no necrotério da cidade?

Falei de brincadeira, mas Vincent sorriu e assentiu.

— E na polícia, entre outras organizações.

— Útil — comentei, tentando não parecer surpresa.

— Muito — concordou ele. — Devem achar que Jean-Baptiste é algum gângster, ou um necrófilo, mas a quantidade de dinheiro que ele paga parece que faz as pessoas esquecerem todas as perguntas.

Fiquei em silêncio, imaginando como devia ser complicada toda essa atividade de desmorts-salvadores-de-vidas. E, sem saber, eu tinha caído bem no meio dessa festa tão bem planejada. Não era de estranhar que eu não estivesse na lista de convidados VIPs de Jean-Baptiste.

— Charlotte explicou que, enquanto estamos dormentes, o corpo está morto mas a mente continua ativa.

— Sim.

— Ela deu uma simplificada. Na verdade, no primeiro dos três dias de dormência, tanto o corpo quanto a mente estão mortos. Tudo está desligado, como num cadáver qualquer. Mas, no segundo dia, passamos para outro modo; só o corpo está morto. Se sofremos algum ferimento desde a última dormência, o corpo começa a se curar sozinho. E a mente acorda. Por dois dias, nossa consciência pode se libertar do corpo. Podemos viajar. Podemos falar com os outros.

Eu não conseguia acreditar. Havia mais “regras dos *revenants*”. *Mais absurdo, impossível*, pensei.

— Vocês flutuam por aí, fora do corpo? Agora entendo por que Charles disse que vocês eram fantasmas.

Vincent sorriu.

— Quando a mente de um de nós deixa o corpo, dizemos que está *volant*.

— *Volant*, de “voador”?

— Exato. E, enquanto estamos no estado *volant*, temos uma espécie de sexto sentido aguçado. Não é bem uma adivinhação do futuro, mas podemos sentir quando está para acontecer algo que pode dar aos outros a chance de

salvar alguém. É como ver o futuro, mas só ao redor imediato de onde estamos, e apenas um minuto ou dois adiante do presente.

Corrigindo... Dá para ficar mais absurdo.

Vincent deve ter percebido a hesitação em meus passos e adivinhado que estava sendo demais para mim. Ele me levou até um banco de pedra ao longo do cais e se sentou comigo, me dando tempo de processar toda aquela história impossível. Diante de nós, o reflexo dos prédios que margeavam o rio ondulava na superfície da água.

— Sei que tudo isso soa estranho, Kate. Mas é um dos dons que temos como *revenants*. Um de nossos poucos “superpoderes”, como diz você. Quando você nos viu, a Jules e a mim no metrô, na verdade éramos três. Ambrose estava *volant*, e nos alertou pouco antes de o homem pular. Jules disse que se encarregaria, enquanto eu evitava que você visse tudo.

Vincent deu um sorriso levemente envergonhado e prosseguiu.

— Também foi por causa de Ambrose que esbarramos com você no Museu Picasso. Ele viu você quando estávamos do lado de fora e sugeriu que entrássemos para uma “aula sobre cubismo”.

— Mas como Ambrose sabia quem eu era? — perguntei, incrédula.

— Forçar um encontro foi uma brincadeira de Ambrose. Eu já tinha falado de você para os outros, antes mesmo de salvar você no café.

Ele apanhou uma folha seca e começou a esmagá-la entre os dedos.

— Sério? — exclamei, atônita. — Mas sobre o que você tinha falado?

— Ah... você adoraria saber, não é? — ele deu um sorriso meio misterioso. — Não posso revelar todos meus segredos de uma vez só. Permita que eu conserve ao menos um farrapo de minha dignidade!

Revirei os olhos e fiquei esperando o que estava por vir. Mas por dentro eu exultava com a revelação.

— De qualquer modo, no dia em que você quase foi esmagada pela pedra, eu estava *volant* com Charlotte e Charles, e vi a fachada do edifício desabando um minuto antes que isso acontecesse. Conteí a Charlotte que você tinha que sair de lá, e ela acenou, lhe chamando. Foi por isso que nós dois queríamos sua foto para nosso “Hall da Fama”.

Ele sorriu e ergueu o olhar, da folha agora destruída para meus olhos, analisando minha reação.

— Mas por que as fotos? Elas são... — estremei — ... troféus?

— Não é que a gente fique se gabando. Ou competindo. É algo mais profundo. — O sorriso de Vincent foi substituído por uma expressão inquieta. — Não é difícil ficarmos meio... obcecados... com quem salvamos, especialmente pessoas pelas quais morremos. Morrer uma vez atrás da outra não é fácil. E é difícil não querer saber o que aconteceu depois com a pessoa que foi salva. Se a experiência de quase-morte mudou a vida dela. Se o sacrifício que fizemos teve um efeito em cadeia nela, em sua família, nas pessoas que ela conhece, e assim por diante.

Ele deu uma risada constrangida e continuou.

— Se não formos cautelosos, podemos acabar virando perseguidores delas. Acontece. É uma armadilha fácil para quem não está alerta. Por sorte, Jean-Baptiste tem duzentos anos de experiência como desmorto. Ele nos faz seguir um “Plano de Três Passos” — Vincent deu um sorrisinho. — Podemos voltar e fotografar a pessoa depois do salvamento. Depois, na forma *volant*, podemos visitá-la duas vezes para ver como está, mas sem nenhum tipo de comunicação. Depois disso, temos que nos contentar pesquisando no Google.

— Então Ambrose mandou essa regra às favas quando fez com que nós dois fôssemos à mesma sala do museu.

Ele sorriu.

— As regras já tinham ido para o espaço. Como eu disse, meu fascínio por você começou bem antes do acidente com a fachada do prédio.

Vincent evitou meus olhos. Jogando na água os restos da folha, ele estendeu a mão e a pousou sobre a minha. Ouvi um sinal de alerta disparar no fundo da mente enquanto eu digería a informação que ele acabara de dar. Então percebi uma coisa.

— Vincent, quer dizer que, mesmo sem ter morrido por mim, você ficou “obcecado” comigo depois de salvar minha vida?

— *Mais* obcecado — ele admitiu, ainda sem me olhar.

— Então, se a obsessão é inevitável, o que me torna diferente das outras pessoas que você salvou? Quem sabe você só gosta de mim porque sou sua vizinha e cruza seu caminho mais do que o normal. Você me salvou, mas, em vez de sumir da sua vida como os outros, vivo aparecendo, e isso alimenta a obsessão. Quem sabe não é só isso?

Ele ficou em silêncio.

— É isso, não é? — sacudi a cabeça, angustiada. Meu estômago se contraiu em um nó de amargura. — Eu ficava imaginando como alguém como você podia se interessar por alguém como eu. Das primeiras vezes que nos vimos, você agiu como se eu fosse só uma admiradora bobona, mas de repente começou a me olhar como se eu fosse a garota dos seus sonhos, e eu não consegui entender. Essa é a resposta. Não teve nada a ver comigo. É só uma espécie de vício sobrenatural de salvar vidas que todo *revenant* tem.

Eu sabia que não podia ser verdade, pensei com meus botões.

Vincent baixou a cabeça, colocou-a entre as mãos e ficou nessa posição por um minuto, massageando as têmporas antes de falar:

— Kate, já salvei centenas de mulheres e nunca senti isso por nenhuma. Me interessei por você antes de salvar sua vida. Tudo bem, depois do salvamento você ficou ainda mais inesquecível. Isso meio que fortaleceu minha decisão de conhecer você. Acho que pareci um idiota na primeira vez que conversamos, mas fazia muito tempo que não me permitia sentir algo por alguém. Estou fora de forma para agir como humano. Você precisa acreditar em mim.

Procurei no rosto dele algum sinal de que estivesse mentindo. Ele parecia completamente sincero.

— Vai ter que ser franco comigo, Vincent. Se de repente você perceber que é só isso o que sou, alguém que você salvou e com quem conseguiu manter contato, então vou querer saber na mesma hora.

— Serei franco, Kate. Nunca vou mentir para você.

— Nem vai deixar de dizer as coisas que eu deveria saber.

— Palavra de honra.

Assenti com a cabeça. O sol já se punha, e as luzes começaram a se acender nos prédios ao redor, seus reflexos dançando na água como chamas tremeluzentes.

— Kate, o que você sente?

— Sinceramente?

— Sinceramente.

— Medo.

— Vou levar você para casa — disse Vincent, a decepção evidente em sua voz. Ele ficou em pé e me ergueu.

Não!

— Não... ainda não — exclamei. — Não vamos terminar o dia desse jeito. Vamos fazer algo. Algo normal.

— Algo que não seja ficar falando sobre morte, espíritos voadores e imortais obcecados?

— Isso seria legal.

— Que tal jantar? — sugeriu ele.

— Ok. Mas preciso avisar Georgia de que não vou comer em casa.

Peguei o celular na bolsa e mandei um torpedão: **Saindo pra jantar. Por favor, diz pra M & P que não vou chegar tarde.**

Vincent pegou minha mão e entrelaçou os dedos com os meus, lançando pequenas ondas de choque através de meu coração. O celular tocou quando chegamos ao alto da escada. Era Georgia.

— Oi.

— E aí, com quem você vai jantar?

— *E aí*, por que você quer saber? — sorri, olhando de lado para Vincent.

— Vamos dizer que estou levando bem a sério meu papel como sua guardiã legal — ela ronronou.

— Ah, mas isso você não é *mesmo*.

Ela riu.

— Com quem você está?

— Um amigo.

— V?

— Na verdade, sim.

— Ah, meu Deus, aonde vocês vão? Vou aparecer por lá e fingir que estava só passando, e aí posso ver como ele é.

— Sem chance. Além do mais, ainda nem sei aonde vamos.

Vincent me deu um sorriso maroto.

— Georgia? — perguntou. Fiz que sim, e ele apanhou meu celular.

— Oi, Georgia? Aqui é Vincent. Será que eu devia ter pedido sua autorização antes de sair com sua irmã? — ele riu, e percebi que Georgia já estava usando nele seu charme irresistível.

Por fim ele disse:

— Não, acho que uma apresentação formal à família não estava nos

planos hoje, mas tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde vamos nos conhecer. Por que não? — ele piscou para mim, e estremeci. Era incrível como ele me afetava. De um modo perigoso. — Vai ter que perguntar a sua irmã. É ela quem dá as ordens.



SENTAMOS FRENTE A FRENTE, AO REDOR DE UMA MESA pequenina em um restaurante que parecia uma adega, no Marais. Dezenas de velas bruxuleantes iluminavam o espaço ao redor. Nossas pernas se cruzavam sob a mesa, a minha entre as dele, e o contato físico manteve meu sangue numa constante fervura em fogo baixo, do momento em que nos sentamos ao momento em que saímos.

Eu ficava tentando evitar a sensação de que Vincent e eu já éramos um casal. Afinal de contas, era nosso primeiro encontro de verdade, e, além das informações quase inacreditáveis sobre sua condição de monstro, eu não sabia nada sobre ele. Não era a hora de baixar a guarda. Decidi levar as coisas de uma maneira *light*.

— Você falou inglês comigo a tarde toda e não cometeu nem um errinho — comentei enquanto esperávamos a comida.

— Quem dorme tão pouco quanto nós tem tempo de sobra para coisas como livros e filmes. Prefiro ler na língua original e ver filmes sem legendas. Desse jeito consegui aprender meus idiomas favoritos: inglês, italiano e algumas línguas escandinavas.

— Estou começando a ficar intimidada.

— Tenho certeza de que você se sairia muito melhor do que eu, se tivesse décadas suficientes — respondeu ele, seus olhos brilhando à luz faiscante das velas.

O garçom colocou diante de nós nossos pratos.

— *Bon appétit* — disse Vincent, esperando que eu pegasse os talheres antes

de fazer o mesmo.

— Quer dizer que você come comida normal — comentei, observando Vincent cortar um pedaço de seu *magret de canard*.

— Hein? Você achava que eu ia pedir cérebro cru? Pensei que esta noite iríamos evitar tópicos de conversação sobrenaturais — ele disse, rindo.

— Não é toda noite que janto com um imortal — devolvi. — Me dá um desconto.

— Comemos coisas normais. Bebemos coisas normais. Não dormimos, exceto quando estamos dormentes, mas isso não conta como sono, na verdade. De qualquer modo, todo o resto funciona igual... — ele estreitou os olhos de forma sugestiva, e seus lábios formaram um sorriso *sexy*. — Ou pelo menos foi o que me disseram.

Corei e concentrei a atenção em meus talheres.

— Kate?

— Hã?

— Qual seu nome completo?

— Kate Beaumont Mercier. Beaumont era o sobrenome de solteira de minha mãe.

— É francês.

— É. Tenho origem francesa dos dois lados da família. De qualquer modo, é costume do sul dos Estados Unidos dar aos filhos o sobrenome da mãe. Foi onde minha mãe cresceu. No estado da Georgia, para ser exata.

— Agora tudo vai se encaixando — Vincent sorriu.

— E você?

— Vincent Pierre Henri Delacroix. Na França temos dois nomes do meio. Pierre era o nome de meu pai, e meu avô se chamava Henri.

— Parece bem aristocrático.

— Talvez fosse, faz muito, muito tempo — Vincent riu. — Mas minha família não chegava perto da de Jean-Baptiste. É fácil adivinhar o tipo de ascendência que ele tem.

— Acho que Jean-Baptiste não gosta muito de mim — murmurei.

Vincent ficou sério.

— Quero que você saiba que, embora Jean-Baptiste seja como da minha própria família, a opinião dele sobre você não me interessa. Se para você é

importante que ele goste de você, então fique tranquila: com o tempo isso vai acontecer. Você tem que ganhar a confiança dele... Ele não é fácil de conquistar. Mas, até lá, você está comigo. Ele vai respeitar minha escolha e vai ser educado daqui em diante.

Vincent percebeu a dúvida em meu rosto e se apressou em acrescentar:

— Claro, isso se continuarmos a sair. E eu espero que sim.

Acenei com a cabeça para indicar que entendia, e Vincent, parecendo aliviado em ver que eu não tinha saído correndo depois de seu desabafo hipersincero, mudou de assunto.

— E aí, você e sua irmã são muito próximas?

— É, ela é menos de dois anos mais velha que eu, e a gente sempre brincou que somos gêmeas. Mas somos muito diferentes.

— Diferentes como?

Pensei em como descrever minha irmã, a borboleta social, sem fazer com que parecesse frívola.

— Georgia é totalmente extrovertida. Não que eu seja uma eremita, mas não me importo em ficar sozinha. Minha irmã tem que estar com outras pessoas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Em Nova York todos a conheciam. Ela sempre dava um jeito de encontrar as melhores festas e estava o tempo todo rodeada por sua turma: a galera de bandas, DJs, artistas performáticos.

— E me deixe adivinhar. Você estava sempre ocupada demais lendo e visitando museus para poder ir com ela.

Eu ri ao ver o sorriso divertido de Vincent.

— Não, às vezes eu ia com ela. Mas não era o centro das atenções como Georgia. Era só sua irmã mais nova. Ela tomava conta de mim e sempre pedia para alguém do grupo garantir que eu me divertisse.

Não contei que ela sempre escolhia um “par” para mim: caras descolados e lindos que, para meu espanto, sempre levavam numa ótima tarefa de distrair a irmã de Georgia. Alguns desses arranjos acabavam indo adiante. Não muito adiante, de fato, mas, se um daqueles sujeitos de repente estava em alguma festa onde Georgia e eu estávamos, eu sabia que teria com quem dançar, papear ou, quem sabe, ficar em algum canto escuro, mais tarde. Georgia costumava chamá-los de “meus garotos de festa”.

Agora, com Vincent sentado a minha frente, irresistível, eles pareciam fantasmas. Sombras, comparados com ele.

— Eu estava preocupada com ela. Não sabia como Georgia encararia perder o trono de rainha-do-agito-noturno quando nos mudássemos — continuei.

— Mas subestimei minha irmã. Ela está quase atingindo o mesmo nível aqui.

— Cidade diferente, mesmo cenário?

— Ela sai praticamente todas as noites em que Papy e Mamie não a forcem a ficar em casa. Mas aqui eu não a acompanho.

— Eu sei — comentou ele, fisingando uma batata com o garfo. Então ficou imóvel e ergueu os olhos depressa para ver se eu tinha notado seu deslize.

— O quê? — perguntei, surpresa, e de repente recordei as palavras de Ambrose. *A gente averiguou, e com certeza não é uma espiã.* — Vocês nos seguiram!

Sentindo-me ao mesmo tempo lisonjeada e alarmada, recolhi as pernas, afastando-as das dele, e as mantive de meu lado da mesa.

— Não seguiam Georgia, só você. E não era eu quem seguia, pelo menos a partir do dia em que nos falamos no Museu Picasso. Depois daquilo, achei que devia respeitar sua privacidade. Eram Ambrose e Jules; quando souberam que eu estava... interessado por você, eles quiseram ter certeza de que você não era um perigo para nós. Mas eu nunca duvidei de você. Sério.

— Um “perigo”? — perguntei, abalada.

Vincent suspirou.

— Nós temos inimigos.

— O que você quer dizer?

— Vamos mudar de assunto — cortou ele. — A última coisa que quero é ver você envolvida em algo que possa colocá-la em perigo.

— *Você* está em perigo? — indaguei.

— Não temos contato muito frequente com eles. Mas, quando isso acontece, sempre acaba com um dos lados querendo destruir o outro. Como você me pediu para ser franco, tenho que responder que sim. Mas tenho décadas de experiência em me proteger. Não quero que você se preocupe.

De súbito recordei o passeio noturno com Georgia ao longo do cais.

— A noite que vi você mergulhando no Sena atrás da garota. Tinha gente lutando debaixo da ponte. Com espadas.

— Bom, então você já os viu. Aqueles são os *numa*.

Até o nome parecia cruel. Estremeci.

— O que eles são?

— O mesmo que nós, só que ao contrário. São *revenants*, mas seu destino não é salvar vidas. É destruí-las.

— Não entendo.

— Nós nos tornamos imortais quando morremos salvando a vida de alguém. Eles ganham a imortalidade tirando vidas. O universo parece gostar do equilíbrio — o sorriso dele era amargo.

— Você quer dizer que eles são assassinos ressuscitados? — senti uma lâmina gélida de pânico rasgar o caminho de meu estômago ao coração.

— Não só assassinos. Todos eles traíram alguém, causando-lhe a morte. Respirei fundo.

— O quê? Espera aí. Você quer dizer que qualquer um que morra depois de uma traição mortal se transforma em um vilão imortal?

— Não, não qualquer um. Só alguns. É como acontece conosco. Nem todo mundo que morre salvando alguém ressuscita. Explico outra hora, é meio complicado. Tudo o que você precisa saber é que os *numa* são maus. São perigosos. E nunca morrem porque continuam matando. E, para eles, é muito fácil matar. Em geral são como mafiosos, chefiando esquemas de prostituição e de drogas, e para ter uma fachada legal possuem bares e casas noturnas. Desse jeito, não é de surpreender que as oportunidades de cometer mortes e traições sejam bem frequentes.

— E eram essas... coisas que estavam lutando debaixo da ponte naquela noite?

— Sim. A garota que pulou tinha se envolvido com eles. Eles a forçaram a tomar a decisão de se matar e foram junto para terem certeza de que ela iria até o fim.

— Mas parecia tão novinha. Que idade ela tem?

— Catorze.

Estremeci.

— E por que você estava lá? — perguntei.

— Charles e Charlotte estavam caminhando, com Jules *volant*. Jules viu a cena antes que ela acontecesse e voltou depressa para casa para chamar a mim

e a Ambrose. Quando chegamos, os gêmeos retiveram alguns dos *numa* sob a ponte enquanto a garota... Bom, você viu o que aconteceu. Eu a alcancei logo antes de ela pular.

— Vocês pegaram os... caras maus? — eu não quis pronunciar aquele nome, pois ele tinha um efeito perturbador em mim.

— Dois deles, sim. Outros dois escaparam.

— Então vocês não são só salvadores de pessoas. Vocês também matam gente.

— Os *numa* não são gente. Quando temos a chance de destruir um *revenant* do mal, nós o fazemos. Os humanos sempre podem mudar; é por isso que evitamos matá-los, se possível. Sempre existe a possibilidade de redenção no futuro. Mas não os *numa*. Eles começaram a trilhar seu caminho enquanto eram humanos. Quando se tornam *revenants*, estão além de qualquer esperança de salvação.

Então Vincent era um assassino, pensei. Um assassino de caras maus, mas ainda assim assassino. Eu não sabia o que pensar.

— E a garota que pulou da ponte?

— Ela está bem.

— Você está obcecado com ela?

— Agora que sei que está tudo bem com ela, não. — Por baixo da mesa, ele puxou minhas pernas de volta para o meio das dele, e um pouco do aconchego retornou. — É uma sorte que os *revenants* não consigam ler as mentes uns dos outros, porque Jean-Baptiste me mataria se soubesse que lhe falei dos *numa*.

— Uma falha da segurança? — brinquei.

Vincent sorriu.

— Sim, mas eu confio em você, Kate.

— Não tem perigo. Você já deve saber, graças a sua rede de espionagem, mas não tenho ninguém para quem contar, mesmo que quisesse. Não tenho nenhuma horda de amigos ansiosos para ouvir fofocas sobre os desmorts.

Vincent riu.

— Não. Mas você tem a mim.

— Então, quando estiver com você, vou tomar um supercuidado para não deixar escapar nenhum segredo sobre monstros.

— Como pode ser que ficamos conversando por duas horas e ainda não sei nada sobre você? — reclamei quando saímos do restaurante.

— Como assim? — respondeu Vincent, dando partida na *scooter*. — Eu lhe contei um monte sobre nós.

— Sobre vocês como um grupo, sim, mas coisas pessoais suas, nada — gritei acima do barulho do motor. — Você não me deixou fazer pergunta nenhuma. Isso me coloca em desvantagem.

— Sobe — ele disse, rindo. Montei na garupa e o envolvi com os braços, me sentindo quase no céu.

Cruzamos o rio e fomos em direção a nossa parte da cidade. Com o vento fustigando meu cabelo abaixo da borda do capacete, e o corpo quente de meu... namorado em potencial apertado contra mim, desejei que continuássemos rodando até chegarmos ao Atlântico, a mais de quatro horas de distância. Mas, quando o Museu do Louvre apontou lá do outro lado do Sena, Vincent reduziu e encostou junto à margem do rio. Desligou a Vespa e acorrentou-a a um poste, antes de pegar minha mão e me levar rumo ao rio.

— Ok, me pergunte alguma coisa — disse.

— Aonde você está me levando?

Ele riu.

— Você tem direito a uma pergunta e é assim que a usa? Tudo bem, Kate. Como você tem sido muito paciente, vou responder.

Caminhamos até a Pont des Arts, uma ponte de madeira para pedestres que atravessa o rio, e começamos a percorrê-la.

A cidade resplandecia como uma árvore de Natal, as pontes iluminadas com luzes que lhes davam aparência majestosa e etérea. A torre Eiffel reluzia na distância, e o reflexo da lua brilhava na superfície da água que se agitava abaixo de nós.

Chegamos ao centro da ponte. Vincent me fez ir até o peitoril e, ficando por trás de mim, me envolveu com os braços e me apertou contra si. Fechei os olhos e inalei, enchendo os pulmões com o odor quase marinho do rio, que, com os anos, eu passara a associar com um estado de paz. Meu coração se aquietou e então, quando os músculos de Vincent se flexionaram ao redor de meus ombros, acelerou.

Ficamos ali, olhando juntos para a Cidade Luz por um breve e eufórico momento, antes que ele baixasse a cabeça e sussurrasse:

— A resposta para sua pergunta sobre onde eu estava levando você é... para o lugar mais belo de Paris. Com a garota mais bela que já tive a sorte de encontrar, e que torço desesperadamente que concorde em sair comigo de novo. O quanto antes, melhor.

Ergui o olhar por cima do ombro e encontrei sua expressão sincera. Devagar ele me virou para que ficássemos frente a frente. Ficou me olhando por um minuto inteiro, com seus grandes olhos escuros, como se tentasse memorizar cada milímetro de meu rosto.

Então ergueu a mão para afastar uma mecha de meu cabelo, ajeitando-a suavemente atrás de minha orelha, enquanto erguia meus lábios até os seus.

Nossas peles mal se encostaram. Ele estava hesitante, como se soubesse o que queria mas tivesse medo de me assustar. Nossos lábios se tocaram, e foi como se uma corda tivesse sido dedilhada dentro de mim, fazendo meu corpo ressoar com uma nota musical límpida. Ergui os braços para envolver o pescoço dele, devagar, temerosa de que um movimento súbito pudesse romper o encantamento. Mas, quando os lábios dele novamente encontraram os meus, a magia se avolumou, e a nota se expandiu em um *crescendo* arrebatador, que bloqueou qualquer outro som.

Paris desapareceu. O marulhar das ondas sob nós, o murmúrio do trânsito em ambas as margens do rio, os sussurros dos casais que passavam por nós de mãos dadas, tudo desapareceu, e Vincent e eu fomos as únicas pessoas que restaram na face da Terra.



ALGO SE MOVEU NOS PÉS DE MINHA CAMA. ABRI UM olho com dificuldade e, através da névoa de um sonho interrompido, vi minha irmã acomodada na beirada do colchão. Ela parecia agitada demais para aquela hora da manhã. Ou ainda era noite?

— Conte tudo! — ordenou, erguendo uma sobrancelha. E então, arrancando as cobertas que eu puxara por cima da cabeça, tentou soar severa. — Se não contar, não vou permitir que você o veja de novo.

Gemendo, esfreguei os olhos, estremunhada, e me ergui nos cotovelos.

— Que horas são? — bocejei, notando que Georgia já estava vestida.

— Você tem exatamente quinze minutos para se aprontar para a escola. Deixei você dormir até tarde.

Olhei o despertador e vi que era verdade. Em pânico, atirei longe os cobertores e saí aos saltos pelo quarto, tirando sutiã e calcinha de uma gaveta e vasculhando a pilha de roupas limpas e dobradas que estava sobre uma cadeira.

— Achei que, depois de chegar tão tarde, você ia precisar de um sono extra — ela explicou com voz doce.

— Valeu, Georgia — engrolei, vestindo uma camiseta vermelha limpa e procurando um *jeans* no guarda-roupa. E então, com uma recordação súbita do dia anterior, caí sentada na cama.

— Ah, meu Deus — exclamei, sentindo que meus lábios formavam um sorriso revelador de meus devaneios.

— Que aconteceu? Ele beijou você?

Minha cara de felicidade deve ter respondido, porque minha irmã se pôs

em pé de um salto e exclamou:

— É isso aí, preciso conhecer esse cara!

— Pare com isso, Georgia, você está me deixando envergonhada. Me dá um tempo para descobrir se eu gosto mesmo dele — protestei, enfiando os pés nas pernas da calça e ficando em pé para terminar de vesti-la.

— Já discutimos isso antes — retrucou minha irmã, me segurando pelos ombros e estudando meu rosto por um instante. — E sinto muito lhe informar, Katie-Bean, mas, pela aparência das coisas, é tarde demais.

E ela se foi do quarto, saltitante, rindo e batendo palmas.

— Fico feliz por proporcionar a diversão desta manhã — resmunguei, e me abaixei para amarrar às pressas os cordões dos sapatos.

O dia passou depressa — cada vez que me sentava para assistir a uma aula, caía em um estado de sonho, e passei as horas rememorando a noite anterior. Parecia bom demais para ser verdade: Vincent confessando seus sentimentos por mim à beira do rio, o jantar à luz de velas e então... meu coração dava um salto cada vez que eu pensava no beijo na Pont des Arts. E em como depois disso Vincent me levou para casa e me deu outro beijo, curto mas de uma ternura incrível, diante de meu prédio.

O olhar de total devoção que vi em seus olhos quando me tomou nos braços mexeu comigo. Não soube se devia ter medo ou se devia responder da mesma forma. Mas não podia permitir a mim mesma que fosse recíproco. Não estava pronta para baixar a guarda.

Na hora do almoço liguei o celular para checar as mensagens. Georgia sempre me mandava torpedos malucos ao longo do dia, e claro que havia duas mensagens dela — uma reclamando do professor de física e outra, obviamente enviada de seu celular: **Eu te amo, gata. V.**

Escrevi de volta: **Achei que ontem à noite eu tinha dito pra você sumir, seu francês insistente e sinistro.**

A resposta dela veio na hora: **Até parece! Sua cara cor de beterraba hoje de manhã dizia outra coisa... Mentirosa! Você está babando por ele.**

Dei um gemido e estava a ponto de desligar o celular quando vi que havia um terceiro torpedo, de DESCONHECIDO. Clicando nele, li: **Posso pegar você na escola? Mesmo lugar, mesma hora?**

Escrevi de volta: **Como você conseguiu meu número?**

Liguei para mim mesmo de seu celular quando você foi ao banheiro do restaurante ontem à noite. Eu avisei que nós perseguimos as pessoas!

Eu ri e agradei a minha estrela da sorte o fato de os *revenants* não poderem ler mentes; mas eu precisaria me lembrar de ter cuidado nos dias em que ele estivesse flutuando pela cidade como um espírito onisciente.

Sim x 3. Nos vemos lá, escrevi, e pelo resto do dia desisti de fingir que estava prestando atenção à aula.

Ele esperava por mim quando cruzei o portão. Meu coração acelerou quando o vi apoiado displicentemente ao tronco de uma árvore perto do ponto de ônibus. Não pude evitar que um enorme sorriso se abrisse em meu rosto.

— Oi, linda — ele me saudou, entregando-me um capacete assim que me aproximei da Vespa.

Ele tirou os óculos escuros e me deu um beijo em cada lado do rosto. E esse gesto insignificante, que na França é repetido dezenas de vezes por dia, a cada vez que você diz olá ou até logo, cada vez que é apresentado a alguém ou encontra um amigo, esses dois toques suaves chamados de *bises*, de repente assumiram um significado muito diferente para mim.

No que parecia ser uma câmera lenta, o rosto de Vincent tocou o meu, e nesse momento meus pulmões se esqueceram de como funcionar. Ele se afastou ligeiramente, e nossos olhares se cruzaram quando ele se aproximou da outra face e roçou suavemente os lábios por minha pele. Abri a boca para inalar, tentando enviar algum oxigênio para o cérebro.

— Hum, isso foi interessante — ele comentou, com um brilho nos olhos. Seu sorriso era contagiante, e fiquei rindo ao pegar o capacete da mão dele e colocá-lo, aliviada pela chance de esconder o rosto enquanto me acalmava.

— Já que faz mais frio do que o normal para esta época do ano, fiquei imaginando se você gostaria de experimentar o melhor chocolate quente de Paris — ele disse ao montar na *scooter*.

— Quer dizer que agora você está seduzindo colegas com promessas de chocolate? Você é um homem mau, Vincent Delacroix — brinquei enquanto ele dava a partida.

— E por que então você aceita minha oferta? — ele gritou acima do som

da Vespa, quando partimos.

— Porque sou ingênua de propósito — respondi, envolvendo seu corpo cálido com os braços e fechando os olhos deliciada.



NAQUELA NOITE, GEORGIA ME CERCOU NO MEU QUARTO depois do jantar.

— Você desapareceu depois da aula. Para onde foi? Fiquei esperando por você.

— Vincent foi me buscar e me levou ao Les Deux Magots.

Georgia arregalou os olhos.

— Vocês se encontraram dois dias seguidos?

— Bom, hoje não conta de verdade, foram só quinze minutos. Eu estava com pressa, porque tenho que estudar para a prova de amanhã.

— Não interessa que foram só quinze minutos. Caramba, a coisa tá ficando séria. — Ela se acomodou nos pés de minha cama. — Ai. Me conta sobre esse misterioso ex-criminoso.

— Bom — comecei, tentando encontrar coisas que pudessem ser ditas. — Ele está estudando.

— Onde?

— Hã, sabe que não sei?

Ela me olhou, meio na dúvida.

— E o que ele estuda?

— É... literatura? Acho — arrisquei.

— Você também não sabe o que ele está estudando? Bom, mas sobre o que é que vocês dois conversam?

— Ah, outras coisas. Sabe, arte, música. — *Desmortos. Imortalidade. Zumbis do mal.* Sem chance de eu contar a Georgia qualquer coisa sobre ele.

Georgia me olhou duro por um instante e então disse, irritada:

— Tudo bem. Se você não quer me falar sobre ele, beleza. Você também não sabe muito sobre a *minha* vida, mas não é por falta de eu tentar incluir você. Só parei de convidar porque sei que você vai dizer não.

— Ok, Georgia. Com quem você está saindo?

Minha irmã sacudiu a cabeça.

— Não vou dar informação se você também não der.

Peguei na mão dela e supliquei:

— Georgia, não estou tentando excluir você da minha vida de propósito. Você sabe como tenho sofrido com... bom, com tudo. Mas estou conseguindo finalmente me reerguer, e prometo me esforçar mais.

— Então você vai sair comigo neste fim de semana?

Demorei um instante para responder.

— Sim.

— Com Vincent?

— Hum...

Minha irmã me lançou um olhar que dizia: *Viu?*

— Tá bom, tá bom. Vamos sair com Vincent. Mas não vamos a nenhuma balada, Georgia, por favor.

O mau humor de Georgia se dissolveu no ato, e ela começou a pular de alegria em minha cama.

— Sem balada. Legal. Que tal um restaurante?

— Ótimo. Vou ver se ele pode. — *Ou melhor, vou ver se ele está vivo.*

— Liga para ele agora.

— Um pouco de privacidade, por favor?

— Tudo bem — concordou ela, me dando um beijo na testa. Ela foi até a porta e se virou. — Valeu, mana. Sério. É bom ter você de volta.

As luzes da rua começavam a se acender quando fomos para a estação de metrô. Vincent e Ambrose estavam apoiados à banca de jornal, conversando, e se apuraram ao nos ver. Meu coração virou uma massa derretida quando Vincent veio até mim e me beijou no rosto. Então, virando-se para Georgia, abriu seu sorriso mais charmoso.

— E você deve ser a guardiã legal de Kate... quer dizer, a irmã de Kate.

Georgia, não é?

Georgia riu e exclamou, fazendo charme.

— Olha só isso! Com certeza Katie sabe escolher os caras.

Dava a impressão de que ela podia ficar ali a noite toda, olhando nos olhos dele.

— Georgia! — ralhei, sacudindo a cabeça.

Georgia, me ignorando, olhou por cima do ombro de Vincent para Ambrose e lhe deu uma piscadinha matreira.

— Fique fria, Katie-Bean. Parece que Vincent trouxe alguém para me distrair. E você é...

— Ambrose. Encantado em conhecer a adorável irmã de Kate — ele se apresentou em francês, me lançando uma olhada de esguelha. Eu entendi. Se ela soubesse que ele era americano, começaria a fazer perguntas. Talvez perguntas demais, se bem que eu tinha certeza de que ele estava acostumado a inventar histórias. — Então, senhoritas, aonde vão nos levar?

— Pensei em irmos a um restaurantezinho que conheço no 140

Arrondissement — respondeu Georgia.

Vincent e Ambrose se entreolharam, justo quando o telefone dela tocou.

— Desculpe — ela disse, e se virou para atender à ligação.

— Não é nossa vizinhança favorita — disse Ambrose em voz baixa.

— Por quê? — perguntei.

— É meio que o território deles. Sabe, aquelas pessoas de quem lhe falei. O time adversário — explicou Vincent, erguendo os olhos para ter certeza de que Georgia não ouvia.

— O que podem eles fazer conosco ao ar livre, numa vizinhança movimentada, e junto com duas humanas? — perguntou Ambrose. Ele olhou fixo o espaço por um segundo e então se virou para mim. — Jules me pediu para lhe dizer “Oi, gata”.

— Ei, calma aí — alertou Vincent.

— Ele disse “E o que você pode fazer?” — devolveu Ambrose, cutucando Vincent.

— Jules está *volant*... aqui? Neste momento? — me espantei.

— Sim — confirmou Vincent. — Não estamos tratando de assuntos oficiais hoje, é claro, mas ele insistiu em vir junto. Disse que não queria perder a

diversão.

— Posso falar com ele? — perguntei.

— No estado *volant* só podemos ser ouvidos por outros *revenants*, não por humanos. Jules pode ouvir o que você diz em voz alta, mas só pode responder por meio de mim ou de Ambrose. Mas você precisa ter cuidado.

Ele apontou para Georgia, que estava desligando o celular.

— Que pena — disse ela. — Convidei uns amigos para ir com a gente, mas eles não podem vir.

— Vamos, então? — perguntou Ambrose, oferecendo o braço com formalidade, para que Georgia o tomasse. Ela riu, deliciada, passando o braço pelo dele, e ambos desceram as escadas.

Assim que estavam fora de alcance auditivo, eu disse:

— Oi, Jules!

Vincent riu.

— Parece que tem alguém meio apaixonado por aqui.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Jules quer que eu lhe diga que é uma pena que você tenha se interessado por alguém chato como eu. Ele adoraria poder trocar de lugar comigo e mostrar como um homem mais velho trata bem uma dama. — Ele falou para o ar: — É, ok, parceiro. Você é mais velho do que eu, quanto, vinte e sete anos? Bom, no momento estamos os dois com dezenove, por isso deixa quieto.

Fiz um rápido cálculo mental. Jules tinha nascido no final do século XIX. Desse modo, Vincent devia ter nascido na década de 1920. Sorri enquanto registrava essa informação para mais tarde. Se Vincent não queria me contar nada, talvez eu pudesse descobrir por mim mesma.

Saímos do metrô perto do imenso cemitério de Montparnasse e tomamos uma rua só para pedestres, lotada de barzinhos e cafês. Paramos em frente a um restaurante que tinha uma multidão aglomerada do lado de fora.

— Chegamos! — exclamou Georgia, entusiasmada.

— Georgia, olha só quanta gente esperando. Vai levar uma eternidade até conseguirmos uma mesa.

— Tenha fé em sua irmã mais velha — ela respondeu. — Um amigo meu trabalha aqui. Aposto que posso conseguir uma mesa já.

— Vai lá. Esperamos aqui — retruquei, indo com Vincent e Ambrose para

o outro lado da rua, para fora da agitação. Encostamos na fachada de uma loja fechada e ficamos olhando Georgia atravessar todo aquele povo.

— Sua descrição dela foi perfeita — Vincent sorriu, passando um braço ao redor de meus ombros e apertando com carinho.

— Minha irmã, o fenômeno — comentei, curtindo o abraço.

Parado junto a mim, do lado oposto a Vincent, Ambrose observava as pessoas e marcava com a cabeça algum ritmo que só ele ouvia, quando de repente se imobilizou e olhou para Vincent, sério.

— Vin, Jules diz que está vendo o Cara na vizinhança. A algumas quadras daqui.

— Ele sabe que estamos aqui? — perguntou Vincent.

— Acho que não.

Vincent afastou o braço e disse:

— Kate, temos que sair daqui. Agora.

— Mas e Georgia? — protestei, olhando para a porta de vidro. Eu via minha irmã lá dentro, conversando com a *hostess*.

— Vou buscá-la — decidiu Vincent, e começou a atravessar a multidão.

Na mesma hora, dois homens que iam passando se chocaram contra Ambrose, empurrando-o com violência contra a parede. Ele resmungou e tentou segurá-los, mas os homens se desviaram dele e se afastaram depressa, enquanto ele caía ao chão.

— Ei! Parem! — gritei, enquanto dobravam uma esquina. — Alguém pare aqueles sujeitos! — berrei para as pessoas do outro lado da rua. Algumas se viraram e olharam na direção que eu apontava, mas os homens tinham desaparecido de vista. Tudo aconteceu tão rápido que ninguém havia sequer notado.

— Vincent! — chamei, na direção da multidão.

Ele se virou e, me vendo alarmada, começou a voltar até nós.

— Ambrose, você está bem? — disse eu, me abaixando junto a ele. — Aquele cara... — comecei, mas parei, ao ver que sua camisa estava rasgada do pescoço ao peito e empapada de sangue. Ele não se movia.

Ah, por favor, que ele não esteja morto, pensei.

Eu havia visto mais violência no último ano do que em todo o resto da minha vida. Perguntei, não pela primeira vez, *Por que eu?*. Garotas adolescentes

não deviam ter semelhante familiaridade com a morte, protestei amargamente, enquanto uma sensação de pânico subia pela boca do estômago. Ajoelhei-me ao lado do vulto imóvel.

— Ambrose, pode me ouvir?

Alguém começou a se aproximar, vindo do grupo de gente.

— Ei, ele está bem?

Bem naquela hora, Ambrose estremeceu e, inclinando-se para diante, apoiou-se nas duas mãos e começou a se erguer. Ao mesmo tempo, fechou a jaqueta, escondendo o sangue na camisa, embora uma grande poça já tivesse se formado no chão.

— Ah, meu Deus, Ambrose, o que aconteceu? — perguntei.

Estendi o braço para ampará-lo, e ele apoiou em mim o peso do corpo.

— Ambrose não. É Jules — as palavras vinham dos lábios de Ambrose, mas seus olhos estavam fixos e vidrados.

— O quê? — perguntei, confusa.

Por fim Vincent chegou até nós.

— É Ambrose — informei. — Ele foi esfaqueado ou recebeu um tiro, ou algo assim. E está delirando. Acabou de me dizer que é Jules.

— Temos que tirar ele daqui antes que voltem com reforços para levar o corpo dele — instruí Vincent, em voz baixa, e então disse mais alto, para o grupinho de pessoas que vinha nos ajudar. — Ele está bem, ele está bem... obrigado!

Ele pegou um braço de Ambrose e passou-o ao redor de seus ombros.

— E quanto a Georgia? — exclamei.

— Quem quer que tenha feito isso viu você com Ambrose. É perigoso demais para você ficar aqui.

— Não posso deixar minha irmã — afirmei, disposta a ir buscá-la.

Vincent agarrou meu braço e me puxou para perto de si.

— Ela estava lá dentro quando eles atacaram, e está a salvo. Vem comigo! — ele ordenou.

Peguei o outro braço de Ambrose e o coloquei sobre meus ombros. Ele caminhava, mas parecia muito fraco. Fomos até o final do quarteirão; Vincent chamou um táxi, e nos acomodamos lá dentro. Vasculhei a rua ao partirmos. Nenhum sinal de Georgia.

— Ele está bem? — perguntou o motorista, olhando pelo retrovisor e analisando o homem grandalhão jogado em seu banco de trás.

— Bêbado — respondeu Vincent, seco, enquanto tirava seu suéter.

— Bom, não quero ninguém vomitando no meu carro — resmungou o homem, sacudindo a cabeça, desgostoso.

— Que aconteceu? — Vincent me perguntou baixinho, em inglês, erguendo os olhos para ver se o motorista entendia. Entregou o suéter para Ambrose, que abriu a jaqueta e o ajeitou sob ela. Apoiou a cabeça no encosto do banco a sua frente.

— Estávamos lá quando dois sujeitos o empurraram contra a parede. Eles saíram correndo antes que eu conseguisse entender o que estava acontecendo.

— Conseguiram ver quem fez isso? — perguntou ele.

Fiz que não com a cabeça.

— Eram dois *deles* — respondeu Ambrose. — Não consegui ver o ataque antes que acontecesse, ou eu teria alertado vocês.

— Está tudo bem, Jules — disse Vincent, pondo a mão nas costas de Ambrose para tranquilizá-lo.

— Por que você o chamou de Jules?

— Não é Ambrose que está aí. É Jules.

— O quê? Como? — fui invadida pelo terror e me afastei abruptamente do corpo largado a meu lado.

— Ambrose está inconsciente ou... morto.

— Morto — informou Ambrose.

— Ele vai... voltar à vida? — perguntei, horrorizada.

— O ciclo recomeça quando morremos. O primeiro dia da dormência tem início no instante em que morremos. Não se preocupe, Ambrose vai reanimar em três dias.

— E o que Jules está fazendo? É uma possessão?

— Sim. Ele quis tirar Ambrose de lá antes que nossos inimigos pudessem voltar para levar o corpo.

— Vocês conseguem fazer isso, quer dizer, possuir alguém?

— Outros *revenants*, sim, sob certas condições.

— Por exemplo?

— Por exemplo se o corpo ainda está em condições de se mover. —

Vendo meu assombro, ele esclareceu. — Se o corpo está inteiro. E se o *rigor mortis* ainda não se instalou.

— Argh! — fiz uma careta.

— Você perguntou! — ele relanceou os olhos pelo motorista. A julgar pela falta de interesse, ele não tinha ideia do que falávamos.

— E quanto aos humanos?

— Se estão vivos, sim, mas só se permitirem que entremos neles. E levando em conta que é muito perigoso para a sanidade mental de um humano ter duas mentes ativas ao mesmo tempo aqui dentro... — ele tocou a testa — ... ele enlouqueceria se a situação se prolongasse por muito tempo.

Estremeci.

— Não pense nisso, Kate. É muito raro acontecer. Só fazemos isso em situações extremas. Como agora.

— O que... estou aterrorizando você, minha querida Kate? — as palavras saíram da boca de Ambrose.

— Sim, Jules — respondi, franzindo o nariz. — Posso afirmar, com sinceridade, que estou completamente aterrorizada neste instante.

— Legal — ele disse, formando um sorriso nos lábios de Ambrose.

— Jules, péssima hora para piadas — censurou Vincent.

— Desculpa aí, cara. Mas não é todo dia que posso fazer uns truques de mágica para humanos.

— Dá para se concentrar em diminuir, se possível estancar, o sangramento? O motorista vai ficar maluco se a gente sujar o banco de trás — sussurrou Vincent.

— Se já tinham matado Ambrose, por que os caras iriam voltar para pegar o corpo? E, de qualquer maneira, por que matá-lo, se sabem que ele simplesmente vai voltar à vida em três dias? — perguntei a Vincent, sem ligar para o quão surreal era aquela conversa.

Vincent pareceu avaliar se devia ou não me dizer. E então, olhando para o corpo de Ambrose meio caído por cima de mim, murmurou:

— É o único jeito de nos destruir. Se eles nos matam, e em seguida queimam o corpo, estamos acabados para sempre.

Georgia estava furiosa. E eu não a culpava.

Quando chegamos à casa de Vincent, já tínhamos brigado por torpedos.

Georgia: Onde vocês estão?

Eu: Ambrose passou mal. Tivemos que levá-lo para casa.

Georgia: Por que não entraram no restaurante para me pegar?

Eu: Tentamos. Não conseguimos atravessar a multidão.

Georgia: Estou te odiando muito neste instante, Kate Beaumont

Mercier.

Eu: MIL PERDÕES.

Georgia: Encontrei uns amigos que me salvaram da humilhação total.

Mas ainda te odeio.

Eu: Desculpa.

Georgia: Você NÃO está perdoadada.

Vincent e eu tentamos ajudar Ambrose, mas ele se endireitou sozinho depois de sair do táxi e afastou nossas mãos.

— Já peguei o jeito. Droga, este cara é pesado. Como é que ele consegue se mover com esse monte de músculos gigantescos por todo canto?

Quando chegamos à porta, Vincent me olhou, parecendo estar dividido.

— Acho que vou para casa — falei, tomando a decisão por ele.

Ele pareceu aliviado.

— Posso acompanhar você se você esperar uns minutos, até que o acomodemos.

— Não, vou ficar bem, sério — garanti.

E, por incrível que pareça, era verdade. Depois de todo o horror e esquisitice daquela noite, eu me sentia estranhamente bem. *Posso encarar tudo isso*, pensei comigo mesma, enquanto atravessava os portões rumo à casa de meus avós.



GEORGIA EMBURRADA NÃO É UMA CENA NADA AGRADÁVEL. Embora eu tivesse pedido desculpas um milhão de vezes, ela não estava falando comigo.

O clima ficou meio desconfortável em casa. Mamie e Papy tentaram ignorar o fato de que havia algo errado, mas, no quinto dia depois de meu crime imperdoável, Papy me puxou de lado.

— Por que não vem ao meu escritório hoje? — ele olhou de soslaio para a silhueta pensativa de Georgia e me lançou uma expressão significativa, como que dizendo *Não posso falar aqui*. — Faz meses que você não aparece, e tenho muita coisa nova no acervo que você não viu.

Depois da aula fui direto para a galeria de Papy. Era como ir a um museu. Sob a luz suave, estátuas antigas se alinhavam ao longo das paredes de ambos os lados, e vitrines de vidro exibiam artefatos de cerâmica ou de metais preciosos.

— *Ma princesse* — Papy exclamou feliz ao me ver, quebrando o silêncio opulento do recinto. Estremeci. Aquele era o apelido carinhoso pelo qual meu pai me chamava, e ninguém o havia usado desde sua morte. — Você veio. Então, o que lhe parece novo aqui?

— Ele, para começar — respondi, apontando para uma estátua em tamanho natural de um jovem de aparência atlética, dando um passo à frente, o braço estendido para baixo ao lado do corpo com o punho bem cerrado. Faltavam-lhe o outro braço e o nariz.

— Ah, meu *kouros* — exclamou Papy, indo até a estátua de mármore. — Século V a. C. Um verdadeiro tesouro. O governo grego não deixaria sequer que

saisse do país atualmente, mas eu o comprei de um colecionador suíço cuja família o adquiriu no século XIX. — Ele me conduziu, e passamos por um relicário incrustado com joias, em uma vitrine de vidro. — Hoje em dia nunca se sabe o que se pode conseguir, com todas essas procedências duvidosas.

— E isso aqui, o que é? — perguntei, me detendo diante de um grande vaso negro. Tinha a superfície decorada com cerca de uma dúzia de figuras humanas em cor avermelhada, exibindo poses dramáticas. Dois grupos com armaduras se encaravam, e no centro havia, diante de cada exército, um homem nu de aparência feroz. Eles apontavam lanças um para o outro, num confronto. — Soldados nus. Interessante.

— Ah, essa ânfora. É uns cem anos mais nova que o *kouros*. Ela mostra a batalha de duas cidades, lideradas por seus *numina*.

— Seus o quê?

— *Numina*. Singular, *numen*. Um tipo de deus romano. Eram parte humanos, parte deidades. Podiam ser feridos, mas não mortos.

— E, por serem deuses, eles lutavam pelados? Não precisavam de armadura? Parece que eram bem exibidos.

Papy deu uma risadinha.

Numina, pensei, e murmurei baixinho:

— Soa como *numa*.

— O que você disse? — exclamou Papy, erguendo a cabeça subitamente para me encarar. Foi como se tivesse levado um tapa.

— Eu disse que *numina* soa parecido com *numa*.

— Onde você ouviu essa palavra?

— Não sei... Na TV?

— Tenho sérias dúvidas quanto a isso.

— Não sei, Papy — disse eu, desviando os olhos e procurando alguma outra coisa na galeria que pudesse me tirar daquela situação. — Devo ter lido em algum livro antigo.

— Hum... — ele assentiu com a cabeça, aceitando de forma relutante minha explicação e mantendo a expressão preocupada.

Claro que Papy devia ter ouvido falar de cada deus e monstro arcaico que já existiu. Eu teria de contar a Vincent que os *revenants*, ou ao menos a facção malvada dos *revenants*, não estavam tão “abaixo do radar” como imaginavam.

— Então, obrigada pelo convite, Papy — disse eu, aliviada por mudar de assunto. — Mas você queria falar comigo sobre algo? Quer dizer, além de estátuas e vasos.

Papy deu um sorriso triste.

— Pedi que viesse para saber o que está acontecendo entre você e Georgia. É só um desentendimento — ele olhou para o vaso — ou uma guerra aberta? Não que seja da minha conta. Só estou tentando descobrir quando vocês vão declarar trégua e restabelecer a paz em nosso lar. Se a coisa se prolongar, talvez eu tenha que partir com urgência em uma viagem de negócios inesperada.

— Desculpe, Papy. A culpa é toda minha.

— Eu sei. Georgia me contou que foi abandonada em um restaurante por você e alguns rapazes.

— É. Foi uma espécie de emergência, e a gente precisou ir embora.

— E vocês não tiveram tempo suficiente de levar Georgia junto? — ele perguntou, cético.

— Não.

Papy me deu o braço e me conduziu com delicadeza de volta à entrada da loja.

— Não parece o tipo de coisa que você faria, *princesse*. E não me parece uma atitude muito cavalheiresca da parte de seus amigos.

Sacudi a cabeça, concordando, mas não havia o que pudesse dizer em minha defesa.

Chegamos à porta de entrada.

— Tenha cuidado com quem você escolhe para partilhar seu tempo, *chérie*. Nem todo mundo tem o coração tão generoso quanto o seu.

— Desculpe, Papy. Vou resolver tudo com Georgia agora mesmo — abracei-o e saí da loja pouco iluminada, piscando os olhos na luz do sol.

Depois de comprar um buquê de gérbas numa floricultura próxima, voltei para casa, para uma última tentativa de fazer as pazes com minha irmã. Não sei se foram as flores, ou se ela já estava pronta para me perdoar e esquecer. Mas desta vez meus pedidos de desculpa funcionaram.

Em vez de me desencorajar de ver Vincent, as palavras de Papy me deixaram ainda mais ansiosa para reencontrá-lo. Tinham sido cinco longos dias,

e, embora planejásemos nos ver no final de semana, e trocássemos torpedos e telefonemas todos os dias, aquilo pareceu uma eternidade. Depois de minha missão de pacificação com Georgia, apanhei o telefone para ligar para ele. Mas, antes que terminasse de digitar, vi seu nome aparecer no visor, e meu celular começou a tocar.

— Eu estava ligando para você — disse eu, rindo.

— Ah, claro — a voz aveludada soou, vinda do outro lado da linha.

— Ambrose já está bem? — perguntei. A meu pedido, ele vinha me dando notícias sobre a recuperação do amigo. No dia seguinte ao ataque, a ferida da punhalada havia começado a se fechar, e Vincent me garantiu que, como sempre, Ambrose estaria novo em folha quando “despertasse”.

— Sim, Kate. Eu disse que estava tudo bem com ele.

— É, eu sei. Só que para mim ainda é difícil acreditar.

— Bom, pode vê-lo em pessoa se quiser vir nos visitar. Mas quer dar uma saída antes? Já que conseguimos lidar com Les Deux Magots sem que ninguém morresse ou ficasse incapacitado, achei que poderia levar você de novo lá.

— Claro. Ainda tenho umas horas antes do jantar.

— Pego você em cinco minutos?

— Perfeito.

Vincent já estava esperando em sua Vespa quando saí do prédio.

— Você é rápido! — exclamei, pegando o capacete que me oferecia.

— Vou tomar isso como um elogio — ele respondeu.

Era o primeiro dia frio de outubro. Estávamos sentados do lado de fora do café no bulevar Saint-Germain, sob um dos aquecedores altos, parecidos com um poste de luz, que brotam em todos os terraços de café assim que começa a ficar frio demais ao ar livre. O calor que ele irradiava esquentava meus ombros, enquanto o chocolate quente me aquecia por dentro.

— *Isto* é que é chocolate — disse Vincent, despejando em sua xícara a lava espessa do chocolate derretido e adicionando o leite espumoso aquecido no vapor que vinha em outro bule.

Ficamos olhando as pessoas que passavam, usando casacos, chapéus e luvas pela primeira vez no ano.

Vincent se recostou na cadeira.

— Então, Kate, minha cara... — ele começou. Ergui as sobrancelhas, e ele riu. — Tudo bem, só Kate, então. Dentro do espírito de franqueza que combinamos, pensei em me oferecer para responder a uma pergunta sua.

— Que pergunta?

— Qualquer pergunta, desde que referente ao século XXI, não ao século XX.

Pensei por um instante. O que eu realmente queria saber era quem ele tinha sido antes de morrer. Da primeira vez. Mas ele obviamente não estava pronto para me contar.

— Ok Quando você morreu pela última vez?

— Um ano atrás.

— Como?

— Um salvamento em um incêndio.

Fiz uma pausa, imaginando até onde ele me deixaria ir.

— Dói?

— O que dói?

— Morrer. Quer dizer, suponho que a primeira vez seja como qualquer outra morte. Mas depois disso, quando você morre para salvar alguém... dói?

Vincent estudou minha expressão com atenção antes de responder.

— Tanto quando doeria se você, como humana, fosse atingida por um trem de metrô. Ou asfixiada sob uma pilha de madeiras em chamas.

Minha pele se arrepiou enquanto eu tentava assimilar o fato de que algumas pessoas... ou *revenants*... o que fosse... sofriam a dor da morte não uma única vez, mas repetidamente. De vontade própria. Vincent percebeu meu incômodo e segurou minha mão. O toque me acalmou, mas não da forma sobrenatural.

— Então por que vocês fazem isso? É algum tipo de senso superdesenvolvido de dever cívico? Ou é algo como pagar uma dívida com o universo que os tornou imortais? Quer dizer, admiro o fato de que vocês salvam as vidas das pessoas, mas, depois de alguns resgates, por que vocês não se deixam envelhecer, como Jean-Baptiste, até morrerem de velhice? — eu me interrompi. — E vocês *morrem* de velhice?

Ignorando a última pergunta, Vincent se aproximou de mim e falou com toda a franqueza, como se fizesse uma confissão.

— Porque é como uma compulsão, Kate. É como uma pressão que vai crescendo por dentro até ser necessário fazer algo para conseguir alívio. Razões “cívicas” ou “de dívida” não seriam suficientes para compensar a dor e o sofrimento. Vai contra nossa natureza *não* fazer isso.

— Então, como Jean-Baptiste tem resistido por... quanto? Trinta anos direto?

— Quanto mais antigo você é como *revenant*, mais fácil se torna resistir. E, mesmo tendo alguns séculos de existência, isso requer um autocontrole descomunal. Mas ele tem um motivo muito forte. Ele não só abriga nosso pequeno clã, mas apoia outros grupos de *revenants* pelo país. Não pode ficar morrendo a torto e a direito e ainda dar conta de tanta responsabilidade.

— Certo — admiti. — Tudo bem que você tem uma compulsão por morrer. Mas isso não explica por que, entre uma morte e outra, você faz coisas como mergulhar no Sena durante uma tentativa de suicídio. Era evidente que você não ia morrer daquilo.

— Tem razão. As ocasiões em que de fato morremos salvando alguém são raras. Uma vez por ano, duas no máximo. Em geral ficamos fazendo coisas do tipo evitar que garotas bonitas sejam esmagadas pelas pedras que caem de edifícios velhos.

— Que cavalheiro — brinquei. — Mas é exatamente isso que quero dizer. O que você ganha com isso? Também é uma compulsão?

Vincent parecia pouco à vontade.

— Que foi? Essa é uma questão pertinente. Ainda estamos falando do século XXI — insisti, na defensiva.

— Sim, mas estamos indo bem além da pergunta original.

Enquanto ele examinava minha expressão teimosa, seu celular tocou.

— Ufa, salvo pelo gongo — exclamou, piscando para mim enquanto atendia à chamada. Ouvi uma voz aguda, aterrorizada, vindo do aparelho. — Jean-Baptiste está com você? Bom. Tente se acalmar, Charlotte. Já vou para aí.

Vincent tirou a carteira e colocou uma quantia de dinheiro sobre a mesa.

— É uma emergência de família. Tenho que ir ajudar.

— Não posso ir com você?

Nós nos erguemos para partir.

— Não. Houve um acidente. A coisa pode ser um pouco... — ele se

interrompeu, escolhendo as palavras — ... desagradável.

— Quem?

— Charles.

— E Charlotte está lá com ele?

— Sim.

— Então eu quero ir. Ela parecia transtornada no telefone. Posso ajudá-la enquanto você cuida de... o que tiver que fazer.

Ele olhou para o céu, como se esperasse alguma inspiração divina sobre como me explicar as coisas.

— Em geral não é assim que acontece. Como eu disse, normalmente morremos por alguém uma vez, talvez duas, por ano. Foi um azar que Jules e Ambrose tenham morrido justo quando a gente começou a sair.

Fomos até a *scooter*. Vincent tirou a corrente e colocou o capacete.

— Esta é a sua vida, certo? E você prometeu não esconder coisas de mim. Talvez isso seja algo que eu precise ver se quero saber o que significa de fato viver com *revenants*. — Uma vozinha dentro de mim estava dizendo para desistir, ir para casa e ficar longe dos problemas de “família” de Vincent. Eu a ignorei.

Ele tocou com um dedo minha mandíbula cerrada, cheia de determinação.

— Kate, de verdade, não quero que venha comigo. Mas, se insiste, não vou impedir. Eu tinha esperança de que ainda demorasse para você ter de enfrentar o pior, mas você está certa. Não devo proteger você da realidade.

Colocando meu capacete, me acomodei na garupa da Vespa. Vincent deu partida e nos levou rumo ao rio. Passamos pela torre Eiffel e estacionamos em um pequeno parque diante da ponte Grenelle. Eu conhecia o lugar porque é até ali que chegam os barcos de turistas antes de darem meia-volta e retornarem ao centro de Paris.

Um barco de turismo estava encostado à margem do rio, e na frente dele uma multidão ansiosa era mantida distante por barreiras policiais. Duas ambulâncias e um carro de bombeiros estavam estacionados no gramado junto ao rio, as luzes girando.

Vincent encostou a *scooter* em uma árvore, sem se preocupar em prendê-la e, pegando-me pela mão, correu até a cerca para falar com o policial do outro lado.

— Sou da família — disse ao homem, que não se moveu, mas olhou de forma inquisitiva para seu superior.

— Deixe-o passar. Ele é meu sobrinho — soou uma voz familiar, e Jean-Baptiste atravessou uma horda de paramédicos para empurrar a barreira de lado e nos deixar passar. Vincent envolveu o braço firmemente ao redor de minha cintura, deixando óbvio que eu ia junto com ele.

Agora que tínhamos a visão desimpedida, vi três corpos na beira do rio. Um deles estava bem longe dos outros. Era um garotinho, de cinco ou seis anos, e estava estendido em uma maca, envolto em cobertores. Uma mulher secava o cabelo molhado dele com uma toalha, chorando em silêncio. Um instante depois, dois paramédicos ajudaram o garotinho trêmulo a se sentar, voltado de costas para as outras vítimas, interrogando-o e a mulher. Era evidente que ele estava bem.

Ao contrário do corpo que jazia a vários metros de distância. Era uma menina, talvez da mesma idade que o garoto. Sua cabeça estava em uma poça de sangue. Uma mulher desesperada estava a seu lado, gritando de forma desconexa.

Ah, não, pensei. Não sei se consigo aguentar isso. Reuni toda minha força para ficar calma e não começar eu mesma a chorar. Eu sabia que não poderia ajudar se começasse a me descontrolar.

E, por fim, outros três metros mais além, estava um terceiro corpo, este de adulto. Não se podia saber se era um homem ou uma mulher porque o rosto estava banhado de sangue. Um cobertor de emergência estava sobre o corpo, que já não precisava mais do calor que ele pudesse fornecer. *Devem estar escondendo algo horrível*, pensei, e então meus olhos se fixaram na jovem ajoelhada ao lado dele.

Ao contrário dos outros sobreviventes, Charlotte não estava histérica. Chorava desconsolada, mas sua linguagem corporal transmitia derrota, não choque. Tinha as mãos sobre o cobertor, pressionando o corpo do irmão como se tentasse impedir que saísse flutuando no ar. Ela ergueu os olhos quando Vincent disse seu nome e, ao nos ver, ficou em pé.

— Vai ficar tudo bem, Charlotte — sussurrou Vincent assim que a amparou entre os braços. — Você sabe que vai.

— Eu sei — soluçou ela. — Mas isso não facilita...

— Shh — ele a interrompeu, abraçando-a com força contra si, antes de soltá-la e entregá-la com suavidade para mim. — Kate veio para ficar com você. Ela pode levá-la para casa de táxi se você quiser.

— Não — Charlotte sacudiu a cabeça, ao mesmo tempo estendendo a mão para segurar a minha, como se fosse uma rede de segurança. — Vou esperar até que vocês o coloquem na ambulância.

Vincent se virou para mim. *Você vai ficar bem?*, disse só com os lábios, sem som. Fiz que sim, e ele nos deixou para ir até Jean-Baptiste. Os dois homens se aproximaram de uma terceira ambulância que acabava de chegar. Ambrose desceu do lado do passageiro, forte e saudável como um modelo num anúncio de academia.

Charlotte se deixara cair de volta ao chão e passava a mão sobre o cobertor de Charles, parecendo querer aquecê-lo com a fricção.

— Olha, se não quiser falar sobre isso agora, tudo bem — eu disse a Charlotte, com suavidade. — Mas o que aconteceu?

Ela exalou o ar dos pulmões, seu rosto abatido me dando uma ideia de como seria se aparentasse sua idade real. Ergueu a mão trêmula e apontou para o barco turístico vazio.

— O barco. Ele foi alugado para uma festinha de aniversário de criança. Charles e eu estávamos caminhando, com Gaspard *volant*, e ele nos avisou antes que as duas crianças caíssem. Charles pulou e pegou o garoto logo depois que ele afundou. Nadou com ele até a margem, e apliquei respiração boca a boca na criança. Então ele voltou para pegar a menininha quando ela estava sendo puxada pelo motor. Ele tentou pegá-la, mas a hélice atingiu-a primeiro. E então o pegou.

Ela contou a história com voz abatida e, assim que terminou, voltou a chorar baixinho, seus ombros sacudindo de encontro a meu braço. Senti as lágrimas brotarem em meus olhos e me belisquei com força. *Mantenha o controle*, pensei. *Charlotte não precisa de você chorando junto com ela.*

Olhei para o rio, de onde dois mergulhadores da polícia emergiam. O paramédico que estava junto com Ambrose também os viu e foi depressa até eles. Só quando ele estava a poucos metros, e os mergulhadores lhe estenderam algo, comecei a entender o que estava acontecendo.

Charlotte sentiu meu corpo ficar tenso e ergueu o olhar para os

mergulhadores.

— Ah, que bom. Eles encontraram — ela comentou, em tom monótono, quando o paramédico pegou o saco plástico, cheio de água ensanguentada.

Desta vez não pude conter as lágrimas, e através de uma névoa vi o que o saco continha. Meu corpo ficou paralisado e o ar fugiu de meus pulmões como se eu tivesse levado um chute violento no estômago. No saco havia um braço humano.



FOI QUANDO OS PARAMÉDICOS COLOCARAM CHARLES no saco para corpos que eu surtei. Enquanto eu olhava, o saco se replicou e então havia dois. E, em seu interior, eu agora via meus próprios pais, tendo voado através do Atlântico e de volta no tempo, para o necrotério da cidade de Nova York, menos de um ano atrás.

Nem me deixaram ver meu pai. Mas insisti em ver minha mãe, que, tendo “apenas” o pescoço quebrado, foi considerada mais apresentável que meu pai mutilado. E agora eu estava de volta àquela sala, olhando o esmalte cor de coral nas unhas dos pés descalços dela. Georgia estava perto de mim, chorando, enquanto eu arrancava fios de meu cabelo, que trancei com os de minha mãe. Eu sabia que ela seria cremada, e queria que uma parte de mim a acompanhasse. Foi nesse ponto que minha recordação chegou ao fim, mas permaneci naquela cena, relutante em deixar minha mãe sozinha no aposento de brancura ofuscante.

— Kate. Kate? — mãos fortes me viraram, até que o rosto de Vincent apareceu bem perto do meu. — Você está bem?

Fiz que sim, aturdida.

— Por que você não vai na ambulância? Eu levo a *scooter* para casa e encontro você lá.

Fiz que sim mais uma vez e tentei me controlar enquanto me sentava entre Charlotte e o motorista, na cabine do veículo.

Quando chegamos à casa de Jean-Baptiste, Jeanne nos recebeu na porta de entrada. Ela levou Charlotte escada acima, em direção ao quarto dela, de um

modo tão familiar que deixava claro que já tinham passado por isso antes.

Através da janela do saguão, vi Jean-Baptiste passar um maço de dinheiro para o motorista da ambulância, enquanto Jules carregava o grande saco para dentro e o depositava com suavidade no chão. Aos tropeções, percorri o corredor dos fundos até o quarto de Vincent, onde me atirei de bruços na cama e me deixei chorar.

Eu sabia que não estava chorando pela morte de Charles. Ela só tinha me jogado naquele estado. Ou me lançado de volta, como um bumerangue. E agora sentia, uma vez mais, que me equilibrava na borda daquele abismo negro do qual mal conseguira escapar poucos meses antes. Senti a tentação irresistível de me inclinar para diante, só uns centímetros, e me deixar cair de cabeça em sua escuridão reconfortante. A ideia de permitir a minha mente deixar o corpo para trás era sedutora. Nem precisaria me preocupar em ter que limpar a sujeira.

Alguém sentou na cama, mas mantive a face enterrada no travesseiro. A voz cálida de Vincent soou acima de mim.

— Está tudo bem, Kate. Sei que é mesmo difícil ver uma coisa daquelas, e eu desejaria que você não tivesse visto. Só precisa lembrar que não foi uma morte real, fatal. E houve um motivo. Charles salvou a vida de um menino ao perder a sua. Temporariamente.

Suas palavras entraram por meus ouvidos mas pararam no cérebro. Eu não conseguia processar o que ele dizia. Simplesmente não fazia sentido de acordo com tudo o que eu tinha aprendido ou sofrido na vida. Eu não podia simplesmente barrar meus sentimentos, sabendo que alguém tinha sido mutilado por uma hélice de barco, mesmo que estivesse morto apenas “temporariamente”.

— Charles está... — comecei.

— Todos estão bem. O corpo de Charles está no quarto dele. Daqui a uns dias já vai estar em perfeita forma. Charlotte está bem, agora que o tem de volta em casa e pode acompanhar sua recuperação. — Ele fez uma pausa. — É com você que estou preocupado.

Tentei analisar o que eu tinha visto e o que ele dissera, e pensar naquilo de forma racional, mas tudo dentro de mim rejeitava essa possibilidade. Afastei-me de Vincent e tirei a mão de dentro da dele. Não conseguia olhá-lo.

— Como você consegue viver assim? — perguntei, por fim, minha voz tremendo.

— Bom, tive bastante tempo para me acostumar — ele respondeu, mordendo o lábio inferior.

— Exatamente quanto tempo? — minha voz soava vazia. Eu sabia que Vincent tinha motivos para ocultar coisas de mim, mas eu me ressentia do fato de saber tão pouco sobre ele.

— Quer saber disso agora? — indagou ele, com um suspiro.

— Eu *preciso* saber disso agora — respondi, baixinho.

— Eu nasci em 1924.

Fiz as contas.

— Você tem oitenta e sete anos.

— Não, tenho dezenove. Morri em 1942, quando tinha dezoito anos. Faz um ano desde que morri em um resgate, e por isso tenho dezenove agora. O máximo que já cheguei a ter foi vinte e três anos. Nunca me casei. Nunca tive filhos. Nunca passei por nada que me fizesse sentir muito mais velho do que sou agora.

— Mas você viu oitenta e sete anos transcorrerem. Já teve uma vida de oitenta e sete anos.

— Se você chama isso de *vida* — ele disse, sacudindo a cabeça. — Na verdade é uma barganha. Tenho que agir como um anjo da guarda com atração pela morte, e em troca obtenho uma versão estranha da imortalidade.

Sua voz trazia um tom muito próximo da amargura. Pesar, talvez. Tentou sorrir, e então olhou para mim, suplicante.

— Por favor, Kate. Será que não chega de revelações por enquanto? Foi um dia difícil demais para que eu continue perturbando você com mais ficção científica.

Concordei, fazendo que sim com a cabeça. Ele passou os dedos por meu cabelo e acomodou detrás de minha orelha uma mecha rebelde. Estremeci com o toque dele.

— Que foi, Kate? Me diz, por favor.

Meus pensamentos voavam em uma dúzia de direções diferentes. Por fim decidi encará-lo, buscando forças para dizer palavras bem difíceis.

— Tenho que ser sincera. Nunca me senti assim antes. Nunca... — meu olhar examinou o teto em busca de algo que me desse coragem para continuar, e não achou nada. Dei um suspiro profundo antes de fitá-lo nos olhos. — Nunca senti nada tão forte por alguém. E se eu me permitir continuar sentindo isso por

você...

O rosto de Vincent parecia sereno, mas seus olhos estavam atormentados, enquanto ele esperava pelo veredito que sabia estar a caminho. Forcei-me a prosseguir.

— Não posso imaginar ter que enfrentar o tempo todo isso que aconteceu hoje. E, quando for sua vez, vai ser ainda pior. Não consigo aceitar a ideia de ver você morrer de novo e de novo. Isso me recorda demais a morte de meus pais.

Engasguei com as palavras e comecei a chorar. Vincent tentou se aproximar, mas ergui a mão para detê-lo.

— Se eu acabasse amando você, não poderia viver desse jeito. Em agonia constante. Saber que você iria ressuscitar depois, ou sei lá como vocês chamam isso, não seria suficiente para compensar o fato de ter que suportar sua morte vezes e vezes sem fim. Não me peça para fazer isso. Eu não consigo.

Levantei bruscamente, limpando as lágrimas, e cambaleei até a porta. Ele me seguiu em silêncio pelo corredor até o *hall* de entrada e ficou imóvel enquanto eu pegava meu casaco do banco onde o colocara e depois me atrapalhava com a maçaneta da porta. Ele a abriu para mim e, pondo a mão em meu ombro, com suavidade me fez ficar de frente para ele.

— Kate, por favor, olhe para mim. — Não consegui erguer os olhos para sua face. — Eu entendo.

Finalmente ergui o olhar para encontrar o dele. Seus olhos estavam vazios.

— Sinto tanto pela dor que lhe causei — ele sussurrou, e deixou descair a mão.

Virei-me para ir embora enquanto ainda tinha forças para partir, e, quando o portão se fechou a minhas costas, comecei a correr.



CONSEGUI CHEGAR A MEU QUARTO SEM CRUZAR COM meus avós ou com Georgia, e me tranquei lá dentro. Encolhi-me num canto da cama, e o tempo pareceu parar. Estava dividida entre a certeza de que tinha feito a coisa certa e a dúvida incômoda de que no espaço de dez minutos havia arruinado qualquer chance de ter um futuro luminoso e cheio de esperança. De ter amor.

Fazia pouco tempo que conhecia Vincent, mas sentia que, se as coisas tivessem seguido seu rumo, eu teria me apaixonado por ele. Não havia qualquer dúvida. E que, daí em diante, não seria só um romance inconsequente. Meu coração seria arrebatado. Eu tinha certeza.

Ele, tendo tais sentimentos por ele, eu não podia arriscar a dor de vê-lo repetidamente ferido, morto ou mesmo destruído em definitivo. Ele tinha dito que era possível. Sua imortalidade tinha limites. Depois de perder meus pais, eu me recusava a perder mais alguém que amava.

O velho ditado estava ao avesso. Devia ser: “Melhor nunca ter amado do que amar e perder”. Havia feito a coisa certa — me tranquilizei. Mas então por que sentia ter cometido o maior erro de minha vida?

Enrolei-me em um escudo protetor de cobertores e penetrei mais e mais no sofrimento. Deixei a dor me consumir. Eu merecia. Nunca deveria ter me aberto.

Horas depois, Mamie bateu à porta para informar que era hora do jantar. Levei um segundo para recompor a voz.

— Não estou com fome, Mamie. Obrigada! — respondi.

Minutos depois ouvi uma batida leve na porta.

— Podemos entrar? — a voz de Georgia veio do outro lado, e, antes que eu respondesse, ela e vovó entraram com cautela no quarto.

Sentando-se uma de cada lado, me envolveram em seus braços e esperaram.

— É por causa de mamãe e papai? — Georgia perguntou por fim.

— Não, desta vez não é por causa deles — balbuciei, meio que rindo. — Pelo menos, não só por causa deles.

— Então é Vincent? — ela perguntou.

Concordei, chorosa. Senti Mamie e Georgia se entreolhando por sobre minha cabeça.

— Esse... Vincent... fez algo que a magoou? — indagou Mamie, afagando minhas costas para cima e para baixo, com os dedos.

— Não, o problema sou eu. Eu não posso... — como explicar a elas? — Não posso permitir que a gente fique junto. Tenho a sensação de que é arriscado demais.

— Sei o que quer dizer — me consolou Georgia. — Você tem medo de voltar a amar alguém. E essa pessoa também desaparecer.

— É complicado demais — murmurei, apoiando a cabeça no ombro de Mamie.

— Sempre é — ela respondeu, acariciando meu cabelo com a mão e me beijando no alto da cabeça.

Comprei um monte de romances em uma livraria que vendia livros em inglês e me recolhi à caverna sombria de meu quarto, informando a Mamie que iria “hibernar” durante o final de semana. Ela entendeu e, depois de colocar sobre minha penteadeira uma bandeja com água, chá e frutas, e ainda bolachas salgadas e queijos sortidos, me deixou sozinha.

Passei o resto do dia mergulhada na história de outras pessoas. Nos raros momentos em que interrompia a leitura, minha própria dor retornava com punhaladas incandescentes. Eu me sentia como o alvo de um atirador de facas em um circo. Se mantivesse a mente imóvel, talvez pudesse evitar ser atingida pelas lâminas que passavam zunindo rente a minha cabeça. De tempos em tempos eu adormecia, mas era imediatamente despertada por sonhos lúgubres, torturantes, que desapareciam sem deixar traços assim que eu acordava.

Eu não podia evitar olhar por cima do ombro, imaginando se veria Vincent espreitando nas sombras. Eu me perguntava: *Será que ele vem me ver quando está volant?* Até onde eu sabia, ele podia estar flutuando por meu quarto. Ou talvez não. Talvez para ele fosse um caso de “longe dos olhos, longe do coração”, e meu desabafo tivesse sido eficiente para evitar que ele tentasse me ver de novo. *Era isso que eu queria*, disse a mim mesma. Não era?

Se eu me permitisse pensar, seria o fim. Por isso, desconectei o cérebro e deixei que o corpo continuasse sem uma mente para dirigi-lo. No fim das contas, parecia que estava conseguindo seguir em frente. Eu podia viver sem ele. Era autossuficiente. Podia não estar feliz, mas não estava triste. Eu só estava... lá.

As aulas eram um alívio bem-vindo. Ajudavam os dias a passar numa monotonia apática. Finalmente, voltando para casa certo dia, num raro vislumbre de clareza percebi que mal haviam se passado duas semanas desde que deixara Vincent plantado diante de sua casa. Dava a impressão de terem sido meses. Eu havia me felicitado por terminar uma maratona, quando na verdade mal cruzara a linha de partida.

Subindo as escadas do metrô para minha rua, me surpreendi ao ver um vulto familiar encostado numa cabine telefônica próxima. Era Charlotte.

Quando ela me viu, seu rosto bonito se iluminou.

— Kate! — ela exclamou, dando um pulo e se adiantando para me dar dois beijos nas faces.

— Charlotte. Que surpresa! — sorri, olhando ao redor para ver se ela estava com mais alguém.

— Estou esperando por Charles. E aí está ele — ela disse, os olhos fixos nas escadas por trás de mim.

Charles emergiu, todos os membros intactos, parecendo mais saudável do que nunca, mas com um humor muito mais azedo. Ele fez uma careta ao me ver.

— O que a humana está fazendo aqui? — indagou.

— Hã, eu tenho um nome. E, para responder a sua pergunta, eu moro aqui perto — respondi, na defensiva. — Você não é o único em Paris que usa o metrô da rua du Bac.

— Não, eu perguntei o que você está fazendo aqui com Charlotte.

— Encontrei com ela por acaso. — *Por que estou me desculpando com*

esse adolescente desagradável?, pensei, aborrecida comigo mesma.

— Achei que, depois de você dar o fora em Vincent, a gente nunca mais ia ver você de novo.

— Bom, aqui estou eu — retruquei, com um sorriso falso no rosto. — Aí, Charlotte, foi legal ver você. Tenho que ir.

Virei para ir embora, mas Charles gritou a minhas costas.

— Você não se cansa de nós, os mortos, né? O que quer agora? Que a gente salve você de novo? Ou vai atrair a gente para uma armadilha mortal, como fez com Ambrose?

— Do que você está falando? — berrei, virando para encará-lo.

— Nada. Não estou falando nada. Esqueça o que eu disse — vociferou ele. Enfiando as mãos nos bolsos dos *jeans*, ele me deu as costas e saiu andando.

Charlotte me olhava com cara de quem pedia perdão.

— Que foi aquilo? O que foi que eu fiz? — arquejei.

— Nada, Kate. Você não fez nada. Não se preocupe, o problema é com ele.

— Mas por que ele me atacou daquele jeito? — eu ainda estava paralisada de choque.

— Ei, quer ir até o rio? — ela convidou, ignorando minha pergunta. — Eu estava mesmo torcendo para cruzar com você em algum momento, já que somos vizinhas e coisa e tal. Não que eu não tenha visto você por aí. Mas achei que não seria legal correr pela rua atrás de você.

— Não me diga que você anda me seguindo — falei, meio de brincadeira.

Charlotte não respondeu, mas sorriu para mim como um gato.

— O quê? Você *anda* me seguindo?

— Não se preocupe. Vincent não me pediu para fazer isso. Mas seguir as pessoas é o que a gente faz, e, quando fazemos isso em período integral, é difícil não seguir quem nos interessa.

— Eu interesse a *você*?

— Sim.

— Por quê?

— Vejamos. Você é a primeira garota por quem Vincent se apaixonou desde que se tornou um *revenant*. Com isso você já se torna fascinante para o resto de nós.

— Não posso falar... dele — comecei a protestar.

— Ok Vamos evitar o tema Vincent completamente. Prometo.

— Obrigada.

— Você também me interessa porque... — agora ela dava a impressão de ser muito mais nova do que seu corpo de quinze anos. — Eu tinha esperança de que pudesse ser minha amiga. Quer dizer, antes de você ter ido embora. É um pouco solitário ficar na companhia dos rapazes o tempo todo. Ainda bem que Jeanne está lá, ou acho que eu já teria pirado.

Minha cara devia ser a de quem não entendia, porque ela se apressou em explicar.

— Não posso simplesmente sair e fazer amizade com um humano qualquer. Eles não entenderiam. Mas como você já sabe o que somos...

Eu a interrompi, com suavidade.

— Charlotte, estou muito lisonjeada por você querer ser minha amiga. Também gosto de você, de verdade. Mas ainda estou tão abalada com a história com o Vincent que, se estivermos juntas e de repente cruzarmos com ele, vai ser difícil para mim.

Ela desviou o olhar e acenou com a cabeça, de forma casual, como se já estivesse se distanciando de mim.

— Achei que você passava a maior parte do tempo com Charles — comentei.

— Ah, ultimamente ele tem saído sozinho um bocado — ela disse, tentando parecer que não ligava, mas sem conseguir de fato. Sua voz soou trêmula ao prosseguir. — Então tenho passado mais tempo sozinha do que antes.

A tentativa de parecer estar bem foi arruinada pela lágrima que percebi escorrendo por sua face quando ela se virou.

— Espera! — chamei, puxando-a pela mão para que ficasse frente a frente comigo.

Com o olhar fixo no chão, ela limpou outra lágrima.

— Me desculpe. As coisas têm sido meio... difíceis nos últimos tempos.

Acho que não sou a única com problemas, disse a mim mesma, e minha resolução ruiu quando vi a tristeza em seu rosto.

— Então ok Vamos dar uma volta até o rio.

Seu olhar apático cruzou com o meu, e ela deu um quase sorriso ao me

tomar pelo braço. Descemos juntas a rua.

Perto da margem, indiquei uma velha loja de taxidermia, com animais empalhados antigos.

— Minha mãe e eu costumávamos vir aqui. É como um zoológico, só que os animais estão todos mortos. Não posso passar na frente da loja sem pensar em mamãe. Não tive coragem de entrar, vai que desabo bem no meio dos esquilos empalhados.

Charlotte riu. Era a reação que eu queria.

— Foi como me senti depois que meus pais morreram — ela disse ao descermos os degraus até o cais. — Tudo me fazia lembrar deles. Para mim, Paris foi como uma cidade fantasma durante anos.

— Seus pais morreram? Quer dizer, antes de você? — perguntei, o ferimento em meu coração começando a doer de novo. Na caminhada, passávamos por uma longa fileira de barcos-casa ancorados à margem.

Charlotte fez que sim.

— Foi na Segunda Guerra Mundial, durante a Ocupação. Meus pais tinham uma gráfica clandestina em nosso apartamento perto da Sorbonne, onde meu pai lecionava. Os alemães descobriram e os fuzilaram. Charles e eu estávamos na casa de minha tia naquela noite, e se não fosse por isso também teríamos sido mortos. Tínhamos orgulho de nossos pais e queríamos ser como eles. Então, quando ficamos sabendo das detenções... — ela se interrompeu, para explicar. — Quando a polícia prendeu os judeus para enviá-los para os campos de concentração. — Acenei para que soubesse que eu estava entendendo, e ela prosseguiu. — Nós escondemos alguns colegas da escola junto com seus pais em nosso apartamento, em um cômodo com uma parede falsa, onde a impressora tinha sido escondida. Conseguimos cartões de racionamento suficientes para obter alimentos e roupas para nós seis por mais de um ano antes que um vizinho nos descobrisse e denunciasse.

Parei de andar.

— Quem faria uma coisa dessas? — exclamei, horrorizada.

Ela deu de ombros e continuou, tomando-me pelo braço para me forçar a seguir caminhando.

— Conseguimos levar a família para outro lugar seguro, mas Charles e eu fomos pegos no dia seguinte e fuzilados.

— Não consigo acreditar que tudo isso aconteceu aqui mesmo em Paris.

— Disseram que trinta mil “resistentes”, como nós, foram mortos durante a Ocupação. Ao menos esse é o número oficial. Alguns na verdade eram criminosos. Mas outros eram inocentes, tomados como reféns e mortos como vingança pelos atos de resistência de seus compatriotas.

— Foi muita coragem de vocês dois ajudar aquela família.

— Bom, você não teria feito o mesmo? Podíamos ter agido de outra forma?

Chegamos a um banco de pedra e nos sentamos.

— Não sei — respondi, por fim. — Gostaria de acreditar que eu teria feito o mesmo. Mas acho que na verdade existem poucas pessoas tão corajosas. Talvez seja por isso que vocês se tornaram *revenants*.

— É nisso que Jean-Baptiste acredita. Que salvar vidas era algo que já estava dentro de nós. Que aconteceu naturalmente. Vai saber. — Ela ficou pensativa. — O que sei é que, agora que salvo vidas e posso poupar os outros da dor que senti quando meus pais foram mortos, isso torna mais fácil suportar a dor contínua da nossa existência.

Concordei, fazendo um gesto com a cabeça, e fiquei olhando enquanto ela mexia nas unhas, pensativa.

— E aí, o que há com Charles? — perguntei, afinal.

— É tudo parte da mesma história. Está sendo difícil para ele lidar com o fracasso em salvar a vida da garotinha no acidente de barco. Nestas duas últimas semanas ele tem andado... — ela pareceu avaliar o quanto revelar, e decidiu por — ... obcecado com isso.

— Vai melhorar com o tempo?

Ela encolheu os ombros.

— Só contei isso a Jean-Baptiste hoje de manhã. Ele vai conversar com Charles.

— Talvez ajude — opinei.

Ela sacudiu a cabeça, como se não estivesse convencida disso.

— Vamos mudar de assunto.

— Certo — concordei, procurando outro tópico de conversação. — Me diz, o que tem de errado em ter que morar com um monte de caras *sexies*? Quer dizer, fora Gaspard e Jean-Baptiste, que, sei lá, talvez possam ser considerados

sexies a seu modo...

Ela caiu na risada.

— Com certeza — ela concordou. — Tem tanta testosterona acumulada lá que é incrível que eu não criei bigode só de respirar aquele ar!

Foi minha vez de rir. Parecia algo alheio a mim, como se de repente eu estivesse falando chinês. Não era uma sensação natural, mas não era uma sensação ruim.

Charlotte me lançou um sorriso maroto, orgulhosa por ter penetrado em minha carapaça.

— Sério, todos eles são como se fossem da família para mim. Vivemos juntos faz décadas. Os *revenants* que vivem no interior têm que se mudar o tempo todo para que os moradores locais não os reconheçam depois que morrem salvando alguém. Estão sempre indo de uma casa de campo de Jean-Baptiste para outra. Para eles funciona, mas eu não poderia viver assim. Esses homens são a família que tenho, e eu jamais poderia deixá-los.

— Você já... — parei, sem saber até onde podia ir com as perguntas.

— O quê? — Charlotte perguntou, curiosa.

— Você tem namorado?

Ela suspirou.

— Também seria difícil ter um namorado. Acho que no começo eu podia inventar desculpas para ter que sumir três dias por mês, mas elas não iam servir por muito tempo. E também desaparecer alguns dias cada vez que eu morresse. Não, não ia funcionar. E não consigo ter relacionamentos superficiais como Jules e Ambrose têm. Quando me apaixono, é sério.

— Então você já esteve apaixonada.

Ela corou e baixou os olhos para suas mãos.

— Sim, mas ele não sente... ele não sentia a mesma coisa — as palavras eram quase inaudíveis.

— Então por que você não tenta com um *revenant*?

Ela se inclinou para a frente, um sorriso triste se formando em seus lábios enquanto apertava os braços ao redor de si, olhando a água.

— Não há tantos de nós por aí, as opções são poucas.

Eu não sabia o que responder, e apenas segurei a mão dela e a apertei, tentando encorajá-la. Ela sorriu.

— É melhor eu ir voltando para casa — disse ela. — Por causa de Charles. Valeu pelo papo. Você não faz ideia como é legal ter a companhia de uma garota.

Eu sentia o mesmo. Não tinha feito amigos em Paris. E eu precisava admitir que tinha gostado de verdade daqueles momentos com Charlotte, ainda que isso significasse estar com alguém que era praticamente um membro da família de Vincent.

— Vamos fazer isso de novo — prometi.

Sendo amiga de Charlotte, mais cedo ou mais tarde você vai cruzar com Vincent, dizia uma vozinha em minha mente. *Ah, cala a boca*, respondi para a tal vozinha, me perguntando se a dor em meu coração algum dia ia sarar. Era preciso que sarasse, decidi. Quanto mais tempo eu passasse longe de Vincent, melhor me sentiria. Eu tinha certeza.



EM VEZ DE MELHORAR, NA SEMANA SEGUINTE ME SENTI pior, e na sexta-feira um desespero surdo começou a me envolver, quando percebi que tinha pela frente um final de semana inteiro sem previsão de qualquer atividade que funcionasse como distração.

Na hora do almoço, liguei o celular para ver os torpedos diários enviados por Georgia.

Já viu a roupa de você-sabe-quem?

Odeio cálculo.

Vou sair esta noite, quer vir?

Hesitei, e então me forcei a responder.

Onde?

Ela respondeu na hora.

Encontro você depois da aula.

Às quatro, Georgia esperava por mim no portão, com uma expressão de total incredulidade.

— Fala sério, Katie-Bean... Você vai mesmo sair comigo esta noite?

— Depende — retruquei em tom alegre, tentando não trair o desespero que sentia. — Aonde você vai?

— Tem uma balada numa casa noturna alternativa. O dono é *muito* amigo meu — ela deu um sorriso malicioso. Minha irmã, a paqueradora inveterada. — Sério, é um lugar bem transado, em um labirinto de antigas adegas que fica debaixo de uns prédios perto de Oberkamp. Está sempre lotado de músicos e artistas; você vai amar.

Eu não estava nada a fim de uma balada, mas era tudo o que tinha para o final de semana. Na verdade, para o mês, se eu quisesse ser realista.

— Eu topo. A que horas você vai?

— Mais ou menos às nove.

Tomamos o ônibus até a cidade e então fizemos a baldeação para o metrô. Ao chegarmos a nossa rua, eu disse a Geórgia:

— Não estou a fim de ir para casa ainda. Acho que vou dar uma volta. Não vá sair sem mim.

— Vou escolher sua roupa — disse ela, sorrindo, e subiu a rua.

Fui na outra direção e passei pelo agitado bulevar Saint-Germain para vagar pelas ruazinhas tortas na vizinhança do rio.

Numa esquina movimentada havia um café com um grande terraço, aonde minha avó costumava me levar quando eu era criança, para comer a deliciosa *tarte tartin*, uma torta assada de maçã servida de cabeça para baixo com uma cobertura caramelizada. O café se chamava La Palette — uma referência à paleta de um artista, dos tempos em que o local era frequentado por pintores e escultores. Era longe demais de casa para que eu o adotasse como meu café habitual, mas valia totalmente a pena para uma visita ocasional.

Um vento frio soprava pelas ruas, e o terraço normalmente cheio de gente estava quase vazio. Passei pela porta de entrada e penetrei no interior aquecido e com um aroma delicioso de café. Um garçom me viu e fez um gesto indicando uma mesa vazia, em um nicho quase escondido detrás da porta da frente. Perfeito. Anonimato era exatamente o que eu desejava.

Sentei, guardei debaixo da mesa a sacola de livros e passei a observar a clientela do café enquanto esperava que o garçom voltasse. Um grupo de estudantes cantava ruidosamente a um canto. Várias mesas de executivos com drinques pousados em cima de seus papéis. Uma mulher muito bonita, com seus vinte e muitos, sentada sozinha.

Dirigi minha atenção para esta última. Uma cabeleira densa, de um loiro quase branco, caía-lhe pelos ombros. Maços do rosto salientes e olhos de um azul muito claro davam-lhe uma aparência ligeiramente escandinava.

Um homem se aproximou dela, de costas para mim, vindo do balcão do café. Sentou-se diante da mulher, pegou a xícara dele, que estava sobre a mesa junto com a dela, e tomou todo o café num único gole rápido. Então estendeu a

mão para segurar a dela, delicadamente pousada sobre a toalha.

Ele disse algo à mulher, e o olhar dela se desviou para a mesa. Vi uma lágrima escorrer pela face adorável, e a mão do homem se ergueu de forma automática para limpá-la. Ele ajeitou uma mecha do cabelo platinado atrás da orelha dela, num movimento que reconheci.

E, com uma percepção repentina, meu coração parou. Um arrepio gelado me percorreu; quando estendi a mão para pegar a sacola, derrubei o saleiro de vidro, que se espatifou no chão com estardalhaço. Os olhos da mulher se cravaram em mim e ela disse algo para seu acompanhante.

Ele se virou em minha direção e ficou paralisado, uma expressão de angústia distorcendo seu belo rosto. Meus instintos não tinham se enganado. Era Vincent.

Bem naquela hora o garçom se materializou à minha frente, com uma vassoura e uma pá de lixo.

— Desculpe — consegui pronunciar. Recolhi meu casaco da cadeira onde o pusera e passei pelo garçom, me precipitando para fora do café.

Corri todo o caminho até em casa, meu rosto tão insensível que parecia ter sido injetado com novocaína. *Fui eu que o larguei, não o contrário*, lembrei a mim mesma. *Por que ele não procuraria outra pessoa?*

Ocorreu-me a ideia de que talvez ele tivesse mentido sobre não ter se interessado por ninguém desde seu romance juvenil. Talvez ele estivesse o tempo todo com a bela loira. Mas meu coração partido me dizia que eu estava errada. Vincent não teria mentido para mim. E nem Charlotte, quando disse que eu era a primeira garota por quem Vincent tinha se apaixonado desde que se tornara um *revenant*.

Infelizmente, reconhecer que ele não tinha nenhuma culpa, e que tinha sido eu quem se afastou, não fazia a dor em meu peito doer menos.

Quando cheguei em casa, fui direto para o quarto de Georgia e abri a porta com tudo, sem bater.

— Vamos — eu disse a ela, sem fôlego. Ela sorriu e ergueu para mim um vestido curto de renda.



SAÍMOS DE CASA LÁ PELAS NOVE. UM CARRO NOS ESPERAVA do lado de fora. Acomodei-me no banco de trás com duas garotas que reconheci da escola, enquanto Georgia se sentava no banco do carona e dava um selinho nos lábios de um cara bonito que eu nunca tinha visto.

Eu sabia que era desse jeito que Georgia cumprimentava os rapazes de quem gostava, de modo que decidi pedir detalhes mais tarde. Ela fez as apresentações.

— Lawrence, inglês; Mags, irlandesa; Ida, sueca. Esta é minha irmã, Kate, que precisa desesperadamente de uma noite divertida. Se ela voltar entediada para casa, vou jogar toda a culpa em vocês.

Ela aumentou o som do rádio, Lawrence manobrou o carro, e partimos.

O bar ficava em uma região meio barra pesada na parte leste de Paris, popular entre artistas, modelos e músicos que ainda não tinham alcançado o sucesso. Vários bares da moda tinham aparecido ali nos últimos anos, e as calçadas estavam tomadas por grupinhos de gente supermoderna, encolhendo-se de frio enquanto fumavam do lado de fora.

Paramos diante de um edifício num beco que parecia tremer com a batida da música que vinha lá de dentro. Um segurança imenso postava-se à porta, usando apenas *jeans* e uma camiseta branca bem ajustada sobre seus peitorais impressionantes. Lawrence gritou algo acima da música ensurdecidora, e o homem entreabriu a porta para que entrássemos.

O lugar era grande como um salão de baile, mas tinha só dois metros e meio de altura. Uma cabine de DJ estava a um lado, com um longo balcão

iluminado com luz fluorescente ocupando toda a parede oposta. O ambiente fora escavado na rocha viva, com colunas de concreto esparsas sustentando o teto. Luzes brancas colocadas nos cantos davam uma aparência estranha e teatral às paredes irregulares da caverna.

— Bebidas! — gritou Georgia, e fomos em direção ao bar.

Com um sotaque britânico, Lawrence me perguntou o que eu queria, e pediu refrigerantes para nós dois.

— Motorista da noite — informou, piscando e sorrindo.

Fizemos um brinde tocando nossos copos e nos viramos, apoiando as costas no balcão.

— E aí, você e Georgia...? — perguntei, para que Lawrence preenchesse as lacunas.

— Não, eu gosto de caras — ele respondeu, seu sorriso criando covinhas nas faces.

— Certo — disse eu, chupando o canudinho, e voltamos a observar o salão.

Eu nunca deixava de me surpreender com o talento impecável de Georgia para descobrir os lugares mais novos e mais badalados. Gente bonita dançava no centro da pista, e uma multidão se aglomerava ao redor, ombros recurvados para diante, numa magreza *hipster*, afetada e supertransada. Localizei uma famosa atriz jovem sentada em um canto, com um bando de admiradores que fingiam não estar babando por ela; largado sobre uma pilha de almofadas em uma alcova escavada na parede, vi o vocalista de uma cultuada banda britânica.

A poucos metros de mim, minha irmã beijava no rosto um cara que parecia um modelo, quando vi uma figura máscula cruzando a sala, de forma lenta mas decidida, e vindo em nossa direção. As pessoas o saudavam batendo em suas costas à medida que ele percorria a multidão.

Quando já estava bem perto, Georgia pôs o copo no balcão e jogou os braços para cima. Ele a ergueu pela cintura.

— Georgia, minha sensual beldade do sul dos Estados Unidos — ele exclamou, colocando-a de volta no chão.

Eu sorri. O fato de que nunca tivéssemos vivido no sul era um simples detalhe. Georgia havia aproveitado as inúmeras férias que passamos no estado natal de minha mãe para cultivar um sotaque denso como melado, pelo qual Scarlett O'Hara teria barganhado seu espartilho. Quando estava a fim, Georgia

usava tal sotaque, junto com o nome, para insinuar que vínhamos de algum lugar mais “exótico” do que o Brooklyn. Os estrangeiros, pelo menos os que falavam inglês bem o suficiente para distinguir sotaques, caíam direitinho.

O homem se inclinou para lhe dar um beijo nos lábios. O fato de aquele beijo ter durado um segundo inteirinho mais do que os outros que ela já distribuíra para lá e para cá me fez desconfiar de que aquele cara era alguém especial.

Pegando-o pela mão, ela o arrastou até mim. Conseguindo afinal ter uma visão desimpedida dele, notei que era tudo o que Georgia sempre buscava, combinado em um só homem. Pelo menos um e noventa e cinco de altura, ele parecia uma mistura entre um surfista e um jogador de rúgbi: cabelo revoltado loiro e pele bronzeada, musculoso o suficiente para penetrar sozinho toda uma linha de defesa. Os olhos castanhos eram tão límpidos e cristalinos que pareciam mel congelado. E o modo como ele segurava Georgia, com jeito de dono, confirmava que havia algo entre eles.

— Finalmente nos conhecemos! Kate, a irmã mais nova de Georgia. Ouvi muito sobre você. Não tinha me contado que ela era tão bonita, Georgia.

— E por que eu ia fazer uma coisa dessas? — ela disse, com seu sotaque, e então se virou para mim. — Kate, este é Lucien. Ele é o dono do bar.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimentei.

Ele estreitou os ombros de Georgia e sussurrou algo no ouvido dela. Então, erguendo-se em toda sua altura, ele fez um sinal ao *barman*, indicando nosso grupo.

— Doce Georgia Brown — admirou-se Lawrence, a meu lado. — Bebida grátis a noite inteira. Sua irmã tem o toque mágico.

— Eu sei — admiti, observando Lucien beijar a mão de minha irmã antes de se deixar ser arrastado para longe por um gerente que parecia frenético. Enquanto desaparecia na multidão, ele sorriu e piscou para mim.

Um grupo de sujeitos de aparência displicente entrou no recinto e veio em nossa direção. Lawrence chegou mais perto e disse:

— Alerta de banda. Esses aí são a novidade mais quente da cidade.

— Então devem ser amigos de Georgia — suspirei.

Ele sorriu e concordou. Os caras chegaram e um deles foi direto até Georgia. Sem dizer uma palavra, tirou-a para a pista. Ela se debruçou sobre ele e

gritou-lhe algo ao ouvido, e então sorriu quando um dos amigos dele veio até mim e pegou minha mão.

— Alex — gritou o cara, afastando dos olhos o cabelo comprido.

Dançamos perto de Georgia e de seu amigo as músicas seguintes. Os olhos azuis faiscantes e o sorriso sedutor de Alex conseguiram fazer com que meu coração batesse de novo. A forma como ele sorria para mim, curtindo minha companhia, revelava que ele não se incomodava em ter sido designado meu “garoto de festa”. Ele era atraente. Era humano. Então por que eu não conseguia relaxar e me divertir?

Finalmente cheguei mais perto para dizer que ia pegar uma bebida. Ele me olhou meio chateado e fingiu mandar um beijo *sexy*, e então me afastei. Chutei-me mentalmente por minha estupidez, mas eu sabia que não podia fazer outra coisa. Não naquela noite. Não por algum tempo. Não até que a face de Vincent deixasse em paz meu cérebro dolorido.

Quando voltei ao bar, Lawrence já não estava lá, mas, ao me ver, o *barman* na hora serviu outro copo de refrigerante. Peguei-o e fui me sentar em uma almofada gigante junto à parede.

Encostada na pedra fria, apertei os olhos enquanto observava por alguns minutos os movimentos ondulantes da massa compacta de gente, e então fechei-os. Deixei a música penetrar em meu cérebro com sua batida hipnótica.

— Cansada? — ouvi uma voz baixa, suave, segundos mais tarde.

Abrindo os olhos, vi que Lucien tinha pegado uma almofada e estava sentado a meu lado. Sorri para ele. Ele não parecia tão durão, agora que não estava tentando manter afastada uma hoste de puxa-sacos, mas havia uma leve aura de frieza pairando sobre ele. Ser o proprietário de um dos bares mais badalados da cidade tem que afetar o ego de algum jeito, disse a mim mesma.

— Não exatamente, só não estou a fim de dançar.

— Certo. A irmã de Georgia tem namorado?

Esse cara é mesmo direto.

— Ah, não. Não no momento.

— Ótimo, é uma excelente notícia para meus amigos! — ele exclamou, esfregando as mãos para dar efeito.

— Hã. Não estou de fato... disponível.

— Mas você não se importaria em conhecer pessoas. — Ele ergueu uma

densa sobancelha loira.

— Na verdade...

Sem se dar o trabalho de ouvir minha resposta, ele ficou em pé e levou meu copo vazio de volta para o balcão, retornando com um cheio.

— Você tem que ir com Georgia à festa que vou dar daqui a duas semanas. Todo mundo que é alguém vai estar lá. — Ele se abaixou e me entregou o copo. — Incluindo você!

Seu toque bem-humorado em meu ombro me provocou uma reação visceral inesperada: eu me esquivei. Pela forma como o corpo dele ficou tenso quando ele se ergueu, percebi que havia notado. *O que tem de errado com você?*, me repreendi, surpresa com minha reação. Ele só estava tentando ser simpático, mas eu devia estar muito fora de forma com relações sociais. Antes que eu pudesse dizer algo para consertar meu gesto involuntário de rejeição, ele se virou para falar com alguém que esperava impaciente por sua atenção. Tomei um gole de meu refrigerante e chequei o celular. Ainda não era nem meia-noite.

Ficando em pé, passei por entre as pessoas que dançavam e cheguei até Georgia. Ela me deu um sorriso de preocupação e sacudi a cabeça.

— Desculpe, Georgia. Não estou mesmo no clima. Vou para casa — berrei acima da música, apontando na direção da porta para o caso de ela não conseguir me ouvir.

— Tudo bem. Você consegue voltar sozinha?

— Vou tomar um táxi.

Ela me abraçou e então disse algo para o cara com quem estava dançando. Sorrindo, ele pegou minha mão e me levou através da pista até a porta. Enquanto eu apanhava meu casaco, ele pegou seu celular e chamou um táxi para mim. Em seguida, me acompanhou até a rua e esperou que o carro estacionasse junto à calçada.

— Obrigada — disse-lhe.

Ele acenou, já voltando para dentro.

Ao abrir a porta do táxi, olhei ao longo do beco e vi Lucien parado do lado de fora, falando ao celular. Quando ergueu os olhos e me viu, levantei a mão para acenar em despedida. Ele deu um sorriso confiante e devolveu a saudação.

Um rapaz magro e ruivo que estava com ele virou a cabeça para ver quem Lucien estava saudando, mas depressa olhou em outra direção.

Prendi a respiração e continuei a olhar fixamente enquanto o carro se afastava. Um segundo havia sido o suficiente para que eu reconhecesse o jovem de expressão amargurada. Era Charles.



NÃO OUVI A HORA EM QUE GEORGIA VOLTOU NAQUELA noite e dormi até tarde na manhã seguinte. Quando acordei, tinha uma sensação de expectativa.

Eu meio que sonhava, e o rosto de Vincent flutuou por minha mente, como eu o vira no dia anterior. Enquanto ele examinava o café ao redor de si, com uma expressão pensativa, fui dominada por uma mistura de saudade e orgulho. Aquele sujeito moreno e atraente era meu. Com esse pensamento, uma sensação deliciosa me envolveu, e abri os olhos devagar.

E então minha mente consciente começou a funcionar e meu coração afundou. Vincent não era meu. Ele era de outra mulher. E eu estava de volta ao buraco negro de tristeza e dor que vinha sendo minha prisão pelas últimas três semanas.

Resolvida a sair de casa, decidi tomar o café da manhã no Sainte-Lucie, que eu notara ter reaberto no dia anterior.

Ao passar pela sala, vi Papy em sua poltrona, lendo um jornal e igualzinho a uma versão mais velha de meu pai. Aos setenta e um, ele ainda tinha uma bonita cabeleira. Sua aparência nobre, que havia sido herdada por Georgia, infelizmente passara reto por mim. Ele espiou por cima do jornal.

— Como está minha princesa? — perguntou, empurrando os óculos de leitura para a testa.

— Estou bem, Papy. Vou sair para tomar o café da manhã com J. D. — Mostrei-lhe meu exemplar de *O apanhador no campo de centeio* antes de guardá-lo na sacola.

Ele segurou minha mão e a apoiou no braço da poltrona a seu lado, usando a linguagem de sinais de avô para dizer *Espere um pouco*.

— Mamie diz que está preocupada com você — ele disse baixinho. — Quer conversar?

Sacudi a cabeça e lhe dei um sorriso de gratidão.

— Você sabe que estou aqui sempre que precisar de mim — disse, colocando os óculos de volta sobre o nariz.

— Obrigada, Papy — sussurrei, dando uma apertada em sua mão antes de ir embora.

Eu nunca poderia lhe falar sobre meus problemas. Mesmo que eu tivesse terminado com um namorado humano normal, Papy não poderia entender. Ele e Mamie viviam em um mundo de sonhos cujo funcionamento era perfeito. Ainda estavam totalmente apaixonados e passavam o tempo fazendo coisas de que gostavam. Tinham uma vida normal. Uma vida estável. Tinham tudo o que queriam.

O próprio dono do café me deu as boas-vindas, me acomodando no canto da frente do salão, onde eu teria alguma privacidade. Tomei meu *café crème* e comi um *croissant* enquanto me perdia no livro. Deve ter sido uma meia hora depois que percebi que alguém viera se sentar na cadeira em frente à minha. Jules estava diante de mim, com um sorriso travesso no rosto, os olhos castanhos brilhando risonhos.

— Então, senhorita América, achou que podia desaparecer sem mais nem menos e simplesmente nos abandonar? Não vai ser tão fácil assim.

Quase ri de felicidade por vê-lo, mas banquei a indiferente, indagando:

— Qual é a de vocês, seus mortos ambulantes? Estão me seguindo, por acaso? Ontem à noite foi Charles, e agora você!

— Você viu Charles?

— É, ele estava na casa noturna aonde fui, perto de Oberkampf — minha voz foi ficando mais lenta quando percebi o espanto de Jules.

— Qual casa noturna?

— Sinceramente, nem sei o nome. Não tinha nenhum letreiro.

— Ele conversou com você?

— Não, eu estava indo embora quando o vi parado do lado de fora. Por

quê?

Jules avaliou a informação que eu acabava de dar e desviou a conversa para outra direção.

— E aí, quando você vai voltar?

Meu sorriso desapareceu.

— Não posso, Jules.

— Não pode o quê?

— Não posso voltar. Não posso me permitir ficar com Vincent.

— E que tal ficar comigo, então? — Ele deu uma piscada convidativa, e tive de rir. — Não pode me culpar por tentar — disse, pegando minha mão em cima da mesa e entrelaçando os dedos com os meus.

Dei um sorriso envergonhado.

— Você é incorrigível.

— E você está ficando vermelha.

Revirei os olhos para o teto e disse:

— No seu papel de jovem artista ousado, Jules, tenho certeza de que tem montes de garotas esmurando sua porta.

— É, nós que estamos mortos fazemos sucesso entre a mulherada — ele soltou minha mão e se recostou para trás na cadeira, com uma expressão confiante. — Na verdade, já que você recusa com tanta firmeza minhas atenções, eu me sinto livre para lhe contar que tenho várias namoradas com quem saio de forma alternada, só para garantir que nada fique sério demais.

— E a modelo seminua que vi em seu ateliê naquele dia é uma delas?

— *Essa* é uma relação puramente profissional. Bem diferente do que seria a nossa se você apenas me desse uma chance. — Ele franziu os lábios em um beijo *sexy*.

— Ah, Jules, para com isso — protestei, e lhe dei um soco de mentira no braço.

— Ai — reclamou ele, passando a mão no lugar. — Raios, você não é só bonita, também bate legal.

— Se você vai ficar aí me torturando, então é melhor cair fora e voltar para aquele mausoléu todo pomposo onde vocês moram.

— Aaaaaaah! Ela ousa expulsar sem misericórdia o pobre garoto zumbi! E se ele estiver trazendo notícias?

— Notícias do quê?

— Notícias de que Vince está sofrendo por você. Que está inconsolável — o tom de Jules agora era sério. — Que agora ele não só é tecnicamente um “morto ambulante”... mas também emocionalmente.

Meu estômago se contraiu, e me esforcei para manter a voz firme.

— Olha, Jules, eu sinto muito. Sério. Eu quis tentar, mas depois de ver Charles sendo levado para casa num saco preto... — me interrompi. Jules me olhava com desafio nos olhos. Isso me deu forças. — Não posso me apaixonar por Vincent se isso significa lembrar o tempo todo da morte. Já tive o suficiente neste último ano.

— Fiquei sabendo. Meus sentimentos por seus pais.

Respirei fundo, e meu coração dolorido endureceu enquanto eu falava.

— Além do mais, acho que você não está sendo franco comigo. Eu vi Vincent ontem compartilhando um momento de ternura com uma loira espetacular.

Jules parecia não ter me ouvido. Virando ao contrário sua toalhinha de papel, ele pegou um lápis carvão do bolso da camisa e começou a rabiscar. Ele falava enquanto desenhava.

— Vince queria que eu visse como você está. Ele não tem coragem de chegar perto. Disse que não quer fazer você sofrer mais. Depois que viu você sair correndo do La Palette ontem, ficou com receio de que você tivesse tirado uma conclusão errada. E está claro que tirou.

Senti minha irritação aflorar.

— Jules, eu sei o que vi. Não dava para ser mais óbvio do que aquilo.

Ele me olhou nos olhos.

— Kate, você não é idiota, então vou supor que é incrivelmente tapada. Geneviève é uma de nós. É uma velha amiga que é como uma irmã para todos. Vincent está apaixonado, mas não por ela.

Minha respiração ficou presa na garganta.

Satisfeito por ter conseguido minha atenção, ele baixou os olhos para o papel, concentrando-se no que fazia enquanto continuava falando.

— Ele está tentando entender. Encontrar uma saída para esta situação. Ele me pediu para lhe contar isso.

Jules relanceou o olhar por mim e depois de volta ao papel.

— Nada mal — disse.

Rasgou um pedaço quadrado e então, colocando-se em pé, entregou-o a mim.

Era um esboço de mim, sentada no café. Eu parecia uma Vênus de Botticelli, irradiando serenidade e uma doçura natural.

— Fiquei linda — me surpreendi, erguendo os olhos para o rosto sério dele.

— Você *é* linda — disse, debruçando-se e me dando um beijo suave na testa, para então sair apressado do café.



QUANDO CHEGUEI EM CASA NA TARDE SEGUINTE, DEPOIS de outra sessão de leitura no café Sainte-Lucie, Mamie saía do apartamento com uma visita. A maioria de seus clientes — comerciantes de artes e curadores de museus — vinha em horário comercial, durante os dias de semana. Assim, se alguém aparecia no final de semana, com certeza era algum colecionador particular.

O homem bem vestido estava parado no corredor de costas para mim, segurando algo grande e fino, embrulhado em papel pardo, e esperando que Mamie trancasse a porta da frente.

— O senhor pode tomar o elevador, e eu levo a pintura lá para cima — ela dizia, quando o homem se virou.

Era Jean-Baptiste.

— Oh! — exclamei. Meu corpo ficou paralisado, enquanto minha mente tentava assimilar aquela colisão frontal entre meus dois mundos: o clã de desmorts com o qual eu quase me envolvera e minha reconfortante família mortal.

— Querida menina, eu a assustei. Minhas desculpas! — a voz era suave e monótona, como se ele lesse um roteiro. Vestia-se como da primeira vez que o vi, com um terno caro e lenço de seda ao pescoço, o cabelo grisalho engomado e penteado para trás, revelando todo seu rosto aristocrático.

— Katya, querida, este é um novo cliente meu, *monsieur* Grimod de La Reynière. *Monsieur* Grimod, minha neta, Kate. Chegou na hora certa, querida. Poderia levar este quadro lá para cima, até o ateliê? Receio que seja grande

demais para entrar no elevador.

Jean-Baptiste continuava me encarando com um olhar divertido, enquanto Mamie abria a porta do elevador minúsculo. Senti minha fúria aumentar quando ele ergueu uma sobrancelha, cheio de si. Sua invasão a meu mundo era um abuso.

Como em muitos prédios de apartamento parisienses, nosso elevador era diminuto. Mal cabiam duas pessoas paradas lado a lado, e uma terceira, ou um quadro grande, como era o caso, era impossível.

Ergui o embrulho com cuidado pelas beiradas e comecei a subir os três lances de escada. O quadro tinha cerca de metade de minha altura, mas a moldura tinha sido removida, de modo que não era pesado.

Cheguei ao alto das escadas bem quando Mamie destrancava a porta do ateliê, conversando animadamente com Jean-Baptiste enquanto entravam. Cravei os olhos nas costas do vulto empertigado e perguntei-me o que o “tio” de Vincent estaria fazendo em minha casa. *Primeiro Jules, agora Jean-Baptiste!*

Como eu podia seguir em frente se a “família” de Vincent ficava aparecendo o tempo todo em minha vida? Minhas emoções pareciam uma montanha-russa desde a conversa com Jules, mas eu estava decidida a manter minha decisão original — estaria arriscando meu coração se voltasse a sair com Vincent.

Cruzando a porta, respirei fundo o cheiro familiar das tintas a óleo e de verniz. O ateliê de Mamie sempre fora um de meus lugares favoritos.

Os seis aposentos de criados que ocupavam todo o andar superior do prédio tinham sido interligados para formar um único e amplo espaço de trabalho, e a maior parte do forro e do teto havia sido substituída por claraboias de vidro fosco, que enchiam o cômodo com a iluminação difusa do sol.

Espalhados pela sala, sobre cavaletes, estavam os projetos de restauração em andamento. Um quadro de uma manada de vacas em um prado, pintado por um antigo mestre e escurecido pelo tempo, estava junto a uma pintura pós-impressionista de cores brilhantes, com dançarinas de cançã erguendo as pernas e os vestidos em uma apresentação no palco, parecendo escandalizar uma espanhola vestida de negro, que segurava um leque diante da boca, em um quadro próximo.

— Deixe-me dar uma olhada nisso — disse Mamie, tomando o pacote de

mim e depositando-o na grande bancada que ocupava o centro da sala.

Ela removeu o papel com cuidado, desvirou a pintura e ergueu-a para examiná-la. Era um retrato em tamanho natural de um jovem, da cintura para cima, usando um uniforme militar azul-escuro, de aparência napoleônica, e um chapéu alto com pluma. Era obviamente o próprio Jean-Baptiste.

— Ah, nota-se claramente a semelhança de família — disse Mamie, assombrada, seu olhar indo e vindo entre a pintura e seu cliente.

Aproximando-se, ele tocou um pequeno corte na tela, à altura da testa do homem.

— O rasgão está aqui.

— Bom, é um corte limpo e vai ser fácil consertá-lo. Um remendo por trás, e talvez não precisemos sequer retocar. O que o senhor disse que fez a incisão?

— Eu não disse, mas foi uma faca.

— Ah — exclamou Mamie, surpresa.

— Nada preocupante. Apenas os netos com brincadeiras brutas, sabe. Eles foram proibidos de brincar no escritório daqui em diante — ele comentou, enquanto me olhava com naturalidade.

— Bem, se puder esperar aqui, deixei meu talão de recibos no apartamento. Kate, você poderia fazer um café para *monsieur* Grimod?

Ela indicou uma cafeteira sobre uma mesa de canto e saiu, deixando a porta aberta.

O *revenant* e eu ficamos imóveis até ouvirmos o som do elevador velho entrando em ação. Então ele deu um passo em minha direção.

— O que você está fazendo aqui?

— Precisamos conversar — ele disse, seu tom autoritário me dando nos nervos. — Jules me contou que você viu Charles. Diga-me onde, por favor.

Presumi que, quanto antes eu dissesse a Jean-Baptiste o que ele queria saber, mais rápido ele iria embora.

— Ele estava parado do lado de fora de uma casa noturna, perto de Oberkampf. Foi na sexta-feira, por volta da meia-noite.

— Com quem ele estava? — embora ele desse toda a impressão de estar calmo, eu percebia, por um tremor no canto da boca, que as coisas não estavam bem.

— Ele parecia ter ido sozinho. Por quê?

Ele lançou um olhar à porta, como se calculasse quanto tempo tinha para falar.

— Vim aqui por dois motivos — disse, depressa e baixinho. — O primeiro foi para lhe perguntar sobre Charles. Ele desapareceu há alguns dias, depois de... — ele olhou com desgosto para o retrato — ...exibir suas habilidades como atirador de facas. E o segundo foi fazer uma visita discreta a sua família. Eu precisava saber de onde você provém.

Minha fúria retornou na hora.

— Você está me espionando? Que quer dizer com “de onde eu provenho”? Se meus avós têm dinheiro? — sacudi a cabeça, enojada. — Bom, eles têm, sim, mas não tanto quanto você. Mas, de qualquer forma, não vejo por que isso possa interessar.

Comecei a me afastar em direção à porta.

— Pare! — ele ordenou, e obedeci. — O dinheiro não me interessa. O caráter, sim. Seus avós são honrados. E seguros.

— Honrados o suficiente para consertar seu quadro?

— Não, honrados o suficiente para merecer minha confiança. Se algum dia for necessário.

Quando entendi o sentido das palavras, meu corpo se enrijeceu. Ele estava espionando minha família para ver se eu era boa o suficiente para Vincent. Ele não devia ter percebido ainda que o caso estava definitivamente encerrado.

— Nunca será necessário. Não se preocupe, *monsieur* Grimod, não vou mais me intrometer em sua preciosa vida caseira, nunca mais.

Uma lágrima inesperada rolou por meu rosto, e limpei-a, furiosa.

A expressão do rosto dele se suavizou. Tocando-me o braço de leve com os dedos, ele disse:

— Mas, minha cara jovem, você deve voltar. Vincent precisa de você. Ele está inconsolável.

Baixe os olhos para o chão e sacudi a cabeça. Jean-Baptiste colocou um dedo perfeitamente manicurado sob meu queixo, erguendo-o até que meus olhos encontrassem os seus.

— Ele está disposto a fazer sacrifícios extremos para ficar com você. Você não deve nada a nós... a ele, mas eu imploraria que você viesse ouvir o que ele

tem a dizer.

Minha determinação começou a ruir.

— Vou pensar — sussurrei, por fim.

Ele acenou com a cabeça, satisfeito.

— Muito obrigado — a voz falhou ao proferir palavras que ele raramente devia usar. Ele foi depressa até a porta e desceu pelas escadas, na mesma hora em que ouvi o elevador começando a subir.

Mamie desembarcou, olhando para seu talão, e então para mim, ao passar pela porta. Percebeu que o ateliê estava vazio.

— Ora, aonde ele foi? — perguntou, confusa.



CHOVIA FORTE. EU OBSERVAVA AS GOTAS DE CHUVA batendo com força no vidro das janelas-balcão de meu quarto, ricocheteando e caindo na poça que se formava na varanda.

Estivera pensando sobre Vincent desde que tinha conversado com Jean-Baptiste horas atrás, comparando as palavras dele com o que Jules havia me contado no café. Vincent estava tentando resolver as coisas. Encontrar uma solução. Será que eu devia lhe dar uma chance de conversar, ou com isso estaria apenas me abrindo para o risco de mais dor?

O que é melhor, pensei, estar em segurança e sofrer sozinha, ou arriscar a sentir dor e viver de verdade? Embora minha cabeça e meu coração estivessem me conduzindo em duas direções diferentes, eu tinha certeza de que não queria que minha vida continuasse sendo o que tinha sido nas três últimas semanas: uma existência insossa, sem cor, calor ou vida.

Fui até a janela e olhei para fora, para o céu que escurecia, desejando que a resposta para minha pergunta pudesse estar impressa em grandes letras nas nuvens carregadas. Meu olhar baixou para o parque lá embaixo, e vi o vulto de um homem apoiado no portão de entrada. Estava sob a chuva pesada, sem guarda-chuva, olhando para minha janela. Saí para a varanda.

Uma rajada de ar frio me envolveu, e de imediato fiquei encharcada pela chuva que caía violenta, mas consegui ver a face voltada para cima, três andares abaixo. Era Vincent. Nossos olhos se encontraram.

Hesitei por um segundo. *Será que eu devia?*, perguntei a mim mesma, antes de perceber que já tinha me decidido.

Voltando para o quarto, peguei uma toalha e sequei o cabelo e o rosto, enquanto procurava minhas galochas. Apanhei-as embaixo da cama e saí correndo para o corredor, esbarrando em Mamie fora da cozinha.

— Katy a, aonde você está indo? — ela me perguntou.

— Tenho que sair. Aviso se for chegar tarde — falei, colocando o casaco e apanhando o guarda-chuva.

— Tudo bem, querida. Mas tome cuidado. Está caindo um dilúvio lá fora.

— Eu sei, Mamie — respondi, abraçando-a com força antes de sair pela porta.

— Que deu em você? — ouvi-a exclamar enquanto eu batia a porta, e então desci correndo as escadas.

Uma vez na rua, virei a esquina do prédio, indo rumo ao parque, e então parei de repente. Lá estava ele. Sob a chuva inclemente, me olhando com uma expressão que me paralisou. Era uma expressão de alívio indizível. Como se tivesse encontrado uma lagoa de água cristalina no meio de um deserto. Eu a reconheci porque sentia exatamente a mesma coisa.

Joguei longe meu guarda-chuva e me atirei sobre Vincent. Seus braços fortes me envolveram, me erguendo num abraço desesperado.

— Ah, Kate — ele murmurou, encostando sua cabeça na minha.

— O que você está fazendo aqui?

— Tentando ficar o mais perto possível de você — respondeu, beijando meu rosto salpicado de gotas de chuva.

— Quanto tempo... — comecei a perguntar.

— Virou um hábito. Eu só ficava olhando até sua luz se apagar. Nunca achei que você me veria — ele respondeu, me colocando de volta no chão.

— Você tem que sair da chuva. Volta comigo para sua casa? Para podermos conversar?

Ele concordou. Pegou o guarda-chuva e, segurando-o sobre nossas cabeças, envolveu meu ombro com o braço e me segurou bem junto a si durante todo o caminho.

Já na casa dele, sob a luz salpicada de sombras do saguão de entrada, olhei para Vincent e abafei uma exclamação. Ele estava acabado. Tinha perdido peso e os olhos afundados exibiam olheiras. Eu não havia notado aquilo no La Palette,

tendo outras coisas (como uma bela *revenant* loira) com que me preocupar. Mas ali, parada a menos de um metro de distância, seu estado emaciado era inconfundível.

— Ah, Vincent — exclamei, erguendo a mão para tocar seu rosto.

— Não tenho me sentido bem — disse ele, pegando minha mão antes que eu o tocasse e envolvendo-a na sua. Ao toque de sua pele, derreti toda por dentro. — Vamos para meu quarto.

Ele me levou pelo corredor até lá. As cortinas haviam sido abertas. Algumas brasas ardiam na lareira, e o aposento tinha cheiro de acampamento. Fiquei olhando enquanto Vincent reavivava o fogo. Ele colocou alguns pedaços de lenha antes de voltar até mim.

— Está com frio? — perguntou.

— Não sei se é frio ou nervoso — admiti, e estendi a mão para mostrar como tremia. Na mesma hora ele me puxou e me tomou em seus braços.

— Ah, Kate — ele sussurrou, beijando o alto de minha cabeça. Senti que estremeceu quando seus lábios tocaram meu cabelo.

Ele segurou minha cabeça entre as mãos e despejou as palavras em uma torrente.

— Nem posso dizer como lutei nas últimas semanas. Tentei desaparecer de sua vida. Deixar você ir. Queria que você pudesse levar uma vida normal, uma vida segura. E quase me convenci de que estava fazendo a coisa certa, até que fui ver você pela primeira vez.

— E quando foi isso?

— Uma semana atrás. Eu tinha que ver se você estava bem. Fiquei observando você ir e vir durante dias. Não parecia que você estivesse melhor, ao contrário, parecia estar pior. E então, quando Charlotte entreteve sua irmã e sua avó conversando no café, eu soube que tinha sido errado deixar você ir.

— O que ela ouviu? — uma sensação ruim se formou na boca do estômago.

— Elas estavam preocupadas com você. Falaram de depressão. O que deviam fazer com você. Se Georgia deveria levar você de volta para Nova York.

Vendo que eu estava chocada, Vincent me acomodou no sofá e sentou a meu lado. Seus dedos acariciavam os meus sem perceber, enquanto ele falava, e o movimento e o toque deles me fizeram sentir mais centrada.

— Estive conversando com Gaspard sobre isso. Ele sabe tanto quanto Jean-Baptiste, ou até mais, sobre nossa condição de *revenants*. Acho que cheguei a uma solução com a qual podemos conviver. Que não seria muita pressão para você. Uma vida *quase* normal. Quer ouvir?

Assenti e tentei conter o sentimento de esperança. Não fazia ideia do que ele iria propor.

— Lamento não ter lhe contado mais sobre mim logo de cara. É que não queria assustar você. Acho que coloquei uma barreira entre nós dois. Então quero começar do começo. Primeiro, minha história: Nasci em 1924, como lhe disse, em um vilarejo da Bretanha. Nossa cidade foi ocupada logo em seguida à invasão dos alemães, em 1940. Nem tentamos resistir. Não tínhamos armas, e tudo aconteceu tão rápido que nem tivemos tempo de preparar uma defesa. Eu estava apaixonado por uma jovem chamada Hélène. Tínhamos crescido juntos, e nossos pais eram muito amigos. Um ano depois do início da Ocupação, eu a pedi em casamento. Tínhamos só dezessete anos, mas a idade não parecia importar no clima imprevisível de guerra em que vivíamos. Minha mãe pediu que esperássemos até os dezoito anos, e foi o que fizemos. Nossa vila estava à mercê do destacamento alemão estacionado nas vizinhanças, e éramos obrigados a fornecer alimento, água e suprimentos aos alemães. E também outros... serviços não oficiais.

Eu podia sentir a ira se acumulando na voz de Vincent, mas permaneci em silêncio, sabendo que devia ser difícil para ele lembrar tudo.

— Meus pais e eu estávamos jantando na casa de Hélène certa noite, quando dois oficiais alemães bêbados bateram à porta, exigindo vinho. O pai de Hélène explicou que já havia entregado ao exército todo o conteúdo da adega e que não tinha nada para oferecer. “Isso é o que veremos!”, um deles exclamou. Empunhando suas armas, eles ordenaram que Hélène e sua irmã mais nova tirassem a roupa. A mãe delas correu para os oficiais, protestando aos gritos. Eles atiraram nela e em seguida atiraram em minha mãe, que tinha se adiantado para defender a amiga. Meu pai foi morto em seguida. O pai de Hélène se lançou atrás de uma porta, para pegar um rifle de caça que mantinha escondido ali, mas, antes que pudesse fazer mira, um dos alemães o desarmou e atirou em sua perna, enquanto o outro me golpeou com a pistola quando tentei pular sobre ele. Eles nos mantiveram vivos, para que pudéssemos assistir, sangrando e algemados

às portas. Eles... atacaram... Hélène e a irmã. Hélène resistiu. Eles a mataram a tiros também.

A voz de Vincent falhou, mas seus olhos estavam frios como aço.

— Nós três tivemos que enterrar nossos mortos. Eu me ofereci para ficar e tomar conta do pai e da irmã de Hélène, mas eles me pediram que lutasse contra nossos atacantes. Parti na mesma noite para me juntar aos Maquis.

— A Resistência — murmurei.

— Sim. O braço rural da Resistência. Nós nos escondíamos nos bosques durante o dia e atacávamos os acampamentos alemães de noite, roubando armas e alimento, e matando-os quando podíamos. Um dia, fui preso com um companheiro, acusados de termos assaltado um galpão de armas na noite anterior. Eu não tinha participado do ataque, mas meu amigo havia organizado tudo. Eles não dispunham de prova alguma contra nós. Mas estavam determinados a fazer com quem alguém pagasse pelo escândalo. Meu amigo tinha esposa e filho em sua aldeia natal. Eu não tinha ninguém. Disse a eles que era eu o responsável e fui fuzilado na praça da cidade, como um exemplo para os demais moradores.

— Ah, Vincent — exclamei, horrorizada, pondo as mãos diante da boca.

— Está tudo bem. Estou aqui, agora, não estou? — ele me confortou baixinho, abaixando minhas mãos e olhando bem em meus olhos. Então continuou: — A história saiu nos jornais no dia seguinte, e Jean-Baptiste, que estava hospedado numa casa da região, foi até o “hospital” para onde haviam levado meu corpo; alegando que era familiar meu, conseguiu tirar meu corpo de lá e cuidou de mim até que acordei, dois dias depois.

— Como ele sabia que você era... como ele?

— Jean-Baptiste tem a “visão”. É como um radar para os “desmortos em transformação”. Ele vê auras.

— É como aquelas auras New Age? — perguntei, desconfiada.

— É, mais ou menos isso — ele disse, rindo. — Uma vez ele tentou me explicar. A aura dos *revenants* tem cor e vibração bem características. Depois da primeira morte de um *revenant*, Jean-Baptiste pode vê-lo a quilômetros de distância. Ele diz que é como um holofote apontado para o céu. Foi assim que ele encontrou Ambrose alguns anos mais tarde, depois que o batalhão americano no qual ele servia foi massacrado em uma batalha na Lorena. Jules morreu na

Primeira Guerra Mundial; os gêmeos, na Segunda; e Gaspard, em uma guerra entre França e Áustria, em meados do século dezenove.

— Gaspard foi um soldado?

Vincent deu uma risada.

— Isso surpreende você?

— Ele não é um pouquinho nervoso demais para lutar na guerra?

— Ele era um poeta que foi forçado a se tornar soldado. Uma alma sensível demais para ver o que viu nos campos de batalha.

— Então quase todos vocês morreram em guerras?

— As guerras são os momentos mais fáceis de encontrar pessoas que estão morrendo no lugar dos outros. Deve acontecer o tempo todo, mas em geral passa despercebido.

— Então o que você está dizendo é que tem gente morrendo por toda a França que poderia voltar à vida... nas circunstâncias apropriadas.

Minha cabeça doía. Aquilo tudo era muito espantoso, mesmo tendo tido mais de um mês para me acostumar à ideia de que o mundo onde eu vivia já não era o mesmo que conhecera antes.

Vincent riu.

— Kate, não é algo que só acontece na França. Aposto que você já passou por um monte de *revenants* em Nova York sem saber que estava cruzando com um zumbi.

— E por que você, em particular? Imagino que a maior parte dos bombeiros ou policiais ou soldados que salvam vidas não retorna três dias depois.

— Ainda não entendemos por que certas pessoas estão predispostas a serem *revenants*. Jean-Baptiste acha que é algo genético. Gaspard acha que é simplesmente o destino, que algumas pessoas foram escolhidas. Ninguém encontrou qualquer prova de que seja algo além disso.

Perguntei-me se Vincent e os demais teriam sido criados por mágica ou pela natureza. Ficava mais e mais difícil, para mim, distinguir entre ambas, agora que as regras que eu aprendera estavam sendo subvertidas.

Ele foi até a mesa e me serviu um copo de água. Eu o aceitei de bom grado e tomei enquanto Vincent colocava mais lenha no fogo, que agora havia diminuído.

Ele se acomodou no chão diante de mim. O sofá era tão baixo, e Vincent

tão alto, que seus olhos estavam pouco abaixo dos meus enquanto ele falava com cuidado, pesando cada palavra.

— Kate, venho tentando descobrir um modo de lidar com esta situação. Eu lhe contei que uma vez eu vivi até os vinte e três anos. Foram cinco anos evitando a compulsão de morrer. Jean-Baptiste me pediu para aguentar até conseguir me formar como advogado para poder cuidar da documentação da família. Foi difícil, mas consegui. Ele me deu essa missão porque sabia que eu era mais forte que os outros. E eu o tenho visto resistir a seus próprios impulsos por trinta e cinco anos. Então, sei que é possível.

Vincent tinha uma expressão de sofrimento.

— A mulher com quem você me viu outro dia, no La Palette...

— Sim, Geneviève. Jules me contou que ela era só uma amiga sua.

— Eu estava torcendo para que você acreditasse nele. Sei que deve ter parecido... comprometedor. Mas pedi a Geneviève que fosse se encontrar comigo naquele dia para que eu pudesse saber mais sobre a situação dela. Ela é casada. Com um humano.

Meu queixo caiu.

— Mas... como?

— A morte original dela aconteceu mais ou menos na mesma época que a minha. Ela tinha acabado de se casar. E seu marido estava vivo. Assim, depois de reanimar, ela voltou para ele, e os dois vivem juntos desde então.

— Mas ele deve ter...

— Ele tem mais de oitenta.

Minha mente tentou assimilar o pensamento daquela linda mulher casada com um homem velho o suficiente para ser seu bisavô. Eu não podia imaginar como seria a vida dela.

— Eles ainda estão apaixonados, mas tem sido uma vida difícil — prosseguiu Vincent. — Ela não conseguiu controlar seu impulso de morrer e o marido a encorajou a seguir seu destino como *revenant*. Ele tem orgulho dela, e ela o adora. Mas logo será a vez dele de morrer, e ela ficará sozinha. Essa é uma opção, mas eu nunca exigiria de ninguém que a aceitasse.

Vincent tomou minha mão nas suas. Eram quentes e fortes, e seu toque provocou uma onda de felicidade que percorreu meu corpo e se instalou em meu coração.

— Kate, posso ficar longe de você. Seria uma existência miserável, mas eu poderia suportá-la se soubesse que você estaria bem. Mas, se você também quer ficar comigo, posso oferecer esta solução: vou resistir à morte pelo tempo que estivermos juntos. Falei com Jean-Baptiste, e vamos imaginar uma forma de tornar isso possível. Não vou obrigar você a passar de novo e de novo pela dor de minhas mortes. Não posso evitar que você fique sem minha presença física três dias por mês. Mas posso controlar o resto. E vou fazer isso. Se você decidir me dar uma chance.

Capítulo 28



BEM... O QUE EU *podia dizer?*

Eu disse:

— Sim.



FICAMOS SENTADOS NO CHÃO, ABRAÇADOS, OLHANDO o fogo.

— Está com fome? — Vincent perguntou.

— Puxa, estou — confessei, surpresa. Fazia umas três semanas que não tinha muito apetite.

Enquanto ele ia até a cozinha, liguei para minha avó.

— Mamie, você se importaria se eu não jantasse em casa? Vou comer fora.

— Pelo tom de sua voz, eu estaria correta em supor que isso tem a ver com um certo rapaz?

— Sim, estou na casa de Vincent.

— Bom, fico feliz por você. Espero que você possa resolver tudo e se reunir a nós de novo na terra dos vivos.

Estremeci. Se ela ao menos soubesse.

— Temos muito que conversar, talvez eu chegue tarde.

— Não se preocupe, querida Katy a. Mas lembre-se de que você tem aula amanhã.

— Sem problemas, Mamie.

Minha avó fez uma pausa tão longa que achei que tivesse desligado.

— Mamie?

— Katy a — ela disse lentamente, como se estivesse pensando. Então, com voz decidida, prosseguiu. — Querida, esqueça o que acabo de dizer. Creio que é melhor esclarecer as coisas do que insistir em uma boa noite de sono. Vincent vive com os pais?

— Vive com a família.

— Ótimo. Bom, se você decidir passar a noite aí, ligue-me, assim não fico preocupada.

— O quê? — exclamei.

— Se for necessário faltar amanhã, não tem problema. Você tem minha permissão para dormir na casa da família dele... em sua própria cama, claro.

— Não vai acontecer nada entre nós — comecei a protestar.

— Eu sei — eu podia ouvir seu sorriso através da linha. — Você tem quase dezessete, mas em sua cabeça é mais velha do que isso. Confio em você, Kate. Só resolva tudo e não se preocupe em voltar para casa por minha causa.

— É bem... moderno de sua parte, Mamie — comentei, paralisada de espanto.

— Gosto de pensar que consigo acompanhar os tempos — ela brincou, e então disse, de forma intensa: — Viva, Katy a. Seja feliz. Corra riscos. Divirta-se. — E desligou o telefone.

Minha avó acaba de me autorizar a passar a noite na casa de meu namorado. Isso merece o título de esquisitice do dia, decidi. Mais do que a promessa de Vincent de não morrer por mim.

Vincent voltou com uma bandeja enorme de comida.

— Jeanne mais uma vez não nos deixa na mão.

Ele colocou a bandeja na mesa. Estava lotada com frios fatiados, *saucissons*, queijos, baguetes e cinco ou seis tipos diferentes de azeitonas. Havia água mineral, suco e um bule de chá. Frutas exóticas estavam empilhadas em uma tigela, e diminutos *macarons* de várias cores formavam uma pirâmide em um prato de bolo com pé.

Coloquei na boca uma bolinha de queijo de cabra fresco e logo em seguida uma fatia de tomate seco em óleo.

— Me sinto mimada — exclamei, extasiada, apoiando a cabeça no ombro de Vincent. Era tão bom poder tocá-lo, depois de três semanas abraçando só o travesseiro.

— Ótimo. É exatamente como quero que se sinta. O único modo de pedir desculpas por essa situação fora do comum é compensar você de um modo fora do comum.

— Vincent, já é incrível estar aqui com você. Não preciso de mais nada.

— Isso veremos — disse ele, sorrindo.

Enquanto comíamos, algo que Jean-Baptiste disse naquele dia me veio à mente.

— Vincent, o que aconteceu com Charles?

Ele ficou em silêncio um instante.

— O que Jean-Baptiste lhe contou?

— Que Charles atirou uma faca no quadro dele e depois fugiu.

— É. Bom, esse foi o fim da história. Começou com o acidente de barco, e só foi piorando.

— O que aconteceu?

— Um dia depois do resgate, quando a mente dele acordou, Charles fez com que Charlotte o ajudasse a encontrar a mãe da menina que morreu. Ele começou a segui-la, na forma *volant*, dominado pela culpa de não ter salvado a criança. Depois de reanimar, dois dias depois, ele começou a perseguir a mulher. Deixou presentes na porta dela. Levou flores ao velório. Até assistiu ao enterro.

— Bem sinistro.

— Charlotte ficou preocupada e contou tudo a Jean-Baptiste. Ele chamou Charles e o proibiu de ver a mulher. Até sugeriu mandar os gêmeos para uma das casas que tem no sul, para distanciar Charles da situação até que ele conseguisse pensar melhor. Foi quando Charles surtou. Ele ficou fora de controle, vociferando contra a injustiça daquilo tudo. Gritava que não queria ser um *revenant* por toda a eternidade, tendo que se sacrificar por gente que nem conhecia e se exilar quando tentava se envolver com a vida delas. Ele culpou Jean-Baptiste por alimentá-lo e cuidar dele depois que despertou, e por não deixá-lo morrer “como era a intenção da natureza” depois que foi fuzilado. Foi aí que atirou a faca.

— Pelo menos não a atirou contra Jean-Baptiste!

— Foi como se tivesse atirado, pela forma como magoou JB. Então ele foi embora da casa, e Charlotte quase teve um colapso nervoso. — Vincent fez uma pausa. — Com certeza vai voltar assim que se acalmar.

— O comportamento dele já parecia agressivo antes mesmo do acidente de barco.

— É. Ele sempre teve o pensamento mais existencialista entre todos nós. Não que eu não tenha pensado muito sobre nosso propósito aqui. Ele só teve mais

dificuldade em aceitar tudo.

Isso explicaria muita coisa, pensei, sentindo um pouco de pena de Charles.

— Quando ele foi embora?

— Faz dois dias.

— Foi quando eu o vi. Sexta-feira à noite, um pouco depois da meia-noite.

— É o que Jean-Baptiste disse. Então... você foi para a balada sem mim?

— ele me deu um sorriso de provocação. Notei que tentava melhorar o clima, mudando de assunto.

— Tentei afogar as mágoas dançando.

— Funcionou?

— Não.

— Talvez tivesse funcionado se eu estivesse com você — ele disse, todo convencido. — Será que devíamos sair para dançar uma noite dessas?

— Não sei. Nunca vi um morto dançando. Acha que consegue acompanhar o meu ritmo? — brinquei.

Em resposta, Vincent me agarrou pelos ombros, chegou junto e apertou os lábios contra os meus.

Meus sentidos de imediato se concentraram naqueles poucos milímetros de nossas peles que se tocavam. E então ele se afastou, deixando meu coração batendo na garganta, como se o beijo o tivesse arrancado do peito.

— Isso é um sim? — arfei.

— Senti sua falta — disse ele, e repetiu a dose.

— É tarde. Você precisa voltar para casa — disse Vincent quando já havíamos passado um par de horas deitados no sofá, abraçados, colocando em dia todos os pequenos eventos da minha rotina.

— Na verdade, tenho uma autorização especial de Mamie para passar esta noite aqui na casa de sua família, caso precise de tempo para fazer as pazes com você — senti um sorriso travesso se espalhando por meu rosto.

— O quê? — por sua cara de surpresa, parecia que agora era eu quem tinha contado algo chocante, e não ele, como de costume. — Sua avó está do meu lado? Será que os prodígios nunca terminam?

— Não sei se é bem do *seu* lado; eu diria que é mais do *meu*. Ou talvez do dela. Ela não quer que eu seja consumida pelo sofrimento debaixo do teto dela.

Vincent riu.

— Bom, a gente não vai querer abusar da confiança de Mamie. Você pode dormir na minha cama. Eu não preciso dela, de qualquer modo — ele piscou para mim. — Qualquer coisa para passar mais tempo com *ma belle* Kate.

Eu me derreti toda por dentro.

Enquanto ele se ocupava em reavivar o fogo, levantei-me e vagueei pelo quarto, olhando suas coisas para ter mais pistas sobre quem de fato era aquele sujeito misterioso. Quando cheguei à mesa de cabeceira, fiquei paralisada. Havia um vasinho com flores onde minha foto estivera.

— Dei sua foto para Charlotte — disse Vincent, vindo por trás de mim. — Era difícil demais para mim ver sua foto dia após dia, quando eu sabia que não podia ver você em pessoa.

Toquei em seu braço para ele perceber que eu não estava chateada.

— Eu lhe dou outra. Aquela não era tão boa assim.

— Boa ideia — ele exclamou. Tirou uma câmera da mesa de cabeceira e ergueu-a como um troféu.

— Agora? — fiz uma careta, imaginando se eu parecia tão cansada como me sentia.

— Por que não?

Parando a meu lado, passou o braço ao redor de meu ombro e segurou a câmera diante de nós.

— Fique imóvel. É melhor sem *flash* — instruiu, e apertou o botão de disparo. Então virou a câmera para que pudéssemos ver a foto.

Meu coração estava em minha boca quando olhei a imagem de mim mesma ao lado desse cara que parecia um deus. Os olhos dele estavam semicerrados, e, na luz suave do quarto, as olheiras sob eles na verdade o faziam parecer mais belo do que nunca, mas com um toque sombrio.

E eu... Bem, eu resplandecia. Junto dele, eu parecia estar onde de fato deveria estar. E me sentia assim.

Ficamos conversando, sentados na cama de Vincent, até tarde. Por fim meus olhos começaram a se fechar sozinhos, e ele perguntou se eu queria dormir.

— Não quero, mas acho que preciso. É uma pena que sua insônia de

revenant não possa me contagiar. — Sorri, contendo um bocejo.

Ele tirou de uma gaveta uma camiseta de um tom verde-azulado claro e jogou-a para mim.

— Para combinar com seus olhos.

Revirei os olhos com um comentário tão meloso, mas curti secretamente que ele soubesse exatamente a cor de meus olhos. A camiseta era grande o suficiente para chegar ao meio de minhas coxas.

— Perfeita — aprovei, e, ao erguer os olhos, vi que Vincent estava virado para a parede.

— Vai em frente — disse ele, com voz brincalhona.

— O que você está fazendo? — perguntei, rindo.

— Se eu for forçado a ver Kate Mercier ficar só de calcinha em meu próprio quarto, receio que não possa responder por meus atos diante de Mamie. — A rouquidão da voz dele me fez desejar, apenas por um segundo, que ele fosse adiante com a ameaça.

Vestindo a camiseta, informei:

— Ok, estou decente.

Ele se virou e me olhou, assobiando baixinho.

— Você está mais do que decente. Está praticamente comestível!

— Achei que os *revenants* não comiam carne humana — gracieji, enrubescendo a despeito de mim mesma.

— Mas eu não disse que nunca cedemos quando pressionados além da conta — Vincent devolveu.

Imaginando se todos nossos diálogos seriam sempre tão esquisitos, sacudi a cabeça, sorrindo, e procurei meu celular na sacola. Mandeí um torpedo para Georgia, pedindo-lhe para avisar, na escola, que eu ia ficar em casa “por motivos pessoais” e que levaria um bilhete de minha avó na terça-feira.

E logo depois, sentada na cama com as costas apoiadas na parede e a cabeça no ombro de Vincent, adormeci.

Quando acordei, de manhã, estava sob os cobertores, a cabeça sobre um travesseiro de plumas ultramacio. Vincent tinha saído, mas havia um bilhete na mesa.

Alguém já lhe disse que você é linda quando dorme? A vontade de acordar

você para dizer isso era tão grande que preferi sair em vez de me arriscar a provocar sua fúria por falta de sono. Jeanne vai preparar o café da manhã para você na cozinha.

Vesti as roupas do dia anterior e percorri o corredor, sonolenta, rumo à cozinha. Quando Jeanne me viu entrando, deu um grito e correu até mim, tomando minha cabeça entre suas mãos gorduchas e plantando um beijo enorme de cada lado de meu rosto.

— Ah, minha pequena Kate. É tão bom ter você de volta. Fiquei tão feliz quando Vincent me contou que você viria aqui ontem à noite. E ele tomou café da manhã hoje! Parecia que ele estava em greve de fome, mas era a tristeza por ter perdido você... — ela se interrompeu, cobrindo a boca com a mão. — Eu aqui falando e falando, e você acaba de acordar. Sente-se, sente-se. Vou lhe servir algo. Café ou chá?

— Café — respondi, lisonjeada com tanta atenção.

Jeanne e eu conversamos enquanto eu comia. Ela quis saber tudo sobre minha família, de onde eu era, e como era viver em Nova York. Permaneci ali um pouco, depois de terminar de comer, mas eu não via a hora de encontrar Vincent.

Jeanne percebeu. Recolhendo minha xícara e meu prato vazios, ela me mandou embora da cozinha.

— Tenho certeza de que você não planeja passar o dia aqui comigo. Vá procurar Vincent. Ele está se exercitando no ginásio.

— Onde é? — indaguei, curiosa por um lado da vida de Vincent que eu ainda não conhecia.

— Como sou tonta, fico pensando que já conhece a casa, mas você esteve aqui tão poucas vezes. Fica no porão. A porta da esquerda ao sair da cozinha.

Eu os ouvi antes de vê-los. O som de aço contra aço. As respirações pesadas, grunhidos e exclamações. Parecia a trilha sonora de efeitos especiais para um filme de artes marciais sendo tocada a todo volume em uma câmara de eco. Terminei de descer a escada e olhei ao redor, espantada.

O aposento se estendia por todo o comprimento da casa. O teto de pedra estava curvado em uma abóbada. Janelas pequeninas alinhavam-se no alto da parede, em toda sua extensão, no que devia ser o nível do chão lá fora. Raios de

sol entravam em ângulo no ambiente, transformando as partículas rodopiantes de poeira em estranhas colunas de fumaça.

As paredes estavam revestidas com armas e armaduras, de todos os tipos, desde balestras, escudos e espadas medievais a machados de batalha e lanças. No meio havia, ainda, espadas contemporâneas e uma grande variedade de rifles de caça e velhas armas militares.

No meio da sala, Vincent brandia uma espada pesada, de empunhadura dupla, atacando outro homem, cujo cabelo preto estava amarrado em um rabo de cavalo. Este defendeu-se, erguendo sua própria lâmina, de aparência temível, para desviar o golpe. A velocidade e a força deles era algo assombroso.

Vincent usava calças largas de caratê, mas estava descalço e sem camisa. Ao manejar a espada, seus músculos abdominais duros como rocha e seus peitorais amplos ondulavam à medida que ele erguia e abaixava a arma. Seus músculos eram bem delineados, mas não sarados como os de Ambrose. O corpo dele era perfeito.

Depois de alguns minutos de espionagem declarada, entrei no aposento, e o outro homem olhou para mim e acenou com a cabeça.

— Kate! — disse Vincent, correndo até onde eu estava. Ele tomou meu rosto entre as mãos e me deu um selinho suado nos lábios. — Bom dia, *mon ange*. Gaspard e eu estávamos só treinando. Terminamos daqui a uns minutos.

— Gaspard! — exclamei. — Eu nem o reconheci.

Com seu cabelo rebelde afastado do rosto, ele parecia quase... normal. E, na intensidade da luta, havia perdido toda sua falta de jeito e hesitação.

— Não deixe que a aparência normal de poeta louco de Gaspard engane você — declarou Vincent, lendo minha mente. — Ele passou os últimos cento e cinquenta anos estudando armamentos, e não se importa em servir como instrutor de artes marciais para nós que somos mais jovens.

Gaspard guardou a espada na bainha. Aproximou-se e, com uma medida, disse:

— *Mademoiselle* Kate. Devo dizer que é um prazer vê-la aqui de novo. — Agora que não empunhava a espada, havia perdido os movimentos suaves, voltando a ser o sujeito nervoso de antes. — Quero dizer... dadas as circunstâncias... isto é, com Vincent estando tão inconsolável...

— Se você parar por aí... — interrompi, rindo — ... ainda posso tomar

como um elogio.

— Sim, sim. Claro — ele deu um sorriso inquieto e indicou com a cabeça a espada de Vincent, que estava no chão. — Quer tentar, Kate?

— Você tem seguro de vida? — graciei. — Porque eu seria bem capaz de matar a nós três se me pusessem na mão uma lâmina mortal.

— É melhor você tirar o suéter — sugeriu Vincent.

Meio envergonhada, eu o tirei, revelando apenas uma camiseta regata por baixo. Ele assobiou em apreciação.

— Para com isso — sussurrei, enrubescendo.

Gaspard ergueu a espada, e sua face ficou calma. Com um movimento suave do queixo ele sinalizou que me adiantasse. Vincent se pôs detrás de mim, suas mãos sobre as minhas, que seguravam o punho da arma.

A espada parecia ter sido roubada do cenário de *Excalibur*, uma daquelas lâminas tremendamente pesadas que a gente vê os cavaleiros de armaduras erguendo com dificuldade. O punho tinha forma de cruz, com o cabo longo o suficiente para acomodar uma mão acima da outra e ainda sobrar muito espaço. Juntos, Vincent e eu erguemos do chão a espada. Então ele soltou, e ela despencou.

— Caramba, quanto pesa esta coisa?

Vincent riu.

— Nós treinamos com as espadas mais pesadas, assim, quando usamos uma arma menor e mais manobrável, é como segurar uma pluma. Agora tente este — ele me ofereceu um espadim menor que tirou da parede.

— Ok, este eu consigo usar — falei, testando seu peso em minha mão.

Gaspard estava em pé, a postos, e avancei com Vincent atrás de mim, os braços ao redor dos meus. Sentindo seu torso nu pressionando com firmeza minhas costas e a pele quente roçando meus braços, por um segundo esqueci o que estava fazendo, e a lâmina baixou, apontando para o chão. Forçando-me a prestar atenção, me endireitei. *Concentre-se*, pensei. Eu queria ter pelo menos uma chance mínima de evitar a humilhação completa.

Eles me mostraram alguns movimentos tradicionais de esgrima, em câmera lenta, e então passaram para movimentos mais dinâmicos, de ataque ao estilo das artes marciais. Depois de cinco minutos, eu já estava sem fôlego. Envergonhada, agradeci a Gaspard, sugerindo que seria melhor eu me sentar e

só assistir ao resto da sessão, começando do zero em outra hora.

Tomando a espada de minha mão, Vincent abraçou minha cintura de forma bem-humorada e me soltou. Pela meia hora seguinte, observei-os enquanto mudavam de uma arma para outra, ambos exibindo com todas elas uma maestria assombrosa.

Finalmente ouvi passos na escada, e Ambrose entrou na sala.

— Então, Gaspard, já acabou de brincar com o fracote? Está pronto para um homem de verdade? — provocou, e então abriu um sorriso enorme ao me ver.

— Katie-lou, quem diria! Então a gente não conseguiu apavorar você para sempre?

Eu sorri e sacudi a cabeça.

— Infelizmente não. Parece que vão ter que me aguentar.

Ele me abraçou e então se afastou um passo para me olhar com carinho.

— Por mim tudo bem. Sempre é bom ter um colírio para os olhos por aqui.

Conviver com aquele bando de caras ia ser bom para minha autoestima, pensei, estivessem eles tecnicamente vivos ou não.

— Ok, afaste-se, Ambrose. Você pode ser maior do que eu, mas tenho uma espada — exclamou Vincent.

— Ah, sério? — divertiu-se Ambrose. Erguendo uma das mãos, tirou da parede um machado de batalha tão alto quanto ele. — Vamos ver o que você tem, Romeu.

E, com isso, eles deram início a uma luta a três, que superou qualquer coisa que eu tivesse visto no cinema, e sem nenhum efeito especial de Hollywood.

Por fim Vincent pediu tempo.

— Não que eu não pudesse lutar com você o dia inteiro, Ambrose, mas tenho um encontro, e é falta de educação fazer uma dama esperar.

— Conveniente, isso, bem quando você estava começando a se cansar — riu Ambrose. Voltando a lutar com o professor, ele passou para um ritmo mais lento.

Vincent apanhou uma toalha em uma cadeira e limpou o suor da face.

— Chuveiro. Vou levar só um minuto.

Ele foi até um canto da sala e entrou em um cubículo de madeira do tamanho de uma sauna, com um chuveiro enorme aparecendo na parte de cima,

aberta.

Ambrose e Gaspard continuaram o treino, o mais velho parecendo que poderia continuar aquilo por horas sem descansar. Fiquei olhando, fascinada, quando eles pararam e começaram a treinar o que pareciam movimentos de pé, em algum estilo de esgrima, enquanto Gaspard dava instruções.

Antes de segurar aquela espada, eu nunca tinha imaginado como eram difíceis as artes marciais. Os filmes faziam parecer tão fáceis, com aquelas subidas em paredes e as lutas acrobáticas com espadas. Mas ali, com a transpiração e os grunhidos, e a força empregada em cada movimento, eu percebia estar diante de uma perícia realmente de tirar o fôlego. Aqueles homens eram letais.

O ruído do chuveiro cessou, e Vincent saiu apenas com uma toalha enrolada na cintura. Ele parecia um deus saído direto de um quadro da Renascença, a pele morena retesada sobre o torso musculoso e o cabelo preto caindo ondulado. Era como se eu estivesse em um sonho. Então aquele sonho veio direto até mim e me pegou pela mão.

— Vamos subir? — perguntou.

Fiz que sim com a cabeça, incapaz de falar.



ASSIM QUE VOLTAMOS AO QUARTO DELE, VINCENT PEGOU roupas limpas de dentro de um armário embutido. Ele sorriu para mim.

— Vai querer assistir?

Fiquei vermelha e virei de costas. Fingi estar olhando a coleção de fotos, enquanto ouvia os sons dele se vestindo.

— Então, Vincent, quer vir jantar em casa neste final de semana e conhecer meus avós?

— Até que enfim ela convida. E, infelizmente, devo declinar.

— Por quê? — perguntei, surpresa. Virei-me e vi que ele vinha em minha direção com cara de quem achava graça.

— Porque não vou estar em condição de conhecer sua família neste final de semana, muito menos de conversar e mesmo de me sentar à mesa de jantar, mesmo que me apoie em algo.

— Ah... Quando você vai ficar dormente? — minha voz falhou quando a palavra estranha enroscou em minha língua.

Ele pegou seu celular de cima de uma mesa e checkou o calendário.

— Quinta-feira, vinte e sete.

— É o dia de Ação de Graças. Quinta e sexta são um feriado escolar. Que pena que você não vai estar disponível.

— O relógio não para, sobretudo para alguém do meu tipo. Sinto muito.

— Bom, e que tal antes disso? Hoje é segunda, que tal amanhã de noite?

— É possível, sim. Encontro confirmado. Então... vou conhecer seus avós. Que devo usar? — ele me provocou.

— Desde que não esteja usando um saco preto, acho que você vai estar superbem — devolvi, voltando de novo a atenção para a coleção de retratos.

Entre as fotos de crianças angélicas, soldados veteranos de guerra e adolescentes com cara de durões havia uma velha foto em preto e branco de uma jovem. Seu cabelo escuro estava preso em um estilo 1940, e ela usava um vestido florido com ombreiras. Ambas as mãos estavam erguidas a um lado da face, e ela segurava uma margarida por trás da orelha. Seus lábios escuros estavam abertos em um sorriso alegre. Ela era deslumbrante.

— Quem é? — perguntei, sabendo a resposta antes que a pergunta tivesse terminado de sair de minha boca.

Vincent se aproximou por trás de mim e colocou as mãos em meus braços. Ele cheirava a banho, com sabonete de lavanda e um xampu almiscarado. Deixei meu corpo se acomodar ao seu, e ele me envolveu nos braços.

— É Hélène — respondeu baixinho.

— Ela era linda — murmurei.

Ele abaixou a cabeça e, depois de beijar meu ombro, apoiou o queixo nele.

— Até ver você, não me permiti pensar em nenhuma mulher além dela. Tenho passado minha vida vingando sua morte.

Ouvindo a dor em sua voz, perguntei:

— Você chegou a encontrar os soldados que fizeram aquilo?

— Sim.

— E você...

Ele respondeu antes que eu pudesse completar.

— Sim. Mas não foi o suficiente. Precisei ir atrás de cada criminoso assassino que pudesse encontrar, e, mesmo quando os piores dentre os invasores e os colaboradores já tinham sido eliminados, ainda não foi suficiente.

Era difícil pensar em Vincent destruindo gente, fossem humanos ou *revenants*. Mas, agora que eu já tinha visto como ele lutava bem, eu sabia que ele e sua estirpe deviam ser capazes de vencer um exército. Mas que tipo de pessoa poderia passar mais de meio século pensando apenas em vingança?

Aquela faceta fria e perigosa que me atraía e assustara quando nos conhecemos tinha um fundamento. Agora eu sabia o que era. Imaginei sua face contraída de fúria e estremeci com a ideia.

— Que foi, Kate? Prefere que eu guarde a foto dela em uma gaveta? —

Percebi que eu ainda olhava a foto de Hélène.

Virei para encará-lo.

— Não! Não, Vincent. Ela é uma parte de seu passado. Não me sinto intimidada pelo fato de que você ainda pense nela.

Assim que as palavras saíram de minha boca, percebi que mentia. Eu me sentia intimidada por aquela bela mulher. O único amor de Vincent. Mesmo que o penteado e as roupas a situassem setenta anos no passado, ele guardara a memória dela com tanto carinho que isso havia influenciado tudo o que ele fizera, e o que não fizera, desde a morte dela.

— Já faz muito tempo, Kate. Às vezes parece que foi ontem, mas em geral parece que foi em outra vida. *Foi* em outra vida. Hélène se foi, e espero que você acredite em mim quando digo que você não tem concorrentes, nem ela e nem ninguém mais.

Ele parecia ter mais a dizer, mas não conseguia decidir como fazê-lo. Não pressionei. Sair do tema ex-amores estava ótimo para mim. Peguei-o pela mão e levei-o para longe. E, embora deixássemos as fotos para trás, minha sensação de inquietação persistia.

— Fique à vontade. Eu já volto — ele disse, e deixou o quarto.

Voltei minha atenção para as estantes, que acomodavam livros em vários idiomas, todos misturados. Consegui reconhecer a maioria das obras em inglês. *Temos um gosto semelhante para a leitura*, pensei, sorrindo.

Localizando uma fileira de grossos álbuns de fotos numa prateleira mais baixa, tirei um e abri. Por dentro da capa estava escrito à mão *1974-1978*, e comecei a rir enquanto virava as folhas, vendo fotos de Vincent usando roupas meio hippies e cabelo comprido com costeletas. Mesmo que houvesse algo ridículo naqueles estilos, ele era tão bonitão naquela época quanto era hoje. Nada tinha mudado, exceto os acessórios.

Virei uma página e vi Ambrose e Jules juntos, rivalizando em seus enormes cabelos afro. Em outra página, Charlotte usava maquiagem no estilo Twiggy, e um microvestido, e posava ao lado de Charles, que parecia um Jim Morrison adolescente: cabelos revoltos, sem camisa, com um monte de colares de contas. Não consegui evitar dar uma risada alta ao ver aquela foto.

— O que é tão engraçado? — perguntou Vincent, fechando a porta após entrar.

Ele colocou sobre a mesa uma garrafa d'água e dois copos.

— Ahá, você achou meu estoque secreto de fotos para chantagem.

— Me mostra mais, estas são impagáveis — disse eu, me curvando para colocar de volta o álbum em seu lugar.

Quando me endireitei, encontrei-o a centímetros de mim.

— Não sei, Kate. Engolir meu orgulho o suficiente para lhe mostrar fotos minhas parecendo um palhaço ao longo de boa parte do século XX pode lhe custar caro.

— Quanto? — murmurei, fascinada por aquela proximidade súbita. Inconscientemente umedecei os lábios.

— Hum. Vamos ver — ele sussurrou, erguendo as mãos para minha cintura e segurando-me com firmeza. Seus dedos afagavam-me as costas, fazendo meus joelhos derreterem.

— Pode lhe custar uns beijos aqui...

Ele baixou a cabeça para o lado de meu pescoço e deteve a boca a um centímetro de minha orelha, exalando seu hálito quente em minha pele. Senti todo meu corpo se arrepiar, quando ele lentamente comprimiu os lábios contra meu pescoço.

Estremeci, e instintivamente suspirei quando ele começou a descrever um caminho descendente de beijos suaves, e então passou para minha garganta. Ao chegar à base do pescoço, ele se deteve.

— Ou talvez aqui... — disse, e senti um toque cauteloso da ponta de sua língua na pele sensível da depressão entre os dois ossos.

Gemi e passei os braços em volta de seu pescoço. Ele me puxou mais para perto e, mantendo o torturante ritmo lento, começou a beijar a parte da frente de meu pescoço, até chegar a meu queixo. Minha cabeça pendeu para trás, e ele a amparou com uma das mãos, sustentando-me enquanto seus lábios percorriam a curta distância entre meu queixo e minha boca.

— Ou aqui — disse, detendo-se antes de roçar seus lábios nos meus, tão de leve que meu corpo formigou de ansiedade.

Esperiei, mas nada mais veio. Abrindo os olhos, vi que os dele estavam fechados, uma expressão de concentração e de força de vontade sulcando sua testa. Ele começou a se afastar e a me soltar.

Deixei que se passasse um segundo. E então, em desespero, agarrei seu

rosto e o puxei de volta para mim. Quando nossos lábios se encontraram, apertei-me contra ele e enlacei seu pescoço com os braços. Ele cambaleou para frente levemente e ergueu a mão para se firmar na parede. Senti a pressão da estante de livros por trás de meus ombros e me apoiei nela, puxando-o para mim.

— Opa! — exclamou ele, por fim, conseguindo se livrar de meu abraço.

Ele deu um passo atrás, arfando e me mantendo longe de si.

— Kate, não vou a lugar algum — ele disse, com uma expressão fingida de reprovação. — Devo alertá-la de que meu quarto não é o melhor lugar para encenar um ataque a mim. É onde me sinto mais fraco, com minha cama a menos de sete metros de distância.

Tentei me concentrar em suas palavras, mas não conseguia voltar para o mundo real. Ele continuou, sua respiração agitada começando a se acalmar.

— E você é uma tentação tão grande que é muito difícil resistir à vontade de levar você para a cama aqui e agora.

Ele se virou e se afastou depressa de mim, abrindo as cortinas e a janela para deixar o frio de novembro entrar no aposento. Senti os dedos frios do ar gelado dissipar a névoa em minha cabeça e deslizei ao longo da estante até sentar no chão.

— Você vai ficar mais confortável aqui — disse Vincent, pegando-me em seus braços fortes e pousando-me no sofá. Me entregou um copo d'água e murmurou, com um sorriso divertido: — Algo para refrescar seu ardor, *mademoiselle*?

Assenti agradecida e tomei o copo todo. Devolvendo-o, rolei no sofá e tentei esconder o rosto em seu encosto. *Ah, meu Deus. Que foi que eu fiz?*, pensei, envergonhada com a lembrança de ter me atirado sobre ele, praticamente o atacando, quando ele havia deixado bem claro que já tinha parado.

— Que foi, Kate? — riu Vincent, afastando minhas mãos de minha face vermelha.

— Desculpe — minha voz falhou, e limpei a garganta. — Desculpe por... hã... pular em você em seu próprio quarto. Eu não costumo...

— Está tudo bem — ele me acalmou, com expressão de quem estava a ponto de cair na gargalhada.

— Não, não está. Eu não costumo me jogar sobre as pessoas. Quer dizer, eu só beijei uns três caras na vida, e foi a primeira vez que me descontrolei desse

jeito. Estou meio... constrangida. E surpresa.

Vincent desistiu de tentar se controlar e começou a rir. E então, debruçando-se sobre mim e me beijando na testa, disse:

— Bom, então é uma boa surpresa, Kate. Não vejo a hora de acontecer de novo. Mas não aqui. Em algum lugar seguro. Como na torre Eiffel, rodeados por uma centena de turistas japoneses.

Fiz que sim, secretamente aliviada por ele estar querendo ir devagar, mas ao mesmo tempo imaginando o porquê.

Ele leu meus pensamentos.

— Não que eu não queira que as coisas... avancem. Eu quero, acredite em mim. — Seu olhar era ardente. Meu coração acelerou. — Mas não agora. Quero poder conhecer você sem ter pressa para... o evento principal. — Ele correu um dedo traçando o contorno de minha mandíbula e então descendo até o pescoço. — A espera vai ser divertida, mas não vai ser fácil.

Quando se aproximou para tocar de leve seus lábios nos meus, senti que ele tinha ganho oficialmente o Concurso de Namorado Perfeito. Sem a menor sombra de dúvida. *Se bem que, no momento, eu bem que gostaria que não fosse tão perfeito assim*, pensei, minha temperatura subindo com o toque dele. Ele terminou de me beijar e se afastou.

Tentando distrair a mim mesma e evitar uma combustão espontânea, alisei minhas roupas e arrumei meu cabelo despenteado.

— É melhor sairmos daqui antes que eu ignore tudo o que acabei de dizer. Vou acompanhar você até em casa.

Ele pegou nossos casacos e minha sacola. Abriu a porta e esperou por mim.

— Devo dizer que tinha minhas suspeitas — ele disse, enigmático.

— Que suspeitas?

— De que havia uma fera selvagem oculta por trás de seu bom comportamento à moda antiga — riu ele.

Mordendo o lábio, passei por ele e saí para o corredor.



IR PARA CASA NAQUELA NOITE FOI COMO ACORDAR DE um longo sono. Quando eu estava com Vincent, às vezes me esquecia de toda aquela história de *revenants*, mas ainda sentia como se estivesse em uma das paisagens de sonho de Salvador Dalí. O mundo de Mamie e Papy parecia incrivelmente reconfortante depois de vinte e quatro horas em uma pintura surrealista.

— E aí? — quis saber Georgia, quando nos sentamos para jantar. — Qual a classificação dessa “coisa” com Vincent? A festinha do pijama foi tempo suficiente para vocês dois resolverem seus problemas?

Ela me deu um sorriso malvado e colocou um pedaço de pão na boca. Mamie tocou-lhe o braço, com ar de censura, e disse:

— Katy a vai nos contar o que ela quiser que saibamos, quando achar que é o momento.

— Está tudo bem, Mamie. Georgia infelizmente precisa viver através de mim, uma vez que ela não tem uma vida própria da qual possa falar.

— Rá! — respondeu minha irmã.

Papy revirou os olhos, evidentemente imaginando como seu lar tão pacífico havia se transformado em um pensionato feminino.

— Então? — perguntou Georgia, agora em tom persuasivo.

— Parece que conseguimos resolver as coisas — respondi, e, virando para Mamie, pedi: — Tudo bem se ele vier jantar aqui amanhã?

— Claro que sim! — ela respondeu com um sorriso amplo.

— U-hu! — uivou Georgia. — Chega de Kate deprimida no quarto. Eu devia ir até a casa dele agradecer pessoalmente.

— Basta, Georgia — advertiu Papy.

— Você pode agradecer amanhã de noite — sugeri, e mudei depressa de assunto.

Às sete e meia do dia seguinte recebi um torpedão de Vincent: **Boa noite, ma belle. Por favor, pode me dar o código para abrir a porta?**

Enviei-lhe o código de quatro números e duas letras e, um minuto depois, nossa campainha soou. Apertei o botão do interfone, abrindo a porta para a escadaria.

— Terceiro andar, esquerda — disse no microfone.

Meu pulso acelerou quando abri a porta e fiquei esperando por ele no corredor. Ele subiu os três andares num instante, carregando um enorme buquê de flores e uma sacola.

— Estes são para sua Mamie — disse, dando-me um beijo suave e breve nos lábios.

O batimento de meu coração disparou. Vincent ergueu as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Vai me convidar para entrar ou está me testando para ver se posso cruzar sua soleira sem convite? — então sussurrou. — Sou um *revenant*, não um vampiro, *chérie*.

A expressão marota dele me fez esquecer o nervosismo e, respirando fundo para me acalmar, peguei-o pela mão e o fiz entrar.

— Olha Mamie aí — disse eu, quando ela saiu da cozinha e veio até nós. Ela tinha ido ao cabeleireiro naquela manhã e estava elegantíssima em um vestido de lã preto e branco e saltos de dez centímetros.

— Você deve ser Vincent — ela disse, aproximando-se para lhe beijar as faces, o perfume de gardênia envolvendo-nos como o abraço de uma mãe. Ela recuou um passo para olhá-lo. Parecia estar lhe dando uma nota, e, a julgar por sua expressão, ele tirou um A.

— Para a senhora — ele disse, entregando a ela o grande ramalhete.

— Ah, de Christian Tortu — ela exclamou, vendo o cartão do florista. — Que lindo.

— Eu guardo seu casaco — ofereci, e Vincent tirou a jaqueta, revelando uma camisa de algodão azul clara, enfiada por dentro de calças de veludo

escuro.

Eu mal podia acreditar que aquele sujeito arrasador tinha se arrumado e trazido flores expressamente para impressionar minha família. Ele tinha feito isso tudo por mim.

— Papy, apresento-lhe Vincent Delacroix — disse eu, quando meu avô veio de seu escritório.

— É um prazer conhecê-lo — disse Vincent em tom formal, enquanto apertavam as mãos. Ergueu a sacola. — Para o senhor.

Pegando-a, Papy tirou de dentro uma garrafa e pareceu espantado enquanto examinava o rótulo.

— Château Margaux, 1947? Onde encontrou isto?

— É um presente de meu tio, que me informou já ter tido a honra de conhecê-la, madame — Vincent respondeu, olhando para Mamie.

— Ah? — exclamou ela, a curiosidade aguçada.

— Recentemente ele trouxe um quadro para restauro. *Monsieur Grimod de La Reynière*.

Mamie arregalou os olhos.

— Jean-Baptiste Grimod de La Reynière é seu tio?

— Sim. Moro com ele desde que meus pais morreram.

— Ah, lamento saber que você tem isso em comum com nossa Katya — disse Mamie, seu olhar se suavizando.

Temendo perguntas mais indiscretas, peguei Vincent pela mão e fui depressa para a sala de estar.

— Quer tomar alguma coisa?

— Talvez champanhe? — perguntou Papy, enquanto nos acomodávamos junto à lareira.

— Seria ótimo, obrigado — disse Vincent.

— Sim, por favor — respondi eu.

Papy deixou a sala, bem quando Georgia entrava.

Ela estava deslumbrante em um vestido de seda verde, que ofuscava totalmente meu pretinho básico. Vincent ficou em pé, polidamente.

— Georgia, sei que Kate lhe pediu desculpas por mim por termos largado você no restaurante. Mas quero fazer isso pessoalmente. Eu sinto muito. Nunca teria feito aquilo se Ambrose não estivesse passando tão mal. Ainda assim, foi

indesculpável.

— Eu me considero uma pessoa bem compreensiva — ela disse, com apenas um leve traço de seu sotaque falso do sul dos Estados Unidos transparecendo. — Se você não fosse tão gato, não sei se deixaria passar algo assim. No entanto, dadas as circunstâncias... — ela deixou o resto da frase em aberto, enquanto beijava devagar as faces dele.

— Pelo amor de Deus, Georgia! Você pode tentar deixar um pouco dele pra mim? — protestei, sacudindo a cabeça, incrédula.

— Creio que isso quer dizer que fui perdoado — disse Vincent, rindo.

As refeições na França podem durar horas. E, quando há convidados, em geral duram. Por sorte, como teríamos aula no dia seguinte, gastamos só meia hora com cada etapa. Eu não queria que meus avós tivessem tempo suficiente para passar da conversação educada à fase de informações pessoais sobre meu convidado misterioso.

— Então, Vincent, suponho que você estude? — Papy perguntou durante o aperitivo.

Vincent respondeu que estudava Direito.

— Tão jovem? Sem querer me intrometer, mas que idade... — meu avô deixou a frase em aberto, para não ter que fazer uma pergunta direta.

— Tenho dezenove anos, mas meu tio contratou um tutor particular, e estou dois anos adiantado.

— Rapaz de sorte! — aprovou Papy.

Depois disso, Vincent se esquivou das perguntas mais pessoais, fazendo suas próprias. Papy ficou encantado em poder lhe falar em detalhes sobre seu trabalho e as viagens que fazia para trazer os artefatos especiais que comercializava, e que o tinham levado por todo o Oriente Médio e o norte da África.

Vincent mencionou seu interesse por armas antigas, e só essa conversa nos levou através do prato principal, uma carne macia como manteiga. Mamie perguntou sobre a coleção de pinturas do tio e pareceu impressionada com o amplo conhecimento dele sobre pintores e períodos estilísticos.

Quando chegamos à sobremesa, Vincent e minha família estavam conversando e rindo juntos como se fizesse anos que se conhecessem. Ele e

Georgia provocavam um ao outro e me provocavam, e percebi o olhar de Mamie indo e vindo entre Vincent e mim; ela parecia gostar do que estava vendo.

Por fim, quando nos acomodamos nas poltronas confortáveis da sala de visitas, com *espressos* descafeinados e uma bandeja de trufas de chocolate, Mamie perguntou a Vincent se ele gostaria de jantar conosco de novo dali a duas semanas.

— Kate faz dezessete anos no dia nove de dezembro, e, como ela não quer uma festa, pensei em oferecermos um jantar informal aqui em casa.

— Ah, essa é uma informação *muito* interessante — exclamou Vincent, com um amplo sorriso para mim.

Coloquei a cabeça entre as mãos e a sacudi numa negativa.

— Não gosto de fazer muito estardalhaço com aniversários — gemi.

— Que pena que o resto de nós gosta! — disse Vincent, com um gesto indicando todos os demais.

— Está decidido, então? — perguntou Mamie, olhando para mim para ver se eu aprovava.

Fiz uma careta, mas assenti com a cabeça.

— Agora que estamos distribuindo convites a torto e a direito, que tal sair comigo e com Kate na sexta à noite, Vincent? — perguntou Georgia.

— Eu adoraria, mas já tenho planos para essa noite — ele piscou para mim.

— Não com a Kate — protestou Georgia, na defensiva. — Ela prometeu a meu amigo Lucien ir a uma festa na casa noturna dele. E, por tudo o que sei, é de seu interesse ir junto, porque ele prometeu chamar um batalhão de amigos bonitões para todas as damas desacompanhadas que aparecerem...

Georgia se interrompeu no meio da frase, vendo a expressão sombria que se espalhava pelo rosto de Vincent.

— Você está falando de Lucien Poitevin? — ele perguntou.

— Sim, você o conhece?

O rosto de Vincent ficou vermelho de imediato. Ele parecia uma panela de pressão a ponto de explodir.

— Já ouvi falar dele. E, para ser sincero, mesmo que não tivesse outros planos, eu recusaria seu convite.

Percebia que ele estava fazendo um grande esforço para parecer calmo.

— Vincent, o que... — sussurrei, e ele me interrompeu pegando minha mão e, sem querer (ao menos eu esperava que fosse), apertando-a tanto que doeu. *Isso é bem ruim*, pensei.

— Quem é esse Lucien Poitevin? — perguntou Papy com severidade, olhando duro para Georgia.

— É um grande amigo — ela retrucou, fuzilando Vincent com o olhar.

A sala ficou em silêncio. Vincent por fim se inclinou na direção dela e disse, em sua voz mais diplomática.

— Eu não diria isso se não tivesse cem por cento de certeza, mas Lucien Poitevin não merece estar no mesmo aposento que você, e muito menos ser incluído entre seus amigos.

Todos ficaram chocados. Georgia, ao menos por uma vez, não soube o que dizer. Parecia que tinha sido esbofeteada. E que em seguida tinham despejado um balde de gelo em suas costas.

Mamie e Papy se entreolharam, revelando que vinham se preocupando com as atividades noturnas de minha irmã.

Georgia lançou a mim e a Vincent um olhar terrível, ergueu-se de repente e saiu furiosa da sala.

Mamie rompeu o silêncio.

— Vincent, poderia explicar por que acha que Georgia não deveria se associar com esse homem?

Vincent tinha os olhos fixos na mesa de café.

— Perdoe-me por fazer com que este jantar tão agradável terminasse de forma tão ruim. Mas ouvi coisas a respeito dessa pessoa, e não gostaria que ninguém por quem tenho apreço mantivesse qualquer tipo de contato com ele. Mas já falei demais. De novo, perdão por perturbar sua neta em sua própria casa.

Papy sacudiu a cabeça e ergueu a mão, como se aquilo não fosse um problema. Mamie se pôs em pé para recolher as xícaras e eu também me levantei, para ajudá-la.

— Não se preocupe, Vincent. Tentamos manter um certo grau de abertura e franqueza nesta casa, de modo que seus comentários não são inoportunos. Tenho certeza de que Georgia vai lhe pedir desculpas por seu mau humor da

próxima vez que se encontrarem.

— Eu não apostaria — disse, baixinho.

Ouvindo-me, Vincent assentiu, muito sério.

— Preciso ir. Acredito que todos vocês terão um dia ocupado amanhã.

— Acompanho você — disse eu, planejando fazer um interrogatório assim que saíssemos.

Papy foi buscar o casaco de Vincent. Depois de agradecer a meus avós pela noite, Vincent saiu para o corredor. Fui atrás dele, pegando meu casaco e fechando a porta detrás de nós.

— O quê... — comecei.

Vincent colocou um dedo sobre os lábios e manteve um silêncio tenso até sairmos. Assim que a porta se fechou, ele me pegou pelos ombros e olhou bem em meus olhos.

— Sua irmã corre um sério perigo.

Minha confusão se transformou em alarme.

— Do que você está falando? O que tem de errado com Lucien?

— Ele é meu inimigo declarado. É o líder dos *numa* de Paris.

Senti como se alguém tivesse me agarrado e jogado contra uma parede de tijolos.

— Tem certeza de que estamos falando da mesma pessoa? — Eu não conseguia acreditar. — Porque quando o conheci...

— Você o conheceu? — se assustou Vincent. — Onde?

— Na casa noturna aonde fui com Georgia para dançar.

— O mesmo lugar onde você viu Charles?

— Sim. Na verdade, Charles estava falando com ele quando fui embora.

Não vejo...

— Isso é terrível — disse Vincent, fechando os olhos.

— Vincent, me conte o que está acontecendo — pedi, com uma sensação ruim subindo por minha garganta.

Se Lucien era um monstro, quais as implicações disso para minha irmã? Estremeci ao pensar no beijo que Georgia e Lucien tinham trocado naquela noite. Ela obviamente não sabia nada sobre o lado escuro dele. Georgia não conseguia enxergar além de seu próprio nariz quando o tema era discernimento. Como lamentou minha mãe uma vez, quando um namorado de Georgia foi preso

por roubo, “Ela nunca consegue ver o lado ruim das pessoas. Sua irmã não é tonta, ela simplesmente não tem um pingo de intuição”. *Desta vez, esse defeito pode ser fatal*, pensei.

Vincent tirou o celular do bolso.

— Jean-Baptiste? Lucien pegou Charles. Tenho certeza. Sim... estarei aí em um minuto.

— Por favor! Fale comigo! — implorei.

— Tenho que ir para casa. Você pode vir junto?

— Não. — Eu tinha que voltar para dentro e limpar os estragos que o furacão Vincent tinha feito em minha família.

— Preciso ir.

— Então acompanho você até sua casa. Você me conta no caminho, depois eu volto.

— Ótimo.

Ele pegou minha mão enquanto caminhávamos pelas ruas iluminadas até a casa dele.

— Então, Kate. Sabe o que se diz de que em cada história existe um vilão?

— Acho que sim.

— Bom, Lucien é o vilão em minha história.

— O que você quer dizer com *sua* história? — arrisquei, inquieta. — Quer dizer, é só um caso de vocês dois estarem em lados opostos da linha que divide o bem e o mal?

Vincent sacudiu a cabeça.

— Não. Sou eu contra ele. Temos uma longa história.

— Espere — eu começava a juntar as peças em minha cabeça. — Era a ele que vocês sempre se referem? “O Cara”, ou algo assim? — interrompi-me, pensando. — Foi Lucien que você viu na Village Saint-Paul... e que Jules viu por perto quando Ambrose foi esfaqueado?

Vincent confirmou com um aceno de cabeça.

— Quem é ele?

— Como humano, durante a Segunda Guerra Mundial, ele fazia parte da Milícia Francesa, ou *la Milice*, uma força paramilitar formada pelo governo francês controlada pelos alemães, para combater a Resistência.

— O regime de Vichy?

— Sim. Além de executar e assassinar membros da Resistência, a *Milice* ajudava a reunir os judeus para deportação. Eram famosos por seus métodos de tortura. Eles conseguiam extrair informação e confissões de qualquer um que capturassem. Para dizer a verdade, eram mais perigosos que a Gestapo ou a SS, pois eram como nós: eles falavam o idioma, conheciam a topografia das cidades e eram amigos e vizinhos das pessoas que traíam.

Vincent me olhou nos olhos.

— Foi um período sombrio para meu país.

Permaneci em silêncio. Cruzamos uma avenida orlada de árvores e seguimos rumo à casa dele.

— Lucien traiu centenas, ou, indiretamente, milhares de seus compatriotas, levando-os à morte, subindo na hierarquia da organização por meio da tortura e do assassinato. Ele logo assumiu um alto cargo no Ministério da Informação e Propaganda do regime de Vichy. Em junho de 1944, um grupo de combatentes da Resistência vestidos como membros da *Milice* invadiu o edifício do Ministério da Informação, para onde Lucien e sua esposa haviam sido transferidos, como medida de segurança. Era tarde da noite. Encontraram os dois na cama e os mataram.

Meu queixo caiu. Parecia que ele contava aquilo como uma experiência pessoal.

— Você fazia parte do grupo? — arrisquei.

— Sim, junto com dois outros *revenants*. Os outros eram humanos que não sabiam o que nós éramos.

— Mas Lucien ainda era humano. Você me disse que os *revenants* tentam não matar humanos.

— Nossas ordens eram capturar Lucien e mantê-lo prisioneiro até ser julgado pelas autoridades por seus crimes. Mas um humano do grupo tivera a família morta pelo próprio Lucien, e não conseguiu se controlar. Ele matou os dois a tiros.

Estremeci com a cena sangrenta sendo reencenada em minha mente. Em histórias assim, você sempre quer que os vilões sejam eliminados. Mas, pensando na ação real, ser morto junto com sua esposa... em sua cama. Era horrível demais para imaginar.

— Lucien se lembrava de nossos rostos, que ele viu naquela noite, e quando

retornou como *revenant* foi atrás de nós. Conseguiu matar a maioria dos humanos que tomaram parte em seu assassinato e, no fim, conseguiu destruir os outros dois *revenants* envolvidos. Sou o único que restou. Nos enfrentamos várias vezes, mas ele nunca conseguiu me destruir. E nem eu a ele.

— Então por que estaria Charles conversando com ele? — perguntei.

— É isso que você precisa entender sobre Charles. Ele não é um cara mau. Só é confuso. Já lhe disse como é difícil para ele aceitar nosso destino. É uma existência difícil, estar continuamente morrendo e revivendo. Quando você salva alguém e vê que a pessoa vai em frente e vive uma boa vida, isso faz com que tudo pareça valer a pena. Mas às vezes as coisas não acontecem desse jeito. A pessoa que você salvou de um suicídio tenta de novo e consegue. O garoto salvo quando uma negociação de drogas deu errado não vê um motivo para mudar de vida e volta para a mesma encrenca de antes. Esse é um dos motivos pelos quais Jean-Baptiste não quer que sigamos de perto a vida de quem resgatamos. Mas uma das piores sensações é quando você tenta e falha. Charles não pôde salvar a garotinha. Ele salvou a outra criança, mas não consegue se concentrar nesse sucesso. Está obcecado com o fracasso, e as consequências para a mãe da criança.

— Ele tem um bom coração — prosseguiu, baixinho. — Talvez bom demais. Mas essa foi a gota d'água para ele. O único motivo que posso conceber para que Charles tenha procurado Lucien é que ele não consegue aguentar mais esse tipo de vida. Ele quer morrer. Se ele se coloca nas mãos dos *numa*, só o que precisa fazer é pedir que o matem e queimem seu corpo. E eles vão atendê-lo de muito bom grado.

— Ele está cometendo suicídio? — parei de caminhar, horrorizada com a ideia de que Charles havia se entregado para a morte.

— É o que parece. — Vincent pegou meu braço e me puxou para que continuasse andando. Estávamos quase lá.

— Se Lucien é um assassino violento, então... Que pode acontecer com Georgia? — A história de Charles era triste, mas tudo em que eu conseguia pensar no momento era o risco que minha irmã estaria correndo.

— Qual a relação entre eles? — perguntou Vincent.

— Acho que estão meio que namorando.

— Você acha que é sério?

— *Nunca* é sério para Georgia.

Vincent pensou um pouco.

— Lucien está sempre cercado de mulheres, e ele não teria motivo algum para matar alguém como Georgia. Se ela não se deixar atrair para dentro do clã e para as atividades dele, então provavelmente o maior risco que vai correr é ser usada e depois descartada.

Bom, isso é tranquilizador, pensei, nem um pouco tranquila. Ela está compartilhando saliva com um maníaco homicida, mas, se não se envolver demais, então tudo deve ficar bem. Embora eu ainda estivesse assustada, as palavras de Vincent tinham diminuído um pouco meu pânico. Era verdade: Georgia nunca se envolvia demais com ninguém que não fosse ela própria.

Chegamos ao portão de Jean-Baptiste. Vincent pegou minha mão.

— Escute. Sinto muito se compliquei as coisas entre sua irmã e seus avós esta noite. Mas eu não podia ficar lá sentado e não dizer nada depois de ouvir Georgia mencionar aquele... monstro.

— Não, você fez a coisa certa. E não importaria se você dissesse isso diante de todo mundo ou em particular. A reação de Georgia seria a mesma.

— Você precisa falar com ela. Mesmo que as coisas não cheguem muito longe com Lucien, ela está convivendo com pessoas perigosas.

— Sim. Vou fazer o que puder.

O perigo estava sempre espreitando nas sombras para Vincent e sua estirpe. Mas, agora que um membro de minha família estava em risco, essa situação parecia muito mais real. Eu me sentia muito mais próxima a Vincent. Agora tínhamos um inimigo em comum. Mas eu tinha esperança de que Georgia me ouvisse e se afastasse daquele perigo.

— O que você vai fazer agora? — perguntei.

— Vou reunir os outros e começar a busca por Lucien. — A voz de Vincent ficou uma oitava mais grave, e seus olhos brilhavam de fúria. Ele parecia letal.

— Você vai tomar cuidado, não vai? — O medo me dominou, à medida que percebi o que tudo aquilo poderia significar.

— Eu o eliminaria esta noite, se pudesse. Mas há um motivo pelo qual nunca consegui destruí-lo. Se ele não quer ser encontrado, não vamos conseguir. É ele quem dá as cartas.

Então, vendo minha expressão, um pouco da dureza desapareceu de suas feições.

— Não se preocupe, Kate. Tente vir depois da aula, amanhã, se puder.

— Você ainda vai estar vivo depois da aula, amanhã?

— Sim — disse ele, com os lábios, mas os olhos contavam uma história diferente. Ele faria qualquer coisa para destruir seu inimigo. Estava evidente que sua própria segurança não era prioridade para ele.

— Lamento ter que deixá-la assim.

Vincent me puxou para si e pousou os lábios nos meus. Cada ponto de contato com o corpo dele parecia libertar dentro de mim uma chuva de faíscas incandescentes. *Será que o perigo é afrodisíaco?*, me perguntei. Eu preferia tê-lo a salvo a ter uma celebração de 4 de julho nas minhas terminações nervosas. Mas, como eu não tinha direito a voto, abracei-o mais forte e respondi a seu beijo.

Cedo demais, ele se afastou.

— Preciso ir.

— Eu sei. Boa noite, Vincent. Por favor, fique em segurança.

— Boa noite, *mon ange*.

Bati de leve na porta do quarto de Georgia. Ela se abriu com violência, um segundo depois, e ali estava minha irmã, parecendo uma das Fúrias.

— Que diabos foi tudo aquilo? — ela vociferou, batendo a porta depois que entrei.

Eu me acomodei na beirada de sua cama, e ela se jogou de barriga para baixo num tapete branco felpudo no meio do quarto, cravando os olhos em mim.

— Sinto muito por Vincent constrangê-la diante de Papy e Mamie. Mas, pelo que ele me contou, Lucien parece que é mesmo encrenca.

Georgia quase cuspiu sua resposta.

— Ah, é? E o que ele diz, exatamente?

— Ele disse que Lucien está metido com uma organização do tipo da... Máfia. — Tentei lembrar como Vincent tinha descrito os *numa* naquela noite, no restaurante do Marais. — E os companheiros dele estão envolvidos em um monte de negócios ilegais.

— Tipo...?

— Prostituição, drogas...

— Ah, qual é? — Georgia revirou os olhos. — Você viu Lucien. Ele é um empresário. Ele tem bares e casas noturnas por toda a França. Por que, pelo amor de Deus, ele precisaria se envolver com essas coisas?

Ela me olhava contrariada.

— Não acho que Vincent ia inventar essas coisas — respondi.

— Ah, é? — ela perguntou, com voz azeda. — E como Vincent conhece Lucien?

— Não conhece — menti. A última coisa que eu queria era fazer qualquer conexão entre Vincent e Lucien com nós duas no meio. — Ele só conhece a reputação dele.

Fiz uma pausa, pensando o quão longe poderia ir.

— Ele disse que tem até boatos de os associados de Lucien estarem envolvidos em assassinatos.

Georgia pareceu chocada por um instante e então sacudiu a cabeça.

— Aposto que no meio que Lucien frequenta deve haver negócios escusos. Deve ser parte do ramo. Mas sugerir que ele tenha ligação com assassinos... Desculpe, mas não consigo acreditar.

— Tudo bem, você não precisa acreditar. Mas você precisa sair de novo com ele?

— Kate, nós mal nos vemos. Não é nada sério. Só nos encontramos em público. Tenho certeza de que ele sai com outras pessoas, e eu também. Não é nada de mais.

— Bom, se não é nada demais, e existe ao menos uma ligeira chance de que ele seja encrenca, então por que você não... sabe... deixa esse sujeito pra lá? Por favor, Georgia, eu não quero ter que me preocupar por você.

Por uma fração de segundo, depois de ouvir minha súplica, ela pareceu em dúvida, e então uma expressão teimosa se espalhou por seu rosto bonito.

— Eu não *preciso* vê-lo de novo. Mas eu *vou*. Não acredito em uma palavra do que você ou Vincent disseram sobre ele. E, de qualquer modo, por que você e seu namoradinho novo estão tão preocupados com minha vida particular?

Eu sabia que nada do que eu dissesse poderia fazê-la mudar de ideia. E, de qualquer modo, o que eu ia dizer? “O motivo pelo qual meu namorado odeia o

seu é porque Vincent é um zumbi do bem e Lucien é um zumbi do mal”? Eu só podia torcer para que ela perdesse o interesse por Lucien antes que alguma coisa ruim acontecesse.

Ela estava irritada de verdade, agora. Seu rosto coberto por sardas suaves exibía manchas vermelhas de fúria. Eu conhecia minha irmã, e, quando ela chegava a esse ponto, não havia mais discussão. Comecei a me levantar, mas ela foi mais rápida e chegou à porta antes de mim. Abrindo-a, ela apontou para o corredor.

— Vai embora.



NO DIA SEGUINTE, GEORGIA SAIU PARA A ESCOLA ANTES mesmo que eu chegasse à mesa do café. Por detrás de seu jornal, Papy perguntou, com voz cansada:

— Vocês estão na Quarta Guerra Mundial agora, ou é a Quinta?

Eu não a vi no intervalo das aulas, e depois ela desapareceu. Minha irmã estava me evitando, e isso me magoava. Mas eu sabia que tinha feito a coisa certa ao alertá-la quanto a Lucien. Vincent tinha dito que talvez nada de mal acontecesse a ela. Mas, naquelas circunstâncias, “talvez” era, para mim, uma palavra grande demais.

Fui para a casa de Jean-Baptiste ao voltar da escola e mandei um torpedo para Vincent da rua, de modo que os portões estavam se abrindo quando cheguei. Ele esperava por mim, com a mesma expressão preocupada de quando nos despedimos na noite anterior.

— Alguma novidade? — perguntei enquanto íamos para seu quarto.

— Não.

Ele abriu a porta e ficou de lado educadamente para me deixar entrar primeiro. *Existem algumas vantagens em namorar um cara de outra era*, pensei. Embora eu seja uma grande partidária da igualdade de gêneros, tenho o cavalheirismo em altíssima conta.

— Estivemos fora toda a noite, procurando. É como se todos os *numa* da cidade simplesmente tivessem desaparecido. Fomos a todos os bares e restaurantes que sabemos que têm ligação com eles, e só vimos funcionários humanos. Nenhum sinal deles.

— Isso podia ter sido perigoso de verdade, não é?

Tentei imaginar o que aconteceria num confronto entre os *revenants* do bem e os do mal. Desmorts saltando de um lado para o outro, com espadas, em meio à clientela assustada.

— Se eles estivessem lá, podia ter sido perigoso. Mas com humanos ao redor eles não ousariam nos atacar.

Pensei em Ambrose sendo esfaqueado a poucos metros de uma multidão de humanos e suspeitei de que Vincent estivesse minimizando o perigo, para me poupar.

— Mas não achamos ninguém para interrogar. Eles não têm uma casa fixa como nós. Assim, é impossível saber onde é a base deles.

— Como Charlotte está encarando tudo?

— Nada bem. Ela saiu com os outros agora, para procurar.

— Por que você não foi com eles?

— Hoje é a “grande noite”. E já me sinto fraco. Eu não seria de grande ajuda se de fato encontrássemos algo.

— Então quando começa... essa história da dormência? — perguntei.

— Durante a noite — ele respondeu. — Na noite em que a dormência começa, em geral eu fico vendo filmes ou acumulando calorias, porque não consigo fazer mais nada.

Ele acenou com a mão para a mesa de café, que estava posta com chá e uma infinidade de *petit fours*.

Olhei para ele, achando graça.

— Jeanne?

— Quem mais? — ele respondeu com uma risada. — Toda vez que você nos visita, ela age como se estivéssemos recebendo a realza.

— E está muita certa — retruquei, erguendo o queixo um pouco mais, antes de me atirar no sofá para atacar uma minibomba de chocolate. — Cadê a tevê?

— Ah, eu assisto em nossa sala de vídeo. Ambrose é doido por filmes, e convenceu Jean-Baptiste a construir nosso próprio cinema aqui em casa. Está no porão, perto do ginásio.

— Ah, isso é algo que eu adoraria ver.

— Talvez eu tenha um ou dois dos seus filmes favoritos esperando por você

lá embaixo. Podemos até pedir uma pizza e jantar com estilo. Isto é um encontro?

— Um encontro de verdade! Aceito! — quase gritei. Tentando moderar o entusiasmo, continuei: — Mas só porque você afirma ser uma companhia chata. Se não fosse isso, eu ficaria perfeitamente bem aqui, olhando seus olhos durante a noite toda.

Vincent fez uma pausa, me olhando desconfiado por um segundo, e então sorriu.

— Sarcasmo? — perguntou.

— Sim — respondi, rindo. — Você é bem rápido para um velhinho.

— Droga, e eu que achava que finalmente havia encontrado uma verdadeira romântica — brincou, e então hesitou, uma expressão séria ocupando seu rosto. — Falando de companhia chata, você se importa se falarmos sobre o que fazer enquanto eu estiver adormecido?

— Vá em frente. — Fiquei imaginando o que estava por vir.

— Amanhã vou estar morto de corpo e mente. Prefiro que você não me veja enquanto sou incapaz de me comunicar. Mas, a partir da manhã de sexta-feira, minha mente vai estar desperta. Para que você não tenha a impressão de que estou perseguindo você, tenho sua permissão para aparecer e ver você... na forma *volant*?

— Esse deve ser o pedido mais estranho que já recebi — dei uma risada. — Não sei... você pode fazer algo para que eu saiba que está por perto? Como escrever uma mensagem de texto assombrada? Ou fazer minha caneta se mexer?

— Não. Só se alguém que pode me ouvir estiver com você, como Charlotte ou Jules.

Pensando em meu quarto bagunçado, ao qual eu esperava que ele não tivesse ido em segredo, enquanto flutuava por aí, perguntei:

— Você não estará “caminhando” com alguém, de serviço?

Vincent sorriu, com pequenas linhas de fadiga sulcando os cantos de seus olhos.

— Bom, sim, se alguém estiver caminhando, também estarei. Mas eu gostaria de ver você enquanto estiver morto.

— Então por que não venho para cá? Desse jeito, quem quer que esteja em

casa pode “interpretar” para mim.

— Se você não se importa, seria ótimo — concordou ele. Notei que estava se apoiando no sofá com uma das mãos.

— Tudo bem, Vincent?

— Sim. Mas estou começando a me sentir fraco. Nada muito importante.

— Ele respirou fundo e sentou a meu lado no sofá. — Então, amanhã não dá mesmo, mas vou adorar ver você na sexta.

— Feito. Venho na parte da manhã. Como amanhã é Ação de Graças nos Estados Unidos, vai ser feriado na escola amanhã e sexta. Vou trazer a lição de casa e faço aqui.

Pedimos pizza e, enquanto esperávamos que chegasse, nos acomodamos no sofá.

— Como foi ontem à noite com Georgia? — ele quis saber.

Eu vinha evitando o assunto, com a esperança de não precisar contar a Vincent que havia falhado.

— Não estamos nos falando — admiti.

— O que aconteceu?

— Não contei a ela que você conhecia Lucien. Eu tinha medo de que ela pudesse dizer algo a ele. Só disse que você conhecia a reputação dele e por quais tipos de atividades criminosas ele e os associados são conhecidos. Ela não acreditou, e quer que a gente não se meta na vida dela.

— Você está chateada. — Ele me envolveu em seus braços.

— Sim, estou. Não porque Georgia e eu estamos brigadas. Isso não é nada fora do comum. Estou chateada porque temo por ela. Ela disse que eles estão se vendo só de vez em quando. Mas não posso deixar de me preocupar.

— Você fez tudo o que podia. Não pode controlar sua irmã. Tente não pensar nisso.

Mais fácil dizer do que fazer.

Depois que a pizza chegou, fomos lá para baixo, para a sala de vídeo, e nos instalamos em um grande sofá de couro surrado, para ver *Bonequinha de Luxo*, que Vincent pegou de uma enorme coleção de filmes. Sentados na sala escura, comendo fatias de pizza de cogumelos e parmesão, pela primeira vez senti de fato que Vincent e eu estávamos fazendo algo que um casal de verdade, normal, faria. Isto é, exceto pelo fato de eu ficar pensando no que ia acontecer com ele

depois da meia-noite.

Fui embora por volta das nove. Ele insistiu em ir comigo até em casa, e percorremos as ruas noturnas de Paris a passo de caracol. Ele parecia bem fraco, como se de fato tivesse oitenta e sete anos. Era difícil de acreditar que era o mesmo sujeito que, poucos dias antes, estivera usando uma espada tão pesada quanto um sofá. Ao chegarmos a minha porta, ele me deu um beijo lento e suave, e se virou para ir embora.

— Tome cuidado — eu disse a ele, sem saber qual a regra de etiqueta para dizer tchau a alguém que vai passar morto os três dias seguintes. Vincent piscou e me soprou um beijo. Virou a esquina e se foi.



MAMIE NOS PERGUNTARA SE QUERÍAMOS TER UM JANTAR tradicional de Ação de Graças, mas nem Georgia e nem eu estávamos a fim. Qualquer coisa americana me lembrava nossa casa. E nossa casa me lembrava meus pais. Perguntei a Mamie se aquele podia ser um dia como qualquer outro, e ela concordou.

Assim, passei o dia de Ação de Graças na cama, lendo, tentando não pensar em meu namorado, morto em sua cama a alguns quarteirões de distância.

Na manhã de sexta-feira, percorri os cinco minutos de caminhada entre minha casa e a de Jean-Baptiste. Parada do lado de fora, digitei no teclado da campainha o código de acesso que Vincent me mandara por torpedo, e fiquei olhando enquanto os enormes portões se abriam.

Uma vez diante da porta da frente, fiquei em dúvida se devia bater ou apenas ir entrando. Quando ergui a mão a porta se abriu, e vi Gaspard diante de mim, torcendo as mãos num movimento nervoso. Curvou-se numa reverência desajeitada.

— *Mademoiselle* Kate, Vincent me disse que havia chegado. Entre, entre. — Ele sequer tentou me dar os *bises*. Receosa de que minha mera presença estivesse lhe dando um ataque do coração, não insisti.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Infelizmente, não. Venha para a cozinha. Vincent me pede para lhe perguntar se quer um café.

— Não, não, acabei de comer, obrigada.

— Ah, tudo bem, então. Vincent diz que, se quiser ir para o quarto dele, ele está pronto para ajudá-la com... trigo? — Gaspard parecia confuso.

— Trigonometria — completei, rindo. E, para o ar, disse: — Valeu, Vincent, mas isso ficou em casa. Hoje você vai olhar por cima de meu ombro para Literatura Inglesa e História Europeia.

Gaspard deu uma risada nervosa.

— Vincent diz que eu é que deveria ajudá-la nisso. Céus, é verdade, já assisti a um bocado de história. Mas não quero entediá-la com meus relatos.

Sentindo que ajudar uma adolescente com sua lição de casa de história não seria o modo favorito de Gaspard de passar a manhã, educadamente declinei do convite, para seu óbvio alívio.

— Charlotte saiu, mas, quando retornar, eu a avisarei de que você está aqui — despediu-se ele, me deixando diante da porta de Vincent.

— Obrigada.

O quarto de Vincent estava como eu o havia visto pela primeira vez. Janelas e cortinas fechadas. O fogo apagado na lareira. E Vincent frio sobre a cama. Estremeci ao ver seu corpo imóvel por trás das cortinas de tule.

Fechando a porta, coloquei minha sacola no sofá e fui até a cama. Ele jazia totalmente imóvel. Desprovido de vida. Notei como estava diferente de alguém apenas adormecido, em que o peito está em movimento constante, a respiração entrando e saindo pela boca. Afastei as cortinas, me sentei vacilante na cama e fiquei olhando para ele, magnífico até na morte.

— Ok, me sinto um pouco tonta falando com você desse jeito — disse eu para o quarto vazio. — Como se a qualquer momento você fosse pular para fora do *closet* morrendo de rir.

O quarto estava em silêncio.

Hesitante, passei os dedos de leve por seu braço frio, tentando não me afastar com a sensação não humana que o toque em sua pele transmitia. Então, ainda mais devagar, me debrucei sobre ele para tocar sua boca com meu polegar. A pele estava fria, mas macia, e fiquei extasiada com a sensação de meus dedos sobre os lábios curvos, perfeitos. Encorajada, passei a mão em seu cabelo abundante, ondulado, antes de encostar de leve meus lábios no dele. Não senti nada. Vincent não estava ali dentro.

— Será que estou me aproveitando da situação, já que você não pode dizer

não, mesmo que quisesse? — sussurrei, imaginando se ele estava ali para me ouvir.

Embora o quarto continuasse em silêncio, fui possuída por sensações muito estranhas, como se alguém estivesse escrevendo em um bloco de anotações em minha mente. Parecia que um grande esforço estava sendo feito, como se um grande peso fosse erguido. E então duas palavras se materializaram aos poucos em minha mente: *Sou seu*.

— Vincent, foi você? — perguntei, assombrada. Meu corpo dava a impressão de ser uma árvore de Natal com um milhão de luzinhas que tivessem sido ligadas todas de uma só vez.

— Olha, se foi você, me matou de medo. Mas tudo bem. E, se não foi você, então devo estar ficando totalmente pirada com a convivência com um morto. Obrigada por arruinar com minha sanidade — protestei, fingindo sarcasmo, mas tremendo toda.

Quase consegui sentir uma sensação de divertimento flutuando pela sala, mas foi tão tênue que decidi que era só impressão.

— Agora você está me deixando paranoica. Antes que eu comece a fazer uma imitação de Joana d’Arc ouvindo vozes, acho melhor trabalhar em minha lição de casa de história.

Silêncio.

Deixando abertas as cortinas da cama para poder vê-lo, fui me sentar no sofá, tirando os livros da sacola e espalhando-os na mesa de café.

Foi quando notei um envelope colocado sobre a mesa de cabeceira. Vi meu nome escrito com a bela letra de Vincent e tirei de dentro uma folha de papel grosso. Ela estava ornamentada com as iniciais VPHD centralizadas na borda inferior e circundadas por uma moldura de lianas e folhas. *Kate*, começava.

Nem sempre consigo me expressar para você, e assim me aproveito do fato de que estarei totalmente insensível quando você ler isto, e portanto incapaz de estragar tudo.

Quero lhe agradecer por me dar uma chance. Quando a vi pela primeira vez, soube que tinha encontrado alguém incrível. E desde então tudo o que tenho desejado é estar com você o máximo de tempo possível.

Quando pensei que a tinha perdido, fiquei dividido entre querer você de volta e querer o melhor para você — querer que você fosse feliz. Vê-la tão infeliz durante as semanas em que estivemos separados me deu coragem de lutar por nós... de encontrar uma forma de as coisas funcionarem. E ver você feliz de novo nestes dias que voltamos a ficar juntos me faz pensar que fiz a coisa certa.

Não posso lhe prometer uma vida normal, Kate. Eu desejaria poder me transformar em um homem normal e estar sempre a seu lado, sem o sofrimento que define minha vida como “o morto-vivo”. Como isso não é possível, só posso lhe assegurar que vou fazer tudo que estiver a meu alcance para compensar essa situação. Para lhe dar mais do que um namorado normal poderia dar. Não tenho bem ideia do que isso significa, mas espero descobrir. Com você.

Obrigado por estar aqui, minha bela. Mon ange. Minha Kate.

Totalmente seu,

Vincent.

O que você faz depois de ler a carta de amor mais romântica — aliás, a única — que já recebeu?

Fui até a cama e, subindo no colchão alto, sentei-me ao lado do corpo de Vincent. Tomei sua face fria em minha mão quente e então, acariciando seu cabelo com os dedos, comecei a chorar.

Chorei pela perda de minha vida passada. Pelos dias em que podia acordar em meu quarto antigo, descer as escadas e ver minha mãe e meu pai sentados à mesa do café, esperando por mim. Chorei porque nunca mais os veria, e minha vida jamais voltaria a ser a mesma.

Pensei em como, depois de tamanha perda, eu tinha encontrado alguém que me amava. Ele não o dissera, mas eu tinha visto em seus olhos, e lido nas palavras que ele escrevera. Meu mundo normal se fora, de mais uma forma. Mas eu tinha uma chance de felicidade em um mundo novo. Talvez um mundo mais adequado para os filmes de ficção científica e horror, mas também um mundo onde eu encontrara carinho, amizade e amor.

Embora ainda sentisse saudades de minha antiga vida, eu sabia que tinha recebido uma segunda chance. Estava bem ali, suspensa como um fruto maduro diante de meus olhos. Tudo o que eu tinha de fazer era estender a mão e pegá-lo. Mas primeiro eu precisava deixar partir aquilo a que me agarrava com todas as

forças: o passado.

Uma nova vida se oferecia em troca da antiga. Para mim era como um presente. Sentia como se tivesse voltado para casa. Abri a mão e deixei ir. Então chorei até que meus olhos inchados se fechassem, e em seguida adormeci.

Quando acordei, uma hora depois, por alguns instantes não soube onde estava. Aí senti o corpo frio de Vincent a meu lado e fui invadida por uma sensação incrível de paz, que me fez sentir mais forte do que nunca.

Ouvi um ruído e vi Charlotte colocando a cabeça para dentro pela porta.

— Passei antes por aqui, mas você estava dormindo. Já acordou?

— Sim — respondi, me sentando e depois saindo da cama.

— Ah, que bom — ela entrou e fechou a porta. — Você esteve chorando — disse, depois de me beijar o rosto.

— Sim. Agora estou bem. Mas você também não parece legal.

O brilho normalmente radiante de Charlotte agora estava apagado. E toda a vitalidade que antes parecia faiscar e resplandecer a seu redor tinha desaparecido. Parecia triste e exausta.

— É Charles.

— Ainda sem notícias? — perguntei, puxando-a para que sentasse a meu lado no sofá.

Ela sacudiu a cabeça, desolada.

— Tentei ligar para ele um milhão de vezes, deixei dúzias de mensagens. Estamos vigiando todos os pontos controlados pelos *numa*, pagamos nossos informantes, e até invadimos um velho galpão onde achávamos que ele podia estar sendo mantido. E não descobrimos nada.

— Sinto muito. — Não sabendo o que mais dizer, afaguei-lhe o ombro tentando reconfortá-la.

— Ele é meu irmão gêmeo, Kate. Nunca nos separamos, exceto quando estamos dormentes. É como se tivesse perdido metade de mim. E temo muito por ele.

— Vincent me contou suas suspeitas.

— Não consigo entender — sussurrou ela, sacudindo a cabeça.

Ela se aproximou e me abraçou com força.

— Vincent nos deixou sozinhas nos últimos minutos, mas agora está dizendo

que quer fazer parte da conversa.

— Tudo bem — respondi.

Ela assentiu com a cabeça, ouvindo-o, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— O que ele disse? — perguntei.

— Ele disse “Somos todos almas perdidas, aqui. É uma coisa boa que tenhamos uns aos outros”.

Vincent está certo, pensei. *Mesmo não sendo um revenant, eu me encaixo.*

Tirei de minha sacola de livros uma caixa de lenços de papel e passei um a Charlotte. Ela limpou os olhos e então me olhou, surpresa.

— Vincent disse que falou com você hoje de manhã, e que você ouviu!

— Então eu não estava imaginando! — exclamei, espantada. — Pergunte-lhe o que ele disse.

— Ele falou “Sou seu”.

— Isso mesmo! — Saltei do sofá e olhei na direção do corpo dele antes de me lembrar, pela milionésima vez, que ele não estava ali. Voltei-me para Charlotte. — Mas como é possível, ele me disse uma vez que os *revenants* só conseguem se comunicar com outros *revenants* quando estão em estado *volant*.

Charlotte ouviu, e então disse:

— Vincent falou que ele tem estudado isso. É raro, mas têm sido relatados casos em que um humano e um *revenant* ficaram juntos por muitos e muitos anos. Geneviève é a única *revenant* que conhecemos envolvida em uma relação assim. E o marido dela pode captar impressões do que ela quer, mas não consegue ouvir de fato as palavras.

— Mas nós estamos juntos faz semanas, não anos — observei, em dúvida. — Como pode ser que isso aconteça entre nós?

— Ele diz que não faz ideia, mas que quer tentar de novo — disse Charlotte, animada.

— Tudo bem — concordei, indo até a cama.

— Não, vem aqui — chamou Charlotte. — Olhar para o corpo dele vai distrair você. Ele disse para você fechar os olhos e bloquear tudo o que vem de fora. Como você faz nos museus.

Sorri quando me lembrei do transe induzido por arte durante o qual ele me encontrou no Museu Picasso. Fechei os olhos e respirei devagar, deixando a

tranquilidade do quarto permear meu corpo. Lentamente comecei a sentir a mesma sensação de antes. De que alguém tentava escrever letras em minha mente.

— O que está ouvindo? — ela me perguntou.

— Não ouço nada. Eu meio que vejo alguma coisa... Como se alguém estivesse escrevendo palavras.

— Ele diz que você está tentando visualizar. Pare de usar sua visão interna e use sua audição interna. Como se estivesse ouvindo uma música que vem de muito longe. Tente torná-la mais nítida e sintonizá-la.

Concentrei-me e comecei a ouvir um tipo de ruído sussurrante, como o vento através das folhas, ou uma espécie de estática.

— Ele diz para parar de tentar tanto e apenas se deixar estar — disse Charlotte.

Relaxeí, e a estática transformou-se num ruído farfalhante, como uma sacola plástica sendo soprada por uma brisa. E então ouvi. *Pont des Arts*.

— Pont des Arts? — exclamei.

— Você quer dizer a ponte que cruza o Sena? — perguntou Charlotte, confusa, e então fez que sim com a cabeça. — Vincent diz que foi o lugar onde algo muito importante aconteceu.

Dei uma risada.

— Hã, é. Foi onde nos beijamos pela primeira vez.

A face de Charlotte se iluminou.

— Ah, meu Deus. Eu sempre soube que Vincent seria totalmente romântico quando encontrasse a pessoa certa. — Ela se reclinou no sofá, cruzando as mãos sobre o coração. — Você é tão sortuda, Kate.

Praticamos nossas habilidades de comunicação entre desmorto e humano pela meia hora seguinte, com Charlotte se contorcendo de rir com minhas respostas totalmente longe do alvo e os exercícios bobos de Vincent.

— Ponte dos porcos... vistos? — perguntei, confusa.

— Não. *Noite dos mortos-vivos*. — Charlotte explodiu em gargalhadas.

Finalmente eu estava conseguindo entender direito a maior parte das frases, embora ainda não pudesse ouvir uma voz que soasse como Vincent pronunciando-as. Eram mais como frases aparecendo do nada. E poucas

palavras de cada vez.

— Vamos almoçar? — perguntei, finalmente.

— Certo! É uma boa! Vincent diz que é hora de um intervalo para o almoço e que Jeanne está esperando por nós.

Quando chegamos à cozinha, Jules e Ambrose estavam atacando um frango assado com batatas fritas, e Jeanne estava sentada com eles, absorva na narrativa deles sobre a missão de reconhecimento daquela manhã. Ela deu um pulo quando nos viu entrando e apontou para os lugares já preparados para nós.

— Oi, gente. Vincent consegue falar com Kate. Sabe, quando está *volant* — Charlotte informou, com uma expressão de satisfação no rosto.

Todos se imobilizaram e me olharam, mas depois de um segundo Jeanne saiu do transe e anunciou:

— Isso não me surpreende muito. Eu sempre disse que podia sentir vocês flutuando ao redor quando estão *volant*. Consigo até saber qual de vocês está presente. Mas ninguém nunca acreditou em mim.

— Mas é impossível! — exclamou Ambrose, assombrado, dizendo para o ar, em seguida: — Sem chance, Vincent.

— Não exatamente impossível — devolveu Jules. — Vincent me contou que estava estudando os registros de Gaspard em busca de exemplos de relações entre *revenants* e humanos, e que tinha encontrado relatos não confirmados de comunicação.

— Eu sei — respondeu Ambrose. — Ele também me contou isso. Mas eram só boatos, histórias malucas. Só Vincent, mesmo, para resolver ir mais além e tentar.

— Que outros tipos de “boatos não confirmados” existem? Algo que eu deva saber?

Ambrose colocou uma batata frita na boca e mastigou com um sorriso matreiro.

— Pense em todas as histórias arrepiantes de fantasmas, Katie-Lou, todas as velhas superstições esquisitas, todos os contos de fadas que já ouviu, e então lembre-se... tudo começou com algo, talvez apenas um grão, de verdade. Só se dê por satisfeita por não ter se apaixonado por um vampiro.

Ele comeu outra batata frita e então ficou em pé, alongando seus peitorais e bíceps impressionantes.

— Jules, quer dar uma volta?

Jules limpou os lábios com o guardanapo e também se ergueu, levando seu prato para a pia.

— Obrigado, Jeanne. Delicioso, como sempre.

Jeanne deu um largo sorriso.

— Vincent, vem conosco?

Você vai se sentir solitária? As palavras surgiram em minha cabeça. Sorri.

— Não, vá com os rapazes. Acho que eles podem precisar de uma babá — respondi, com um risinho.

— Caramba... Ele falou com você agora? — exclamou Ambrose, de queixo caído.

Fiz que sim e sorri.

— Homem de sorte — disse Jules, inclinando-se para me beijar no rosto.

— O que eu não daria para estar em sua cabeça.

Em vez dos beijos no ar de sempre, ele se deu ao luxo de beijar cada lado de minha face, com carinho.

— Jules! — exclamei, sentindo-me enrubescer.

Ele ficou em pé, olhando no espaço, e ergueu ambos os braços, como se estivesse se rendendo.

— Tá legal, tá legal, cara. É para manter distância, já entendi. Mas não é sempre que temos uma jovem humana bonita na casa. Na verdade, *nunca* temos. — Ele se virou para ir, e então olhou por cima do ombro para mim. — Até mais, Kate, e lembre-se... Estou completamente disponível pelos próximos dois dias, enquanto Vincent está indisposto.

Ele piscou. Com o rosto queimando, virei para o outro lado, ignorando-o ostensivamente enquanto ele deixava a cozinha.

— O que foi isso? — perguntou Charlotte, curiosa.

— Sinceramente, não faço ideia — resmunguei.



— VOCÊ VAI FICAR PARA O JANTAR? — PERGUNTOU Jeanne quando Charlotte e eu saímos da cozinha.

— Na verdade, eu não tinha pensado nisso, mas seria legal ver Vincent... quer dizer, *ouvir* Vincent... — parei de repente, sacudindo a cabeça ao perceber como era esquisito o que eu acabava de dizer — ... quando eles voltarem. Sim, vou ficar, obrigada!

Ela assentiu, satisfeita, e voltou a seus afazeres. Saímos da cozinha e percorremos o corredor.

— Vou estudar, Charlotte — disse-lhe ao abrir a porta para o quarto de Vincent.

— Tudo bem — respondeu ela. — Mas, se de repente a companhia de um morto estiver distraindo você, sinta-se à vontade para usar a biblioteca no andar de cima. Ou meu quarto. Vou estar no porão, malhando.

— Você também usa as armas?

Ela confirmou com um aceno, orgulhosa.

— Os rapazes têm mais força na parte superior do corpo, mas sou mais rápida e menor. Assim, embora possa manejar uma espada tão bem como eles, me concentro mais no caratê.

— Uau. Demais.

— Quer vir? — convidou ela.

— Não, não. Vou estudar no quarto de Vincent. Dá uma sensação aconchegante tê-lo por perto. Mesmo que não esteja... perto. O que me faz lembrar. Ele não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, pode?

— Não, ele não pode estar espionando você enquanto estiver caminhando com os rapazes. A menos que os deixe para voltar para casa. E ele não vai fazer isso.

Ela apertou minha mão entre as suas antes de sair pelo corredor e descer as escadas.

Liguei para Mamie para avisar que não voltaria para o jantar.

— Georgia também está ocupada — ela disse. — Então acho que Papy e eu vamos aproveitar a oportunidade e sair. Se não estivermos quando você voltar, não nos espere acordada.

Eu ri com o jeito de menininha de sua voz.

Passei a tarde estudando a Primeira Guerra Mundial, que ficara mais interessante agora que eu conhecia alguém que tinha lutado nela. As horas correram depressa, e então mudei para Literatura Inglesa, que, devo admitir, parecia mais diversão do que trabalho.

Com relação ao comentário de Charlotte, ter o corpo de Vincent a poucos metros de mim enquanto eu lia não era algo que distraía minha atenção. Era aconchegante. De novo me ocorreu o pensamento de que eu, a órfã privada de suas raízes e levada a viver em uma terra estrangeira, finalmente me sentia em casa. Me sentia centrada. Inteira.

Quando estava terminando um capítulo sobre escritores vitorianos, ouvi o toque do celular de Vincent, vindo da direção da cama. *Que estranho*, pensei. Todos que conheciam Vincent bem o suficiente para ligar para ele saberiam que estava dormente. Segui o som até a mesa de cabeceira e, abrindo uma gavetinha, tirei o celular. CHARLES estava escrito no identificador de chamada.

Meu coração acelerou quando apertei o botão para responder.

— Charles, aqui é a Kate. Você está bem? Estão todos procurando por você!

Um som de choro veio do outro lado da linha.

— Vincent está aí?

— Não, ele está dormente. Onde você está?

— Ele está dormente — Charles repetiu em voz alta, e então seu choro se tornou um soluçar desesperado, cortante. Em voz mais baixa, ele disse: — Escute. Diga à minha estirpe que sinto muito. Eu não queria que as coisas

acontecessem desse jeito...

A voz dele foi interrompida pelo som metálico de uma lâmina deixando a banha. Houve um barulho tremendo quando o celular atingiu o chão, e depois silêncio.

— Ah, meu Deus, Charles! Charles! — berrei no telefone, e então uma voz baixa, suave como neve, soou.

— Diga a Jean-Baptiste que, se quiser o corpo de Charles, vai ter que vir pegar.

— O que você fez com ele? — berrei ao telefone, minha voz em pânico.

— Vamos esperar nas Catacumbas. À meia-noite, o jovem Charles vira fumaça.

A linha ficou muda.

A porta se abriu de repente e Charlotte irrompeu na sala, com aparência desesperada. Ela viu o celular em minha mão e gritou.

— Que foi? Que aconteceu?

— Ah, Charlotte — senti o sangue fugir de meu rosto ao estender o celular para ela. — Chame os rapazes. Diga para eles voltarem para casa já.

— Tem a ver com Charles? — ela perguntou, começando a tremer.

Fiz que sim.

Ela vasculhou a agenda de Vincent e fez uma ligação.

— Jules, voltem agora. É sobre Charles. — Ela desligou. — Estão quase em casa. Já vão chegar, Kate...

Ela buscou em meu rosto algum motivo de esperança. Não pude lhe dar isso.

— Está morto — ela disse. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim.

— E os *numa* estão com ele.

— Sim.

Charlotte desabou ao chão e seus braços apertaram os joelhos junto a si. As lágrimas escorreram por suas faces abatidas. Ajoelhei-me e abracei-a, bem no instante em que a porta se abriu com violência e Jules e Ambrose entraram apressados.

— O que aconteceu? — disse Jules, jogando-se diante de Charlotte.

— Pergunte a Kate — soluçou ela. — Ah, Ambrose! — exclamou,

estendendo os braços para o homem acocorado a seu lado.

Ele se sentou no chão e a envolveu em seus braços poderosos, apertando-a contra si. Era a primeira vez que eu via os dois interagindo, e, mesmo em meio àquela tragédia, uma ficha caiu para mim. Havia algo entre Charlotte e Ambrose. Ele a segurava com cuidado, como se ela fosse se quebrar. E ela absorvia o carinho dele como uma esponja.

Era ele o amor não correspondido que ela mencionara aquele dia na beira do rio. Aquele que “não sentia a mesma coisa”. Não era a um humano que ela se referia. Ela falava de Ambrose. Assim que o pensamento cruzou minha mente, percebi que era verdade.

— Kate? — perguntou Jules, me tirando de meus devaneios.

— Charles ligou para o telefone de Vincent. Pediu para falar com ele, e, quando eu lhe disse que Vincent estava dormente, Charles pediu que eu dissesse a vocês que ele sentia muito. Que ele não queria que as coisas tivessem acontecido desse jeito. E então... teve um barulho tipo uma espada.

Charlotte choramingou, e Ambrose a abraçou com mais força.

— Uma outra pessoa pegou o celular e disse que, se vocês quisessem o corpo de Charles, tinham que chegar às Catacumbas até a meia-noite.

— As Catacumbas! — disse Jules a Ambrose, incrédulo.

— Faz sentido. Procuramos em todos os outros lugares — a voz de Ambrose estava carregada de veneno.

Charlotte começou a chorar mais forte.

— Shhh, vai ficar tudo bem — sussurrou Ambrose, abaixando a cabeça de modo que seu rosto tocou o dela.

— Vincent diz que precisamos contar a Jean-Baptiste e Gaspard — informou Jules.

No mesmo instante em que percebi que Vincent estava na sala, ouvi as palavras. *Estou aqui. Estou bem.* Dei um suspiro de alívio por saber que ele estava perto.

Enquanto percorríamos o corredor do andar de cima, vi Gaspard sair de um aposento.

— Tudo bem, tudo bem, estou indo, Vincent. Por que o pânico? — e então, vendo o rosto desfigurado de Charlotte, ele murmurou: — Ah, meu Deus. Sim, já vi.

Então abriu a porta em frente à de seu quarto, entrando antes de nós.

Aquele aposento parecia ter sido trazido do castelo de Versalhes. De um lado do cômodo, cortinados de veludo pendiam do teto sobre uma cama. Espelhos e pinturas revestiam as paredes, e uma tapeçaria imensa com uma cena de caça ocupava a maior parte da parede defronte à cama.

Jean-Baptiste estava no meio do quarto, sentado a uma escrivaninha de mogno com aparência delicada, escrevendo com uma caneta-tinteiro.

— Sim? — disse com calma e terminou de escrever uma sentença antes de erguer os olhos para nós.

Repeti palavra a palavra o que havia contado aos outros, minutos antes.

— E a outra pessoa ao telefone não se identificou? — perguntou Jean-Baptiste.

— Não.

Vi que os outros se entreolhavam, inquietos.

— Poderia ter sido Lucien?

— Eu só falei com ele uma vez, em um lugar barulhento. Não tenho como dizer.

— Deve ser uma armadilha — disse Gaspard, torcendo as mãos.

— Claro que é — retrucou Jean-Baptiste. Depois de um segundo de silêncio, ele acenou com a cabeça. — Entendi.

Ele se ergueu e veio até mim.

— Vincent diz que sua irmã planeja ir a uma festa que Lucien está dando hoje.

Eu tinha me esquecido daquilo.

— Ah, meu Deus, é mesmo! — exclamei, empalidecendo ao pensar no perigo que ela poderia correr. — É uma festa grande que vai acontecer perto da Place Denfert-Rochereau. Uma casa noturna chamada Judas.

— Denfert? — Ambrose deu uma risada amarga. — É como chamam hoje. Costumava ser *d'Enfer*. “A praça do inferno.” Bem em cima das Catacumbas. O lugar perfeito para um bando de demônios abrir uma loja.

— Faz todo o sentido do mundo que Lucien e seu clã se instalem entre os mortos — acrescentou Jules. — Eles mesmos devem ter fornecido metade daqueles ossos.



EU JÁ TINHA ESTADO ANTES NAS CATACUMBAS, NUM *tour* guiado aberto ao público. Constituídas por uma série de minas medievais escavadas sob a cidade, estão repletas de ossos de séculos de parisienses mortos.

Paris tem sido habitada há milênios, de modo que, é claro, no século XVII, os cemitérios de todas as igrejas estavam superlotados. Há relatos de corpos flutuando pela cidade cada vez que o rio Sena transbordava. Até que, por fim, o governo fechou os pequenos cemitérios da cidade, desenterrou os cadáveres dos túmulos e removeu os ossos para as cavernas subterrâneas abaixo das ruas de Paris.

As paredes das Catacumbas estavam revestidas com os ossos de seus antigos residentes, dispostos em formas decorativas como corações, cruzes e outros padrões. Era o espetáculo mais horrendo que eu já tinha visto. E pensar que tinha gente que de fato passaria seu tempo ali... Estremeci, incapaz de imaginar o tipo de monstro que seria atraído para um lugar daqueles.

— Ele disse aonde, nas Catacumbas, deveríamos ir? — perguntou Jean-Baptiste. — Os túneis se estendem por quilômetros.

Sacudi a cabeça.

Gaspard deixou o quarto e retornou trazendo um grande pergaminho enrolado.

— Este é o mapa dos esgotos e das Catacumbas — falou Gaspard.

— Certo — disse Jules. — Se Lucien quer que nos encontremos com ele nas Catacumbas enquanto está dando essa festa, imagino que haja uma entrada através da casa noturna dele. Quase todos os porões daquela área têm escadas

que descem até as Catacumbas. Um de nós deve vigiar aquele ponto de acesso.

— Eu quero ir também.

Fez-se silêncio, e todos me olharam espantados.

— Por quê? — perguntou Jean-Baptiste.

— Minha irmã está em perigo — minha voz falhou, devido à emoção.

Jules passou um braço ao redor de mim, com ternura.

— Kate, sua irmã não está em perigo. Lucien e seu bando têm peixes mais graúdos para capturar hoje. Estarão pensando em como nos destruir. Um humano seria a última coisa com que se preocupariam.

— E sem querer ofender, Katie-Lou, com suas habilidades de luta, você seria mais um empecilho que uma vantagem — disse Ambrose, e então olhou para Jean-Baptiste. — Mas não devemos deixar o corpo de Vincent sozinho, se os *numa* sabem que está aqui.

Jean-Baptiste olhou para Gaspard e assentiu com a cabeça.

— Eu fico — concordou Gaspard, e então abriu o mapa sobre uma mesa. O grupo se reuniu em volta, para olhar por cima de seu ombro, todos contribuindo com seu conhecimento pessoal para desenvolver o plano.

— Jeanne está servindo o jantar na cozinha — disse Jean-Baptiste afinal. — Todos devem comer algo, ou pelo menos levar alguma coisa. Vão precisar de suas forças para lutar.

Sérios, todos saíram do quarto. A reunião durara menos de uma hora. Mas já eram quase nove. O prazo final se aproximava depressa. Jules ficara para trás e saiu junto comigo.

— Vincent me pede para falar com você por ele, já que a capacidade de comunicação entre vocês dois ainda é limitada.

— Está bem.

— Ele diz que ele tem que ir conosco. Precisaremos da ajuda dele para localizar Charles. Ele diz que quer que você volte para a casa de seus avós e espere lá.

— Não — respondi, teimosa, e repeti para o ar. — Não, Vincent, estou morrendo de preocupação por vocês todos e por Georgia, e quero estar aqui quando vocês voltarem.

Jules escutou e então disse:

— Ele concorda que você vai estar tão a salvo aqui, com Gaspard, quanto

em sua casa. Mas ele não quer que você se preocupe com Georgia. Ao menos não esta noite. Enquanto ela estiver na festa, vai estar bem. Eles nunca nos enfrentariam diante de centenas de pessoas.

Confie em mim, as palavras correram por minha mente.

— Confio — respondi.

A meia hora seguinte foi um caos controlado. Jeanne serviu uma farta refeição e então sumiu escadas abaixo, indo para o porão. Fui atrás dela até o ginásio-arsenal e fiquei olhando enquanto ela abria e fechava portas de armários. Tirava pesados estojos de instrumentos musicais de dentro dos armários e os dispunha no piso com a mesma eficiência com que tirava *croissants* de dentro do forno.

— Posso ajudar em algo? — perguntei.

— Não, já fiz tudo — disse ela, ao ajeitar um enorme estojo de contrabaixo.

Aberto, o estojo revelava o interior revestido com veludo, com divisórias formando uma dúzia de diferentes compartimentos. Vendo os formatos e tamanhos das armas penduradas nas paredes, não era difícil imaginar para que servia o estojo.

Charlotte foi a primeira a descer as escadas e começou a tirar armas da parede. Escolheu um par de espadas, uma adaga, alguns objetos esquisitos que pareciam estrelas de ninja, e outras coisas cujo nome eu não saberia dizer, acomodando tudo em seus compartimentos dentro de um estojo de guitarra.

Ficando só de sutiã e calcinha, começou a se vestir: primeiro uma blusa preta bem justa de mangas compridas, então calças de couro pretas enfiadas em botas de couro de cano alto. Jeanne ajudou Charlotte a vestir o que parecia ser um colete à prova de balas, e então vestiu por cima um suéter escuro. Um colete preto de pele sintética, com um capuz guardado em um dos bolsos, completava o uniforme. Ela parecia o braço-direito feminino de Átila, o Huno. Parecia mortífera.

Todo o processo de preparar as armas e se trocar levou menos de cinco minutos, e, quando ela estava pronta, Ambrose e Jules já tinham descido e estavam guardando em estojos suas próprias armas.

Ambrose tinha o estojo do contrabaixo, e o enchia com um verdadeiro

arsenal de machados de batalha, maças, espadas e outras lâminas com aparência perigosa. Jeanne deixou preparadas as roupas dos rapazes, e então esfregou as mãos e olhou ao redor com orgulho, como se fosse uma avó amorosa mandando os netinhos para a escola.

— Toda essa parafernália militar é só para ir lutar contra os *numa*? — perguntei a Charlotte, que viera se postar a meu lado.

O medo havia começado a contrair meu estômago, como se uma miniatura de sucuri se enrolasse e apertasse minhas vísceras. Eu não estava com medo por Vincent, pois duvidava que na forma *volant* ele pudesse ser ferido por Lucien e seu bando. Mas ver os coletes à prova de balas e as camadas de roupas protetoras me fez perceber que meus novos amigos estavam se arriscando a um perigo mortal.

— Vejam quem se aprontou primeiro. Como sempre — disse Charlotte, provocando Ambrose e Jules, e então ela se virou para responder a minha pergunta. — Não, Kate. Não é só por causa dos *numa*. Salvar vidas não quer dizer só pular na frente de balas de revólver ou empurrar suicidas para fora do caminho de trens. Nós temos participado em equipes da SWAT, trabalhado como guarda-costas, atuado em esquadrões antiterroristas...

Ela riu diante de minha expressão de dúvida.

— É, até eu. Já cheguei a dezessete antes, e com maquiagem e o corte de cabelo certo posso parecer mais velha.

Jules tinha prendido uma balestra e setas dentro de um grande estojo, e por cima estava colocando adagas e espadas. Ele ergueu os olhos e, notando que eu o observava, me deu uma piscadinha marota.

— Por que vocês simplesmente não usam armas de fogo? — indaguei, intrigada com a atitude casual deles.

— Usamos armas de fogo quando esperam isso de nós — respondeu Charlotte. — Se estamos lutando ao lado de humanos, como nos casos em que mencionei... atuando como guarda-costas, e assim por diante. Mas balas não matam *revenants*... — ela fez uma pausa — ... ou outros como nós.

Antes que eu pudesse pedir a ela que explicasse o que queria dizer com “outros”, Ambrose, amarrando os cordões de suas pesadas botas de ponteira de aço, gritou:

— Além do mais, Katie-Lou, você tem que concordar... a luta corpo a

corpo é muito mais legal.

Tive que rir, apesar de tudo. Pelo visto, ele adorava uma briga.

— Quantas vezes vocês enfrentaram Lucien e seu bando?

— Incontáveis. É tudo parte de uma batalha interminável — Charlotte respondeu.

— Bom, o fato de ainda estarem por aqui deve significar que vocês estão vencendo.

Ninguém respondeu. E então Jules quebrou o silêncio.

— Digamos que costumava haver muitos mais de nós.

A serpente dentro de mim apertou com tanta força que eu não podia mais respirar.

— Costumava haver também muitos mais deles — interrompeu Jean-Baptiste, que chegou junto com Gaspard. Charlotte, Ambrose e Jules se endireitaram, como se em alerta, enquanto Jean-Baptiste caminhava de um lado a outro entre eles, inspecionando as vestimentas de proteção e os estojos de instrumentos.

— Está tudo pronto — disse ele, por fim, acenando a cabeça para os três, de forma aprovadora.

De um porta-guarda-chuvas ele tirou duas bengalas de aparência normal e jogou uma para Gaspard. Com um movimento rápido como um raio, Gaspard sacou uma espada de dentro da bengala e inspecionou sua lâmina.

Eles com certeza pareciam um minixército, conduzido por um general destemido. Individualmente, porém, podiam se passar por músicos vestidos para uma apresentação. Isto é, se fosse uma banda com atração por couro.

Eles saíram através de portas duplas no fundo do ginásio e subiram para o pátio traseiro, onde vários carros, motos e *scooters* estavam estacionados. Jean-Baptiste subiu em um sedã azul-escuro, enquanto Jules e Charlotte se instalaram em uma 4 x 4 escura. Ambrose prendeu seu estojo a uma enorme moto Ducati e deu partida com um rugido do motor.

Enquanto os outros veículos também davam partida, cruzei os braços, apertados contra o peito, e cerrei os dentes. *Não é a minha luta*, pensei, *é a deles*. Mas não podia evitar me sentir indefesa. Como a donzela em perigo que eu nunca quis ser.

Ouvi Vincent dizer: *Quando tiver terminado, volto para você*.

— Tenha cuidado — murmurei.

Nada pode me acontecer, veio a resposta. *Meu corpo está aqui com você.*

— Tome conta dos outros, então — disse-lhe eu.

Até mais, Kate, mon ange.

Os carros começaram a dar a ré, saindo suavemente um atrás do outro, através do portão, para a noite escura mais além, e então se foram.



GASPARD PEDIU DESCULPAS E DISSE QUE ESTARIA NA biblioteca, enquanto Jeanne e eu subíamos as escadas de volta para a cozinha, em silêncio. Fiquei olhando enquanto ela começava a recolher a mesa. Ela devia ter visto tanta coisa ao longo dos anos. E eu precisava de algo para me distrair.

— Me fale sobre Vincent.

Jeanne prendeu o pano de prato em seu avental.

— Primeiro vou fazer um café para você. Se quer esperar a volta deles, vai precisar de um reforço.

— Seria ótimo, Jeanne. Obrigada. Você toma comigo?

— Não, querida, tenho que ir para casa. Minha família está me esperando.

Ela tem uma família, pensei, imaginando por que isso me surpreendia. Ela também dividia seu tempo entre os desmorts e os viventes. Pela primeira vez, senti um vínculo com ela.

Ela colocou meu café na mesa com um jarrinho de leite e sentou-se a meu lado.

— Bom, o que posso lhe contar sobre Vincent? Eu tinha dezesseis anos quando comecei a ajudar minha mãe aqui, lavando e passando roupa. Isso foi... — ela fez as contas mentalmente — ... trinta e nove anos atrás. — Ela se recostou na cadeira, apertando os olhos como se tentasse ver tão longe no passado. — Vincent era igualzinho ao que é hoje. Um ano a mais ou a menos. E todos eles seguiam a moda daquela época, claro, para não destoarem. Por isso o cabelo dele estava meio comprido quando o vi pela primeira vez. Ah, achei Vincent tão bonito!

Ela se inclinou em minha direção com um brilho nos olhos.

— E ainda acho. Mesmo que ele seja um simples adolescente e eu agora seja a avó de quatro netos — ela se endireitou, sorrindo para si mesma. — Bom, naquela época havia muitos mais *revenants*. Estavam espalhados por toda Paris, por prédios que eram da família de Jean-Baptiste. Agora, claro, como o já não restam tantos aqui na cidade, ele aluga essas propriedades. Ganha uma fortuna com os aluguéis.

Ela suspirou e fez uma pausa antes de prosseguir.

— Conheço Vincent desde a década de 1970, e ele sempre foi um garoto meio... angustiado. Imagino que ele já tenha lhe contado sobre Hélène.

— Sim.

— Bom, depois da morte dela, e de sua própria morte, claro, ele se fechou emocionalmente. Depois que Jean-Baptiste o encontrou, ele assumiu o papel de soldado de infantaria. Pelo que ouvi, nada era perigoso demais para Vincent. Ele literalmente se atirava na frente do perigo, como se salvar centenas de desconhecidos pudesse compensar a única pessoa que não pudera salvar. E continua assim. Ele é como um robô vingador. Um belo robô, sabe, mais ainda assim...

Ela piscou os olhos e os cravou em mim.

— Uns meses atrás ele voltou para casa com uma centelha de vida nos olhos. Não consegui entender o que havia acontecido. E havia sido você. — Ela acariciou meu rosto com o lado da mão, sorrindo. — Sua menina bonita. Você deu vida nova a meu Vincent. Ele pode ter um espírito forte, mas tem uma alma sensível. E você o tocou. Desde que o conheço, sua única motivação foi vingança e lealdade, e talvez seja por isso que ele é um dos poucos sobreviventes. Mas agora ele tem... — ela se interrompeu, pensando duas vezes antes de falar algo, e então decidiu — ... você.

Seu sorriso era compassivo.

— Não vai ser uma relação fácil para você, querida Kate. Mas insista. Vale a pena.

Jeanne pendurou o avental no puxador do forno, me deu um beijo e começou a juntar suas coisas.

— Eu acompanho você — disse-lhe de repente, ao perceber que eu ficaria naquela casa enorme, na única companhia de um *revenant* de cento e cinquenta

anos e do corpo morto de meu namorado.

— Você vai ficar bem? — ela perguntou.

— Sim, sem problema — menti.

Chegamos perto da fonte de granito no meio do pátio dianteiro, e me sentei em sua borda, acenando adeus enquanto Jeanne cruzava o portão. Em seguida, o portão se fechou em silêncio.

Ergui o olhar para a estátua do anjo segurando a mulher. Da primeira vez que a vi, eu não fazia ideia do que Vincent era. Eu nunca tinha ouvido falar de *revenants*, nem do tipo assassino, nem do que passava sua existência salvando humanos. Mesmo então, as duas figuras da fonte já me pareceram bem sinistras. Agora, ao contemplar a beleza etérea das duas figuras conectadas — o belo anjo, com o rosto duro e sério voltado para a mulher que ele aninhava nos braços estendidos, toda feita de suavidade e luz —, eu não podia deixar de perceber o simbolismo. O anjo era um *revenant*, mas seria ele bom ou mau? E a mulher em seus braços, estava adormecida ou morta? Cheguei mais perto.

A expressão do anjo parecia desesperada. Até mesmo obcecada. Mas também terna. Como se ele tivesse a esperança de que ela o salvasse, e não o contrário. E, de súbito, surgiu em minha mente o nome pelo qual Vincent me chamava: *mon ange*. Meu anjo. Estremeci, mas não de frio.

Jeanne dissera que ter me conhecido havia transformado Vincent. Eu lhe dera “vida nova”. Mas teria ele a expectativa de que eu salvasse sua alma?

Olhei a mulher. Uma força nobre irradiava de suas feições, e a luz da lua refletida em sua pele iluminava o rosto do anjo. Eu tinha visto a expressão do anjo antes: era a mesma que aparecia no rosto de Vincent quando ele me olhava.

Fui invadida por uma onda de emoções: espanto por Vincent ter encontrado em mim o que buscava; medo por suas expectativas, preocupação de que eu não fosse forte o suficiente para carregar aquele fardo. Estavam todas ali. Mas ainda maior era o desejo de dar a ele o que ele queria. Ampará-lo. Meu destino talvez incluísse ajudar Vincent a ver que poderia haver mais em sua vida do que vinganças. Que ele podia amar.

Voltei para o quarto de Vincent, quase correndo, e me acomodei em sua cama, deitando a seu lado. Suas feições frias não tinham expressão; seu corpo perfeito não era nada senão uma casca vazia.

Tentei imaginá-lo como Jeanne o descrevera... um soldado violento, vingativo. A imagem que instintivamente vinha a minha mente era o sorriso *sexy* de olhos semicerrados que ele sempre me dava, mas fui capaz de imaginá-lo como um vingador furioso. Havia algo de perigoso nele, como havia em todos os *revenants*.

Saber que um acidente fatal pode acontecer ao dobrar uma esquina costuma fazer com que os humanos tenham mais cautela, característica que Vincent e os demais *revenants* não têm. A ausência do medo de ferimentos, ou até da morte, lhes dá uma confiança imprudente que é ao mesmo tempo excitante e aterrorizante.

Tracei suas feições com o dedo e pensei na primeira vez que o vi daquele jeito. Seu corpo morto me repugnara então, mas eu agora sentia uma certeza crescente de que poderia aguentar o que fosse. Para estar com Vincent eu deveria ser forte. Corajosa.

Ouvi o toque de meu celular avisando que tinha um torpedo, e saltei da cama para pegar o aparelho. Era de Georgia:

Fui embora da festa. Preciso falar com você urgente.

Eu: Você tá bem?

Georgia: Não.

Eu: Onde você está?

Georgia: Na frente da casa de Vincent.

Eu: O quê???? Como você sabia que eu estava aqui?

Georgia: Você me disse.

Eu: Não disse, não.

Georgia: Preciso ver você. Qual é o código do portão?

Por que ela estava fazendo isso? E o que devia eu fazer? Estava na cara que ela precisava de mim, mas eu não podia lhe dar o código.

Eu: Não posso dar. Vou sair para falar com você.

A campainha tocou. Corri até a porta da frente e apertei o botão da tela da câmera de segurança. A luzinha da câmera acendeu e vi minha irmã olhando para a lente.

— Georgia — gritei no microfone. — O que você está fazendo aqui? Quando ouviu minha voz, ela gritou.

— Ah, meu Deus, Kate, me desculpa, me desculpa!

— O que aconteceu? — perguntei, o pânico crescendo em minha voz quando vi o medo e a angústia no rosto dela.

— Me desculpa, me desculpa — ela uivou, erguendo as mãos trêmulas até a boca, aterrorizada.

— Desculpa por quê, Georgia? Me diz! — berrei.

— Por me trazer aqui — disse uma voz grave, e Lucien entrou no campo da câmera, colocando uma faca na garganta de Georgia. — Abre o portão, ou eu mato sua irmã.

As palavras perversas me afetaram tanto como se Lucien estivesse parado ao meu lado, e não do outro lado de um pátio e para além de um portão trancado.

— Me perdoa, Kate — choramingou Georgia.

Ergui o dedo para o botão com o símbolo de uma chave sob ele.

Gaspard começou a descer correndo as escadas detrás de mim.

— Não faça isso! — gritou.

— Mas ele vai matar minha irmã!

— Vou dar três segundos antes de cortar a garganta dela — a voz de Lucien saiu do aparelho. — Três...

— Eu só tenho minha bengala-espada... Espere até que eu chegue ao arsenal — gritou Gaspard, alcançando a base da escada e correndo em minha direção.

— Dois...

Olhei para Gaspard, desesperada, e apertei o botão. O portão foi destrancado.

— Tranque a porta depois que eu sair, Gaspard, e não deixe que eles entrem. Você tem que proteger Vincent! — gritei.

Então saí correndo, batendo a porta atrás de mim, e me preparei para encarar o demônio.



LUCIEN ESTAVA NO PÁTIO, DIANTE DE MIM, SEGURANDO a faca nas costas de Georgia.

— Boa noite, Kate — saudou ele, numa voz fria e neutra.

Sua expressão era assassina, e seu porte imenso parecia duas vezes maior agora que me confrontava. Como Georgia podia ter visto algo de atrativo naquele monstro aterrorizante era algo que eu não entendia.

— Agora seja uma boa menina e me deixe entrar.

— Não posso, a porta está trancada — respondi. — Não posso fazer nada por você, então pode soltar Georgia.

Eu sentia que havia ganhado aquela rodada, mas não tinha ideia do que vinha a seguir.

— Gaspard, eu sei que você está aí — berrou Lucien. — Agora saia ou terá o sangue de duas humanas nas mãos.

Antes que ele pudesse terminar, a porta se abriu e Gaspard saiu, segurando a bengala-espada diante de si.

— Não, Gaspard — berrei.

O que ele está fazendo?, pensei, horrorizada. Ele tinha que ficar trancado na casa, protegendo Vincent. Minha irmã era de minha inteira responsabilidade.

Gaspard me ignorou. Avançando, ele disse com voz inflexível:

— Lucien, seu parasita imundo. O que traz esse seu corpo pútrido a nossa humilde morada em uma noite tão bonita? — Ele havia assumido novamente o ar nobre que exibira no dia em que o vi treinando com Vincent. O poeta nervoso e gaguejante havia se transformado no guerreiro formidável.

Lucien deu um passo na direção dele, e eu agarrei Georgia pelo braço, puxando-a para longe.

— Vamos fugir — sussurrei, de olho nos homens.

— Você parece estar bastante desfalcado de armamentos esta noite, pobre arremedo de imortal — grunhiu Lucien.

— Minha lâmina parece estar à altura da faca de pão que você carrega, verme desprezível — devolveu Gaspard, e atacou Lucien com sua espada, fazendo um corte na face do gigante.

Embora um filete de sangue escorresse, Lucien sequer piscou.

— À altura, talvez, seu patético Lázaro salvador de vidas, e é por isso que eu trouxe um reforço — e ele sacou um revólver de dentro do casaco e atirou em Gaspard à queima-roupa entre os olhos.

O *revenant* mais velho cambaleou dois passos para trás quando sua testa absorveu a bala. Então, em câmera lenta, ela cuspiu de volta o projétil, que quicou no pavimento com um tilintar metálico. Lucien aproveitou os segundos em que Gaspard estava zonzo para saltar sobre ele e derrubá-lo ao chão.

Peguei Georgia pela mão e comecei a correr com ela rumo ao portão.

— Parem aí ou atiro em vocês duas — disse Lucien, apontando a arma para nós enquanto estava montado sobre o corpo de Gaspard, que se debatia.

Nós nos detivemos.

— Agora venham aqui. Vocês vão comigo. — Ele ficou olhando, imóvel, enquanto nos aproximávamos. — Mais perto.

Quando estávamos ao alcance de seu braço, ele recolocou a arma no coldre.

Então, tirando sua grande faca, brandiu-a alto no ar antes de baixá-la como um facão no pescoço de Gaspard. Georgia e eu berramos numa só voz, um grito de ferir os ouvidos, e nos abraçamos, tentando nos esconder do horror nos braços uma da outra.

— Ah, mas como temos estômago fraco, hein, garotas? Bom, ainda vai ter mais coisa. Agora vão para dentro, as duas — disse ele, tirando um lenço do bolso e limpando a lâmina, antes de apontá-la em nossa direção.

Não consegui olhar para Gaspard ao me dirigir, obediente, para o saguão de entrada. Lucien olhou ao redor.

— Lugarzinho legal — seus olhos se fixaram em mim, com um brilho

penetrante. — Agora me mostre onde ele está.

— Quem? — perguntei, a voz trêmula.

— Quem você acha? Seu amorzinho — ele fez uma careta, chegando mais perto de mim e puxando Georgia para que ficasse entre nós.

— Ele... ele não está aqui — balbuciei.

— Aaaah, que fofo. Tentando proteger o namoradinho zumbi. Mas eu sei que você está mentindo, Kate. Charles me contou que ele está dormente. E um companheiro meu acabou de me contar que Jean-Baptiste e sua turma, incluindo o fantasma de Vincent, apareceram todos na minha festinha nas Catacumbas. Então vamos largar mão de brincadeira e partir para o que interessa.

— Não vou levar você até ele — disse eu, dando um passo para trás para evitar Georgia, que ele tinha empurrado para cima de mim.

— Ah, mas você vai, sim — disse Lucien com calma, erguendo a faca. A lâmina reluziu à luz do grande lustre.

— Não conte para ele, Kate — Georgia gritou. — Ele disse que vai matar Vincent.

— Vaca — engrolou Lucien, e agarrou Georgia pelo cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás e segurou a faca contra o pescoço dela.

Sacudi a cabeça e sussurrei:

— Prefiro morrer a levar você até Vincent. — Mas, vendo o pânico nos olhos de Georgia, senti algo cedendo dentro de mim.

— Sem problema — disse Lucien. — Eu tinha a esperança de poder levar Georgia em segurança comigo depois de visitar você, mas por mim tudo bem mudar de planos.

A faca brilhou quando ele a passou pelo pescoço branco de Georgia. Ela urrou. Ele não soltou o cabelo dela.

— Georgia! — gritei, horrorizada, vendo o sangue sair do corte que ele fez.

— Quanto mais você demorar, mas fundo vou cortar. Não doeu nada, não foi, querida? — ele deu um sorriso perverso para Georgia e beijou-a de leve no rosto.

Os olhos dela se viraram para mim, cheios de terror.

— Está bem! — berrei. — Pare com isso e eu levo você até ele.

Lucien acenou com a cabeça, concordando, mas pousou a faca com firmeza no pescoço estendido de Georgia.

Minha mente voou em uma dúzia de direções distintas, procurando formas de enganá-lo. Eu podia levá-lo para cima, ou para outro quarto, mas o que conseguiria com isso, além de enfurecê-lo ainda mais?

— Andando! — ordenou Lucien, e cruzei a porta que levava para o corredor de serviço, minha mente ainda buscando uma forma de ganhar tempo. Eu caminhava o mais devagar que podia, mas não conseguia imaginar um plano que não terminasse com a garganta de minha irmã sendo cortada ou, mais provavelmente, nós duas mortas.

Não havia nada que eu pudesse fazer senão implorar a Vincent, em silêncio, que voltasse, sabendo que isso era impossível. Ele estava do outro lado da cidade, ajudando sua estirpe.

Conduzi-os através da porta do quarto de Vincent e fiquei de lado para deixar Lucien passar. Ele soltou Georgia e foi depressa até a cama, rindo enquanto se aproximava.

— Ah, Vincent, você está com uma aparência ótima — zombou. — O amor lhe cai muito bem. Pena que não vai durar muito.

Olhando em volta de si, seus olhos se fixaram na lareira.

— Sentem-se — ordenou, apontando com a faca para o sofá.

Ele começou a empilhar lenha e serragem na lareira e jogou um fósforo.

Com o rosto nas mãos, minha irmã começou a soluçar e baixou a cabeça para meu ombro.

— Kate, me perdoe por não ter acreditado em você.

— Shh, não importa agora. Você está bem? — sussurrei. — Deixe ver seu pescoço.

Ela ergueu a cabeça e toquei o ferimento. Não era muito mais do que um arranhão.

— Não é tão ruim — disse-lhe, limpando uma gota de sangue com o dedo.

— Que interessa esse corte? — ela murmurou. — Nunca vamos sair daqui com vida. Ele acabou de matar um cara. E o que está acontecendo com Vincent, afinal? Por que ele não se mexe?

— É um tipo de... coma — respondi.

— O que aconteceu? — ela perguntou, horrorizada.

Olhei-a fixamente.

— Georgia, Lucien não disse nada quando trouxe você aqui? Você não

sabe... o que eles são?

Ela chacoalhou a cabeça, confusa.

Não havia como evitar contar a ela. Existia a possibilidade de que não chegássemos vivas ao final daquela noite, e eu não via sentido em esconder dela o que agora já deveria ser óbvio.

— Georgia, Vincent e Lucien não são humanos.

— E são o quê, então?

— É complicado... — comecei, e, quando vi lágrimas de perplexidade começando a brotar em seus olhos, respirei fundo e disse: — Eles são chamados *revenants*. São desmorts.

— Eu não... não entendo.

— Não importa, Georgia — insisti, segurando suas mãos com força, e obrigando-a a me olhar nos olhos. Falei devagar, tanto para mim mesma quanto para ela. — Não me importa o que Vincent é. Não podemos deixar que Lucien o destrua.

Seus olhos analisaram meu rosto. Ao menos dessa vez não lamentei ser um livro aberto. O assombro e o medo deixaram a face de Georgia e foram substituídos por um olhar de pura determinação. Minha irmã sempre me apoiara, e agora estava me apoiando de novo. Por mais insanas que soassem as palavras que saíam de minha boca, ela não duvidou um segundo.

— O que a gente pode fazer? — ela sussurrou. Sacudi a cabeça e observei enquanto Lucien usava um atizador para ajeitar a lenha. O fogo pegou e subiu, explodindo em grandes labaredas, enquanto o cheiro de madeira queimada enchia o aposento.

— Ele vai tentar queimar o corpo de Vincent — sussurrei de volta. — Não podemos deixar.

Como se confirmando tudo o que eu dissera a ela, Lucien se virou para nós.

— É uma pena ter que me livrar do corpo de meu velho inimigo antes de lhe dar uma chance de me ver, com os próprios olhos, matando sua namorada. Seria uma vingança adequada por ter atirado em minha mulher na minha frente.

— Não foi coincidência você ter começado a sair com Georgia, não é? — perguntei, abalada com a súbita compreensão.

— Claro que não! Não existem coincidências! — ele fez uma expressão de desprezo, e Georgia abafou uma exclamação a meu lado. — Vi vocês duas

juntas no rio, meses atrás, quando Vincent salvou aquela adolescente patética que pulou da ponte.

— Foi você que saiu à toda com o carro depois de quase nos derrubar — exclamei.

— Eu mesmo — Lucien deu um sorriso sarcástico e fez uma mesura. — E, quando vi Vincent sair do metrô com você nos braços, depois do segundo suicídio seguido que ele me roubava, calculei que você devia ser alguém especial para ele. Foi tão fácil descobrir tudo sobre você depois, inclusive o fato de que sua irmãzinha festeira era frequentadora regular de várias de minhas casas noturnas. O que não é grande coincidência, já que ela não costuma selecionar os lugares aonde vai nem as turmas com que se mete.

Senti Georgia murchando ao ouvir isso, e Lucien riu, deliciado com a reação dela.

— Você me usou para chegar até Kate — ela balbuciou, chocada com a revelação.

Lucien sorriu e encolheu os ombros.

— Sem ofensas, querida.

— Mas como você sabia que eu estava aqui esta noite? Como imaginou que deveria trazer Georgia para conseguir entrar?

— Percebi que Charles estava falando com uma humana no telefone. Que outra humana atenderia o telefone de Vincent? Então reconheci sua voz, e tive esta ideia brilhante. — Ele fez um gesto que incluía o quarto e o corpo de Vincent. — Como acha que teria me tornado um empresário tão bem-sucedido se não soubesse aproveitar uma oportunidade quando ela está bem na minha frente?

— Ah, sei lá — respondi, odiando a arrogância dele. — Mentindo, enganando, assassinando... Seria meu palpite.

— Ah, elogios. É música para meus ouvidos.

Ele estalou as juntas dos dedos bem alto ao passar por nós indo até a cama. Ergueu nos braços o corpo rígido de Vincent e falou-lhe como se ele estivesse ali de fato.

— Que pena que você vai perder o banho de sangue em seu próprio quarto. Me lembra minha própria morte. Mas, como seu espírito está em outro lugar, quando eu destruir seu corpo você vai ter o resto da eternidade para flutuar por aí

e remoer isso.

Cambaleando um pouco sob o peso morto do corpo, ele foi em direção à lareira.

— Não! — berrei, saltando e correndo para me postar entre ele e o fogo.

— O que você vai fazer, menininha? Me chutar no tornozelo?

Georgia pulou do sofá e o atacou por trás, agarrando-lhe os braços. Ela soltou um rugido de pura fúria ao cravar as unhas nele, apenas conseguindo que ele fosse mais devagar. Corri até ele e tentei empurrá-lo para trás, para longe das chamas. Mas, mesmo com toda minha força, ele nem se mexeu.

— Ora essa, que alguém cuspa em meu túmulo vazio! Se não é o ataque das princesas Disney! — ele rosnou, contrariado, e, abaixando-se para deixar o corpo de Vincent no tapete, rodopiou e lançou Georgia voando para trás com um movimento do braço poderoso.

Ela se chocou com o lado da cama e sua cabeça bateu com força contra a armação de madeira. Ele foi até onde ela estava e, esperando até que ela o olhasse, disse:

— Sinto muito por ter que fazer isso. — E pisou com força na mão dela. Ouvi quando os ossos se quebraram com um som horrível, e então ela gritou de dor. — Para dizer a verdade, não sinto, não.

Ele entortou a cabeça enquanto a observava se contorcendo. A dor devia ser insuportável. Os olhos dela reviraram para cima e ela desabou, inconsciente.

Pegando o pesado atizador de ferro que estava junto à lareira, corri até onde Lucien estava e golpeei-lhe as costas com toda a força.

— Maldição, menina, me dá isso aqui — ele berrou e arrancou a arma de minhas mãos, jogando-a longe como se fosse um palito de fósforo. — Se você está a fim de violência, me ajude a cortar fora a cabeça de seu namorado.

Erguendo o braço, ele tirou uma das espadas que estavam na parede sobre a lareira. A outra caiu no chão. Precipitei-me sobre ela e a ergui pelo cabo, cambaleando para trás com seu peso.

Lucien se deteve, segurando sua espada com uma das mãos sobre o corpo de Vincent, e ficou me olhando com um sorriso de divertimento. Lutei para erguer minha lâmina e apontei-a para ele, tremendo.

— Não chegue perto dele — disse eu.

— Ou o quê? — ele cuspiu. — Se você queria morrer antes de ver seu

namorado ser decapitado, só precisava pedir. Mas espero que me permita um pouco de diversão antes. Faz muito tempo que não mato uma mulher com minhas próprias mãos.

Ele arremeteu contra mim, roçando a lâmina em meu ombro direito. O sangue brotou do corte, espalhou-se por minha blusa e escorreu por meu braço. Olhei aquilo por um momento, sentindo enjoo. E então olhei para o corpo de Vincent, estendido sem vida no chão, e minha determinação retornou. Com todas as minhas forças, ergui a espada.

— Isso mesmo — ele disse, sarcástico. — Você tem que pôr mais músculos para trabalhar.

Ele estava brincando comigo, e eu devia estar aliviada por isso. Se ele pusesse um pouquinho de empenho que fosse, eu já estaria morta. Mas, em vez de me sentir intimidada, a condescendência dele me deixou furiosa.

Impulsionada pela raiva, ataquei-o com a espada, e ele desviou com agilidade. A lâmina se chocou contra as lajotas do piso, quebrando algumas na metade e fazendo voar uma grande lasca de cerâmica. A espada dele reluziu à luz do fogo, e senti uma pontada ardente na perna. Baixei os olhos e vi que meu *jeans* estava cortado e que um filete de sangue escorria de um ferimento no lado de fora da coxa, logo abaixo do quadril.

— Agora está ficando divertido — exclamou Lucien, com um brilho nos olhos. — Você é ainda mais valente do que sua irmã. Eu nunca teria pensado. Seria uma pena matar você antes de descobrir exatamente até onde vai essa sua valentia. Quem sabe você vem para minha casa comigo, e com a cabeça de Vincent, claro, para que possamos nos divertir.

Tentei erguer a espada de novo, mas não consegui. Meus braços não estavam funcionando direito. Eu tinha usado toda minha energia naquele único golpe, e meus músculos pareciam borracha.

— Isso aqui só vai levar um segundo. Se você se mexer um milímetro, atravesso sua cabecinha bonita com esta lâmina — ele ameaçou, e então se virou e começou a mover o corpo de Vincent.

Georgia gemeu do outro lado do quarto. Seus olhos estavam agora meio abertos, mas ela ainda jazia imóvel no chão.

Lutei contra uma onda de desespero, e de repente percebi que não me importava se ele me matasse. Eu o enfrentaria mesmo que isso significasse

minha própria morte, mesmo que no fim não fizesse a mínima diferença. Porque seria melhor morrer lutando do que sobreviver àquele pesadelo e levar uma vida longa e cheia de remorsos, tendo apenas a lembrança de Vincent a que me agarrar. Reunindo cada migalha de minha força, ergui a espada.

De repente, ouvi as palavras entrecortadas: *Estou de volta*. Meus olhos se arregalaram enquanto eu olhava ao redor e me certificava de que as palavras vinham de dentro de mim.

— Vincent — sussurrei.

Depressa, Kate. Você me permite entrar em você?

— Entrar em mim? — fiquei intrigada por uma fração de segundo e então, entendendo o que ele queria, respondi: — Sim.

De súbito, meu corpo já não era meu. Senti como se uma porta se abrisse na parte de trás de minha cabeça, e uma onda poderosa de energia penetrou através dela e ricocheteou em mim, me preenchendo até parecer que eu ia explodir.

Embora ainda estivesse consciente, meus membros começaram a se mover sem que eu os comandasse, e levantei a pesada espada com facilidade, descrevendo uma curva elíptica e erguendo-a bem alto. Ela pairou lá por um segundo, suspensa, imóvel, até que a baixei num golpe violento, produzindo um corte profundo no braço esquerdo de Lucien.

Ele rugiu de fúria e deixou cair sua espada, colocando a mão sobre o ferimento. Girando nos calcanhares, me olhou atônito e então se jogou sobre mim, o braço ferido pendendo ao longo do corpo e jorrando sangue escuro no piso.

Saltei para o lado, como um gato, trazendo a espada para uma posição vertical, e me agachei por um segundo antes de correr na direção de Lucien, que recuava para perto de onde sua espada estava caída ao chão. Erguendo minha arma, ataquei seu lado direito, sob o braço estendido. Ele soltou um uivo e rodopiou com a espada na mão.

Ficou por um segundo me encarando, sem compreender, enquanto o sangue espirrava do ferimento em seu flanco. Então, com passos poderosos ele veio para cima de mim, mas vacilou no último segundo, desequilibrando-se ao tropeçar no corpo de Vincent.

Desviei para a direita, para longe dele, e então ataquei de novo, com um

novo golpe contra sua cabeça, errando quando ele se abaixou. Saindo de sua posição agachada, ele saltou de lado, apertando os olhos ao olhar para mim. De súbito eles se arregalaram de surpresa.

— Vincent. Você está aí? — ele perguntou, incrédulo.

Senti quando eu mesma ri, e em seguida as palavras de Vincent saíram de minha boca, em minha própria voz.

— Lucien. Meu velho inimigo.

— Não, não é possível — protestou Lucien, sacudindo a cabeça e segurando a espada defensivamente com o braço bom. — Você está nas Catacumbas.

— Parece que você está errado — disse Vincent através de mim. — Você nunca foi o zumbi mais esperto do cemitério.

Lucien rugiu e me atacou, mas saltei com agilidade para um lado, enquanto ele cambaleou para evitar se chocar com a cama.

— O que exatamente você estava planejando fazer aqui? — minha voz disse, num tom seguro. — Você queria levar minha cabeça de volta para Jean-Baptiste e então entrar em ação para acabar com o resto de minha gente?

— Só estou terminando um negócio antigo — ciciou Lucien. — Não estou nem um pouco interessado em seus companheiros, mas, já que você mencionou, seria bacana fazer um churrasquinho de *revenant* depois que eu matar Kate e levar sua cabeça de volta para servir de atizador de fogo.

— É a parte de “matar Kate” que acho que vai ser difícil — eu me ouvi dizer, enquanto corria para ele, sentindo meu corpo ser percorrido por uma força várias vezes superior à minha. Lucien ergueu a espada aguardando por mim, mas cheguei mais rápido do que ele podia reagir.

— Por todos os inocentes que morreram traídos por você — disse eu, e fiz um corte profundo em seu lado direito, já ferido.

A espada dele caiu ao solo e ele urrou, cambaleando na direção da lareira. Seu sangue espirrou no fogo quando ele se curvou para diante, caindo de joelhos para pegar a adaga que deixara junto à lareira. Então, com velocidade incrível, ele saltou de pé e atirou a faca, mirando minha cabeça. Pulei para fora do caminho, mas não rápido o suficiente, e a lâmina se cravou em meu ombro direito.

Não gritei. Não tive tempo. Mudando a espada para a mão direita, com a

esquerda arranquei a faca do ombro. A seguir, sem hesitar, atirei-a de volta com força sobre-humana, fazendo-o recuar um passo quando a lâmina se alojou, através do olho esquerdo, no cérebro.

— E isto é por todos de minha estirpe que você destruiu — ouvi a mim mesma dizer. O olho restante de Lucien revirou para cima, e, com a boca escancarada, ele veio aos tropeções em minha direção, como que em câmera lenta.

Virei-me e pulei em cima da mesa de café. Segurando a espada com as duas mãos, ergui-a bem alto e trouxe-a, numa curva poderosa, rumo ao pescoço dele. Senti a lâmina cortando-o com precisão, e a cabeça voou longe, descrevendo um arco sangrento.

O corpo decapitado manteve a posição por alguns segundos antes de desabar no chão.

— Queime no inferno! — exclamou Vincent quando ergui a cabeça pelos cabelos e a carreguei para a lareira.

Nesse momento a porta se abriu de supetão, e Ambrose arremeteu através dela, gritando como um louco e agitando um machado de batalha em uma das mãos. Seu outro braço exibia um grande corte, e suas roupas rasgadas estavam manchadas de escarlate. Um filete de sangue escorria por sua face, de uma ferida na cabeça.

Seus olhos alucinados se fixaram no cadáver decapitado de Lucien e então deslizaram para o corpo de Vincent, caído junto à lareira. Ele olhou para mim, de pé ali perto, segurando sem esforço uma espada enorme numa das mãos e a cabeça de Lucien na outra. Fez uma saudação silenciosa com a cabeça, e respondi com outra. Virando-me para o fogo, atirei nas chamas a cabeça grotesca.

— O corpo — disse eu, e, agarrando o cadáver de Lucien por braços e pernas, Ambrose e eu o carregamos até o fogo, balançando-o um pouco para trás antes de jogá-lo por cima da lenha incandescente.

— Vincent, é você aí? — Ambrose perguntou, afastando-se e me olhando. Minha cabeça confirmou com um aceno. — Bom, é melhor que seja, porque, se for você sozinha, Katie-Lou, estou oficialmente aterrorizado.

Eu sorri para ele, e ele sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Sai daí, Vincent, você está me assustando — ele disse.

Pronta?, perguntou-me Vincent.

— Sim — respondi, e de imediato senti a massa de energia partindo por trás de minha cabeça. Meu corpo parecia um balão murchando, e Ambrose se adiantou para me segurar quando caí. Ele me colocou com cuidado no chão.

Kate, você está bem? As palavras de Vincent vieram de imediato.

— Sim, estou bem.

Sua mente. Sem confusão? Pânico?

— Vincent, estou igual a antes, exceto que não acho que vou conseguir me mexer por uma semana, de tão cansada.

Incrível.

— O corpo de Gaspard está lá fora — eu disse a Ambrose.

— Nós vimos. Jean-Baptiste o pegou. Ele vai ficar bem.

— E os demais? — perguntei, olhando o sangue na camisa dele.

— Todos conseguimos voltar.

Dei um suspiro de alívio.

— E Charles?

— Trouxemos o corpo dele — respondeu Ambrose, e então, fazendo um gesto na direção da cama, perguntou: — O que sua irmã está fazendo aqui?

— Ah, meu Deus, Georgia! — gritei e olhei para ela. Usei minhas últimas reservas de energia para rastejar até ela e tocar sua face lívida. — Você está bem?

— Acho que sim. Só dói me mexer — ela respondeu, com voz fraca.

— Ela precisa de ajuda — disse eu, alarmada, a Ambrose. — Talvez tenha uma concussão, ela bateu a cabeça com muita força e ficou inconsciente por algum tempo. E tenho quase certeza de que a mão dela está quebrada.

Ambrose se abaixou ao lado dela e, com cuidado para não mover seu pescoço, tirou-a da posição toda curvada em que estava e a deitou estendida no chão.

— Precisamos levá-la a um hospital — disse eu.

— Ela não é a única que precisa de atenção médica — respondeu Ambrose, apontando para meu ombro.

Olhei para baixo e vi minha blusa ensopada de sangue. Embora não tivesse sentido antes, uma dor lancinante agora corria por meu braço, explodindo ao chegar ao corte aberto. Segurei meu ombro e, com a mesma rapidez, deixei a

mão cair, contraindo-me de dor.

Ouvi passos apressados no corredor e olhei para a porta justo quando Jules entrou.

— Kate? — ele perguntou, com pânico na voz.

— Ela está bem — informou Ambrose. — Tem cortes no ombro e na perna, mas está viva.

Jules olhou ao redor do quarto e, vendo o vulto de Vincent perto da lareira, caiu de joelhos, aliviado. Pondo as mãos na cabeça, falou baixinho para o ar:

— Vince, ah, cara, estou tão feliz por você ainda estar por aqui.

Um cheiro penetrante, acre, começou a vir da chaminé quando o corpo de Lucien pegou fogo.

— Precisamos sair daqui se não quisermos sufocar com a fumaça — disse Ambrose, olhando naquela direção.

Jules se ergueu, abriu as janelas e então se agachou junto a nós.

— Como ela está? — perguntou, fazendo um gesto com a cabeça para indicar Georgia.

— Viva.

— E você? — ele aninhou minha face em sua mão.

As lágrimas encheram meus olhos.

— Estou bem — disse eu, limpando-as depressa.

— Ah, Kate — ele exclamou e me envolveu em seus braços.

Era o que eu precisava, o toque humano. Tudo bem, não humano, sei lá. Uma vez que Vincent não estava ali para me abraçar, Jules era um substituto mais do que adequado.

— Obrigada — sussurrei.

— Hospital — disse Ambrose, lacônico, e se ergueu para tirar o celular do bolso.

Foi até o outro lado do quarto para fazer a ligação, e Jules me soltou, indo até ele.

Olhei para minha irmã. Ela parecia zonha.

— Vamos para um hospital — disse para Georgia. — Tudo vai ficar bem.

— Onde ele está? Lucien? — ela perguntou, aturdida.

— Morto.

— O que aconteceu?

— Quanto você viu? — indaguei.

Ela me deu um sorrisinho débil.

— O suficiente para saber que minha irmã é jogo duro numa luta com espadas.



OS DEMAIS CHEGARAM EM CASA BEM NA HORA EM QUE nossa ambulância partiu. Ambrose tinha ligado para seu contato de sempre, que concordara em nos levar para uma clínica médica particular, sem preencher um boletim de ocorrência policial. Os paramédicos não queriam mover a cabeça de Georgia, e por isso lhe colocaram um imobilizador de pescoço e a levaram em uma maca. Depois de colocarem curativos temporários em meus ferimentos, Jules e eu subimos na parte de trás, sentando junto a ela.

Fiquei pensando o que os paramédicos estariam achando de nós: duas adolescentes de aparência frágil, que pareciam ter estado em uma briga de gangues, e Jules vestido como algum personagem de *Matrix*. Eu tinha cem por cento de certeza de que, se eles não tivessem sido subornados, seríamos levados para uma delegacia para interrogatório.

Eu estava morrendo de curiosidade para saber o que tinha acontecido nas Catacumbas, mas não podíamos falar, pois um dos paramédicos vinha conosco na parte de trás da ambulância. Ele estava obviamente sendo discreto ao fazer perguntas, e depois de olhar para Jules, pedindo sua aprovação, respondi apenas que Georgia tinha batido a cabeça com força num dos postes de madeira da cama, e que depois alguém tinha pisado em sua mão. Disse-lhe que os cortes em meu ombro e na perna eram ferimentos a faca. Eu torcia para que fosse suficiente dar informações básicas, sem detalhes, e, a julgar pelo aceno de cabeça satisfeito dele, foi mesmo.

Na clínica, Georgia foi examinada e concluíram que estava bem, exceto por alguns ossos quebrados na mão, que foi imobilizada. O ferimento em minha

perna não era profundo, mas meu ombro precisou de uma dúzia de pontos. Depois de testar a mobilidade de minha mão, o médico disse que eu tivera sorte, pois a lâmina não atingira nenhum nervo.

Em seguida, fez um *check-up* de rotina, luz nos olhos, pressão sanguínea e tudo o mais. Por fim suspirou e disse:

— *Mademoiselle*, parece que está sofrendo de uma exaustão extrema. Sua pressão sanguínea está baixa demais. Tem uma leve febre, sua pele está pálida e as pupilas dilatadas. Toma algum medicamento ou usa drogas?

— Não.

— Quando foi ferida, estava praticando algum... exercício físico intenso?

— Sim — respondi, imaginando o que ele pensaria se soubesse exatamente que tipo de exercício físico.

— Sente fraqueza, fadiga ou náusea?

Fiz que sim. Na verdade, depois que Vincent deixou meu corpo, eu me sentia como uma boneca de trapo, mal tendo energia para caminhar. Saber que o bem-estar tanto de minha irmã quanto o meu próprio dependiam de que eu fosse capaz de colocar um pé diante do outro era a única coisa que me sustentava.

— Precisa descansar. Seu corpo precisa se recuperar do que quer que tenha lhe acontecido. Você e sua amiga... — ele acenou na direção da cama onde Georgia estava deitada — ... tiveram uma noite e tanto. Descanse e se recupere, ou vai acabar fazendo ainda mais mal a si própria.

Ele apontou para Jules e baixou a voz.

— Você pode responder sim ou não com a cabeça. Posso permitir que saiam da clínica com esse homem?

Percebi como Jules parecia perigoso com suas botas de ponteira de aço, calças de couro e camadas de roupas pretas protetoras.

— Não foi ele. Ele é um amigo — sussurrei.

O médico me olhou nos olhos por mais um segundo e, finalmente convencido, acenou com a cabeça e me deixou descer da mesa de exames.

Enquanto Jules conversava com o médico e lhe pagava em dinheiro o tratamento, sussurrei:

— Vincent?

Sim, veio a resposta imediata.

— Você esteve aqui o tempo todo.

Como poderia deixá-la numa hora dessas?

Fechei os olhos e tentei imaginar seus braços ao meu redor.

Voltamos para uma casa que parecia um quartel-general depois de uma batalha. Havia um movimento velado indo de quarto em quarto, enquanto as pessoas visitavam umas às outras e ajudavam a cuidar dos ferimentos uns dos outros.

Eu tinha explicado a Georgia que tínhamos que passar a noite na casa de Vincent. Não podíamos ir para casa daquele jeito. Levei-a para o andar de cima e ajudei-a a se deitar na cama de Charlotte, supondo que o corpo de Lucien ainda estava queimando no quarto de Vincent. Mesmo que não estivesse, eu não podia nem pensar em voltar para o cenário daquele horrível banho de sangue. Ainda muda de choque, Georgia adormeceu nem bem sua cabeça tocou o travesseiro.

Meu ombro começou a arder de novo, agora que a anestesia usada para dar os pontos estava passando. Desci para a cozinha, atrás de água para tomar os comprimidos de analgésicos que tinham sido receitados.

Dói?, disse a voz de Vincent em minha cabeça.

— Não muito — menti.

Jules passou pelas portas de vaivém, de novo se parecendo com ele mesmo, vestindo um *jeans* surrado e uma camiseta justa. Ele me deu um sorriso que transmitia ternura e também respeito.

— Reunião geral — anunciou. — Jean-Baptiste quer que você também vá.

— Ele quer? — me surpreendi.

Jules confirmou e me entregou uma camiseta limpa.

— Achei que você gostaria de ficar um pouco mais apresentável — explicou, apontando para minhas roupas encharcadas de sangue.

Ele virou de costas enquanto eu me trocava rapidamente e jogava as roupas arruinadas na lata de lixo.

Percorremos juntos o corredor e atravessamos o saguão de entrada, indo para uma enorme sala com teto alto e janelas de dois andares. Um cheiro de couro antigo e rosas murchas pairava no ar, denso. Inúmeros sofás e poltronas de couro estavam dispostos no fundo da sala, ao redor de uma lareira monumental.

Perto do grande fogo que ardia, vi Charlotte deitada em um sofá e Ambrose esticado em um tapete persa diante da lareira. Ele vestia camiseta e

um *jeans* limpo, seus ferimentos haviam sido tratados e não se via sangue algum, mas exibia bandagens suficientes para poder ser confundido com uma múmia. Ele percebeu que eu o olhava.

— Não se preocupe, Katie-Lou, mais umas semanas até a dormência e vou estar novo em folha.

Acenei com a cabeça, esforçando para mudar minha expressão de assustada para tranquila.

— Por fim chegaram — disse Jean-Baptiste, que caminhava de um lado a outro defronte do fogo, segurando um atizador em uma das mãos, como uma bengala. — Estávamos esperando que você e Vincent voltassem para começar.

Ele me indicou com os olhos uma poltrona. Sentei-me.

— Há algumas decisões que devem ser tomadas, e preciso ouvir o que aconteceu, em detalhes, pela perspectiva de cada um de vocês. Vamos começar.

Ele deixou o atizador apoiado na lareira e ficou em pé com as mãos atrás das costas, igualzinho a um general ouvindo o relatório de seus soldados.

Charlotte, Ambrose e Jules começaram a contar suas próprias partes da história, com Jean-Baptiste “traduzindo” Vincent. O grupo, com a ajuda de Vincent, tinha recuperado o corpo de Charles antes de ser encurralado dentro das Catacumbas por um pequeno exército de *numa*. Um exército sem líder. Por um comentário de um dos inimigos, eles descobriram o que acontecia. Lucien havia proibido os *numa* de matarem qualquer dos *revenants* até que ele retornasse com “a cabeça”. Suspeitando que a cabeça em questão fosse sua própria, Vincent partiu como um raio de volta para casa. Os *revenants* se aproveitaram da hesitação dos *numa* em matá-los e lutaram com eles, conseguindo escapar e voltar depressa para ajudar Vincent.

— Não parece que tenhamos sido seguidos — concluiu Jean-Baptiste. Então ele se voltou para mim. — Kate, poderia ter a gentileza de assumir a narrativa do que aconteceu aqui?

Contei ao grupo o que havia acontecido, começando com os torpedos de minha irmã, até o momento em que Vincent chegou e assumiu meu corpo.

— Impossível! — exclamou Jean-Baptiste.

Dei-lhe um olhar irônico.

— Bom, com certeza não fui eu quem arrancou a cabeça de um gigante *numa* com uma espada larga de mais de um metro de comprimento.

— Não, não é impossível que ele tenha possuído você. O impossível é que você tenha sobrevivido com sua sanidade intacta. — Jean-Baptiste ficou em silêncio por um segundo e então acenou com a cabeça. — Se você está dizendo, Vincent, mas não vejo como um humano possa passar por isso e sair tão ileso como Kate parece estar. Fora alguns boatos antigos e infundados, não há absolutamente precedente algum.

Ele parou de novo, ouvindo.

— Só porque você consegue se comunicar com ela enquanto está *volant* não significa que tudo o mais é possível — objetou o *revenant* mais velho. — Sim, sim, eu sei... você não teve escolha. É verdade, se não fizesse aquilo, vocês dois teriam sido destruídos.

Ele suspirou e se voltou para mim.

— Então você matou Lucien?

— Sim. Quer dizer, Vincent matou... Hã, a faca que ele atirou atravessou o olho de Lucien e se cravou fundo em sua cabeça. Esse foi o golpe que o matou. Pelo menos a cara dele parecia de morto. Então cortamos fora a cabeça dele com a espada.

— E o corpo?

— Queimamos na lareira.

— Fiquei monitorando depois que eles foram para a clínica. Não sobrou nada — informou Ambrose.

Jean-Baptiste relaxou visivelmente e ficou imóvel por um segundo, com a mão na testa, antes de olhar de novo para o grupo.

— Fica claro, então, que o plano era atrair o resto de nós, com Vincent *volant*, para longe da casa, abrindo caminho para que Lucien viesse aqui e se livrasse do corpo de Vincent. Conhecendo nosso velho inimigo, ele devia ter planejado retornar com a cabeça para queimá-la diante de nós, antes de nos destruir. É o único motivo que posso pensar para não termos sido massacrados assim que chegamos às Catacumbas.

O aposento ficou em silêncio.

— Eu teria preferido que Charles estivesse aqui conosco para esta conversa — ele fez uma pausa, respirando fundo. — Mas, dadas as circunstâncias, deixo a você, Charlotte, a tarefa de dar a seu irmão a notícia de que quero que vocês dois vão embora.



TODOS SE ENTREOLHARAM CHOCADOS.

— O quê? — murmurou Charlotte, sacudindo a cabeça como se não tivesse entendido.

— Não é uma punição — esclareceu Jean-Baptiste. — Charles precisa sair daqui. Sair de Paris. Desta casa. Afastar-se de mim. Ele precisa de algum tempo para colocar a cabeça no lugar. E Paris, depois desta batalha, esta... — ele procurou as palavras certas — ... declaração de guerra, se for assim que a coisa toda se revelar, não é um lugar seguro para quem ainda está confuso.

— Mas... e eu? Por quê? — quis saber Charlotte, lançando um olhar breve e assustado na direção de Ambrose.

— Você consegue viver longe de seu irmão gêmeo?

— Não. — Ela baixou a cabeça.

— Foi o que pensei.

A face de Jean-Baptiste se suavizou quando Charlotte começou a chorar. Ele foi até ela e sentou a seu lado no sofá, demonstrando uma ternura que, em minha experiência limitada de Jean-Baptiste, parecia completamente deslocada.

Segurando a mão dela entre as suas, ele disse:

— Querida menina, é só por alguns meses, enquanto descobrimos o que o clã de Lucien vai fazer sem ele. Vão nos atacar? Será que, sem um líder, serão forçados a se esconder por algum tempo? Não sabemos. E ter Charles aqui, confuso e indeciso, enfraquece a todos quando precisamos de todas nossas forças. Vocês sabem que tenho casas por todo o país. Vou deixar que escolham aonde querem ir. E vocês voltarão. Prometo.

Charlotte envolveu o pescoço de Jean-Baptiste com os braços, soluçando.

— Shhhh — disse ele, afagando-lhe as costas.

Quando ela se acalmou, ele ficou em pé de novo e se dirigiu a Ambrose e Jules.

— Quando Gaspard puder se comunicar, vou discutir com ele quanto a nossos planos. Devemos convidar outros para substituir Charlotte e Charles nestes tempos tão difíceis. Sugestões de vocês serão bem-vindas.

Jean-Baptiste então se voltou para mim.

— Quanto a você, Kate...

Sentei-me rígida em minha cadeira, sem saber o que viria a seguir, mas me preparando para o pior. Ele não podia me banir; eu não vivia sob seu teto. E não podia me impedir de ver Vincent; eu recusaria. Embora nunca tivesse me sentido fisicamente tão fraca em minha vida, minha força de vontade nunca havia sido mais forte.

— Nós lhe devemos nossa gratidão. Você protegeu um membro de nossa estirpe, arriscando sua própria vida.

Fiquei lá, aturdida, e finalmente disse:

— Mas... Como eu poderia ter feito algo diferente?

— Você poderia ter pegado sua irmã e fugido. Era atrás de Vincent que Lucien estava.

Sacudi a cabeça. Não, eu não podia ter feito aquilo. Eu teria preferido morrer a deixar Vincent entregue a sua destruição.

— Você ganhou minha confiança — concluiu Jean-Baptiste, com formalidade. — De agora em diante, é bem-vinda aqui.

— Ela já era bem-vinda aqui — apartou Jules.

Ambrose fez que sim com a cabeça. Jean-Baptiste olhou-os com suavidade.

— Vocês dois sabem o quanto luto para proteger nosso grupo. E, embora eu confie em todos vocês, nem sempre confio em suas decisões. Alguém mais teve permissão para trazer algum amante humano para esta casa?

O aposento permaneceu em silêncio.

— Pois bem, a esta humana dou agora minhas boas-vindas oficiais.

— E ela só teve que arrancar a cabeça de um zumbi do mal para merecer isso — resmungou Ambrose com sarcasmo.

Jean-Baptiste ignorou-o e prosseguiu.

— No entanto, eu ficaria grato se encontrasse alguma forma de explicar tudo isto a sua irmã de modo que ela não se inteirasse de todos os nossos segredos. E, se você tiver a menor suspeita de que ela está em contato com algum dos associados de Lucien, peço que me conte de imediato. De qualquer forma, ela não terá mais permissão para entrar nesta casa, como medida de segurança para todos nós. Sei que foi contra a vontade dela, mas sua presença aqui foi a única quebra de segurança que já tivemos.

Concordei, com um meneio de cabeça, pensando em como Georgia quase tinha sido o fim da linha para mim e Vincent... e para todos nós!



— *Olé!* — GRITOU PAPY QUANDO A ROLHA PARTIU DA garrafa como um tiro, dando um susto em todos nós, e a seguir serviu o champanhe com cuidado, em nossas longas taças *flute*, enquanto saudávamos.

Ele ergueu sua taça em um brinde, e copiamos seu gesto.

— Quero desejar um feliz aniversário de dezessete anos a minha princesa, Kate. À esperança de que este seja um ano mágico para você!

— Bravo! Isso mesmo! — entooou Mamie, encostando sua taça na minha. Ela suspirou: — Ah, voltar aos dezessete. Era minha idade quando conheci seu avô. Mas demorou mais de um ano para ele prestar atenção em mim — disse, romântica.

— Era tudo parte de meu plano — devolveu ele, piscando para mim. — De qualquer modo, eu compensei o tempo perdido, não foi?

Mamie concordou e lhe deu um beijo afetuoso antes de brindar com ele. Inclinei-me para diante para brindar com Papy e então me virei para Georgia, que segurava a taça na mão esquerda, uma vez que a direita ainda estava engessada.

— Feliz aniversário, Katie-Bean — disse ela, sorrindo com carinho para mim, e então baixou os olhos para a mesa, como se estivesse constrangida.

Georgia não voltara a ser a mesma desde “o acidente”, como o meus avós o chamaram. Meus ferimentos podiam ficar ocultos debaixo das roupas de inverno, mas Georgia teve que explicar o gesso na mão.

Ela disse que havia entrado no meio de uma briga na casa noturna e tinha sido derrubada e pisoteada. Papy e Mamie ficaram tão horrorizados que a

proibiram de ir a barzinhos e casas noturnas. Curiosamente, ela pareceu nem ligar, e agora passava as noites de forma mais tranquila, indo a jantares ou ao cinema com uns poucos amigos. Desde aquela noite, ela abdicara dos homens, jurando com veemência que não iria mais confiar em seus instintos, mas eu sabia que não ia durar muito tempo.

Ela viera a meu quarto algumas vezes, tarde da noite, me acordando para chorar em meu ombro ou para que eu a distraísse de seus pesadelos frequentes. Ela queria saber tudo sobre os *revenants*. E eu contei. Não me importava a ordem de Jean-Baptiste, pois eu sabia que podia confiar nela. Agora que não havia mais segredos entre nós, Georgia me tratava com um respeito inédito e agia como se Vincent fosse o máximo.

— A um ano feliz para nós duas — sorri para ela, e então me virei para Vincent, que esperava sua vez.

Ele viera naquela noite usando um *smoking* preto *vintage*, e quase desmaiei quando abri a porta.

— Hã, será que esqueci de lhe dizer que justo hoje minha família não ia se vestir a rigor para o jantar? — disse eu, minha ironia anulada pelo fato de que eu estava deslumbrada com sua aparência.

Ele parecia um galã de cinema das antigas, o cabelo preto penteado para trás ressaltando suas feições esculturais. Ele apenas me deu um sorriso misterioso e se recusou a responder.

Agora nossas taças se tocavam, e ele me deu um selinho inocente nos lábios antes de dizer:

— Feliz aniversário, Kate.

Seus olhos brilhavam, maliciosos, enquanto ele me fitava daquele jeito que sempre me derretia, como se eu fosse comestível e ele mal pudesse se controlar para dar uma mordida.

— É melhor vocês irem andando, crianças — disse Mamie, por fim.

— Ir aonde? — perguntei, confusa.

— Obrigado por manterem em segredo meus planos de aniversário — disse Vincent a minha família. Então, virando-se para mim, disse: — Você vai precisar disto aqui, primeiro.

Ele puxou uma grande caixa branca de sob a mesa. Corando, desamarrei o laço e abri o pacote. Bem acomodado entre camadas de papel fino havia um

tecido de seda azul-escuro com um bordado em estilo asiático, florzinhas e trepadeiras prateadas e vermelhas.

— O que é isso? — exclamei.

— Tire para ver! — disse Mamie.

Tirei o tecido e ergui-o para ver. Era um vestido maravilhoso, sem mangas, longo, com cintura império e tiras para amarrar atrás do pescoço. Quase o deixei cair, de tão maravilhoso.

— Ah, Vincent, nunca tive nada tão lindo. Obrigada! — beijei-o no rosto. — Mas quando vou ter oportunidade de usá-lo? — disse eu, colocando o vestido com cuidado de volta na caixa.

Ele deu um sorriso enorme.

— Bom, hoje, para começar. Vá se trocar. Georgia me disse seu número, então deve servir.

O sorrisinho presunçoso de Georgia reapareceu em seu rosto. Era bom vê-la como era antes, mesmo que por um mero instante.

— Vou com você — ela disse, e fomos as duas para meu quarto.

— Quando ele lhe perguntou isso? — interroguei-a enquanto tirava a roupa e colocava o vestido, pela cabeça.

Georgia abotoou as costas do vestido e amarrou as tiras num nó na nuca, por baixo do cabelo.

— Para cima, acho — ela disse, torcendo meu cabelo comprido e prendendo-o com grampos em um coque simples mas elegante, por trás da cabeça. — Faz uma semana. Ele me ligou da loja de um costureiro novo muito chique e me perguntou que número você vestia. Parece que acertei.

Ela ficou olhando o vestido, com uma inveja óbvia. Tocou a cicatriz em meu braço e foi para seu próprio quarto, voltando com um bolero fino como teia de aranha.

— Dá para esconder com isso — ela disse, aprovando. — Caramba, é um vestido maravilhoso.

Ela passou o dedo pela seda, enquanto olhávamos meu reflexo no espelho.

— Uau, vendo você assim, não posso crer que é a mesma garota que nem duas semanas atrás estava fazendo uma imitação tão convincente da Uma Thurman em *Kill Bill*.

Abracei-a quando saímos do quarto.

Vincent esperava por mim no *hall* de entrada. O fogo em seus olhos quando me viu revelava exatamente como eu lhe parecia.

— Ah, querida, você está deslumbrante! — exclamou Mamie, sorrindo ao me entregar um casaco longo com capuz. — Você vai precisar disto para ficar aquecida. Sempre foi grande demais para mim, mas para você vai ficar perfeito.

— Você é linda, como era sua mãe — sussurrou Papy, emocionado, beijando minhas faces e desejando que nos divertíssemos.

Georgia nos levou até a porta e descemos as escadas.

Quando saímos para a rua e para o frio cortante, fiquei feliz pelo casaco de Mamie, tão abrigado que eu podia deixá-lo aberto, exibindo o vestido. Na metade do quarteirão, Vincent parou, virou-se para mim e sussurrou:

— Kate, sinto-me tão... — ele se interrompeu, parecendo buscar as palavras — ... tão honrado em estar com você. Tão afortunado. Obrigado.

— O quê? — retruquei, incrédula. Ele se aproximou para me beijar, e ergui a boca para encontrar a dele.

Quando nossos lábios se tocaram, meu corpo se colou ao dele. Senti seu coração bater junto ao meu, e um calor delicioso se espalhou dentro de mim, quando respondi a seu beijo. Vincent segurou meu rosto com suavidade, enquanto seus lábios pressionavam os meus com mais insistência. O calor dentro de mim se transformou em uma torrente de lava.

Finalmente rompendo nossa conexão, ele me tomou em seus braços.

— Mais. Depois — ele prometeu. — Quando não estivermos no meio de uma rua da cidade.

Ele me olhou como se eu fosse seu próprio milagre pessoal e, envolvendo meus ombros com o braço, me apertou com força enquanto caminhávamos rumo ao rio.

Uma vez lá, descemos o longo lance de degraus até o cais. Ri quando localizei um vulto familiar parado a alguns metros.

— O que está fazendo aqui, Ambrose, no meio de meu encontro romântico de aniversário?

— É só parte do plano, Katie-Lou. Só parte do plano. — Ele se curvou para me beijar o rosto. — Deixe-me vê-la.

Ele deu um passo para trás e assobiou baixinho enquanto eu deixava o casaco cair até o meio de meus braços, para exibir o vestido.

— Vin, você é um cara de sorte — ele disse, dando no ombro de Vincent um soco de brincadeira, mas que parecia ter doído. Vincent esfregou o local, rindo.

— Valeu. Justo o que eu precisava, lesões corporais bem quando estou tentando impressionar minha namorada.

— Ah, você vai ficar impressionada — sorriu Ambrose. — E com razão.

Com um movimento da mão, ele nos convidou a ir até a beira d'água.

— Vejam o que estou aqui pajeando para vocês faz uma hora e meia.

Um barquinho a remo, pintado com um vermelho brilhante, balançava suavemente nas ondas do rio.

— O que é isso? — exclamei.

Vincent apenas sorriu e disse:

— Em geral eu diria “Damas primeiro”, mas neste caso...

Ele desceu os degraus íngremes de pedra na lateral do cais e embarcou no bote com agilidade. Ambrose me ajudou a descer metade do caminho e então Vincent segurou minha mão e desci com cuidado na embarcação que se movia.

Ambrose nos saudou antes de ir embora.

— Me manda um torpedo quando precisar de mim, cara — falou por cima do ombro, enquanto subia os degraus até o nível da rua.

Vincent desprende os remos e remou para oeste, em direção às luzes cintilantes do Museu d'Orsay.

— Pegue uma manta — ele apontou uma pilha de mantas e cobertas felpudas, no fundo do barco. Ele tinha pensado em tudo.

— Como... como você conseguiu este barco? Ele pelo menos está dentro da lei? — balbuciei.

— Tão dentro da lei quanto qualquer negócio de Jean-Baptiste. Mas, para responder a sua questão, sim, o barco está registrado na prefeitura de Paris. Não seremos abordados pela polícia. — Ele riu disfarçadamente e então disse. — E aí, quando vai querer seus presentes?

— Está brincando, Vincent? Não preciso de mais nenhum presente. Este é o presente mais incrível que alguém já me deu. Um passeio de barco pelo Sena? Usando um lindo vestido de seda? Deve ser um sonho!

Fiquei olhando as luzes dos Jardins das Tulherias enquanto passávamos diante de um edifício monumental com colunas gregas, que se erguia imponente

na margem esquerda. Enormes estátuas de deuses e deusas flanqueavam o edifício. Naquela noite, com Vincent a meu lado, eu sentia como se pudesse estar ali, bem no meio deles.

— Abra seus presentes — ele pediu, com um sorriso *sexy*. — Estão embaixo das mantas.

Ele tirou seu casaco pesado e continuou remando. Procurei sob as mantas e encontrei dois pacotes embrulhados com papel prateado.

— Abra o maior primeiro — disse Vincent, com voz tranquila. Ele não estava nem ofegando por causa do exercício.

Com cuidado, eu o abri e vi, aninhado em papel fino, uma bolsa pequenina feita de uma seda com motivos asiáticos que combinava com meu vestido, tendo como alça uma longa corrente que chegava à altura da cintura. O fecho eram duas flores esmaltadas, em vermelho e prateado, combinando com as do tecido.

— Ah, meu Deus, Vincent, é maravilhoso — sussurrei, acariciando a bolsa com os dedos.

— Abra. — O brilho em seus olhos me dizia que ele estava curtindo a situação tanto quanto eu. Talvez mais.

Empurrei as flores com cuidado, separando-as para abrir a bolsa, e tirei de dentro um pequeno bloco de ingressos. Erguendo-os à luz dos postes de iluminação da beira do rio, vi o logotipo da Opéra Garnier.

Olhei Vincent com curiosidade.

— Você me disse que gostava de dança. São ingressos para a temporada da Opéra Garnier, onde acontecem todos os balés e eventos de arte contemporânea. Reservei um camarote particular que vai ser nosso por toda a temporada. O vestido é para você usar lá, mas, como ainda faltam algumas semanas para a primeira apresentação, não quis que você tivesse que esperar para estreá-lo.

Eu não sabia o que dizer. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Vincent parou de remar.

— Que foi, Kate? Você está aborrecida? Você disse que queria sair para encontros normais humanos, e eu achei que esta seria uma boa ideia.

Finalmente achei minha língua.

— Não tem nada normal em ingressos para toda a temporada e um camarote particular na Opéra Garnier. Ou encomendar um vestido sob medida

para mim. Não, Vincent... — sacudi a cabeça. — “Normal” não seria a palavra.

Sua expressão se suavizou quando ele percebeu que eu não estava chateada, apenas assombrada.

— Então qual seria a palavra? Anormal?

— Excepcional. Extraordinário. O exato oposto de normal.

— Bem, querida Kate, como lhe expliquei uma vez, estou pedindo a você que troque uma vida normal por algo extraordinário. Quero compensar isso de um modo extraordinário.

— Você está fazendo um ótimo trabalho.

— Tem mais um para abrir — ele apontou a caixa restante.

Abri o papel e tirei uma caixinha de joias, do tamanho que acomodaria uma pulseira ou gargantilha. Ergui os olhos para ele, alarmada.

— Vincent, é cedo demais para esse tipo de coisa — disse eu, sem jeito.

— Acho que já conheço você um pouquinho — ele disse, obviamente se divertindo com meu desconforto. — Você acha que eu iria assustá-la dando joias assim tão cedo? Pode acreditar, não é o que você pensa.

Abri a caixa bem devagar. Dentro havia um cartão. Numa letra miúda, de aparência antiga, estava escrito: *Para Kate Beaumont Mercier, lições de esgrima dadas por mim, Gaspard Louis-Marie Tabard. Número de aulas especificado por V. Delacroix: tantas quantas você quiser.*

— Ah, Vincent! — gritei, jogando-me para diante para abraçá-lo e quase virando o barco. — Isso é perfeito.

Voltei a me sentar e sacudi a cabeça, atordoada, enquanto ele ria e endireitava o barco.

— *Você* é perfeito — suspirei, e ele me deu um de seus sorrisos sonhadores, que quase me derrubou pela borda do barco para dentro d'água.

— Esse presente é mais um agradecimento por me salvar de ficar flutuando por aí como um fantasma sem corpo pelo resto da eternidade — ele explicou.

— Mas foi você quem fez todo o trabalho — protestei.

— Não teríamos conseguido fazer isso juntos se você não tivesse tanta força de vontade. Agora você vai ter também a habilidade física. Tenho esperança de que você nunca precise usá-la numa situação da vida real, mas como você concordou em compartilhar ao menos uma partezinha de minha

vida... — ele me deu um sorriso cauteloso — ... vou me sentir melhor se estiver capacitada a enfrentar o que aparecer.

As lágrimas que eu vinha segurando começaram a escorrer por minhas faces.

— Kate, não era para você chorar — disse ele, prendendo os remos em seus anéis. Ele deslizou de seu banco para frente e sentou no fundo do barco diante de mim.

Flutuamos sob a ponte de Alexandre III, a ponte mais linda de Paris, com suas guirlandas de pedra enfeitando-lhe o arco e lâmpadas de bronze e vidro brilhando por cima. Mas mal pude ver sua beleza opulenta enquanto sua sombra nos envolvia e nos libertava do outro lado. Isso porque o rapaz à minha frente concentrava toda minha atenção. Fechei os olhos com medo de ser arrebatada por minhas emoções.

Ele queria estar comigo. A ponto de mudar sua vida por mim. A ponto de se lançar rumo a um futuro desconhecido. Por mim.

Eu o amo. Eu vinha mantendo essas três palavras guardadas bem fundo dentro de mim, para minha própria proteção. Mas eu estava farta de autopreservação e meu coração estava aberto. Eu temera que o amor me tornaria vulnerável. Em vez disso eu me sentia poderosa.

— Kate, você está bem? — Ele limpou as lágrimas de meu rosto.

Erguendo com cuidado o vestido até meus joelhos, também me sentei no fundo, diante dele. Ele segurou meus tornozelos e envolveu minhas pernas ao redor de seus quadris, até que eu estava sentada bem aconchegada entre suas pernas, nossas faces a centímetros uma da outra.

Quando ele me pegou em seus braços, apoiei a cabeça em seu ombro e fechei os olhos. Deixei a constatação de que eu o amava crescer até me inundar com um calor que fez toda a superfície de minha pele arder como se estivesse em chamas.

Nosso barco virou uma esquina do cais, e quando abri os olhos vi a torre Eiffel, uma curta distância rio abaixo, coberta por um milhão de luzes pequeninas e brilhando como uma árvore de Natal. Seu reflexo na superfície da água cintilava como um universo de cristais minúsculos.

— Ah, Vincent, olha! — exclamei.

Ele sorriu e acenou com a cabeça, sem precisar se virar, pois podia ver o

reflexo em meus olhos.

— Seu último presente. Foi isso que viemos ver. Feliz aniversário, Kate.

Mon ange.

E, em um suspiro tão suave que eu não sabia se era minha imaginação, ele murmurou:

— Meu amor.

Embora eu estivesse sentada em um barco no Sena, flutuando em meio a mil pontos luminosos, abraçada a meu primeiro amor, eu não podia deixar de pensar sobre nossas chances.

Sorte, normalidade, destino... nada disso parecia estar do nosso lado. Simplesmente estarmos juntos já ia contra todas as probabilidades. Tudo o que eu sabia era que algo bom havia começado. Uma chama se acendera. E todo o universo agora observava para ver se ela iria se apagar.

Tudo o que eu podia fazer era prender a respiração. E esperar.

Agradecimentos



INÚMERAS PESSOAS ME AJUDARAM A CHEGAR ATÉ AQUI.

Gostaria de agradecer a várias delas.

Pelo entusiasmo, pela confiança e experiência, que transformaram minha história em um livro, sou profundamente grata a minhas editoras Tara Weikum e Catherine Onder. Com muita paciência, elas conduziram *Morra por mim* até sua forma final, e tenho de fato muita sorte por ter trabalhado com ambas.

Tenho um débito enorme de gratidão para com minha extraordinária agente, Stacey Glick, que gerou um interesse tão grande por *Morra por mim* que ultrapassou qualquer expectativa que eu tivesse. Obrigada, Stacey, por acreditar em mim desde o início. Obrigada a Miriam Goderich, por não apertar a tecla de “delete” quando encontrou minha carta de envio de original em sua caixa de entrada. E a Lauren E. Abramo, por vender os direitos a tantos países antes mesmo de o livro ser publicado. Dystel & Goderich são os melhores!

Minhas amigas Mags Harnett e Nathalie Cousin ouviram a ideia inicial e usaram um autocontrole incrível para não revelar o que de fato sentiam quando lhes disse que queria escrever uma história de amor com zumbis. Obrigada às duas.

Infinito amor e gratidão a São Laurent dos Ouvidos Sangrentos, isto é, meu marido, que me apoiou enormemente, que me permitiu ler para ele o primeiro rascunho todos os dias durante o almoço e que tentou disfarçar a decepção porque os bandidos não apareceram em lanchas velozes no final. Obrigada por ter fé em mim, *mon amour*.

Também candidata a canonização: minha amiga Claudia Depkin, que foi

muito além de tudo o que eu teria ousado pedir, oferecendo-se cheia de entusiasmo para ler versão após versão do manuscrito. Seus comentários diários foram inestimáveis, e seu encorajamento inabalável ajudou-me a perseverar.

Obrigada àqueles amigos que me permitiram esconder-me em suas casas, durante sua ausência, em busca de tempo precioso para escrever: Nicolas Mercier e Paul Krieger, por seu apartamento na praia, em Trouville, e pelo castelo em Saintes; Cassi Bryn Michalik, por seu apartamento de onde se avistavam os telhados de Paris; Guy, por sua casa no Loire; e meu sogro, Jean-Pierre, e Christiane, por sua casa-a-cinco-minutos-de-casa.

Remerciements a minha amiga Mags Harnett, pelas várias leituras de cabo a rabo e comentários valiosos. E também a minha irmã Gretchen Scoleri, meus amigos Kim Lennert, James Kidd e Sandrine Hosti, e minha prima Diana Canfield pelas opiniões sobre o manuscrito. Meu primo-cunhado e escritor veterano Matthew Randazzo V foi de imensa ajuda por seus conselhos de colega escritor sobre como ser publicado. Suas sugestões e apoio a distância foram muito bem-vindos. E muito obrigada a meu amigo de infância Lou Anders, editor da Pyr Books, por seu entusiasmo e por analisar minhas “regras dos *revenant*” para verificar se meus monstros faziam sentido.

Obrigada a Terry Jones, pelo assessoramento jurídico. Bill Braine, pelo *brainstorm*. A “Olivia”, por expressar sua opinião e por ser a primeira fã de verdade do livro. Melissa Randazzo, por liderar minha própria torcida pessoal. E minha sogra, Jeannine, por ter tanta certeza de que um dia eu seria publicada.

E, por fim, mas não menos importante, obrigada às fiéis leitoras de Chitlins And Camembert. Seu apoio e entusiasmo constantes quanto a minha escrita me deram a confiança de que eu tinha histórias que valiam a pena ser contadas.